

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Marly Leibruder

O subsídio *Recordando e Renovando* da rede municipal de São Bernardo do Campo (1982-1995): Análise material de um impresso de formação e normatização das práticas docentes na escola para a infância.

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

SÃO PAULO

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Marly Leibrunder

O subsídio *Recordando e Renovando* da rede municipal de São Bernardo do Campo (1982-1995): Análise material de um impresso de formação e normatização das práticas docentes na escola para a infância.

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: História Política e Sociedade sob a orientação da Prof^a. Dra. Maria Rita de Almeida Toledo.

SÃO PAULO

2007

Banca Examinadora

“Se queres ser universal, fala da tua aldeia”.

Leon Tolstoi

Ao Paulo, companheiro inseparável.

Aos nossos filhos, extensão de nossas vidas.

Ao pequenino João Gabriel, cuja luz permitiu concluir este trabalho.

RESUMO

LEIBRUDER, Marly. **O subsídio *Recordando e Renovando* da rede municipal de São Bernardo do Campo (1982-1995): Análise material de um impresso de formação e normatização das práticas docentes na escola para a infância.** Dissertação (mestrado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

Este trabalho tem por objetivo estudar o subsídio pedagógico *Recordando e Renovando*, publicado no período compreendido entre os anos de 1982 e 1995 na rede municipal de Educação de São Bernardo do Campo, tomando-o com objeto material de investigação e fonte de informação historiográfica que intermediou a relação dos professores com os referências pedagógicos que se pretendiam implementar ou conservar. A investigação contida nesse trabalho parte da proposta de considerar o impresso como objeto cultural que guarda as marcas de sua produção e de seus usos (Certeau, 1994; Chartier, 1990; Carvalho & Hansen, 1996; Toledo, 2001) o que significa trabalhar com seus conteúdos em relação aos processos de produção, circulação e apropriação pelos agentes produtores e seus destinatários. Trabalhamos com a hipótese de que o impresso carrega em sua materialidade as marcas de diferentes representações de criança, de educação infantil e de professor-leitor ao qual se destina. No percurso metodológico procurou-se descrever os aspectos materiais da publicação, periodizando-a de acordo com o ritmo da produção, as mudanças de coordenação, a participação e modificação do público leitor e as indicações de leituras como parte de um projeto editorial para a manutenção ou mudança das práticas educativas. Essa trajetória resultou na identificação de três períodos definidos no ciclo de vida da publicação, da centralidade da infância e ênfase nos modelos de recursos didáticos (1982-1987) à diluição da representação da criança em meio a novas emergências educativas e de consumo (1993-1995) após atravessar um período de questionamento crítico no qual criança é representada como sujeito de direitos e construtor do conhecimento (1989-1992).

Conceitos-chave: História da Educação. Educação infantil. Impresso escolar. Formação de professores. *Recordando e Renovando*. São Bernardo do Campo.

ABSTRACT

LEIBRUDER, Marly. **The pedagogical journal – *Reminding and Renewing* the Public School System of the city of São Bernardo do Campo (1982-1995): A materiality analysis of a pedagogical journal that consists in formation and roles to the educational practices developed in early childhood schools.** São Paulo, 2007. Dissertation (master), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

This paper goals to study the pedagogical journal *Recordando e Renovando* (Reminding and Renewing), published between 1982 and 1995 to the Municipal Public Schools of São Bernardo do Campo, considering it as an object of investigation and a historiography information issue that was used to intermediate the relations between teachers and the pedagogical references to be implemented or kept. The research had as start the proposal to consider the “printed text” as a cultural object that keeps its production and uses characteristics (Certeau, 1994; Chartier, 1990; Carvalho & Hansen, 1996; Toledo, 2001), what means that it is supposed to work with its contents in respect of the production, the circulation and the appropriation processes made by their agents and addressees. The central hypothesis is that the “printed text” brings in its materiality different representations of children, early childhood education and reader teacher to whom it is addressed. During the methodological construction, we had tried to describe the material faces of the pedagogical journal, periodizing it according to its rhythms of production, the coordination changes, and the participation or changes of the reading public, as well as the indication of reading as a part of an editorial project to keep or change the educational practices. As a result, it was possible to identify three established periods during the publication life, from the centrality of the childhood and emphasis on didactic models (1982-1987) to the dilution of the children representation among new educational and consumerists issues (1993-1995) after get across a period of serious questioning in which the children are represented as a subject of rights and as a constructor of his knowledge (1989-1992)

Key Concepts: History of Education. Early Childhood Education. School’s printed materials. Teacher Education. *Recordando e Renovando*. São Bernardo do Campo.

RELAÇÃO DE QUADROS

Quadro 1 – Períodos administrativos – SBC (1956-2000).....	33
Quadro 2 – Crescimento vegetativo e migratório – SBC (1950-2000).....	35
Quadro 3 – População residente no município por local de nascimento.....	36
Quadro 4 – Taxa anual de crescimento da população por regiões.....	36
Quadro 5 – Ensino Municipal antes da fusão/ Parques Infantis e Pré-Primário (1960-1973).....	48
Quadro 6 – Ensino Municipal após fusão- Educação Pré-Escolar (1974-1982).....	49
Quadro 7 – Atendimento por competência administrativa- 4 a 6 anos (1965-2005).....	53
Quadro 8 - Total de publicações e páginas por ano - média de páginas por exemplar e por mês (1992-1998).....	59
Quadro 9 – Distribuição da publicação – relação ano/mês (1982-1998).....	62
Quadro 10 – Periodização proposta (1982-1998).....	67
Quadro 11 – Atendimento por competência administrativa - 4 a 6 anos (1982 a 1988).....	71
Quadro 12 – Atendimento Creches Municipais (1979-1988).....	72
Quadro 13 – Formação das professoras da rede por amostragem individual (1986).....	94
Quadro 14 – Formação das professoras pesquisadas segundo cursos (1986).....	94
Quadro 15 – Experiência no magistério das profs. pesquisadas por nível de ensino (1986).....	96
Quadro 16 – Contribuições das escolas nas publicações - 1º Período (1982-1987).....	99
Quadro 17 – Síntese do número de contribuições - 1º Período (1982-1987).....	101
Quadro 18 – Contribuições das escolas nas publicações - 1º Período (1982-1987).....	102
Quadro 19 – Contribuição – tipos de recursos -1º Período (1982-1987).....	104
Quadro 20 – Unidades didáticas – comparação (1982/1975).....	106
Quadro 21 – Rotina básica para turmas de 6 anos – 1º período.....	108
Quadro 22 – Programação de atividades por níveis de ensino (1975).....	109
Quadro 23 – Indicações bibliográficas/Suportes de texto-1º Período (1982-1987).....	112
Quadro 24 – Gênero/Temas das indicações por suporte de texto-1º Período (1982-1987).....	114
Quadro 25 - Indicações Bibliográficas – 1º Período (1982-1987).....	122
Quadro 26 – Atendimento por competência administrativa - 4 a 6 anos (1989 a 1992).....	133
Quadro 27 – Atendimento Creches Municipais (1989-1992).....	134
Quadro 28 – Síntese das seções - 2º Período (1989-1992).....	151
Quadro 29 – Contribuições das Escolas nas publicações -2º Período (1989-1992).....	154
Quadro 30 – Contribuições das escolas por sugestões-2º Período (1989-1992).....	158
Quadro 31 – Síntese do número de contribuições - 2º Período (1989-1992).....	161

Quadro 32 – Contribuição das escolas por sugestões -2º Período (1989-1992).....	161
Quadro 33 – Indicações bibliográficas/Suportes de texto - 2º Período (1989-1992).....	163
Quadro 34 – Gênero/Temas das indicações por suporte de texto -2º Período (1989-1992).....	164
Quadro 35 – Indicações Bibliográficas – 2º Período (1989-1992).....	166
Quadro 36 – Atendimento por competência administrativa- 4 a 6 anos (1993-1996).....	173
Quadro 37 – Atendimento Creches Municipais (1993-1996).....	174
Quadro 38 – Síntese das seções - 3º Período (1993-1995).....	193
Quadro 39 – Contribuições das Escolas nas publicações - 3º Período (1993-1995).....	196
Quadro 40 – Síntese do número de contribuições -3º Período (1993-1995).....	200
Quadro 41 – Contribuições por escola nas sugestões enviadas - 3º Período (1993-1995).....	202
Quadro 42 – Contribuições – tipos de sugestões - 3º Período (1993-1995).....	205
Quadro 43 – Indicações bibliográficas/Suportes de texto - 3º Período (1993-1995).....	206
Quadro 44 – Gênero/Temas das indicações por suporte de texto -3º Período (1993-1995).....	209
Quadro 45 – Indicações Bibliográficas - 3º Período (1993-1995).....	210

RELAÇÃO DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ritmo da produção: número de exemplares e de suplementos publicados (1982-1998).....	60
Gráfico 2 - Ritmo da produção: Número de páginas publicadas ano a ano (1982-1998).....	61
Gráfico 3 - Média de seções publicadas por ano (1982-1998).....	63
Gráfico 4 - Número de matérias publicadas por ano (1982-1998).....	65

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de cabeçalho e abertura da seção <i>Recordando</i>	75
Figuro 2 – Catálogo de capas - Primeiro Período (1982-1987).....	77
Figura 3 – Exemplo de recado – Primeiro Período (1982-1987).....	85
Figura 4 – Exemplo de abertura da seção <i>Renovando</i>	87
Figura 5 – Catálogo de capas - Segundo Período (1989-1992).....	138
Figura 6 – Catálogo de capas – Terceiro Período (1993-1995).....	183
Figura 7 – Página: <i>Vamos sair da crise</i> (RR 04/94).....	191
Figura 8 – Capa do RR em Revista (Dez/1998).....	220
Figura 9 – Índice do RR em Revista (Dez/1998).....	220

SUMÁRIO

Introdução	Pg.
1 - Em busca do ofício de historiador.....	12
2 - O Recordando e Renovando enquanto objeto de pesquisa.....	20
Capítulo 1- O nascimento do impresso: O lugar de produção.....	32
Uma pré(via) história do <i>Recordando e Renovando</i> .	
Capítulo 2 - A publicação e seu ciclo de vida: mudanças e permanências.....	56
Periodizando o objeto de estudo	
2.1. Primeiro período - 1982 a 1987: Constância nas formas e conteúdos (ou Navegando em águas calmas: o controle e a reprodução dos saberes pedagógicos)	67
2.1.1. As marcas do objeto: dispositivos tipográficos.....	74
Campo e jardins como alegoria	
2.1.2. As seções e as matérias dadas a ler: o <i>Recordando</i> e o <i>Renovando</i>	87
Entre o Recordar e o Renovar: os saberes autorizados	
2.1.3. A participação do público leitor: a presença das escolas e a resposta aos modelos.....	89
2.1.4. A indicação de textos e autores.....	110
2.2. Segundo Período - 1989 a 1992: A turbulência (in)esperada. <i>Novos sujeitos e novas emergências educativas</i>	127
2.2.1. As marcas do objeto: a inconstância dos dispositivos.....	136
2.2.2. As seções e as matérias dadas a ler: inconstância e não padronização.....	148
2.2.3. A participação do público leitor: dos modelos de recursos aos relatos de experiência.....	152
2.2.4. As leituras indicadas: novas emergências educativas.....	163

2.3. Terceiro período – 1993 a 1995: <i>KRISIS</i>	172
2.3.1. As marcas do objeto: a busca de nova identidade.....	179
Crise: Em busca de alternativas	
2.3.2. A padronização das seções e a diversificação das matérias dadas a ler.....	190
2.3.3. A participação das escolas: novas comunidades de leitores.....	196
2.3.4. Indicação de textos e autores.....	206
2.4. Epílogo: A tentativa de retomada da publicação	218
CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	227
ANEXOS	238

INTRODUÇÃO

1– Em busca do ofício de historiador

... “o exercício da memória tem como objetivo a imersão na fluidez do tempo e o traçado de seus múltiplos e também interrompidos itinerários, a recomposição de um desenho que, retrospectivamente, atua sobre o hoje projetando-o para o futuro, através da indicação de um sentido, de uma ordem ou desordem, de uma execução possível ou não”.¹

O título acima pode parecer demasiado pretensioso, porém, mesmo reconhecendo a enorme distância que separa a busca de conhecimentos na área de História da Educação do devido preparo para produzi-la, foi com absoluta seriedade e consciência dos problemas a serem enfrentados que optei pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para a realização do mestrado, ao final do ano de 2004, com a certeza de que esse campo do conhecimento em muito poderia contribuir para a compreensão das questões educacionais às quais venho me dedicando desde a década de 1960.

Em 1966, contrariando a opção paterna, que sugeria a carreira médica, ingressei na Escola Normal de Formação de Professor Primário, elegendo o magistério como projeto de vida, escolha advinda da admiração sentida pelas professoras primárias do Grupo Escolar Dr. Rudge Ramos², no qual concluí o curso primário em 1961 e onde lecionei posteriormente, em 1969. A maioria daquelas professoras provavelmente se formou ao final do período áureo do magistério paulista, quando “as normalistas eram cortejadas e os normalistas tinham sendas abertas, possibilidades, embora limitadas, de ascensão profissional e no serviço público em geral”.³

¹ CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p.35.

² O antigo Grupo Escolar Dr. Rudge Ramos, inaugurado em 1951, em substituição a duas classes construídas em 1949, está localizado à Rua Presidente Artur Bernardes, no bairro de Rudge Ramos, cuja denominação deu-se em homenagem ao advogado paulista Artur Rudge da Silva Ramos, responsável pela restauração do chamado Caminho do Mar. Foi, também, pai de D. Lavínia Rudge Ramos, esposa do então prefeito Lauro Gomes de Almeida (GIACOMINI FILHO, Gino. *Rudge Ramos Hoje*. São Bernardo do Campo: Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social do IMS/SBC, 1985; MÉDICE, Ademir. *São Bernardo: seus bairros, sua gente* - PMSBC. São Paulo: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1982)

³ PEREIRA, Gilson R. de M. *Servidão Ambígua – Valores e condição do magistério*. São Paulo: Escrituras, 2001, p. 36.

As experiências vivenciadas na Escola Normal, com a possibilidade de estagiar em escolas e classes isoladas em realidades diferenciadas (a do próprio colégio e a de escolas públicas do centro da cidade, da periferia e da área rural) ao lado dos conteúdos ministrados com base em referencial teórico lido diretamente das fontes (dentre elas, Dewey, Kilpatrick, Neill, Montessori, Lourenço Filho, Mário de Andrade, Luzzuriaga, Frota Pessoa, Almeida Jr., Paul Monroe, Folquié)⁴ proporcionaram a pronta identificação com a área e a certeza de ter feito a escolha profissional adequada, permitindo, também, a aprovação imediata em concursos públicos locais e regionais e a opção de ingresso na Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo.

Apesar de ter me dedicado também a outras atribuições, no decorrer de mais de três décadas, inclusive ao casamento, à educação de três filhos e à ocupação de cargos técnico-pedagógicos e administrativos na área da educação, foi ao magistério e à pesquisa na área que me dediquei, e continuo me dedicando, como atividade principal.

Com a conclusão do Curso Superior de Pedagogia em 1973, período mais crítico do governo militar, mas que não impediu que alguns professores ousassem indicar alguns dos “autores proibidos” de então como Makarenko, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, dentre outros, passei a lecionar em cursos de formação de professores. Inicialmente no nível médio, no mesmo colégio em que me formara e já lecionava no ensino primário, e, posteriormente, no nível superior, após iniciar, em 1981, o curso de pós-graduação em Comunicação Social, já na fase de “euforia pedagógica” propiciada pela abertura política. O referido curso, infelizmente interrompido em sua fase final por problemas alheios à minha vontade, em muito contribuiu para a ampliação da relação entre diferentes campos de saber e no engajamento político, tímido até então, num momento em que o ABC Paulista se destacava no cenário nacional, pelo movimento dos trabalhadores.⁵

A atuação simultânea no magistério, na Educação Pré-Escolar e nos cursos de formação de professores para as séries iniciais e educação infantil em nível médio e superior, se por um lado permitiu repensar a prática docente e trazer concretamente a realidade do *ser professor de*

⁴ De forma paralela, fora do currículo oficial, tivemos a oportunidade de ler, em 1968, material produzido sobre Paulo Freire e sua experiência de alfabetização de adultos, desenvolvida com os trabalhadores de Brasília, os chamados “candangos”, cercado de recomendações quanto ao empréstimo e à forma de leitura (não devendo ser lido em público jamais...)

⁵ Esse cenário é retratado com detalhes no livro *Imagens da Luta – 1905-1985* (OLIVA, Aluísio M. – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema, 1987) e fez parte de meu cotidiano enquanto militante de um partido político que começava a se organizar e prometia a realização de sonhos há muito acalentados. Esse engajamento em muito se deveu à atuação junto ao Núcleo de Memória Popular do ABC, criado e mantido pelo Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo, nos anos 80.

crianças pequenas para a sala de aula de futuros professores, trouxe também o enfrentamento do preconceito que discrimina essa atuação como menos relevante, como atividade meramente operacional, visão esta relacionada à divisão social do trabalho escolar, à dicotomia entre teoria e prática, à constituição de *níveis* de *maior ou menor* importância acadêmica na *hierarquia* educacional historicamente construída.

Enfrentado a constatação de que “enquanto os professores universitários se consideram parte da nata da sociedade, os professores primários se vêem como classe média baixa, ‘professorinhas’ e assim sucessivamente”⁶, minhas opções profissionais permaneceram, na certeza da necessidade de ressignificar a educação infantil no contexto mais amplo da educação e da necessidade de valorização de seus profissionais que, de certa forma, se fazia presente na rede de educação infantil na qual atuava, quer pelo atendimento crescente das crianças na faixa pré-escolar a partir de 1960, quer pelas condições objetivas de trabalho em relação à infraestrutura de trabalho e remuneração, condições que foram modificadas ao longo dos anos, em decorrência do crescimento acelerado da rede municipal. Como condições objetivas relacionadas à infraestrutura podem ser destacadas as instalações físicas das unidades escolares, os materiais e equipamentos disponíveis, a oferta de cursos de atualização e a formação em serviço dos professores na qual se inseria o envio de subsídios pedagógicos às escolas como suporte à ação docente.

Portanto, como professora da rede municipal de educação pré-escolar, desde 1973, me tornei também professora-leitora e usuária dos subsídios pedagógicos enviados pelo Departamento de Educação, dentre eles o *Recordando e Renovando*, a partir de 1982, objeto deste trabalho. O *RR*, como era então denominado na rede municipal, se tornou presença constante nas reuniões pedagógicas e no cotidiano escolar, utilizado como fonte de consulta para o desenvolvimento de atividades diversas, em diferentes áreas de conhecimento ou de estimulação, sempre relacionadas a datas comemorativas e a uma determinada unidade de trabalho, proposta de forma homogênea para toda a rede pré-escolar.

Em meados da década de 1980, novas descobertas em torno dos processos ensino-aprendizagem, dentre elas as relativas à psicogênese da linguagem escrita e as discussões envolvendo a questão do fracasso escolar e a necessária democratização da escola pública, propiciaram questionamentos quanto aos conteúdos do *RR*. Conteúdos que eram desenvolvidos a partir de unidades de trabalho, previamente programadas, e datas comemorativas, partindo dos pressupostos da educação compensatória, ou seja, da necessidade de se compensar,

⁶ FERNANDEZ ENGUITA, Mariano. “A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização.” In: *Teoria & Educação*. Porto Alegre: 1991, n.º. 4, p.56.

principalmente para as crianças pobres, as possíveis carências culturais de um ambiente social inadequado⁷. Tais questionamentos levaram alguns professores a utilizar o subsídio de novas formas, com frequência e dinâmicas variáveis. Como afirmam Carvalho e Toledo, “o impresso pode ganhar vida própria, sendo objeto de usos não previstos pelas regras que presidiram a sua produção.”⁸

A experiência em cargos técnico-pedagógicos e administrativos em diferentes redes de educação do Grande ABC e a participação em projetos de reestruturação curricular e de formação de professores, a partir do final dos anos 1980, permitiu constatar que os subsídios pedagógicos utilizados pelos professores em diferentes municípios eram semelhantes, se não iguais, aos produzidos em São Bernardo do Campo, num processo de ‘migração’, provavelmente propiciado pela atuação simultânea de algumas professoras nas diferentes redes, o que funcionaria como um elemento facilitador de compartilhamento de práticas e prescrições pedagógicas, além da transposição de modelos por referência, a partir de outras fontes. Naquela oportunidade pude constatar a circulação de materiais diversos e sua utilização no cotidiano do trabalho pedagógico, embora sem dispor de elementos teóricos suficientes para analisar tal processo, que representava, então, uma simples cópia de prescrições alheias.

Uma leitura, hoje possível a partir do referencial da História Cultural⁹, permite inferir que as professoras, na verdade, faziam seleções a partir de um repertório comum, criando novas combinações entre o que selecionavam e aplicando em um novo contexto aquilo de que haviam se apropriado. Esta seria, como afirma Michel de Certeau, uma “tática”¹⁰ importante empregada na “invenção do cotidiano”, operada dentro dos limites estabelecidos pelas determinações superiores. Muito provavelmente, os professores de São Bernardo procediam da mesma forma, num processo de circulação permanente de modelos cuja autoria original dificilmente poderá ser identificada. Sendo a cultura “uma proliferação de invenções em espaços circunscritos” requer “uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção e uma transformação pessoais,

⁷ Sobre este tema ver o artigo “Da psicologia do ‘desprivilegiado’ à psicologia do oprimido”, de Maria Helena Souza Patto, na obra *Introdução à Psicologia do escolar* (São Paulo: T.A. Queiroz Ed. Ltda, 1981) no qual revê criticamente os conceitos de privação e desvantagem, base do estudo *Privação Cultural e Educação Pré-Primária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

⁸ CARVALHO, Marta M. e TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *A constituição da “forma escolar” no Brasil: produção, circulação e apropriação* (mimeo). São Paulo: PUC, 2005, p. 4.

⁹ Designada por Peter Burke como a “virada cultural” sofrida pelos estudos historiográficos, a partir da década de 70, abandonando um esquema teórico generalizante e movendo-se em direção aos valores dos grupos particulares, em locais e períodos específicos, em que as distinções culturais assumem importância maior que os elementos políticos e econômicos. (BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. E, do mesmo autor: *A escola dos Annales – 1929-1989*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997).

¹⁰ Os conceitos de *tática* e *estratégia* estão diretamente relacionados ao lugar de poder, como afirma P. Burke referindo-se a Michel de Certeau: “Sua noção de *tática* expressando uma visão a partir de baixo, foi proposta em deliberada oposição à *estratégia* de Bourdieu, que enfatizava a visão a partir de cima. In: BURKE, Peter *Op. cit.*, 2005, p.104.

um intercâmbio instaurado em um grupo social”¹¹, portanto sempre plural “exigindo incessantemente uma luta.”¹²

A atuação junto às redes municipais da região também permitiu constatar que, a partir dos questionamentos mencionados e nos decorrentes processos de mudanças curriculares, conflitos de diferentes dimensões permeavam o trabalho. E não poderia ser diferente considerando-se que a escola não somente é um campo de tensões, de disputas de poder e confrontos entre diferentes visões de mundo, mas a própria realidade política local implicava, de forma muito acentuada, em uma luta entre “o novo que está entrando e tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência”.¹³ Assim, a dicotomia “novo” x “velho”¹⁴ passou a ser “desconstruída” e os subsídios *Recordando e Renovando* foram sendo introduzidos em minha prática docente e na formação de professores com uma função não prevista pelas regras que presidiram a sua produção, ou seja, como portadores de diferentes concepções pedagógicas, construídas historicamente, que convivem no cotidiano de nossas escolas, auxiliando assim, na busca de uma nova síntese à velha dicotomia.

A experiência administrativa junto ao Departamento de Educação de São Bernardo do Campo no período 1989/91, tornou oportuno o início de um processo de diagnóstico da rede municipal, com a participação efetiva de seus agentes, e a proposição de vários projetos, dentre eles a da formação continuada dos docentes, a implantação do Estatuto do Magistério Municipal, a mudança da proposta curricular da educação infantil e o desafio de estabelecer bases para uma educação inclusiva e de inserção das creches municipais na Secretaria da Educação. Na busca de dimensionar historicamente as ações do Departamento, em 1990, a organização de uma exposição aberta à comunidade em comemoração aos *30 anos da Educação Pré-Escolar de São Bernardo*, com a participação de docentes, diretoras, técnicos e ex-alunos, cuja documentação cuidamos que fosse devidamente arquivada no então Serviço de Documentação da História Local (SDHL)¹⁵, permitiu ressignificar o trabalho até então

¹¹ Como comenta Luce Giard no prefácio da obra *A cultura no Plural* de Michel de Certeau (Campinas: Ed. Papirus, 2005, 4ª ed. p.10)

¹² CERTEAU, M. *Op. cit.*, 2005, p.242

¹³ BOURDIEU, P. “Algumas propriedades dos campos”. In: *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1989, p.89.

¹⁴ Como questiona Kramer, “na modernidade, o conceito de melhor é análogo ao de novo. Em educação, costumamos chamar de tradicional tudo o que nos desagrada. Corre-se atrás do melhor como se corre atrás do novo.(...) Mas de que é feito este novo que tanto seduz? (KRAMER, S. “Propostas pedagógicas ou curriculares: Subsídios para uma leitura crítica.” In: *Educação e sociedade*, ano XVII, nº. 60, dezembro/97, p.20)

¹⁵ Ao final da década de 90 passou a ser denominado Serviço de Memória e Pesquisa da Cultura Popular, vinculado ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo. Atualmente constitui o Serviço de Memória e Acervo, do Departamento de Cultura.

realizado, num momento de transição política delicada¹⁶, embora com a clareza de que apreendida de diferentes maneiras pelos seus participantes¹⁷.

A recuperação da própria história, não somente na área pré-escolar, parece ter dado um novo fôlego à rede, que, em grande parte, passou a participar de projetos diversos¹⁸, sugerindo, também, encaminhamento de problemas enfrentados, num processo de escuta e de construção coletiva de espaços de expressão, que de certa forma se evidencia no conteúdo do objeto de pesquisa deste trabalho.

O processo de recuperação histórica da rede municipal, em 1990, permitiu, também, reunir um conjunto de documentos e publicações que se encontrava disperso pelas escolas, dentre eles alguns dos antecessores de nosso objeto de análise, publicados como subsídios pedagógicos, ao final dos anos 60 e pela década dos 70, sempre referenciados a alguma área ou assunto específico e os exemplares do próprio *Recordando e Renovando*, publicado com essa denominação a partir de 1982 e dirigido inicialmente às professoras de educação infantil que temiam pelo seu fim, com a mudança de administração. O conjunto reunido, devidamente catalogado, arquivado e disponibilizado para consulta pelos Serviços de Apoio Didático e de Orientação Técnico-Pedagógica do Departamento de Educação foi posteriormente incorporado ao acervo da Midiateca Pedagógica, hoje instalada no Centro de Formação dos Profissionais de Educação (Cenforpe) inaugurado no ano de 2004.¹⁹

Apesar dos resultados colhidos na época, fruto da experiência aqui relatada, aliada à contribuição dos *Congressos de História Local do Grande ABC*²⁰, realizados a partir de 1990, e o esforço de inclusão de uma perspectiva histórica nas disciplinas ministradas nos cursos de formação de professores, o sentimento de saber pouco, ainda, sobre a História da Educação e, principalmente, sobre pesquisa historiográfica, acompanhou-me por todo esse período. Foi assim que, decidida a transpor algumas dessas barreiras, ingressei neste programa elegendo a

¹⁶ A ascensão do Partido dos Trabalhadores ao governo municipal da cidade trouxe expectativas e ansiedades diversas dentre o funcionalismo em geral, expresso na própria materialidade de nosso objeto de estudo, como veremos adiante.

¹⁷ Para a discussão desse processo são bastante úteis os conceitos de leitura, apropriação e representação formulados por Roger Chartier, segundo o qual as representações são consideradas “como realidade de múltiplos sentidos” e a noção de leitura e o conjunto de formas de apropriação “permitem pensar simultaneamente a relação de conhecimento (...) e os conjuntos dos actos de relação, comprometedores de práticas e de representações.” (CHARTIER, R. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990, p.11).

¹⁸ A profusão de relatos de experiência publicados no período em questão, no subsídio *Recordando e Renovando*, nos permite fazer esta observação.

¹⁹ O Cenforpe está localizado no km 21 da Rodovia Anchieta, sendo utilizado também por diversos segmentos sociais para vários tipos de eventos.

²⁰ Os Congressos de história local são realizados a cada dois anos, revezando-se entre os municípios do Grande ABC, ficando a cargo da prefeitura sede sua organização com o apoio do Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC (Gipem).

publicação *Recordando e Renovando* como objeto de estudo na Linha de Pesquisa Escola e Cultura: História e Historiografia da Educação, no projeto *A constituição da “forma escolar” no Brasil: produção, circulação e apropriação de modelos pedagógicos*. Nessa linha, uma das frentes de pesquisa proposta e coordenada pelas Profs. Dras. Marta Maria Chagas de Carvalho e Maria Rita de Almeida Toledo dirige-se para o estudo de livros e revistas para professores, quanto à produção, circulação e usos, privilegiando o estudo do impresso “como dispositivo de configuração do campo pedagógico e de normatização das práticas escolares” resultante do aparecimento de novos objetos historiográficos surgidos a partir da interlocução entre a Educação e a História Cultural.

Como afirma Nóvoa, a “História da Educação fornece aos educadores um conhecimento do passado coletivo da profissão, que serve para formar a sua cultura profissional” além de ampliar “a memória e a experiência, o leque de escolhas e de possibilidades pedagógicas”, permitindo um alargamento de seu repertório e fornecendo uma visão da extrema diversidade das instituições escolares no passado.²¹

O período transcorrido entre os fatos aqui sinteticamente relatados permitiu um gradativo distanciamento do objeto e de suas circunstâncias, fruto de um esforço permanente e necessário para maior isenção na coleta e tratamento dos dados, mas impossível na totalidade, considerando-se que esta pesquisadora foi protagonista de grande parte dos eventos aqui relatados. Como afirma Gilson Pereira, “justamente porque o pesquisador, em âmbitos diversos, pertence ao social que pretende descrever, ou seja, porque o investigador incorpora as estruturas sociais sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e ação, a ciência social faz exigências terríveis, obsessivas e quase neuróticas”.²²

O desenvolvimento das disciplinas do curso, nos anos de 2005 e 2006, bem como a orientação de pesquisa, permitiu amadurecer o foco do trabalho, através das leituras e do contato com pesquisas e estudos relevantes²³, num enfoque até então pouco conhecido por mim, abrindo um novo horizonte de estudo e a certeza de que há muito por aprender, pois a história é uma narrativa de eventos nunca apreendidos de uma maneira completa e direta, mesmo que o historiador seja deles protagonista. Como afirma Veyne, a narrativa histórica é “sempre

²¹ NÓVOA, Antonio. Apresentação da obra: CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp (FEU), 1999, p.13.

²² PEREIRA, Gilson. *Servidão ambígua*, p. 220.

²³ Nesse sentido, a leitura de teses e dissertações tendo o impresso como objeto de estudo foram de fundamental importância para a realização deste trabalho, dentre as quais TOLEDO (2001); BICCAS (2001); SILVA (2001); SCHNEIDER (2003), SANTOS (2005).

incompleta e (feita) literalmente, por documentos e testemunhos, (...)” situando-se “para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento”.²⁴

A imersão na História da Educação, nos dois últimos anos, não só possibilitou rever minha trajetória profissional, como permitiu atualizar, ressignificar e desmistificar conteúdos antes estudados, tendo em vista uma nova perspectiva de análise, a partir da constituição da própria História da Educação como campo específico de conhecimento. Como afirma Nóvoa, a História da Educação “construiu objetos específicos e uma comunidade científica dotada das suas próprias regras e meios de comunicação”, podendo “ajudar a cultivar um saudável ceticismo, cada vez mais importante num universo educacional dominado pela inflação de métodos, de modas e de reformas educativas” e “aprender a relativizar as idéias e as propostas educativas, e a percebê-las no tempo, é uma condição de sobrevivência de qualquer educador na sociedade pedagógica dos nossos dias.”²⁵

As memórias aqui recuperadas, portanto, inserem-se no próprio espaço e tempo nos quais se situa o objeto desta pesquisa, que procuramos ora apresentar com a intenção de situá-lo em relação aos seus objetivos, problemática e metodologia de trabalho.

²⁴ VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Fundação Roberto Marinho, 1982, p. 12.

²⁵ NÓVOA, A. *Op. cit.*, p.12-13.

2. O RECORDANDO E RENOVANDO enquanto objeto de pesquisa

"Faz parte da miséria do homem o não poder conhecer mais do que fragmentos daquilo que já passou, mesmo no seu pequeno mundo: e faz parte da sua nobreza e da sua força poder conjecturar para além daquilo que pode saber". (A. Manzoni)

O presente projeto teve por objetivo o estudo de um subsídio de caráter pedagógico, denominado *Recordando e Renovando*, tomando-o com objeto material de investigação, como manifestação da cultura escolar²⁶ e fonte de informação historiográfica que intermediou a relação dos professores, principalmente os da educação infantil da rede municipal de São Bernardo do Campo, com os referenciais pedagógicos que se pretendiam implementar ou conservar. Situamos como destinados aos professores (na verdade, professoras) da área de educação infantil, pois nasceu com essa referência, apesar de indícios presentes em sua materialidade de que também fosse utilizado, no início de seu ciclo de vida²⁷, por outros segmentos da rede municipal e de ter sido estendido a outras áreas de atuação da rede municipal somente ao final do mesmo, como parte do projeto editorial, incluindo novos leitores. A coleção se constituiu de 62 exemplares principais publicados entre os anos de 1982 e 1985 de forma artesanal, produzida pelas equipes de Orientação Técnico-pedagógica e de Recursos Didáticos do Departamento de Educação da então Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes, cujos exemplares, em média dois a três por escola, eram enviados para utilização coletiva por parte das professoras e diretoras, subsidiando o planejamento e a execução das atividades pedagógicas.

Esta pesquisa objetivou descrever e analisar os subsídios quanto aos aspectos relativos à sua materialidade, às transformações ocorridas ao longo de sua existência que remetem à produção de sentidos delas decorrentes, tomando-a, portanto, como suporte de texto, empregado na formação docente e na conformação de práticas de acordo com as concepções pedagógicas

²⁶ O termo *cultura escolar* vem sendo utilizado com acentos diversos por inúmeros autores (Forquin, Julia, Chervel, Viñao Frago, Escolano e Compère) “adquirindo uma significativa potencialidade explicativa e constituindo-se em objeto de pesquisa, em uma abordagem aglutinadora, especialmente no campo da História da Educação”, conforme apresentação de Vera T. Valdemarin e Rosa Fátima de Souza do *Caderno Cultura escolar: história, práticas e representações* (Cadernos Cedex, ano XIX, nº. 52, novembro/2000, p. 5-9).

²⁷ O termo foi utilizado inicialmente por Denice Bárbara Catani em sua tese de doutorado (*Educadores à meia luz: Um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo: 1902-1918*, na Universidade de São Paulo, 1989) no sentido de que, “acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida da imprensa periódica educacional permite conhecer as lutas por legitimidade que se travam dentro do campo e também analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares”. (CATANI. *Educação em revista: A imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 7).

em curso, configurando-se também como estratégia de aproximação entre o Departamento de Educação, seu proponente, e os professores da rede municipal, portanto, como produção que pressupõe um lugar de poder, levantando questões que, esperamos, possam vir a contribuir para o necessário avanço da pesquisa na área da História da Educação e de formação de professores, no âmbito da História Cultural e das práticas pedagógicas.

A hipótese de trabalhar a partir da materialidade do objeto de pesquisa advém do entendimento de que os impressos oficiais (livros e revistas para professores) constituem-se suportes materiais de modelos, interessando determinar as estratégias textuais e editoriais de difusão e imposição dos saberes pedagógicos e as práticas de apropriação desses saberes. “Os interesses teóricos que norteiam essas investigações derivam de dois pressupostos: o de que o *modelo escolar é produto de práticas de apropriação* entendidas como práticas de transformação de matérias sociais específicas e o de que *os modelos pedagógicos são objetos culturais*, produzidos socialmente, devendo ser analisados em sua materialidade.”²⁸ Tomando o impresso como suporte material de modelos, esse referencial teórico também deverá permitir a compreensão das estratégias textuais e editoriais de difusão e imposição dos saberes pedagógicos de acordo com determinadas regras que prescrevem o papel do professor como usuário do impresso²⁹. Dessa forma, outro elemento a ser investigado refere-se à *apropriação* das prescrições em relação às práticas pedagógicas dos professores bem como suas *representações*³⁰. Como afirmam Carvalho e Hansen (1999), “o suporte ou a ordenação material da mensagem é signo. Logo, (...) a significação do texto não pode ser dissociada da matéria que organiza a forma da sua percepção nas apropriações.”³¹ Importa, portanto, considerar, na materialidade do objeto de pesquisa, a posição dos autores enquanto lugar de discurso e controle e a dos destinatários enquanto co-autores, na medida em que se tornam partícipes na elaboração de seus conteúdos e, portanto, na configuração material do objeto. Essa participação está diretamente relacionada ao modo de leitura, quer individual ou coletivo, que

²⁸ CARVALHO e TOLEDO, 2005. *Op. cit.* p.2.

²⁹ Com a contribuição de autores como Lawn (1991-2000); Ozga (1991); Enguita (1991); Nóvoa (1986) Joly Gouveia (1970); Gilson Pereira (2001), embora de correntes distintas, abre-se a possibilidade de pensar a categoria docente, o professor-leitor-autor do nosso objeto de pesquisa, nas diversas dimensões do trabalho docente, em suas relações hierárquicas e disputas de saberes, incluindo-se aqui a produção e circulação de conhecimentos especializados, elementos que contribuem no processo de construção de uma identidade profissional permeada por ambigüidades.

³⁰ Apropriação e representação são conceitos-chave para Chartier, sendo central o de **apropriação** enquanto transformação de materiais “produzindo valores-de-uso de um objeto numa situação determinada e segundo uma posição determinada na produção que também produz um sujeito posicionado para o objeto”, enquanto que o conceito de **representação** é tido como algo que aparece estando presente ‘no lugar de’ e, também, “como algo que está ausente e que é presentificado como objeto designado”. (CARVALHO, Marta & HANSEN, João. “Modelos culturais e representação: uma leitura de Roger Chartier”. In: *Varia história*, Belo Horizonte: UFMG, n.º 16, set/1996, p. 14-15).

³¹ *Ibidem*, p.10

implica em *disciplina e invenção*, sendo essas noções, de acordo com Chartier, também úteis para compreender que “a circulação dos objetos ou dos modelos culturais não se reduz a uma simples difusão, geralmente pensada como descendente na escala social.” Assim, na esteira de Elias e Bourdieu, Chartier afirma que tal como “os processos de imitação ou de vulgarização, a produção e circulação dos modelos culturais são mais complexos e dinâmicos e devem ser entendidos, antes de [tudo], como lutas de concorrência, onde toda divulgação, concedida ou conquistada, produz concomitantemente a procura de uma nova distinção”.³² Esse elemento, contudo, por se referir aos deslocamentos provocados pelo ato da leitura, será abordado apenas em relação às evidências materiais que o próprio objeto permite verificar, ficando, dessa forma, a pesquisa relativa à recepção por parte da comunidade de leitores como um novo objeto de estudo a ser investigado.

Portanto, o exame da publicação *Recordando e Renovando* centra-se, em primeiro lugar, em seus dispositivos materiais³³ tentando compreender as prescrições práticas a partir da sua configuração textual e tipográfica, procedimento que decorre da exigência, insistentemente reiterada por Roger Chartier, de que “não existe texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja que não dependa das formas através das quais ele chega a seu leitor”³⁴. Trata-se, portanto, de um “procedimento que toma o impresso em sua materialidade enquanto objeto cultural (...) que guarda as marcas de sua produção e de seus usos”, que em sua própria forma prescreve os modos e os sentidos com que devem ser lidos. Pensar em termos de “uma arqueologia dos objetos em sua materialidade”, como define Chartier, implica tratar o impresso da perspectiva de sua produção e distribuição, como produto de estratégias editoriais em estrita correspondência com os usos que dele são modelarmente prescritos.

Como afirmamos, muito embora práticas de apropriação possam estar presentes nessas prescrições, não se constituem em objeto de estudo central neste trabalho, ou seja, o foco não recai sobre “o estudo de práticas que se apossam de maneira diversa (dos) objetos ou de suas

³² CHARTIER, R. “Textos, impressos, leituras” In: *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel, 1990, p.138.

³³ A materialidade de um impresso é expressa na forma de produção, no material empregado, no veículo, no conjunto de dispositivos editoriais contido nessa produção. Toledo (2001) ao estudar uma coleção de livros, identifica vários dispositivos contidos na prática de produção “visando públicos leitores característicos ou, ainda, a estratégia que constitui públicos leitores pelas especificidades constitutivas da publicação.” In: TOLEDO, M. Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: Do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*, PUC-SP, 2001, p. 2-4.

³⁴ CHARTIER, R. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990, p.127.

formas, produzindo usos e significações diferenciados.”³⁵ Contudo, não poderão ser desconsiderados os indícios³⁶ de apropriação presentes na própria materialidade do objeto, a partir da participação dos professores, no volume de matérias enviadas, nos temas, assuntos ou nas formas de trabalho sugeridos, pois os sentidos atribuídos aos textos “dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que deles se apropriam” e os criadores “sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar)”. Todavia, como conclui Chartier, a recepção também inventa, desloca e distorce.”³⁷

No intrincamento dessas articulações, na busca de sentidos na publicação escolhida, cujo processo de produção deve ser reconstituído, de acordo com Chartier, considerando-se as relações estabelecidas entre três pólos: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera, situamos a presente pesquisa no debate historiográfico atual, segundo os paradigmas da História Cultural, “na busca da restauração do papel dos indivíduos na construção dos liames sociais”.³⁸ De acordo com Hilsdorf “a nova história deu caução a essas mudanças nas posturas do historiador, e, em decorrência, generalizou-se a aceitação das novas práticas do ofício: pôr em uso novas abordagens, novos objetos, novos problemas e novas fontes.”³⁹

É preciso também considerar que os conceitos e demais recursos mobilizados pelo referencial teórico apresentado só farão sentido se inseridos na própria operação de construção do objeto de pesquisa. Não pretendemos, portanto, abrir um capítulo teórico-metodológico neste trabalho, entendendo que, como afirma Pereira, “o lugar adequado da teoria é na construção dos objetos”⁴⁰, recorrendo a autores que podem nos auxiliar no difícil percurso de definir o objeto da pesquisa, selecionar as fontes, classificá-las, analisá-las e inseri-las, descobrir caminhos, novas possibilidades, questionando o objeto, elaborando perguntas, refazendo-as, tecendo a trama, buscando a coerência interna de cada fragmento do texto e, acima de tudo, procurando diferenciar história de memória. Lembrando Veyne, se o historiador não pode embarcar na memória, então onde colocar as memórias pessoais? Como checá-las,

³⁵ CHARTIER, R. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UNB, 1994, p. 12

³⁶ Neste sentido, Ginzburg defende que o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural, propondo metodologicamente, o “paradigma indiciário” na busca de pistas, indícios e sinais reveladores de uma dada realidade.

³⁷ CHARTIER, *Op. cit.*, p. 9.

³⁸ CARVALHO, M. & HANSEN, J. *Op. cit.*, p.11.

³⁹ HILSDORF, M. Lúcia. A série *Ofícios Diversos* do arquivo do Estado de São Paulo como fonte para a “História de Educação brasileira.” In: VIDAL, Diana G. e SOUZA, M. Cecília C. (orgs.) *A Memória e a sombra – A escola brasileira entre o império e a república*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.13.

⁴⁰ PEREIRA, G. *Op. cit.*, p. 25.

referendá-las, comprová-las? Podemos nelas confiar? Poderão servir como fio condutor? Como insiste Veyne, a memória é somente uma versão dos fatos, não é a história, embora esta seja *filha da memória*. “A história é uma narrativa de eventos, todo o resto resulta disso. Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página”, ou “o historiador pode dedicar dez páginas a um só dia” (...) A história é conhecimento mediante documentos, mas a narração histórica situa-se para além de todos os documentos já que nenhum deles pode ser o próprio evento”.⁴¹

Construindo uma metodologia de trabalho – O percurso da pesquisa

Como parte do movimento metodológico, a inclusão do relato autobiográfico⁴² permitiu “puxar” o fio da narrativa e visualizar o objeto da pesquisa em suas mudanças de posição, de acordo com os movimentos de distanciamento e aproximação ao longo da trajetória pessoal. As práticas de utilização da publicação enquanto professora da rede municipal, a sua utilização na formação de professores e a ação de reunir os exemplares publicados no início da década de 1990, sua organização e disponibilização no acervo bibliográfico do Departamento de Educação, permitiram vê-lo, inicialmente, apenas como fonte documental para analisar as concepções pedagógicas construídas em diferentes momentos da história da educação municipal.

Contudo, o movimento teórico-metodológico proposto pelo curso, ainda em seu início, permitiu novas formas de diálogo com o mesmo, passando a ser considerado como o próprio objeto da pesquisa. De fonte para o estudo de modelos pedagógicos, a publicação passou, também, a ser considerada como objeto, no qual modelos pedagógicos foram inscritos, sendo abordada, portanto, simultaneamente como fonte e objeto, pensada em termos de uma “arqueologia em sua materialidade”, como define Chartier.

Dessa forma, o objeto vinha sendo construído mesmo sem a consciência de tal processo, um arquivo material e de questões acumuladas já vinha sendo montado. A gradativa aproximação do objeto de estudo através da organização dos dados relativos à sua materialidade, através de um processo *braçal*, lento e minucioso de transcrição de dados, que compõe, ao lado de outras ações, nosso percurso metodológico, permitiu que o levantamento de

⁴¹ VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história, Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Fundação Roberto Marinho, 1982, p. 11-12.

⁴² Considerando-se aqui, como afirma Meneses, que “uma autobiografia nunca é estática nem se desenvolve pela simples adição de elementos novos, na seqüência do tempo, mas comporta contínuas reestruturações de eventos passados. (In: GONDRA, José. “Arquivamento da vida escolar: Um estudo sobre *O Atheneu*.” In: VIDAL & SOUZA, *Op. cit.*, p. 36.)

dados e sua contextualização fossem construídos ao mesmo tempo por um processo de checagem contínua de levantamento de informações, problematização, formulação e reformulação de questões, passando gradativamente a focar os significados dos indícios apresentados em sua materialidade. Esta passou a se constituir suporte do questionário.

A organização dos dados, dessa forma, permitiu também a produção de conhecimento. Conforme são observadas as modificações do objeto pesquisado também se modificam as questões levantadas, demarcando a provisoriade das respostas obtidas. Como afirma Thompson⁴³, o conhecimento histórico é provisório e incompleto, mas não inverídico; é seletivo e limitado, definido pelas perguntas feitas às evidências, e, portanto, somente *verdadeiro* dentro do campo assim definido.

Com o auxílio desse quadro de referências, que não se esgota aqui, questionamos o objeto de pesquisa enquanto dispositivo de configuração do campo pedagógico e de normatização das práticas escolares, ao mesmo tempo fonte de informações sobre essas mesmas práticas. Assim, ao problematizá-lo enquanto objeto cultural, levantamos inicialmente as seguintes questões: quais as principais características da publicação em questão visíveis em sua materialidade? É possível, a partir da análise desses documentos, a recuperação dos saberes pedagógicos que circularam na rede municipal em diferentes momentos? É possível identificar os sujeitos produtores e transmissores dos saberes selecionados? É possível periodizar a publicação? É possível estabelecer alguma relação entre uma possível periodização da publicação e mudanças de orientação político-pedagógicas? Quais as mudanças ocorridas, no decorrer dos anos, quanto à forma de apresentação dos conteúdos publicados?

Após a organização de parte dos dados coletados na totalidade dos exemplares que compõem a coleção (formato, capas, índice, número de páginas, seções, número de matérias, ilustrações, suplementos ou anexos, fotos e organizadores) novos problemas surgiram, sendo necessário reavaliar as questões inicialmente formuladas.

Assim, passamos também a questionar: As publicações investigadas possuem projetos diferentes? É possível visualizar através dos dispositivos materiais uma luta concorrencial entre eles? É possível, a partir da análise das características materiais desses documentos, identificar nos sujeitos produtores e transmissores dos saberes autorizados o seu papel nas mudanças ocorridas? Que saberes são esses? Que representação de escola, de criança e de professor essa materialidade permite visualizar? Como se articularam as estratégias de produção e transmissão

⁴³ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d, p.49-50.

desses saberes pedagógicos pelos diferentes atores envolvidos? É possível descrever o campo de luta de representações que estavam em jogo em diferentes momentos de sua produção?

Desta forma, dois conjuntos de questões se sobrepõem: o primeiro diretamente relacionado à descrição da materialidade do objeto e o segundo relativo às suas representações.

Sendo a publicação analisada como objeto de pesquisa foi necessário lançar mão de outros documentos e publicações para auxiliar na apresentação da mesma, na contextualização da produção e validação de observações. Dessa forma, outras fontes foram selecionadas e hierarquizadas, necessitando de adequada interpretação, com a consciência de que “as fontes não falam *per se*. São vestígios, testemunhos que respondem – como podem e por um número limitado de fatos – às perguntas que lhes são apresentadas. A fonte é uma *construção* do pesquisador (...) é uma parte da operação historiográfica”. Como afirma Ragazzini (2001) mais importante do que classificar as fontes é “explicitar as relações que existem entre a variedade das fontes e os intentos da pesquisa, entre as perguntas impostadas pelo historiador e o público que ele pretende atingir, entre o que o historiador procura e como ele demonstra ter encontrado.”⁴⁴

Além dessa seleção outra questão foi considerada: qual o critério que permite diferenciar qual documento é ou não histórico. Como afirma Slenes (1985) esse critério “difícilmente pode ser elaborado de antemão, mesmo por um historiador treinado, ou por uma comissão de historiadores eminentes, mas depende do projeto individual de cada pesquisador”⁴⁵. Nesse sentido, Ragazzini afirma que a relação do historiador com as fontes é uma das bases, um alicerce fundamental da pesquisa, concluindo que, “a partir dessa perspectiva, é contestada a concepção que considera a abordagem das fontes e o seu uso historiográfico de uma forma absolutamente objetiva, subestimando os componentes subjetivos do trabalho historiográfico”.⁴⁶

Neste trabalho consideramos necessário situar o objeto de pesquisa no contexto mais geral da história na qual se inscreve, procurando fazer com que o mesmo faça parte da história que se pretende contar. Para tal fim, foi fundamental a busca e o tratamento das fontes de forma adequada, a partir da localização e seleção de documentos de vários tipos, que implicam, no caso da educação em São Bernardo, numa boa dose de conhecimento de espaços e arquivos, mais facilmente identificados por quem com eles trabalhou. O primeiro problema que se coloca, no caso de fontes sobre a história da educação na cidade, é o fato de que grande parte do acervo

⁴⁴ RAGAZZINI, Dario. “Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?” In: *Educar em revista*, Curitiba, nº. 18, 2001, Editora da UFPR, p. 14.

⁴⁵ SLENES, Robert W. “Escravos, cartórios e desburocratização: o que Rui Barbosa **não** queimou será destruído agora?” In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Editora Marco Zero, 1985, v.5, nº. 10, p. 182.

⁴⁶ RAGAZZINI, *Op. cit.*, p.15.

do Departamento de Educação, referente às duas primeiras décadas de funcionamento das escolas municipais, foi incinerada no início dos anos 80 e outras, descartadas periodicamente. Embora sob as normas definidas inicialmente pelo Decreto Municipal nº. 5589, de 15 de junho de 1977⁴⁷, em particular o item 11 do parágrafo único do art.1º que determinava a preservação dos “*documentos que possam interessar à história municipal*” coube aos responsáveis pelo Departamento a decisão sobre quais documentos deveriam ou não ser preservados. A alegada falta de espaço aliada à necessidade de desfazer-se de papéis e expedientes *inservíveis*, como define o próprio decreto, provocou um desfalque documental somente notado nos momentos em que os próprios serviços necessitam esclarecer fatos ou buscar informações sobre assuntos relevantes. O processo de microfilmagem de documentos só teve início algum tempo depois, mesmo assim restrito aos documentos considerados *prioritários*. A discussão sobre a preservação da memória da educação municipal teve início somente no início dos anos 1990, quando da criação da comissão de “resgate” histórico da educação pré-escolar, em uma ação em parte conjunta com o Departamento de Cultura, que embora afeto à mesma Secretaria, desenvolvia seu trabalho de forma independente, uma característica da cultura local voltada para objetivos diferenciados.

Dessa forma, muitas das fontes utilizadas neste trabalho fazem parte do acervo pessoal da pesquisadora, bem como o de outras professoras que por dedicação e dever de ofício não descartaram parte dos materiais que circularam nas escolas no período. Apesar disso, o que se detém é muito pouco, em vista do montante descartado relativo à história da rede de educação municipal. Dentre os materiais consultados ou selecionados podemos enumerar:

- 1- As publicações da Secretaria de Educação, em forma de revistas para divulgação de ações ou sobre projetos e propostas curriculares, enumeradas nas referências bibliográficas deste trabalho;
- 2- Outras publicações em forma mimeografada, anteriores à circulação dos subsídios estudados, tais como apostilas pedagógicas, relatórios, memórias de encontros, simpósios, etc.
- 3- Banco de recursos didáticos do Departamento de Educação com sugestões de materiais pedagógicos em geral, em particular o banco de histórias (ou “estórias”, como eram denominadas até o final dos anos 80);

⁴⁷ O referido decreto estabelecia, dentre outras normas, o tempo de vida útil dos diversos tipos de documentos que variava de um a cinco anos. Portanto, após este prazo limite, grande parte de toda documentação produzida poderia ser destruída, doada ou incinerada. Com utilidade estimada em um ano incluía-se, por exemplo, jornais, recortes, boletins, prospectos e afins; em dois anos, correspondência interna e externa em geral, papéis relativos a testes e concursos para admissão de pessoal; em três anos, frequência escolar, trabalhos, provas e exames, e papéis afins; em cinco anos, papéis e documentos passíveis de controle externo.

- 4- Registros iconográficos – fotografias⁴⁸ e vídeos do acervo do Departamento de Educação;
- 5- Jornais da Grande imprensa, em forma de recortes e suplementos comemorativos;
- 6- Documentos da Secretaria do Planejamento e Tecnologia da Informação – compêndios estatísticos (Banco de Dados);
- 7- Documentos micro-filmados do setor de Recursos Humanos;
- 8- Produções escolares, tais como planejamentos, pastas, arquivos pessoais de recursos didáticos, trabalhos de alunos (acervo pessoal e de outras professoras);
- 9- Departamento de Cultura – SMEC- Serviço de Memória e Acervo (antigo SDHL Serviço de Documentação e História Local);
- 10- Publicações de pesquisas da História local por historiadores e memorialistas da região;
- 11- Biblioteca do Legislativo Municipal;
- 12- Depoimentos.

Uma característica importante relativa às fontes documentais locais refere-se à diversidade na apresentação dos dados. A mesma informação pode apresentar-se de diferentes formas nas várias publicações da Secretaria de Educação em diferentes datas. Por se tratar de publicações para divulgação de ações, ora os dados podem estar superestimados, ora subestimados, ora ausentes. Dificilmente os dados estatísticos, sobre atendimento à demanda, por exemplo, são coerentes. Portanto, ao lado das dificuldades relativas à existência das fontes e de sua localização, as referentes à apresentação dos dados merecem aqui uma atenção especial enquanto parte importante da estratégia política dos impressos e demais documentos analisados, produzidos por diferentes administrações, pois neles está implícita uma determinada produção de sentidos que se pretende dar ao leitor.

Na medida em que nos debruçamos sobre o objeto de pesquisa e consultamos fontes secundárias, um emaranhado de fios se apresentou, tanto mais confuso quando maior a tentativa de articulá-los com informações fornecidas pela própria História da Educação e sobre a macroestrutura na qual a história da cidade estava imbricada. Iniciamos por uma operação de síntese gradativa, que nos obrigou a voltar permanentemente às fontes, a buscar novos dados que permitissem referendar os já levantados e, acima de tudo, fazer com que ganhassem corpo,

⁴⁸ Grande parte do acervo fotográfico municipal foi perdida em uma das grandes enchentes do início dos anos 90, pois se localizava no subsolo do Paço Municipal, construído em área de várzea. Continha fotos preciosas, registradas, principalmente pelo fotógrafo Beltran Ascêncio, conhecido como o “fotógrafo da cidade”, parte das quais talvez possa ser recuperada através de seu acervo pessoal. Uma parcela encontra-se micro filmada no acervo municipal.

“através das aproximações, da mistura, pela imbricação de inúmeros fragmentos de conhecimentos”⁴⁹ extraídos de vários documentos. Iniciando por uma estrutura simples do texto, para a qual foi importante a recuperação da própria memória, passamos a alimentá-la e reforçá-la com os dados, que aos poucos foram se articulando, reconstruindo e reforçando a trama inicial.

Dessa forma, o desenho do trabalho, que ora se apresenta, resultou na organização de dois grandes blocos ou capítulos: o **primeiro** situando o nascimento da publicação, descrevendo o lugar da produção, sua história, população, problemas sociais e desenvolvimento educacional, a organização do poder público local e sua burocracia, ou seja, o que poderíamos chamar de “a pré-história do *Recordando e Renovando*”, ou as condições históricas que levaram à produção do material a partir da década de 60, pelos serviços existentes à época responsáveis pelo atendimento educacional das crianças pequenas: a Pré-escola e os Parques Infantis.

Na **segunda parte**, a maior e mais densa, apresentamos a descrição do periódico em sua materialidade, ou seja, em relação aos dispositivos editoriais que permitiram sua configuração final, pensada para um público determinado (capas, índice, número de páginas, ilustrações, fotografias, recados e mensagens, seções, artigos, autores, contribuição das escolas, indicações de leituras, equipe coordenadora), subdividindo-o em períodos de acordo com as mudanças de forma e conteúdo. A operação inicial, na busca de uma periodização, deu-se a partir da seleção e descrição dos dados coletados (árduo trabalho *braçal...*, pois como afirma Sauvy, *quanto mais contamos, menos bem contamos, pois não contamos tudo...*)⁵⁰, procurando articular cada período a um conjunto de características materiais que, de certa forma, evidenciam diferentes concepções de educação para a infância.

Denominamos o primeiro período considerado (1982 a 1987) *Navegando em águas calmas*, pela estabilidade material na organização ao longo dos anos, sob uma mesma coordenação e abrangendo partes de dois períodos administrativos subsequentes. Por analogia, caracterizamos a produção deste período como *Caixa de Utensílios*,⁵¹ recorrendo à expressão utilizada por Marta Carvalho para designar um período extremamente rico da história da educação e da pedagogia, em que pesem as diferenças do contexto histórico e teórico que deram origem à expressão, considerando aqui a estratégia utilizada pelos produtores, pois a ênfase

⁴⁹ DUBY, George. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Editora UFRJ, 1993, p.55.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 52.

⁵¹ CARVALHO, Marta M. Chagas de. “A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura.” In: VIDAL, Diana G e HILSDORF, M. Lúcia. *Brasil 500 anos: Tópicos em história da educação*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 164/5.

expressa na materialidade do impresso é colocada nos modelos de recursos e na descrição das práticas.

No segundo período (1989 a 1992), a ênfase se dá nos modelos teóricos e análise das práticas através, principalmente, dos Relatos de Experiências (para além do *Recordar e Renovar*) com grande instabilidade dos dispositivos materiais na organização e apresentação do impresso, caracterizado como um período de turbulência, após a ascensão do grupo de oposição ao poder, mantendo-se inicialmente a mesma equipe de produção, porém sob nova coordenação.

Finalmente, delimitamos um terceiro período, a partir de outubro de 1993, após nova mudança administrativa e interrupção da publicação por dez meses naquele ano. Este se configurando como uma fase de tentativas e de busca de nova identidade sob forma de mudanças em alguns dispositivos materiais, como o fim da publicação dos suplementos, a sistemática e organizada indicação dos coordenadores, a busca de estabilidade na organização das seções e maior abrangência em termos de leitores, que resultou, provavelmente, da busca de superação do que os próprios organizadores identificaram como *Crise*, vindo este termo a denominar uma das seções da publicação (*Krisis*), que perdura até o término da mesma em forma artesanal, em 1995.

A última publicação *Recordando e Renovando em Revista*, impressa em forma de revista em dezembro de 1998, apresenta-se como uma grande vitrine da Secretaria de Educação e Cultura, não se caracterizando exatamente como um período, por seu caráter pontual e diferenciado em relação à forma de produção anterior, mas somente como uma tentativa de retomada da publicação, encerrando-se nela própria, sendo substituída, posteriormente, por outras formas de publicação.

Na análise dos períodos a partir das mudanças na materialidade da publicação, vários indícios se mostram indicativos da existência de lutas entre campos de saber, entre diferentes concepções de criança, de escola, de sociedade, de processo ensino-aprendizagem, sobre um pano de fundo que sabemos não ser neutro, mas carregado de ambigüidades, pois a mesma materialidade deixa entrever permanências importantes e aparentes mudanças em uma cultura escolar historicamente construída.

Assim, os diferentes períodos mostram diferentes concepções de propostas pedagógicas, sendo que não é objetivo deste trabalho analisar as concepções pedagógicas subjacentes *per si*, mas sim a publicação enquanto portadora de indícios de diferentes concepções a partir de seus dispositivos materiais, buscando a compreensão de como a publicação intermediou as relações

entre Departamento de Educação e as escolas numa estratégia editorial para a qual a materialidade e a forma de distribuição e uso tiveram uma função relevante.

Cumpram também destacar que este trabalho procura compreender o subsídio analisado sem pressões de cobranças de posturas teóricas ou julgamento de valores a quaisquer dos proponentes ou organizadores. Também é preciso alertar que entre as centenas de indicações e contribuições contidas nas dezenas de exemplares compilados, algumas podem não ter sido devidamente anotadas, possibilidade esta que nos obriga a um pedido de desculpas aos autores ou proponentes que porventura não se vejam contemplados.

CAPÍTULO 1

NASCIMENTO DO IMPRESSO: O LUGAR DA PRODUÇÃO

O Subsídio pedagógico *Recordando e Renovando* nasce oficialmente com essa denominação em 1982, ano em que o clima da anistia política e retorno gradual à liberdade democrática marcam a política local, palco de grandes lutas dos trabalhadores através do movimento sindical⁵². Porém, os reflexos desse movimento na rede municipal viriam a tomar corpo somente na segunda metade da década, quando os professores iniciam um movimento de organização pela luta por seus direitos, na elaboração do Estatuto do Magistério, movimento este assumido e controlado pela Secretaria de Educação, o que ajudava a garantir uma ordem interna na rede municipal, com o controle de possíveis atritos ou conflitos. Aparentemente, a rede municipal de Educação Pré-escolar, após a fusão dos antigos serviços de Parques Infantis e Jardins de Infância, em 1974, navegava em águas calmas, com uma grande estabilidade em seu funcionamento, guardando uma distância prudente da ebulição exterior.

A construção do ideário de “maior pré-escola da América Latina”, expressão freqüentemente utilizada nos discursos e publicações locais destinadas ao público em geral e que necessita ser devidamente problematizada,⁵³ também reforçada pela realização de Simpósios e Congressos locais que atraíam participantes de todo o Brasil⁵⁴, tornava a rede altamente competitiva e ao mesmo tempo estável, estabilidade manifesta numa organização escolar extremamente homogênea e controlada, que a publicação estudada deixa transparecer, mantendo nos primeiros seis anos de seu ciclo de vida um conjunto de características constantes em forma e conteúdo.

⁵² OLIVA, A. M. *Imagens da Luta – 1905-1985*, p. 9.

⁵³ O principal indicador trabalhado pela administração municipal para construção desse ideário é relativo ao atendimento à demanda. De fato há um atendimento acentuado ao final da década de 60 e na de 1970, como se verá no decorrer deste trabalho, porém, é interessante notar como os dados são apresentados nas publicações oficiais. Em *A Pré-Escola em São Bernardo* (1979, p.20), por exemplo, em um dos quadros compara-se o atendimento municipal ao do estado e ao da rede particular, ficando o município com a justa parcela de 85% de atendimento em 1979. Logo abaixo, outro quadro mostra a porcentagem de atendimento da educação pré-escolar em outros países (dados da Unesco, segundo a publicação) apontando, por exemplo, para 85% no Japão. Ocorre que esse quadro refere-se ao atendimento relativo à população em geral e não somente aos matriculados, como no anterior. A justaposição induz o leitor menos atento a inferência desejada. Em outro exemplo *A Revista Município*, Grande ABC, maio de 1982, à 13ª página traz a seguinte afirmação, acompanhando imagens de prédios escolares sem outros elementos comparativos: “Na pré-escola, 17 mil crianças em 38 estabelecimentos. A maior rede municipal da América Latina.”

⁵⁴ I Simpósio de Educação Pré-Escolar de São Bernardo do Campo, 25 a 28 de julho de 1979; 2º Simpósio de Educação Pré-Escolar, de 21 a 25 de julho de 1981; 1º Congresso de Educação e 3º Simpósio de Educação Pré-Escolar, 23 a 27 de julho de 1985; 2º Congresso de Educação e 4º Simpósio de Educação Pré-Escolar, 26 a 30 de julho de 1988. (ANAIS - Biblioteca do Centro de Formação dos Profissionais da Educação – CENFORPE - São Bernardo do Campo).

Consideramos que para melhor compreendermos o contexto do nascimento do subsídio aqui apresentado, seria preciso retroceder pelo menos duas décadas na história local, quando a municipalidade inicia o atendimento às crianças pré-escolares através das classes de Educação Pré-Primária e dos Jardins de Infância Municipais. O contexto histórico e político da época, porém, não pode ser tomado como chave interpretativa para as questões levantadas na pesquisa, assim como o período de nascimento da publicação não pode ser tomado como determinante de seus objetivos ou conteúdos ao longo de seu ciclo de vida.

Para melhor situar o leitor nesse contexto, em relação aos fatos políticos sucedidos da pré(via) história do *Recordando e Renovando* ao final de seu ciclo de vida, havemos por bem apresentar, inicialmente, a cronologia dos períodos administrativos compreendidos nesta narrativa.

QUADRO 1- PERÍODOS ADMINISTRATIVOS (1956 a 2000)		
Período	Prefeitos	Partidos*
1956-1959	Aldino Pinotti Ernesto Augusto Cleto	PDC/UDN/PRP
1960-1963	Lauro Gomes de Almeida Hygino Batista de Lima	PTB
1964-1968	Hygino Batista de Lima Aldino Pinotti	PTB
1969-1972	Aldino Pinotti Geraldo Faria Rodrigues	ARENA
1973-1976	Geraldo Faria Rodrigues Élcio Cândido	ARENA
1977-1982	Antonio Tito Costa Mário Ladeia da Rocha	MDB
1983-1988	Aron Galante Walter José Demarchi	MDB
1989-1992	Maurício Soares de Almeida Djalma de Souza Bom	PT/PcdoB
1993-1996	Walter Demarchi Antonio Tito Costa	PTB/PMDB/PPS
1997-2000	Maurício Soares de Almeida Maurício Caetano de Castro	PSDB/PMDB/PSB/ PPS/PMN/PSDC/PRP
Fontes: PMSBC. Seção de Pesquisa e Banco de Dados. Área: História Site Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo. www.saobernardo.sp.br (16/08/2007)		

Oficialmente, o atendimento à criança na idade pré-escolar em São Bernardo do Campo, através do poder municipal, iniciou-se em 1960, na gestão do então prefeito Lauro Gomes de Almeida, que deu início à rede municipal de educação pré-escolar através da Portaria nº. 2411, de 03 de fevereiro daquele ano. Na prática, o atendimento já vinha

ocorrendo, pelo menos desde 1956⁵⁵, com a implantação de classes anexas aos Grupos Escolares da cidade. A proposição de articulação dos jardins de infância aos grupos escolares remonta ao início da República, conforme cita a pesquisadora Gizele de Souza: “O plano de incluir os jardins no projeto republicano de organização da instrução popular representava ferramenta junto à escola primária modelar, consagrada pelos grupos escolares, de civilização das mentes e corações infantis, a fim de atender ao aspirado progresso e modernidade do país mediado pela seriação do ensino.”⁵⁶

Com algumas décadas de atraso, em relação à capital, a estratégia de implantação de classes anexas aos grupos escolares para atendimento de pré-escolares adquire, no caso de São Bernardo, novos contornos, como veremos adiante, porém a força do ideário republicano permanece, com símbolo de progresso e civilização mesmo se tratando de um momento histórico diferenciado.

No contexto mais amplo, ao final da década de 50, “o governo de Juscelino Kubitschek ao implantar o *Plano de Metas*, aproveitando uma conjuntura internacional favorável, estimulou a implantação do setor pesado da indústria e de grandes empresas multinacionais”⁵⁷ sendo o ABC paulista alvo do interesse de grandes indústrias automobilísticas. No caso de São Bernardo do Campo, a implantação das indústrias automobilísticas, ao lado da expansão das indústrias de móveis, atraiu migrantes de vários estados brasileiros, na verdade expulsos de seus locais de origem, aumentando consideravelmente e em ritmo acelerado a população do município, favorecendo uma urbanização desordenada, com moradias e infra-estrutura precárias, com ocupação gradativa das áreas de mananciais.

O Quadro 02 nos mostra que de 1950 a 1960 a população da cidade mais que duplica, com um crescimento anual de 10,74%, o maior da história da cidade. Na década seguinte o crescimento também é acelerado, com ligeiro aumento da taxa de migração. A partir dos anos 70 tem início o declínio da migração na cidade, mas ainda se mantém significativa, tendo a

⁵⁵ Encontra-se anexa a este trabalho reprodução de fotografias identificadas como sendo do *Primeiro Jardim de Infância Municipal*, de 1956, classe sob responsabilidade da professora Cecília Albuquerque Turbay, arquivadas em álbum histórico da atual 3ª Escola Estadual de Rudge Ramos, denominada, à época, Grupo Escolar Dr. Rudge Ramos, um dos mais antigos da cidade.

⁵⁶ Analisando a cultura escolar dos jardins de infância e grupos escolares do Paraná esta pesquisadora afirma que “A instrução ministrada em grupos escolares com um plano de ensino seriado, desde os jardins da infância até o último grau primário, tem dado os melhores resultados, *sobretudo em São Paulo*, onde existem instituições modelares dignas de serem adaptadas ao nosso meio. (‘Novo governo do Paraná: a posse do dr. Carlos Cavalcanti’, *Diário da Tarde*, 26 de fevereiro de 1912)” (*grifo nosso*) In: SOUZA, Gizele de. *Instrução, o talher para o banquete da civilização: Cultura escolar dos jardins-de-infância e grupos escolares no Paraná, 1900-1929*. Doutorado em Educação, PUC/São Paulo, 2004, p.37.

⁵⁷ OLIVA, A. M. *Imagens da Luta – 1905-1985*, p. 86.

população mais que dobrado de 1970 a 1980. Na década de 80 há um recrudescimento acentuado do movimento migratório, mas que volta a crescer nos anos 90, o que, aliado ao crescimento vegetativo, levou a cidade a se aproximar da cifra de 800 mil habitantes no início deste século, com praticamente 43% de sua população natural da cidade. (Quadro 03)

QUADRO 02 – CRESCIMENTO VEGETATIVO E MIGRATÓRIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (1950-2000)						
ANO	POPULAÇÃO	TAXA CRESCIMENTO ANUAL %	PARTICIPAÇÃO %		TAXA CRESC. ANUAL %	
			VEGET.	MIGRAT.	VEGET.	MIGRAT.
1950	29.295					
1960	81.255	10,74	30,73	69,27	4,45	5,34
1970	201.682	9,52	29,28	70,72	3,67	7,43
1980	425.602	7,75	38,59	51,31	3,64	5,33
1991	566.893	2,64	83,20	16,80	2,24	0,49
2000	703.177	2,42	62,71	37,29	1,57	0,96
91/96		3,10	49,99	51,01	1,57	1,63
96/2000		1,58	92,70	7,30	1,47	0,12
Fontes: FIBGE – Censos Demográficos Seção de Pesquisa e Banco de Dados – SP – PMSBC Compêndio Estatístico – 2005						

Quanto à origem de seus moradores, dados de 1978⁵⁸, referentes a pesquisa para caracterização da população da cidade, indicam que 48,36% da mesma era oriunda do Estado de São Paulo; 21,36% natural da cidade; 12,68% migrantes do Norte e Nordeste; 10,34% da região Centro-oeste/Sudeste; 3,47% da região Sul e 4,60% do exterior. Em 1991, os moradores, migrantes nordestinos, representavam 16,45% da população residente na cidade, contra 37,59% dos oriundos da região sudoeste, o que ajuda a desconstruir o mito, ainda muito presente, de que a região fora ocupada principalmente por migrantes daquela região.

⁵⁸ *Cadastro de Favelas*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Saúde e Promoção Social, 1978, p.27.

QUADRO 03 – POPULAÇÃO RESIDENTE NO MUNICÍPIO LOCAL DE NASCIMENTO		
REGIÕES	1991	2000
Norte	0,13	0,18
Nordeste	16,45	20,50
Sudoeste	37,59	31,78
Sul	3,34	3,06
Centro-Oeste	0,37	0,48
Brasil sem especificação	0,09	0,02
País Estrangeiro	1,76	1,08
Nasceu em São Bernardo do Campo	40,27	42,90
TOTAL	566.893	703.177
Fontes: FIBGE – Censos Demográficos Seção de Pesquisa e Banco de Dados Compêndio Estatístico 2005 – Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo		

Em termos de crescimento da população o quadro 04 nos mostra que a cidade de São Bernardo do Campo superou o crescimento médio da região do Grande ABC bem como o do Estado de São Paulo e o do Brasil nos últimos 35 anos, fortemente acentuado na década de 70.

QUADRO 04 – TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO POR REGIÕES						
REGIÕES	1970/1980	1980/1991	1991/2000	2003*	2004*	2005*
Brasil	2,48	1,93	1,64	176.875.251	181.581.024	184.184.074
Estado de S. Paulo	3,49	2,12	1,78	38.709.339	39.875.226	40.442.820
Grande São Paulo	4,46	1,86	1,64	18.628.453	19.127.370	19.403.498
Grande ABC	5,27	1,96	1,59	2.449.008	2.511.743	2.546.468
São Bernardo do Campo	7,76	2,64	2,42	745.164	773.099	788.560
(*) Estimativa- IBGE Fontes: FIBGE – Censos Demográficos Seção de Pesquisa e Banco de Dados – SP – PMSBC - Compêndio Estatístico – 2005						

Esses dados nos permitem pensar no desafio que foi colocado para a cidade, na segunda metade do século XX, em termos de assimilação de um enorme contingente populacional, fato não equacionado até a presente data, que resultou não somente nos problemas apontados, como nos de saúde pública, educação e segurança. É preciso considerar, também, que para os migrantes, oriundos de regiões tradicionais e/ou mais pobres, o processo de adaptação à sociedade urbana implica em mudanças na estrutura tradicional de autoridade, na negação dos velhos valores, na adoção de novos padrões de comportamento. Como afirma

Durhan⁵⁹ “em nenhum momento essa transformação se apresenta de modo tão dramático ou tão completo como quando da origem à migração, transferindo indivíduos (...) para os grandes centros urbanos onde se concentram as inovações, a riqueza e os centros de decisão que transformam o país”. Essa crise de transformações atinge da mesma forma os que recebem, pois essa realidade complexa e dinâmica implica na assimilação bi-lateral das diversidades regionais e locais, de padrões culturais e de perspectivas de futuro diferentes. A publicação *Recordando e Renovando* traz em seu bojo os reflexos dessa nova realidade que se impõe, mantendo, dentre as unidades de trabalho propostas nos anos 60 e 70, o tema *Regiões do Brasil e Raças*, como veremos no segundo capítulo.

No contexto do processo de adaptação/integração à cidade, nas décadas de 50 e 60, a massa de trabalhadores que tiveram a fábrica como escola na construção de sua consciência de classe, intensifica o movimento sindical que passa a atuar também em defesa da educação pública⁶⁰, paradoxalmente a mesma escola na qual grande parte é discriminada. Nessa mesma época surgem, em grande parte das cidades brasileiras, como parte na luta por democratização contra a desigualdade social, os movimentos culturais e de educação de base progressistas, como os Centros Populares de Cultura (CPC), ligados a UNE e os de Alfabetização Popular, inspirados em Paulo Freire.⁶¹

A administração municipal mantinha, desde os anos 50, classes de Alfabetização de Jovens e Adultos do antigo CEA (Curso de Educação de Adultos), também com metodologia própria, em geral anexas aos Grupos Escolares da cidade, bem como Centros de Iniciação Profissional (CIPs) para atendimento de adolescentes, jovens e adultos, geralmente construídos junto a postos de puericultura, modalidades que também foram obrigadas a ampliar o atendimento, vindo a Secretaria de Educação a estabelecer parceria, em 1974, com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) extinguindo, então, o curso próprio.

Nas décadas de 50 e 60 os serviços relativos à educação estavam alocados no antigo Departamento de Expansão Cultural que, ao lado de outros três departamentos (Administração, Pessoal e Jurídico) compunham a estrutura da então Secretaria de Negócios

⁵⁹ DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978, p. 8.

⁶⁰ Em 1961, o movimento sindical abraça causas relativas à educação, realizando-se, a 26 de fevereiro, a 1ª convenção em Defesa da Escola pública, contra o projeto-substitutivo de Lei de Diretrizes e Bases do ex-deputado federal Carlos Lacerda. Segundo Florestan Fernandes, a iniciativa de Lacerda coroava “a imensa conspiração retrógrada contra o ensino público, nascida do estranho conluio dos proprietários de escolas privadas e leigas e os mentores das escolas mantidas por iniciativa do clero católico.” (FERNANDES, F. *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus Editora e Edusp, 1966, págs. 346-347)

⁶¹ Nesse sentido ver BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980; VALLE, Edênio e QUEIROZ, José J. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez e Moraes/ EDUC., 1979.

do Interior e Jurídica⁶², trabalhando na área da educação em parceria com a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação. Talvez parte significativa das escolas públicas estaduais tenha sido construída e parcialmente mantida pela prefeitura local por essa estreita aproximação, facilitando a implantação de classes anexas dos Jardins de Infância e/ou Pré-Escolares nas unidades estaduais que, por sua vez, também atendiam a essa faixa etária, e, posteriormente, ao final da década de 90, a municipalização das séries iniciais do ensino fundamental.

No contexto mais amplo, o nascimento da rede municipal de educação pré-escolar em São Bernardo do Campo ocorre num período em que o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) intensifica sua atuação nos países auxiliados, ampliando sua atuação junto à infância. De acordo com Rosenberg (2006), o Unicef, durante as décadas de 50 e 60, lançou “as bases conceituais que informaram o modelo de educação infantil propagado em diversos países, inclusive no Brasil” e, a partir da década de 60, “concentrou esforços na coordenação de atividades setoriais, impulsionando a integração de projetos distintos, visando intensificar o impacto da oferta de serviços”⁶³, dentre eles os de educação e saúde nos países assistidos.

Nasce alguns anos após a OMEP (Organização Mundial da Educação Pré-Escolar – fundada em 1948) ter criado o Comitê – Brasil, em 1953, ligado ao setor privado e de caráter beneficente. De acordo com Kramer (1992), a OMEP se constituiu em uma das formas de atendimento pré-escolar, sendo sua atuação reduzida do ponto de vista quantitativo, promovendo cursos, conferências e mesas-redondas, com uma preocupação com a alfabetização e com aspectos metodológicos e didáticos do processo educativo com um enfoque assistencial e idealista, com atuação, por parte de alguns dos dirigentes, ligada à idéia “de que as crianças das classes desfavorecidas nada trazem de casa e precisam, conseqüentemente, ser preparadas para a escola”.⁶⁴ Através do Comitê – São Paulo, a OMEP se tornou participante e colaboradora de eventos promovidos pelo Departamento de Educação de São Bernardo, principalmente nas décadas de 70 e 80⁶⁵, observando, avaliando e

⁶² *Revista Administração Hygino Baptista de Lima, 1964/1968*, PMSBC, 1968, 2ª capa. O Departamento de Educação é organizado na gestão subsequente (1969-1972) e em 1973 é criada a Secretaria de Educação Cultura e Esportes. (*Revista do 419º aniversário da cidade – Edição comemorativa*, PMSBC, 1972.)

⁶³ ROSEMBERG, Fúlvia. “A LBA, o Projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional.” In: FREITAS, Marcos Cezar de. *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2006, p.148-149.

⁶⁴ Em 1968 ampliou-se sua atuação no Brasil através de convênios firmados com os Ministérios da Saúde e do Trabalho para a orientação e implantação de creches e em 1978 com a LBA, com verbas vindas através da Usaid, a partir de 1971. In: KRAMER, S. *A política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p.80-83. Quanto aos acordos MEC/Usaid, ver TAVARES, J. N. “Educação e imperialismo no Brasil.” In: *Educação e Sociedade*. São Paulo: Cortez Editora/Cedes, set/1980, nº.7, p. 5-62.

⁶⁵ *Anais do I Simpósio de Educação Pré-Escolar de São Bernardo do Campo, 25 a 28 de julho de 1979*, p.1-2, no qual foi distribuído o documento *O que é a OMEP*, destinado a divulgar seu trabalho, cujas informações

divulgando o trabalho desenvolvido, contribuindo, de certa forma, para que a rede de educação pré-escolar da cidade passasse a ser prestigiada e reconhecida como *modelar*⁶⁶ à época, ideário este que merece ser mais bem analisado quantitativa e qualitativamente a partir de indicadores específicos.

São Bernardo do Campo demonstra à época, em consonância com as propostas governamentais, ao nível federal, o desenvolvimento da tendência educacional, ao lado da assistência-médico-nutricional, esta representada, principalmente, pela “Associação da Abelha”, localizada no bairro de Rudge Ramos, criada e coordenada pela então primeira dama D. Lavínia Rudge Ramos Gomes, e de outras entidades assistenciais de caráter privado. A tendência educacional é manifesta através da já citada Portaria, que constituiu comissão para a realização de estudos destinados à instalação do Primeiro Jardim da Infância Municipal, composta por três professoras: Ana Médice Batista, Antonia Ortega de Abreu e Zenaide Duarte de Almeida, sob a presidência da primeira.⁶⁷

A criação do Jardim de Infância Santa Terezinha, em espaço próprio, localizado à Rua Jurubatuba, esquina com Alameda Glória, no centro da cidade, é inaugurado em 20 de agosto de 1960⁶⁸, funcionando inicialmente com quatro classes e 120 alunos, sendo sua primeira diretora a professora Ana Médice Batista, *que já há algum tempo dedicava-se à educação*

apontam para sua intensificação, a partir do final da década de 60 e na década de 70, com uma série de ações envolvendo órgãos governamentais municipais; *Anais do 1º Congresso de Educação e 3º Simpósio de Educação Pré-Escolar, 23 a 27 de julho de 1985*, p.3-4; *Anais do 2º Congresso de Educação e 4º Simpósio de Educação Pré-Escolar, 26 a 30 de julho de 1988*, p.3-5.

⁶⁶ Termo empregado na publicação *A Educação Infantil em São Bernardo do Campo: uma proposta integrada para o trabalho em Creches e EMEIs*, PMSBC, 1992, p. 21. Em *Educação Municipal - Relatório 1977-81*, p.21-23 encontram-se publicadas algumas manifestações reforçadoras dessa tese da qual transcrevemos algumas passagens: O então ministro Rubem Ludwig, em encontro com o prefeito de São Bernardo, Tito Costa (MDB), em 1981 elogia a ação do município, “considerando-a modelo em termos de realidade brasileira” (...) com o atendimento de “60% da clientela real”, enquanto a média nacional era de apenas 3%, segundo ele. Na mesma publicação, à p. 25, é reproduzida matéria publicada na Revista *Isto É* (4/mar/81, p. 26), onde se lê: “São Bernardo..., com 425 mil habitantes..., está investindo 882 milhões de cruzeiros apenas em pré-escolas – e o município é considerado o modelo desse ensino país. Existem na cidade 27.980 crianças de 4 a 6 anos – e 60% delas, quase 17 mil, freqüentam, em turnos de quatro horas, as pré-escolas municipais. [Nota: De acordo com relatórios do Banco de Dados da PMSBC, em 1981 foram atendidas 15.643 pré-escolares, e a população da cidade era de aproximadamente 436.837 habitantes] Em 13 de maio de 1981, o então Senador Franco Montoro (MDB) manifesta-se no Congresso Nacional em relação à educação municipal de São Bernardo do Campo, encerrando seu discurso cumprimentando o Município “pela extraordinária contribuição prestada à educação pré-escolar no Brasil, setor para o qual cada vez mais se voltam as atenções dos especialistas em educação de todo o mundo”. Na semana seguinte, o deputado Antonio Russo (MDB), ocupando a mesma tribuna também discursa nessa direção, defendendo a descentralização no atendimento pré-escolar, pois, “enquanto nos programas centralizados a pré-escola ainda engatinha, em São Bernardo do Campo ela está completamente organizada, com uma estrutura curricular uniforme, (...)” contando com “edifícios adequados (...), piscinas para aulas de natação, alimentação completa e material didático e recreativo altamente satisfatório.” [Nota: somente dois Parques Infantis contaram com piscinas infantis para recreação dentre seus equipamentos]

⁶⁷ PMSBC, *A Pré-Escola em São Bernardo*, 1979, p. 6. Educação Municipal – relatório 1977-81.

⁶⁸ De acordo com Médice (1982), dia oficial do aniversário da cidade, em homenagem ao santo padroeiro, cuja capela foi erigida em 1717 na antiga fazenda dos monges beneditinos, entre o rio dos Meninos e o Caminho do Mar, a futura estrada do Vergueiro, e hoje, avenida Senador Vergueiro, no bairro de Rudge Ramos.

*pré-primária no município*⁶⁹. Essa informação, embora sem especificar o caráter do atendimento, reforça a tese de funcionamento anterior de classes de educação pré-escolar no município, que ainda necessita ser mapeado, a partir de novas fontes.

Em 1961, ano em que foi aprovada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que dedicou ao ensino pré-escolar dois de seus artigos⁷⁰, foram criadas mais duas classes na mesma escola, sendo outras, gradativamente instaladas, anexas aos grupos escolares, pertencentes à rede estadual de ensino ou a igrejas, existindo, no término da gestão do então prefeito Lauro Gomes, em 1963, um total de 51 classes com atendimento a 1397 alunos, conforme consta do Quadro 5 num universo de aproximadamente 100 mil habitantes.

Em relação a essa opção de atendimento, Rosemberg (2006) aponta que o documento sobre o pré-escolar, elaborado conjuntamente pela Unesco e pelo Unicef, datado de 1968, sugere a “adoção de criação de classes de pré-primário anexas às escolas primárias segundo um modelo menos elaborado e, conseqüentemente, mais barato que os jardins de infância”⁷¹, devido à dificuldade de implantação de programas formais nos países em desenvolvimento, portanto com objetivos diferenciados em relação à adoção do modelo no início da República. Segundo a autora a estratégia do Unicef em atuar junto aos governos nacionais levou este órgão a concentrar esforços na coordenação de atividades setoriais, visando mais diretamente os planejamentos nacionais, com a expansão de sua ação para além do binômio saúde-nutrição, voltando sua atenção para a educação pré-escolar, terreno que, até então, era de competência da Unesco. Em 1965 houve a Reunião Executiva do Unicef para discutir “Como proteger em massa pré-escolares”, e o Brasil, através do Departamento Nacional da Criança (DNCr) apresenta um diagnóstico sobre o pré-escolar no país, trazendo idéias para a elaboração do *Plano de assistência ao pré-escolar*. (DNCr,1967)⁷²

Em 1965, seguindo essa abordagem, surge o *Serviço de Assistência ao Ensino Pré-Primário (SAPP)* em São Bernardo, subordinado ao Departamento de Expansão Cultural, sob responsabilidade da professora Tirza Martins Ribeiro Magdalena, com uma equipe de 10

⁶⁹ PMSBC, *A Pré-escola em São Bernardo*, 1979, p.6.

⁷⁰ Lei nº. 4.024 de 20/12/61, Cap. I, Título IV, Da Educação Pré-Primária:

Art. 23 – *A educação Pré-primária destina-se aos menores até sete anos e será ministrada em escolas maternais ou jardins de infância.*

Art. 24 – *As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou por cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária.*

A primeira LDB, gestada desde as primeiras décadas do século XX, a partir da defesa do ensino laico, público e gratuito pelos “pioneiros da escola nova” é reveladora da tentativa de conciliação de diferentes projetos, fruto da pressão de diferentes segmentos sociais, dando amplo espaço para a iniciativa privada, sendo muito mais reveladora das mudanças que se processavam do que condicionante das mesmas.

⁷¹ ROSEMBERG, F. *Op. cit.*, p.149.

⁷² *Ibidem*, p.150.

dirigentes que supervisionavam as 62 classes existentes, com atendimento às crianças de quatro a seis anos.

Em relação à orientação pedagógica, de acordo com documentos oficiais e subsídios metodológicos publicados, o modelo dos Jardins de Infância e das classes de educação pré-primária parece ter sofrido forte influência das idéias pedagógicas dos pensadores da educação infantil do final do século XIX⁷³ que, recuperadas no final da década de 50 na Europa, estabeleceram as bases para um sistema de ensino centrado na criança, visando os primeiros anos de vida num ambiente de ensino devidamente organizado em torno de seus interesses, com materiais adequados e devidamente estruturados, com ênfase em jogos e brincadeiras. No caso de São Bernardo, também em torno de Unidades de Trabalho, inspiradas nos *Centros de Interesses* propostos por Ovídio Decroly, condutoras da produção pedagógica voltada aos professores e referência constante nos documentos pesquisados.⁷⁴

Segundo as publicações da Secretaria de Educação e Cultura *A Educação Infantil em São Bernardo...*⁷⁵ e *Proposta curricular*⁷⁶ “a concepção de ensino vigente tinha suas bases constituídas nos estudos de Froebel e Decroly” nos quais “a criança era vista como ‘semente’ que as professoras ‘jardineiras’ deviam cuidar para que se desenvolvessem no tempo do pré-primário”. Verificamos, aqui, uma forma de apropriação das idéias de Froebel, empregada no sentido de algo a ser superado e que não encontra correspondência literal aos escritos do autor, formulada, provavelmente, a partir de uma leitura simplificadora da defesa, fixada pela pedagogia fröbeliana, de

“uma imagem da infância como idade criativa e fantástica, que deve ser educada segundo suas próprias modalidades e que é, talvez, o momento crucial da educação, aquele que lança as sementes da personalidade futura do homem e que, portanto, deve ser enfrentado com forte consciência teórica e viva sensibilidade formativa.”⁷⁷

Em uma das publicações comemorativa do aniversário da cidade, encontramos uma breve descrição das salas de aula, dos materiais utilizados e do trabalho desenvolvido nas classes de educação pré-primária nos anos seguintes à sua implantação:

⁷³ Ver CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

⁷⁴ Dentre eles *A pré-escola em São Bernardo* (1979), p.40; *Educação em São Bernardo* (1985), p.21; *A Educação Infantil em São Bernardo* (1992), p. 18; *Proposta curricular* (2004) p. 49.

⁷⁵ *A Educação Infantil em São Bernardo...*, 1992, p. 18.

⁷⁶ *Proposta curricular*, 2004, p. 49.

⁷⁷ Cambi, *Op. cit.*, 1999, p. 426-7.

“As salas para este tipo de educação são todas equipadas com mobiliário específico, e dotadas de grande variedade de recursos audiovisuais, com projetores para filmes e slides, um cantinho para livro de histórias, teatro de fantoche, de sombra, cavaletes para pintura, instrumentos para bandinha e jogos pedagógicos.

As crianças são observadas criteriosamente pelas professoras-jardineiras, por meio de conversas informais, testes de Florence Goodenough [sic] (figura humana); Heloisa Marinho (A Casa) e Lourenço Filho (Teste ABC) a fim de melhor educá-la.”⁷⁸

A ênfase dada à aplicação dos testes citados, na intenção de aferir o grau de inteligência da criança e sua “prontidão” para a alfabetização (Teste ABC), é reveladora da concepção de ensino então vigente, priorizando a preparação para alfabetização, podendo explicar, pelo menos parcialmente, porque a pré-escola sambernardense se dedicou também a alfabetizar seus alunos. *Se os testes mostram que a criança está “pronta”, por que esperar?*⁷⁹

Documento referente ao *Curso de formação de Professora Jardineira, de 1969* (acervo pessoal), é crítico em relação a essa concepção: “Pensam uns que a criança do jardim deve aprender alguma coisa para não chegar muito atrasada (sic) no primeiro ano, chegando até a alfabetizá-la e confundindo o que chamamos de preparação.” (fls.2) O mesmo documento apresenta normas e princípios que norteiam a educação pré-primária (utilizando este termo para designar a educação desenvolvida nos Jardins de Infância) assim resumidos: “O Jardim da Infância deve levar a crianças a viver e conviver no seu grupo, prepará-la para futuras aprendizagens, deixá-la expressar-se livre e espontaneamente (sic), através de atividades artísticas e criadoras.” (fls.03).

Outra iniciativa de atendimento à infância em São Bernardo teve início em 1964, com a instalação da rede de Parques Infantis, na gestão do prefeito Higino Batista de Lima. “A iniciativa era de oferecer às crianças local em que pudessem brincar, aprender e receber atenção e carinho, o que viria limitar os riscos de marginalização sócio-cultural. (...)”⁸⁰

Como recupera Kramer⁸¹ nessa época o Departamento Nacional da Criança (DNCR), criado em 1948 “sob a denominação de Programa de Proteção ao Pré-Escolar, pretendia criar Centros de Recreação, principalmente em áreas anexas a igrejas do país, tanto

⁷⁸ *São Bernardo do Campo, 1553-1970*. PMSBC, p.25.

⁷⁹ De acordo com depoimento de Maria Cristina Seraglia, atual diretora da EMEB Pe. Leonardo Nunes, ex-aluna do Jardim de Infância Santa Terezinha, a escola alfabetizava, pois aprendera a ler nessa escola, através da cartilha *Caminho Suave*, em 1964, então com cinco anos de idade, indício este que nos leva a questionar a forma de apropriação pelos educadores dos teóricos mencionados. Os documentos referentes ao *Curso de formação de Professora Jardineira, de 1969* (acervo pessoal), é crítico em relação a essa concepção: “Pensam uns que a criança do jardim deve aprender alguma coisa para não chegar muito atrasada (sic) no primeiro ano, chegando até a alfabetizá-la e confundindo o que chamamos de preparação.” (fls.2)

⁸⁰ *Educação em São Bernardo*, 1985, p.12 e *A pré-escola em São Bernardo*, 1979, p. 7.

⁸¹ KRAMER, S. *Op. cit.*, p.66.

católicas quanto protestantes”, pois “a recreação era considerada a principal arma contra atitudes anti-sociais (...).”

Surge, assim, o primeiro Parque Infantil, supervisionado pelo Departamento de Educação do município, anexo às dependências da Igreja São João Batista, no bairro de Rudge Ramos,⁸² por iniciativa do padre Fiorente Elena, vigário da Paróquia, sendo denominado “Parque Infantil Lauro Gomes”, em homenagem ao *prefeito das crianças*, como ficou então conhecido, funcionando até hoje no mesmo local. O Parque Infantil Lauro Gomes atendeu, inicialmente, 270 crianças dos três aos onze anos de idade. Na sequência, outros parques infantis foram instalados, mas apenas três deles, na década de 60, atendiam crianças com três anos: Parque São Pedro (também em Rudge Ramos, bairro de classe média), Riacho Grande (à época, zona rural) e Vila Euclides (mais próximo ao centro da cidade), este por atender as crianças da Casa de Estar São Luiz, entidade filantrópica, em parceria com a prefeitura municipal.⁸³

Havia também a preocupação em atender as crianças que já freqüentavam a escola primária e que recebiam no Parque Infantil reforço para os conteúdos desenvolvidos na sala de aula, em período contrário às aulas regulares. Além de assistência ao ensino, desenvolviam atividades recreativas, esportivas, artísticas e de socialização, preparando para a vida prática. A prática pedagógica também era baseada nas Unidades de Trabalho, inspiradas nos *centros de interesse* de Decroly e nas *Datas Comemorativas*. “As atividades recreativas e esportivas eram a tônica deste atendimento, tanto que as professoras eram denominadas *recreacionistas*⁸⁴, embora também desenvolvessem atividades artísticas.”⁸⁵ O tipo de instalação física dos Parques Infantis sambernardenses nos faz supor que os mesmos foram inspirados na experiência de Mário de Andrade, na capital paulista, desenvolvida pelo Departamento Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, por ele criado e dirigido entre os anos de 1935 e 1938. “Os parques infantis da Prefeitura de São Paulo foram destinados à recreação das crianças pobres da cidade, especialmente os filhos de operários. [...] com uma

⁸² No mesmo bairro já funcionavam, à época, classes anexas de educação pré-escolar junto à igreja Metodista, há poucas quadras de distância.

⁸³ *Educação em São Bernardo*, 1985, p.11.

⁸⁴ Para ingresso na rede municipal, tanto como professoras de educação pré-escolar como na função de recreacionista, era exigido o curso Normal de Formação do Professor Primário e especialização na área, geralmente oferecida pela própria prefeitura, que selecionava as candidatas internamente com a exigência de serem moradoras da cidade. Na década de 70 as professoras geralmente iniciavam a docência através da alfabetização de adultos, não sendo este um critério único. Nessa década iniciam-se os primeiros processos de seleção pública, sendo que os concursos públicos, inclusive para diretores escolares e demais especialistas são adotados após a promulgação da Carta Constitucional de 1988.

⁸⁵ *A Educação Infantil em São Bernardo*, PMSBC, 1992, p. 19.

estrutura menos rígida, onde [as próprias crianças] organizavam suas atividades.”⁸⁶ São várias as semelhanças entre a estrutura física e o funcionamento dos Parques Infantis de São Bernardo e de São Paulo, cabendo aqui uma maior investigação a respeito.

“Os parques Infantis de São Bernardo do Campo obedecem a um tipo padrão elaborado pelo Departamento de Expansão Cultural e Seção de Arquitetura da prefeitura, onde se procurou estabelecer uma ligação entre o mundo externo e o interno. Foram projetadas duas salas de aula, um galpão, dependências para administração, refeitório, sanitários, cozinha e depósito, tanques de areia, labirinto, palco com arquibancada, balança, jardins, quadras para práticas esportivas e lavatórios.”⁸⁷

De acordo com a mesma publicação, previa-se, em 1970, a construção de Centros Comunitários, que incluiriam parques Infantis e outras atividades educacionais. “Os futuros parques serão construídos numa área de 5 mil m² formando um novo núcleo de educação e recreação infantil”, projeto não realizado à época, pelo menos com essa denominação, mas posteriormente retomado com nova configuração, na década de 90.

Apesar de inaugurado em 1964 o primeiro Parque Infantil na cidade, somente em 1967 foi criado o *Serviço de Parques Infantis*, vinculado também ao Departamento de Expansão Cultural, tendo sido designada como encarregada a Professora Regina Dulce Donadelli Pinto, que contava com uma equipe de oito dirigentes que supervisionavam 71 classes em oito estabelecimentos, com um total de 2.475 alunos⁸⁸ num momento em que a população da cidade atingia a cifra de 153.569 habitantes.

Duas vertentes, portanto, marcaram o início da implantação dos programas de atendimento à educação infantil em São Bernardo: a do então Serviço de Assistência ao Pré-Primário (SAPP) e a do Serviço de Parques Infantil. No primeiro, a orientação era para um trabalho desenvolvido com crianças de 4 a 6 anos de idade centrado no desenvolvimento de habilidades ligadas ao preparo para a alfabetização ou até mesmo na própria alfabetização, no decorrer do tempo. No segundo, a orientação era para um atendimento diversificado, dividido entre os pré-escolares (de 3 - 4 aos 6 anos) e as crianças de 7 a 12 anos incompletos, a chamada “turma dos grandes”, com ênfase nas atividades recreativas e esportivas, como afirmado anteriormente.⁸⁹

⁸⁶ ABDANUR, Elizabeth. “Parques Infantis de Mário de Andrade.” *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: 1994, n.º. 36, p.263-270.

⁸⁷ Publicação comemorativa. In: *São Bernardo do Campo: 417 anos de integração*. PMSBC, agosto, 1970, p. 14.

⁸⁸ PMSBC. *Educação em São Bernardo, 1985*, p.12. e PMSBC. *A pré-escola em São Bernardo, 1979*, p.8.

⁸⁹ Não há até o momento nenhuma pesquisa realizada com o intuito de caracterizar as tendências pedagógicas desenvolvidas pelos diferentes serviços historicamente, o que poderá iluminar não só a disputa entre os campos políticos que cada um desses serviços representou como a disputa entre diferentes campos do saber pedagógico.

Foi nesse contexto que os primeiros subsídios teórico-metodológicos que antecederam o *Recordando e Renovando* foram publicados⁹⁰, em forma de “apostilas”, como era denominada essa forma de apresentação, datilografados e ilustrados manualmente, sendo mimeografados e distribuídos, sem custos para as escolas, para utilização coletiva pelas professoras e diretoras/dirigentes, que no caso de São Bernardo acumulavam o fazer pedagógico e o administrativo no âmbito da unidade escolar. Esse material daria início, como propõe Marta Carvalho, à organização de uma “caixa de utensílios” destinada a “subsidiar a prática docente com um repertório de saberes autorizados”. Com o *Recordando e Renovando* teria início, portanto, uma coleção disposta “como peças de um conjunto harmônico destinado a constituir a cultura pedagógica do professorado.”⁹¹

Entre 1960 e 1973, a prefeitura do município elevou o atendimento da faixa etária de 3 a 11 anos⁹², nos dois serviços, de 120 para 9.936 crianças (6017 somente nos parques infantis) e de uma para 21 escolas (sendo 8 parques infantis), mais 76 classes de pré-escolas anexas a grupos escolares, num crescimento proporcional superior ao da população da cidade que passa de 81.255 para 252.300 habitantes (Quadro 5).

Nesse período, de dura crise política e de suspensão das liberdades democráticas, no qual a população de São Bernardo elege sucessivamente candidatos de partidos conservadores ao governo municipal, vê-se, no plano legal, a revogação da LDB de 1961 através da Lei nº. 5692 de 11 de agosto de 1971. Destinada a fixar Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus indica, de passagem, no § 2º do artigo 19 que: “Os sistemas de ensino *velarão* para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam conveniente educação em escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes.”(*grifo nosso*) Mais uma vez, a legislação vem confirmar que os defensores do atendimento a essa faixa etária da população infantil ainda pouco se faziam ouvir.⁹³ Porém, a aprovação da lei foi recebida com entusiasmo pela administração municipal, conforme nos faz crer a seguinte passagem:

⁹⁰ No *Recordando e Renovando* n.º. 3/85 (pág.4) encontramos a mais antiga referência nesse sentido (Subsídio sob o tema “Natal”, publicado em 1968)

⁹¹ CARVALHO, M.(2001) *Op. cit.*, p.164-165.

⁹² Não foi possível apurar o número correspondente ao atendimento das crianças até os seis anos de idade devido à ausência de documentação relativa à distribuição por faixa etária nas unidades de Parques Infantis no período.

⁹³ Como afirmou Paulo Nathanel Pereira de Souza, em conferência proferida no I Simpósio de Educação Pré-Escolar de São Bernardo, “enquanto o informe da Unesco intitulado ‘*Aprender a Ser*’, preparado para servir de texto base da Conferência Internacional de Educação de 1972, dizia com todas as letras que: ‘a educação das crianças em idade pré-escolar é um requisito prévio essencial de toda política educativa e cultural’ [...] e se essa consciência era já universalizada entre os educadores do mundo desenvolvido, no Brasil [...] o assunto afluía, ainda um tanto timidamente.” (I Simpósio de Ed. Pré-Escolar, 1979) A legislação, portanto, somente retrata esse grau de consciência.

“As novas diretrizes educacionais estabelecidas pela Lei 5692/71, vieram coincidir com os anseios do Departamento de Expansão Cultural que, sentindo a necessidade atual, já havia estruturado novas bases e novas linhas de trabalho. Assim, o conteúdo inserido nessa lei reforça ainda mais o desejo do diretor do setor de Educação de São Bernardo do Campo, pois transfere progressivamente a responsabilidade do ensino para os municípios.”⁹⁴

Sendo a lei destinada à organização do primeiro e segundo graus, têm início em 1975, com a criação, pelo MEC, de uma Coordenação de Educação Pré-Escolar (então denominada Codepre e posteriormente Coepre) tentativas de organização de um Programa Nacional de Educação Pré-Escolar. Como analisa Kramer⁹⁵, através de estudos e contatos com outras agências, produziu-se um Diagnóstico Preliminar da Educação Pré-Escolar no Brasil que, apresentado em seminários, resultou no Programa de Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar Nacional cujos princípios gerais visavam estabelecer bases para o planejamento e implantação de projetos em cada Unidade da Federação. Não sendo órgão normativo e com poucos recursos financeiros, sua função foi a de dinamizar os setores que tratam da criança em idade pré-escolar, parecendo apresentar, como destaca a autora, a opção por programas pré-escolares do tipo compensatório, marcando, assim, uma tendência que manifesta as diretrizes da política educacional brasileira voltada ao pré-escolar. Como afirma Patto⁹⁶, deficiência cultural, marginalização e carências são conceitos que passam a ser empregados sem a devida reflexão crítica, considerando-se, então, que a pré-escola devesse suprir as desvantagens e os fracassos observados no primeiro grau através de um programa educacional compensatório e de estimulação precoce nos moldes existentes nos Estados Unidos da América do Norte.⁹⁷

Embora seja muito diversificada a atuação da Coepre em cada estado, envolvendo programas com objetivos e estratégias bastante diferentes, o enfoque compensatório se faz presente na fundamentação psicopedagógica dos planos de educação infantil da cidade após a fusão dos serviços de Assistência ao Pré-Primário e de Parques Infantis em 1974.

⁹⁴ Provavelmente a afirmação refere-se ao parágrafo único do art. 58 da referida lei: “As providências de que trata este artigo visarão à progressiva passagem para a responsabilidade municipal de encargos e serviços de educação, especialmente de 1º grau, (...)” Somente na gestão Aldino Pinotti, cerca de 16 Grupos Escolares foram entregues ao Estado, construídos com recursos municipais, enquanto que a rede municipal no mesmo período, foi ampliada em 9 unidades (8 Parques Infantis e um Jardim de Infância). PMSBC. *Educação: um desafio que foi aceito em São Bernardo do Campo, 1553-1972*. Edição comemorativa, p.41-49.

⁹⁵ KRAMER, 1992, p. 83-87.

⁹⁶ PATTO, M. Helena Souza. “Da psicologia do ‘desprivilegiado’ à psicologia do oprimido” in: *Introdução à psicologia do escolar*. São Paulo: T.A. Queiroz Ed.Ltda, 1981, p.208-228.

⁹⁷ Na indicação acima a autora revisa criticamente os conceitos de educação compensatória, defendidos por ela na obra *Privação Cultural e Educação Pré-Primária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

Como os dois serviços atendiam a uma faixa etária comum (4 a 6 anos), embora não exclusivamente, “a Administração Pública houve por bem promover a fusão dos mesmos a fim de que os esforços e as experiências fossem somados e revertidos, com maiores vantagens, para essa mesma população”.⁹⁸

Dessa forma, o Serviço de Parques Infantis foi extinto, porém sua encarregada permaneceu na coordenação do novo Serviço de Educação Pré-Escolar, sendo a antiga encarregada daquele, afastada. Esse fato pode revelar possível disputa de campos políticos e de concepções de atendimento que aos poucos vai tomando nova forma. O novo serviço passou a abranger as duas redes deixando de atender gradativamente as “turmas de grandes” (7 a 11-12 anos) dos Parques Infantis, aumentando a oferta de vagas para a pré-escola (4 a 6 anos). As classes de Semi-Internato (período integral para filhos de mães trabalhadoras), que também existiam nos Parques Infantis, foram da mesma forma, gradativamente desativadas, sendo extintas definitivamente em 1978 e só voltando a funcionar, também gradativamente, a partir de 1985.

As escolas passaram a ser denominadas, por um breve período, Núcleos de Educação Infanto-Juvenis (enquanto atendiam as ‘turmas de grandes’) e em seguida Núcleos de Educação Infantil (NEI), em sua maioria, seguidos do nome da vila ou bairro onde estavam situados.

A estrutura física dos Parques Infantis foi gradativamente alterada para acomodar as novas turmas de educação pré-escolar com a construção de novas salas, para acomodação de novas classes ou turmas, num processo de constituição física marcadamente escolar e não somente recreativa e cultural conforme concepção original.

Com o aumento crescente da população da cidade, várias escolas passaram a funcionar em três períodos diurnos, diminuindo o tempo de permanência da criança na escola. Essa medida, aliada à construção de novas unidades, elevou o atendimento exclusivo da faixa pré-escolar, em 1976, para 9.884 matrículas.

Os Quadros 5 e 6 oferecem uma visão geral do atendimento nos anos que antecederam a publicação de nosso objeto de análise, permitindo acompanhar o crescimento da rede em relação ao aumento da população da cidade. É possível visualizar que o crescimento das redes é intenso na primeira década, em especial no ano de 1962, na gestão Lauro Gomes, com o maior crescimento relativo do período, tendo em vista se tratar do início de implantação da

⁹⁸ PMSBC. *Educação em São Bernardo*, 1985, p.12. A fusão é anunciada em 1972, na edição comemorativa do 419º aniversário da cidade; “... a Prefeitura mantém em funcionamento uma vasta rede (sic) de parques infantis e unidades de jardim de infância, os quais brevemente serão incorporados, resultando desta fusão os chamados Núcleos de Educação Infantil”. (São Bernardo do Campo, 1972, p. 35)

rede. Os anos de 1967/68, final da gestão Hygino de Lima, apresentam o maior crescimento em termos absolutos, embora relativamente inferior a 1962. Em 1970, segundo ano da gestão Aldino Pinotti, observa-se novamente um crescimento absoluto significativo, após decréscimo acentuado no ano anterior. No ano de 1973, que antecedeu a fusão dos serviços, na gestão Geraldo Faria Rodrigues, a redução na ampliação da rede foi a maior desde a implantação da mesma, ficando abaixo do aumento da população estimado naquele ano, como ocorrido também em 1969 e 1971.

Analisando-se apenas do ponto de vista quantitativo, a política de fusão adotada pode ser questionada pelo fato de tratar-se do período do “milagre econômico”, quando a arrecadação da cidade era uma das maiores do Brasil, mas que passou a apresentar, por outro lado, problemas sociais de grande monta. O cruzamento dos dados relativos ao atendimento na rede de educação com os de arrecadação do município poderá fornecer elementos significativos para compreender o lugar da educação na política de investimentos municipais.

QUADRO 5 – ENSINO MUNICIPAL ANTES DA FUSÃO/PARQUES INFANTIS E PRÉ-PRIMÁRIO- 1960/1973

ANO	PARQUES INFANTIS			PRÉ-PRIMÁRIO					TOTAL GERAL		CRESCIMENTO ANO/alunos		POPULAÇÃO TOTAL	média de crescimento anual
	ESCOLAS	CLASSES	ALUNOS	ESCOLAS	CLASSES	ALUNOS	CLASSES/ANEXAS	CLASSES	ALUNOS	ABSOLUTO	%			
1950*													29.295**	10,54
1960	-	-	-	1	4	120	-	-	4	120	-	100	81.255**	9,52
1961	-	-	-	1	6	166	1	20	7	186	66	55	88.990	9,52
1962	-	-	-	1	6	160	26	733	32	893	707	380	97.462	9,52
1963	-	-	-	1	8	220	43	1177	51	1397	504	56	106.740	9,52
1964	1	3	270	1	8	212	47	1380	58	1862	465	33	116.902	9,52
1965	1	13	421	1	8	220	54	1536	75	2177	315	17	128.031	9,52
1966	1	15	589	1	7	188	65	1819	87	2596	419	19	140.220	9,52
1967	8	71	2475	1	8	207	58	1598	137	4280	1684	65	153.569	9,52
1968	13	116	4089	1	8	217	72	2027	196	6333	2053	48	168.188	9,52
1969	13	114	3507	4	27	681	65	1823	206	6011	322	5	184.200	9,52
1970	18	158	4754	5	37	982	68	1883	263	7619	1608	27	201.682*	7,75
1971	19	169	5134	6	45	1189	65	1829	279	8152	533	7	217.312	7,75
1972	21	179	5761	6	46	1319	67	1922	292	9002	850	10	234.154	7,75
1973	21	189	6017	5	44	1234	76	2145	309	9396	394	4	252.300	7,75

Fontes: PMSBC. *A Pré-Escola em São Bernardo*, 1979.

Os dados relativos à população foram por nós acrescentados ao quadro original

* Dados não disponíveis

** Censos Nacionais de 1950, 1960 e 1970 – FIBGE.

Demais dados estimados de acordo com os índices apresentados no Quadro 2 deste trabalho.

Os dados relativos a 1974 (Quadro 6) mostram que a política de fusão não surtiu, de imediato, os efeitos previstos, pelo menos do ponto de vista do atendimento, pois, pela primeira vez, os dados se mostram negativos, apresentando ligeira recomposição nos anos seguintes, vindo a praticamente estagnar no ano de 1978 e voltando a crescer de forma mais significativa em 1979, no terceiro ano daquele período administrativo.

QUADRO 6 - ENSINO MUNICIPAL APÓS FUSÃO-EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR – 1974/1982										
ANO	ESCOLAS	CLASSES	CLASSES ANEXAS	ALUNOS CLASSES ANEXAS	TOTAL GERAL		CRESCIMENTO ANO		POPULAÇÃO TOTAL	índice médio crescimento ao ano
					CLASSES	ALUNOS	ALUNOS	%		
1974	31	271	49	1297	320	9058	- 338	- 3,60	271.854	7,75
1975	33	284	49	1310	333	9563	505	5,60	292.923	7,75
1976	34	319	20	562	339	9884	321	3,35	315.624	7,75
1977	36	350	16	440	366	10682	798	8,10	340.085	7,75
1978	36	354	17	486	371	10814	132	1,23	366.442	7,75
1979	36	404	15	428	419	12849	2035	18,81	394.841	7,75
1980*	46	-	-	-	466	13969	1120	8,71	425.602**	2,64
1981*	45	-	-	-	508	15643	1674	11,98	436.837	2,64
1982*	48	-	-	-	559	17050	1407	8,99	448.370	2,64

Fontes: PMSBC – *A Pré-Escola em São Bernardo* – 1979
 * Banco de Dados- Secretaria do Planejamento e Tecnologia da Informação. Os dados dos anos de 1980, 1981 e 1982 apresentam as unidades escolares aglutinadas (escolas e classes anexas)
 ** Censo Nacional. 1980 - FIBGE

Analisando a fusão dos dois serviços do ponto de vista pedagógico constatamos, através das fontes secundárias e do próprio objeto de estudo, que a metodologia dos Centros de Interesses, baseados em Decroly, e a ênfase nas Datas Comemorativas permanecem como pano de fundo nos Núcleos de Educação Infantil municipais, que deixam de alfabetizar preparando os alunos para a futura etapa da vida escolar, com programas preparatórios de estimulação em diferentes áreas, para os quais havia necessidade de instrumentalizar adequadamente as professoras. Assim, os subsídios pedagógicos que vinham sendo produzidos e o próprio *Recordando e Renovando* constituem-se estratégias privilegiadas, ao lado de cursos ministrados para a configuração do campo pedagógico naquele momento, bem como para normatização das práticas escolares.

Cabe aqui mencionar que, como parte desse processo e vinculada à concepção preparatória/compensatória, a adoção de testes para avaliação dos alunos e de controle das práticas escolares também se fez presente. Em 1978, por exemplo, a equipe técnica da

Secretaria de Educação do Município aplicou em crianças de seis anos o *Teste Metropolitano de Prontidão*⁹⁹, nos meses de maio e novembro/dezembro daquele ano, com o objetivo de verificar o crescimento do nível de prontidão das crianças, que se mostrou bastante favorável, podendo esta também ser entendida como uma estratégia de controle e avaliação do trabalho docente.

Na conformação do modo essencialmente escolar dos novos Núcleos de Educação Infantil, em 1977 foram criadas, como parte do plano de *melhoria das condições de atendimento pré-escolar*, na gestão do então prefeito Tito Costa, as Associações de Pais e Mestres (APM) “como instrumento de integração da família-escola-comunidade na obra comum da educação da criança.”¹⁰⁰

A participação da comunidade na escola teve sua defesa nas proposições escolanovistas, apropriadas pelos planos de governo, com ênfases diferenciadas. Assim é que as APMs na rede municipal de São Bernardo se efetivaram no primeiro semestre de 1978, para “apoio à direção das escolas, contribuição na conservação dos prédios e equipamentos como patrimônio da Comunidade, assistência aos alunos carentes, desenvolvimento de campanhas comunitárias e grande número de atividades, cursos, palestras e outras (...)”, contrariando, até certo ponto, a afirmação anterior. A comunidade é, assim, chamada a assumir juntamente com o poder público os encargos da manutenção e ampliação da rede, numa tentativa de “romper com o paternalismo vigente”.¹⁰¹ Nessa mesma linha de ação é criado o Fundo de Assistência à Educação (FAED), em 1980, como instrumento de manutenção da qualidade do ensino, visando o atendimento dos alunos economicamente carentes, aperfeiçoamento do pessoal técnico administrativo vinculado à Secretaria de Educação Cultura e Esportes.¹⁰²

⁹⁹ *Teste Metropolitano de Prontidão* – Forma R de G.H. Hildreth, e N.L. Griffiths – Adaptação e padronização de Ana Maria Poppovic, cujos resultados estão publicados no *Relatório 1977-81, Educação Municipal*, PMSBC, p. 20-21. A importância da utilização de testes psicológicos e outras medidas afins, no contexto da educação compensatória, são analisadas por M. Helena S.Patto no artigo “Da psicologia do desprivilegiado à psicologia do oprimido.” (*Op cit.* p.209-228)

¹⁰⁰ “Em sua mensagem aos professores e aos pais, datada de 5 de novembro de 1977, o prefeito Tito Costa afirmava não se poder imaginar a vida sem um relacionamento transcendente (*sic*) com a escola. Assim – sentenciava – a escola deve ser uma instituição integradora de professores e pais, todos empenhados na realização do aluno como cidadão atuante no amanhã.” Publicação *Associações de Pais e Mestres*. São Bernardo do Campo: PMSBC, 1978, p.6.

¹⁰¹ PMSBC. *Educação pré-escolar*, 1981, p.25.

¹⁰² Lei nº. 2393, de 17 de março de 1980.

A partir de 1979, as pré-escolas passaram a ser denominadas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), recebendo o nome de um patrono em substituição ao nome do bairro ou vila onde estavam localizadas.¹⁰³

Por outro lado, outras ações relativas ao atendimento da primeira infância transcorreram no município, paralelamente à atuação do Departamento de Educação. Em 1978 é criado o *Programa de Ação Comunitária*, no Departamento de Promoção Social, vinculado à Secretaria de Saúde do município que, entre outras demandas, previa a criação de creches para a população, pois até essa data só existiam no município creches mantidas por instituições assistenciais e clubes de serviços. De acordo com o documento original, o programa de *Ação Comunitária*, “visa o atendimento do carente em seu espaço comunitário, substituindo o atendimento individualizado que vinha prestando em caráter eminentemente assistencialista”¹⁰⁴. (grifo nosso) O programa parte do pressuposto de que “só a soma de esforços de todos os recursos da comunidade, institucionais, voluntários, públicos, privados e da própria população, possam equacionar alguns aspectos do problema da clientela...” Segundo o departamento, o método de *Ação Comunitária*, desenvolvido a partir da mobilização, nucleação de grupos e/ou dinamização de formas associativas existentes, instrumentalizados com informações e de estruturas de projeto e ação organizada, tem “demonstrado com sua aplicação, um meio eficiente de superar o estágio de acomodação e indiferença da população engajando-a no processo de integração à realidade urbana”.

Num intenso quadro de mobilização popular, a administração pública adota a estratégia de formação de *Comissões de Moradores* entendidas como um elemento de ligação com a população. Em 1979 a primeira creche direta é inaugurada por reivindicação dos moradores do Jardim Petroni, através do Clube de Mães local, num período em que ocorria o agravamento da situação econômica e social do país, em especial na região. A creche inaugurada atendeu também os moradores do vizinho Parque São Bernardo, ambas em áreas ocupadas, a partir de 1968, de forma densa e desordenada.

De acordo com o *Cadastro de Favelas*, de 1978, (p.21) havia 34.031 moradores em 47 núcleos de favelas no município naquele ano, representando 9,1% da população total, tendo os núcleos do Jardim Petroni e Parque São Bernardo juntos 4.044 moradores em 841 barracos. (p.07). O estudo aponta que 25,8% da população total favelada correspondia à faixa etária de

¹⁰³ “Com o objetivo de homenagear nomes ilustres, ligados principalmente à educação, às letras, à ciência e às artes e para eliminar problemas existentes em alguns bairros, onde duas ou até três escolas tinham a mesma denominação, a do bairro, foram escolhidos e oficializados patronos para as escolas da rede municipal. A medida teve início em 1979, sendo concluída em 1980”. (PMSBC – *Educação Pré-Escolar*, 1981, p.29.)

¹⁰⁴ Documento *Programa de Ação Comunitária*. Departamento de Promoção Social, Secretaria de Saúde, Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, 1978. (acervo pessoal)

zero a seis anos, portanto, estima-se que, somente nesses núcleos, existissem cerca de 1.033 “pré-escolares”, sendo 608, entre zero e três anos.

Segundo o documento *Projeto Psicopedagógico-Social*¹⁰⁵, existiam cadastradas no local, em 1979, 1201 crianças nessa faixa etária. A creche inaugurada ocupou a antiga sede da Comissão de Moradores, então reformada, numa área construída de 162 m², atendendo 35 crianças. Dez anos depois, foi inaugurada nova creche no local, em prédio próprio, com um atendimento a cem crianças. O itinerário das creches, contido no documento, mostra uma situação similar: adaptadas a antigas moradias, com pessoal fixo insuficiente e em parte voluntário, com precariedade material. Com o objetivo de dar “*assistência social plena à criança privada de cuidados maternos e à prevenção do abandono. (...)*”, buscava-se selecionar, entre voluntários e funcionários deslocados de outros setores, mulheres com experiência, como mães e donas de casa. À dotação orçamentária destinada às creches foram somados recursos advindos de convênio com a LBA (Legião Brasileira de Assistência)¹⁰⁶, para a aquisição de material didático e uniformes, mantidos até setembro de 1990, (p.24) e de contribuições voluntárias e simbólicas por parte das mães (p.98). No período que antecede o início da publicação de nosso objeto de estudo o atendimento nas Creches municipais eleva-se de 35 para cerca de 460 vagas em 1982, com um crescimento de 13 vezes em relação à capacidade inicial.

Na década de 80 intensificaram-se as reivindicações por melhor educação no clima de abertura democrática e anistia política. Intensos debates ocorrem e são publicados inúmeros trabalhos em livros, revistas e periódicos especializados, sobre a necessária democratização do ensino, sobre a problemática da evasão e a repetência escolar nas primeiras séries do ensino de primeiro grau, provocando ações governamentais que defendiam como solução a ampliação da pré-escola, ocasionando a divisão de responsabilidades entre o poder estadual, municipal no atendimento à educação infantil, cabendo aos municípios assumirem a educação infantil dentre outras modalidades de atendimento na área da educação.

¹⁰⁵ PMSBC, Projeto Psico Pedagógico-Social, Secretaria da Saúde e Promoção Social, 1990, p. 102.

¹⁰⁶ De acordo com Rosemberg a LBA, criada em 1942, associada ao esforço de guerra, “considerada como a criadora e criatura do serviço social no Brasil”, propõe-se a executar o programa de educação pré-escolar de massa – o Projeto Casulo, implantado em 1976, “objetivando o atendimento ao maior número de crianças, com reduzido custo operacional”, que resultou em sérias contradições. Cf. Rosemberg, 2006, p. 151.

QUADRO 7 - ATENDIMENTO POR COMPETÊNCIA ADMINISTRATIVA-4 a 6 anos (1965-2005)							
ANO	MUNICIPAL		ESTADUAL		PARTICULAR		TOTAL
	Alunos	%	Alunos	%	Alunos	%	
1965	2201	81,80	315	11,70	175	6,50	2691
1970	7275	87,88	689	8,32	315	3,80	8279
1975	9304	88,65	493	4,70	699	6,65	10496
1980	13969	83,75	287	1,72	2424	14,53	16680
1985	19956	88,76	201	0,90	2325	10,34	22482
1990	21902	88,75	86(até19 91)	0,35	2690	10,90	24678
1995	22525	91,13	-	-	2192	8,87	24717
2000	21800	91,62	-	-	1994	8,38	23794
2005	26194	90,31	-	-	2811	9,69	29005

Fonte: Banco de Dados – Secretaria do Planejamento e Tecnologia da Informação- Relatórios 1965 a 2006
Dados anteriores não localizados

Dessa forma, como mostra o Quadro 7, no caso de São Bernardo, o Estado reduz gradativamente a já pequena parcela de atendimento, deixando de atender por completo essa faixa etária em 1991. Por outro lado, a rede particular amplia sua participação, porém não ultrapassando a cifra de 14,53%, a maior atingida, em 1980.

Na tentativa de atender à demanda crescente, a administração opta, a partir de 1981, por construções mais simples e menos onerosas do que as anteriores, através de projeto executado pela Secretaria de Obras da própria prefeitura, através da Seção de Projetos e Edificações. Nesse ano foram atendidas 15.645 crianças de 4 a 6 anos, sendo desativadas as classes anexas às escolas de 1º grau. As creches comunitárias, por seu turno, ampliam o atendimento para oito unidades com aproximadamente 320 crianças. Enquanto as creches ocupavam espaços sempre adaptados, as EMEIs dispunham de amplos terrenos com construções funcionais e projetos paisagísticos integrados, cuja descrição desce aos detalhes das cores das flores a enfeitar os jardins¹⁰⁷.

Como descreve a arquiteta Vera Lúcia Marcondes Duarte, encarregada do projeto padrão de 1981:

“As sala de aula estão distribuídas ao redor de uma sala plurifuncional central (auditório, sala de aula, recreio, refeitório) e constituem-se em unidades independentes. Este pátio interno não possui janelas no sentido convencional, mas procurou-se dar às crianças conforto ambiental e ventilação através de faixas translúcidas de fiberg-lass ao longo de sua cobertura.

¹⁰⁷ *Educação Municipal*, São Bernardo do Campo, Relatório 1977-81, p. 20-21.

A administração e infraestrutura (sic) de serviços foram colocadas na frente do edifício de forma a não interferir com espaços utilizados pelas crianças e permitir seu fácil abastecimento.

A estrutura de concreto armado é quase inexistente, tendo-se trabalhado com lajes pré-moldadas e estrutura metálica, reduzindo-se o custo e prazo de obra.

A escola se abre para as zonas de estar externas, rodeadas de jardineiras e bancos de concreto. Foram projetadas destas zonas tanto quanto possíveis, que, acrescidas de horta, playground, tanques de areia e quadra, possibilitam inúmeras atividades ao ar livre e independentes, se necessário.

Todo o paisagismo se compõe basicamente de árvores que florescem em épocas distintas no ano e plantas que se espalham, preenchendo vãos. São as rasteiras de flores pequenas e coloridas em vários tons de branco, roxo, amarelo, vermelho e laranja, que florescem praticamente o ano todo.

O resultado é uma escola florida, alegre e funcional.”

Flores e jardins se constituem em tema recorrente tanto em unidades de trabalho (“*As abelhas estão zumbindo nos jardins de Pedrinho...*”) quanto em capas e ilustrações dos subsídios pedagógicos produzidos ou na denominação das escolas das professoras *jardineiras...* A alegoria do campo e dos jardins vem a caracterizar também o primeiro período do ciclo de vida da publicação *Recordando e Renovando*, a partir de 1982.

Em 1979 e 1981 são publicadas, respectivamente, as revistas *A Pré-escola em São Bernardo* e *Educação Pré-Escolar* com o objetivo de divulgar o trabalho desenvolvido na rede pré-escolar, também para um público mais amplo, nas quais é possível encontrar uma breve sistematização dos principais dados históricos relativos à rede, do ponto de vista oficial, bem como sobre o projeto pedagógico em desenvolvimento a ser abordado no segundo capítulo deste trabalho.

Na seqüência, tem início a publicação do subsídio *Recordando e Renovando*, produzido de forma artesanal, entre os anos de 1982 a 1995, numa periodicidade variável, com o objetivo de reunir diferentes subsídios publicados na década anterior agregando novas contribuições a cada exemplar, se constituindo em material de presença constante nas escolas para discussão nas reuniões pedagógicas. Após três anos de produção interrompida, no ano de 1998 foi publicado um único e último exemplar, dessa vez impresso, em formato de revista, a cores, com muitas fotos e ilustrações e com destaque para os projetos da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e seus proponentes, com um caráter de divulgação. Um formato, portanto, bastante diferenciado dos anteriores em sua materialidade. O curioso é que o desejo de uma publicação impressa em gráfica, de forma aprimorada, há muito esperada pelos professores, que não puderam contar com recursos financeiros para tanto ao longo dos anos, assim que se concretiza, é encerrada.

Apesar da diversificação de publicações por parte da Secretaria de Educação, tanto em forma quanto em conteúdo, foi o *Recordando e Renovando* o único a marcar presença nas

escolas de forma constante e com identidade própria, apesar de diferentes orientações decorrentes das mudanças político-pedagógicas ocorridas nos vários períodos administrativos que se sucederam ou por parte da equipe responsável pela coordenação.

Mas, afinal, quais são as características da publicação inscritas em sua materialidade? As mudanças de períodos administrativos foram determinantes nas mudanças ou permanências observadas? Quais dispositivos materiais permitem demarcar diferentes períodos de seu ciclo de vida? O que esses dispositivos nos têm a dizer quanto à conformação e produção de sentidos das práticas pedagógicas de seus leitores? No capítulo seguinte procuramos enfrentar essas questões, iniciando com a busca de um caminho para compreender o ciclo de vida do impresso e propor sua periodização.

CAPÍTULO 2

A PUBLICAÇÃO E SEU CICLO DE VIDA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS – Configurando campos do saber pedagógico

1- Periodizando o objeto de estudo

O subsídio teórico-metodológico *Recordando e renovando* teve ao longo de seu ciclo de vida, de 1982 a 1998, sessenta e dois exemplares publicados de forma artesanal (mimeógrafo a tinta e posteriormente reprografia), sendo que apenas um, o correspondente ao mês de março de 1982, não foi localizado quando da recuperação das publicações, organização e incorporação ao acervo da biblioteca do Departamento de Educação, nos anos de 1989/90. Em 1998, um único exemplar foi publicado em forma de revista, totalizando 63 exemplares.

Porém, para análise dos dados qualitativos (relativos aos temas das matérias publicadas, bibliografia, tipos de texto, tratamento dos autores indicados, contribuição das professoras) trabalhamos com o universo de sessenta e dois exemplares principais (incluindo-se aqui o único exemplar publicado em forma de revista no ano de 1998). Para apuração dos dados quantitativos (como, por exemplo, a análise do número médio de páginas publicadas por exemplar) consideramos o universo de 63 exemplares, atribuindo ao exemplar não localizado a média de páginas publicadas naquele ano, para evitar distorções em relação à série como um todo.

Destacamos que um dos exemplares (correspondente aos meses de novembro e dezembro de 1987) foi publicado com a denominação *Suplemento*. Coincidentemente, foi o último exemplar publicado naquele ano, antes da interrupção da publicação durante todo o ano de 1988. Consideramos a hipótese de tratar-se de um equívoco na elaboração da capa, pois o mesmo contém as mesmas características dos exemplares principais antecedentes, ou seja, os mesmos dispositivos editoriais e tipográficos, tais como capa, índice, seções, número de páginas, ilustrações e tratamento das matérias, diferenciando-se do padrão de apresentação dos suplementos que, com certa frequência, complementava a publicação principal.

Os suplementos, em número de um ou dois por edição (nem todas as edições comportaram suplementos), trazem temas específicos ou atividades complementares de uma determinada área de conhecimento abordada na publicação principal. Foram localizados e incorporados ao acervo 23 suplementos, excetuando-se dois exemplares não localizados

(suplementos n.ºs 1/83 e 2/83) e acrescentando-se um que foi publicado com a denominação *subsídio* (abril/91). Este, por conter tema abordado na publicação principal, com características editoriais semelhantes à maioria dos demais suplementos (tema único, ausência de índice e seções, número reduzido de páginas) foi considerado como tal para fins de análise neste trabalho.

Na tentativa de estabelecer uma metodologia de análise das publicações, a partir de sua materialidade, iniciamos com a elaboração de uma ficha de coleta de dados individual para cada exemplar publicado, contendo os dados que consideramos ser importantes num primeiro momento, presentes nos exemplares publicados: ano, mês, número, formato, número de páginas, sumário, seções, apresentação, capas, cores, créditos (identificação dos organizadores e/ou colaboradores), número de fotos e/ou desenhos e suplementos.

À medida que iniciamos a coleta de dados foram acrescentados outros, relativos aos conteúdos veiculados, indicações de leitura e a presença das escolas no envio de sugestões. Pequenos detalhes foram surgindo, como recados, pequenas mensagens, certos tipos de ilustrações, nomes ou apenas iniciais de nomes em determinadas páginas. Estes detalhes também foram anotados na ficha individual, para uma análise futura, embora de imediato não pudessem ser agrupados em nenhum dos tópicos selecionados. Que sentido teriam as iniciais de um nome no canto inferior esquerdo de determinadas páginas da publicação? Seriam os pequenos recados reveladores de objetivos importantes, de formas de trabalho ou de controle na relação entre o Departamento de Educação e os professores? Tipos de adereços ou ilustrações recorrentes seriam indicadores importantes para a análise da representação de criança, de professor, de processo pedagógico?

Ao final dessa primeira etapa, os dados coletados foram sistematizados e reunidos num primeiro quadro envolvendo os seguintes dispositivos: número de exemplares publicados ano a ano, formatação, cores, elementos das capas (diagramação, ilustrações, elementos textuais, autoria), existência de sumário ou índice, número de seções, de páginas, de matérias publicadas, de fotos, de desenhos/ilustrações, de suplementos ou anexos e identificação dos organizadores. Esse quadro inicial deu suporte à elaboração das fichas de registro de dados de cada exemplar publicado, apresentadas no anexo deste trabalho, permitindo também visualizar mudanças e permanências na apresentação material da publicação, detectando diferenças iniciais que sugeriam a hipótese de existência de pelo menos três períodos distintos, porém ainda insuficientes para confirmá-los.

A primeira hipótese para estabelecer a periodização da publicação pareceu ser a de que os períodos administrativos demarcariam as mudanças na forma e conteúdo da publicação,

imprimindo suas marcas nas propostas pedagógicas e, portanto, na produção e transmissão dos saberes pedagógicos aos professores. Nesse caso, teríamos quatro períodos correspondentes às gestões 1977/82, 1983/88, 1989/92, 1993/96 e 1997/2000.

Para confirmar ou não essa premissa, procuramos, inicialmente, identificar no conjunto das capas dos impressos, como primeiro dispositivo material, marcas diferenciadoras que permitissem confirmar a hipótese anterior. De imediato verificou-se que as mudanças nos elementos gráficos das capas não correspondem aos períodos administrativos. As capas correspondentes aos exemplares publicados em 1983, por exemplo, seguem o mesmo padrão das capas dos exemplares do ano de 1982, último ano da gestão 1977/82. As capas dos dois últimos exemplares de 1987 possuem as mesmas características das de 1989, início de novo período administrativo.

A seguir procuramos identificar os responsáveis pela publicação, detectando que nos anos de 1982 a 1987 a publicação foi produzida pela mesma equipe, sob a mesma coordenação que já vinha produzindo os subsídios anteriores, de forma estável. De 1989 a 1992, parte da equipe se manteve, com nova coordenação, sendo incorporados novos elementos, inicialmente através do projeto de monitoria e ao final da gestão através de concurso público específico no qual foram aprovados vários integrantes do referido projeto. No período 1993 a 1996 a equipe se mantém, mas com nova coordenação. Dessa forma, a mudança de coordenação pareceu se constituir em um indicativo importante a ser considerado na definição dos períodos.

Na continuidade, passamos a analisar o número de exemplares publicados ano a ano, bem como o número de páginas, ou seja, procurando caracterizar *o ritmo da produção*¹⁰⁸, que poderia trazer indícios sobre as trocas de coordenação e também da dinâmica interna da publicação.

Os dados sistematizados permitiram quantificar a produção, de 1982 a 1998, em relação às publicações principais e aos respectivos suplementos (Quadro 8).

Em relação ao ritmo da publicação, a média geral foi de 4,42 exemplares por ano, considerando-se o período de quatorze anos de circulação (excluímos neste cálculo os anos de 1988, 1996 e 1997, nos quais nenhum exemplar circulou), porém com uma variação significativa de ano a ano, não seguindo um padrão regular, variando de oito exemplares no primeiro ano a somente dois nos anos de 1987 e 1993 e apenas um em 1998.

¹⁰⁸ Quanto ao emprego da expressão, ver: TOLEDO, M. Rita de Almeida. (2001) *Op. cit.*, capítulo 2, p. 72.

Quadro 8 – Total de publicações e páginas por ano / Média de páginas – Por Exemplar

ANO	Exem- plares	Páginas	Suple- mentos	Páginas	Total de Páginas/ano	Média Pág/exemplar
1982*	8	469	-	-	469	58.62
1983	7	286	4	12	298	41.71
1984	6	181	5	23	204	34.00
1985	3	87	2	11	98	49.00
1986	6	173	5	43	216	36.00
1987	2	77	2	16	93	46.50
1988	-	-	-	-	-	-
1989	6	218	3	26	244	40.66
1990	3	80	-	-	80	26.66
1991	6	196	3	58	254	42.33
1992	3	136	1	10	146	48.66
1993	2	78	-	-	78	39.00
1994	6	320	-	-	320	53.33
1995	4	248	-	-	248	62.00
1996	-	-	-	-	-	-
1997	-	-	-	-	-	-
1998	1	83	-	-	83	83.00
Total	63	2632	23	253	2825	45.79
	4.42**					

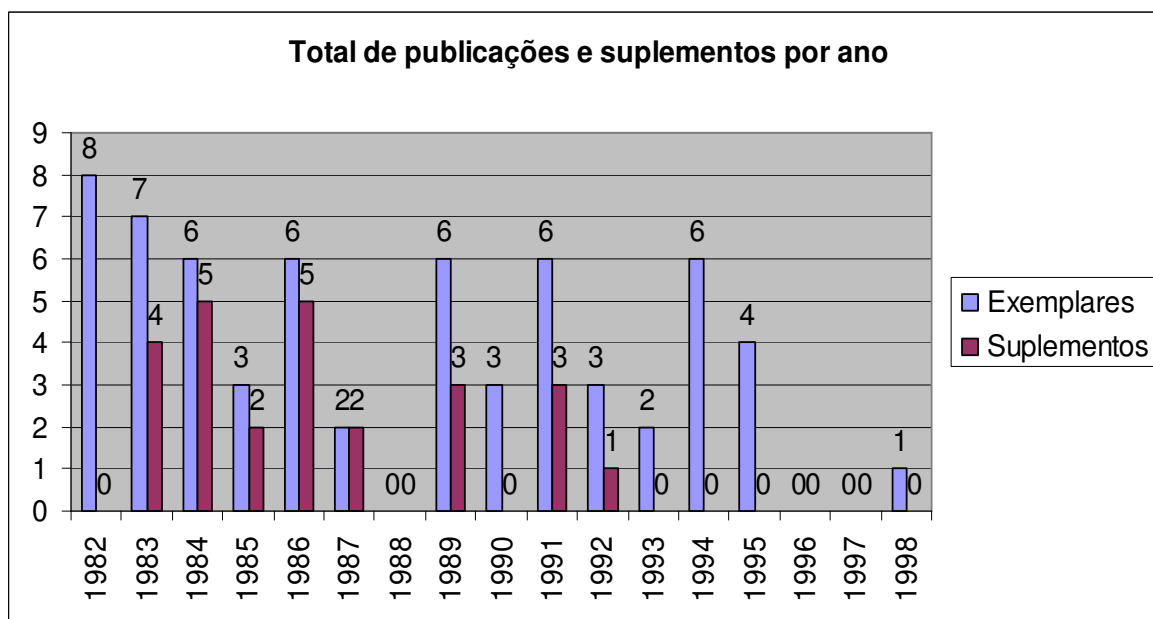
*No ano de 1982 consideramos oito exemplares publicados, sendo acrescido o número médio de páginas publicadas naquele ano, correspondente ao exemplar não localizado.

**Média de publicações por ano, excluindo-se os anos de publicação suspensa.

O ritmo da produção, apresentada dessa forma, permitiu a definição de uma periodização inicial marcada por duas interrupções significativas que, aliadas às mudanças de períodos administrativos, se constituíram em indícios de fechamento de determinados ciclos.

O gráfico 1 permitiu visualizar, parcialmente, os grandes períodos que compõem o ciclo de vida da publicação, porém ainda não considerados como definitivos.

GRÁFICO 1



O primeiro grande período, compreendido entre os anos de 1982 e 1987, apresenta um declínio da produção até 1985, uma tentativa de recuperação em 1986 e novamente um decréscimo em 1987, antes da interrupção da publicação. Poderíamos considerar o período de decréscimo da produção, em 1985, como uma marca divisória de um novo período, porém, essa hipótese não se confirmou após análise das demais características materiais do impresso (capas, seções, tipo de matérias, indicações, equipe responsável, etc.).

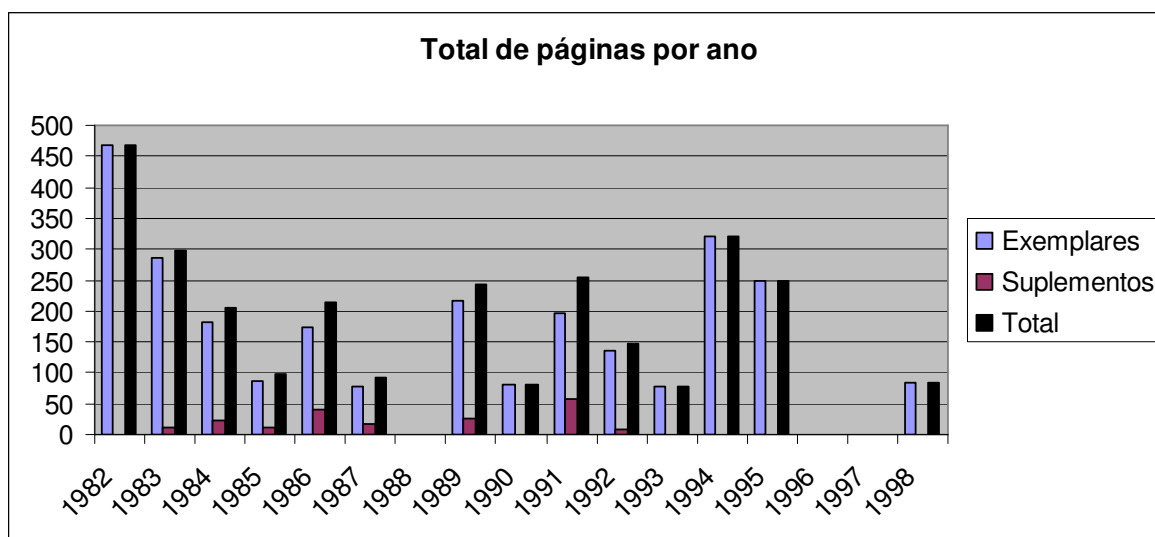
A publicação dos suplementos apresenta uma trajetória inversa a princípio, acompanhando o ritmo da publicação principal a partir de 1984. Os suplementos continuam a acompanhar o ritmo de publicação dos exemplares até 1992, quando deixam de existir. A ausência de suplementos e o acentuado declínio da produção, em 1993, surgem como indicadores do início de um possível terceiro período. Se a definição de dois períodos entre 1989 e 1995 pode ser apenas sugerida, pode-se visualizar com clareza o período correspondente ao fim do impresso, em 1998, quando foi publicado somente um exemplar, em forma de revista, após três anos de interrupção.

O número de páginas publicadas a cada ano também mostra uma grande instabilidade na produção, acompanhando, com algumas variações, o ritmo das publicações. (Gráfico 2)

É possível verificar que nos anos iniciais a redução no número de páginas é mais acentuada do que no número de exemplares, ou seja, são publicados menos exemplares, mas com menor número de páginas em cada um. A recuperação em 1985 é simultânea e na mesma proporção. Em 1987, outra queda é observada, antes da interrupção no ano de 1988. Entre

1989 e 1992 há uma alternância na quantidade de páginas publicadas para decrescer em 1993. O súbito aumento de produção em 1994 poderia indicar o início de um novo período, porém as demais características do impresso indicaram, posteriormente, tratar-se de uma continuidade do ano de 1993.

GRÁFICO 2



Considerando-se o ritmo da produção, mês a mês, pode-se observar que há, também, uma interrupção significativa, não visualizada na tabela e nos gráficos apresentados, de nove meses consecutivos no ano de 1993, pois somente em outubro o impresso voltou a circular, isso é visível no Quadro 9, elaborado com o objetivo de verificar a incidência das publicações em relação aos meses do ano. Essa interrupção sugere uma quebra na produção, não verificada entre 1989 e 1992.

Quadro 9 - Distribuição da Publicação – Relação Ano/Mês (1982-1998)													
MÊS ANO	jan.	fev.	mar	abr.	mai	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.	total ano
1982		X	X	X	X		X	X	X		X		08
1983		X	X	X	X			X	X		X		07
1984		X		X		X		X	X		X		06
1985				X				X			X		03
1986		X		X		X	X			X	X		06
1987				X							X		02
1988	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	00
1989			X		X		X	X	X		X		06
1990			X					X	X				03
1991				X		X		X	X	X	X		06
1992				X					X		X		03
1993	/	/	/	/	/	/	/	/	/	X		X	02
1994			X		X			X	X	X	X		06
1995			X		X		X		X				04
1996													00
1997													00
1998												X	01
TOTAL	-	04	06	08	05	03	04	08	09	04	10	02	63

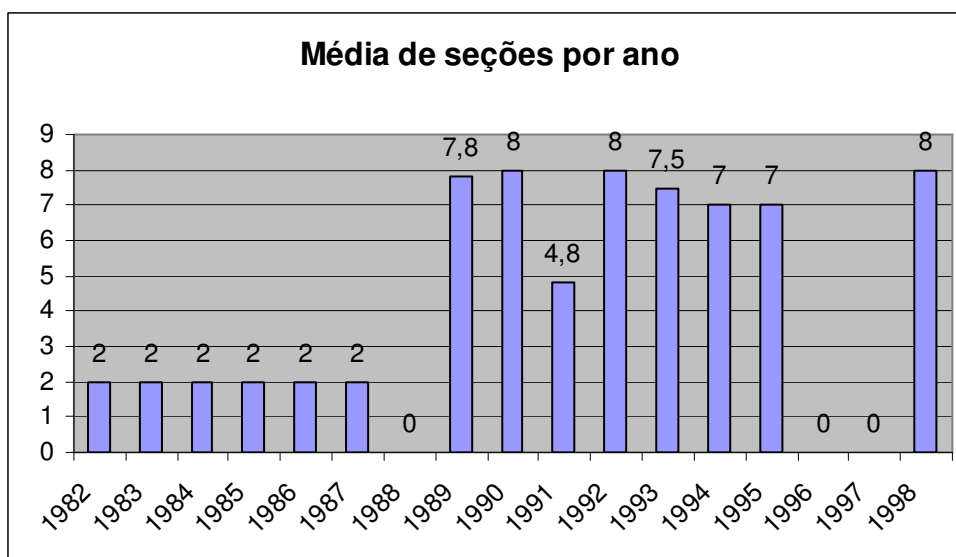
Quanto à incidência da publicação nos diferentes meses do ano, observa-se que nenhum exemplar foi publicado nos meses de janeiro, ao longo do ciclo de vida da publicação, tendo em vista ser o período regular de férias escolares. No mês de dezembro, em 1993 houve uma publicação, aliás, ano em que somente dois exemplares foram publicados, após nove meses de interrupção. Outra publicação ocorre em dezembro de 1998, dessa vez em forma de revista. Por outro lado, as publicações nos meses de abril, agosto e novembro foram mais constantes. Em agosto, pelo reinício das aulas, e no último, muito provavelmente pela proximidade das festas natalinas e de encerramento do ano letivo, que exigiam dos professores sugestões de atividades diferenciadas a cada ano.

Entre os anos de 1982 e 1987 observa-se um equilíbrio nas publicações nos dois semestres, com exatos 16 exemplares em cada um. Entre os anos de 1989 e 1992 há uma concentração maior da produção no segundo semestre, com doze exemplares publicados, contra seis no primeiro. O mesmo ocorre entre 1993 e 1995, com oito e quatro exemplares respectivamente.

O ritmo da produção permitiu, portanto, visualizar três grandes períodos demarcados pelas interrupções da publicação e coincidindo com mudanças na coordenação da equipe

produtora. Dois dos períodos coincidem com mudanças administrativas. Entre 1982 e 1983 a mudança administrativa não interrompeu o ritmo da publicação, pois a mesma permaneceu sob a mesma coordenação.

GRÁFICO 3



Analisando as seções, dentre os dispositivos materiais, confirma-se a homogeneidade do período 1982-1987, com a existência de somente duas seções por exemplar: *Recordando e renovando*, com o mesmo objetivo de 1982 a 1987, o que vem reforçar a definição do primeiro período, observada até então.

O mesmo dispositivo analisado pela média anual permitiu verificar que, de 1989 a 1992, a variação no número de seções foi de 4 a 10 por exemplar, com uma queda acentuada em seu número no ano de 1991 com somente 4,8 seções por exemplar. Em 1992 a média de seções fica entre 8 reduzindo-se para 7,5 seções por exemplar em 1993, sendo que a partir de 1994 estabiliza-se em número de sete.

A quantificação do número de seções em si pouco contribuiu para a definição final da periodização, levando-nos a concluir que as temáticas das mesmas poderiam oferecer indícios mais consistentes para tal fim.

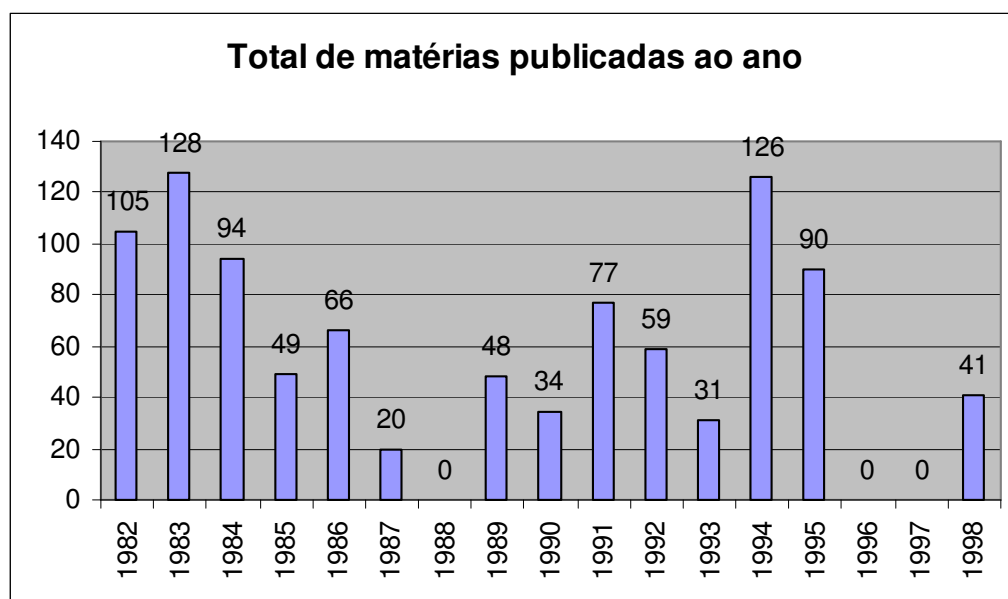
Se de 1982 a 1987 somente duas temáticas marcam o período de forma homogênea: a *Recordando* e a *Renovando*, nos anos de 1989 e 1990 os títulos das seções confundem-se, muitas vezes, com as próprias matérias publicadas, sendo que, gradativamente, as seções passam a ser mais claramente identificadas (1991), ou seja, sob uma mesma denominação passam a ser reunidas várias matérias. A presença de seções tais como *Relatos de*

Experiências, na qual os professores relatam os processos desenvolvidos em sala de aula na abordagem de conteúdos ou temáticas específicas; *Textos para reflexão*; *Entrevistas*; *Carta do leitor* ou *Com a Palavra* indicam uma mudança de foco, que até então estava nos modelos de atividades e recursos didáticos, com ênfase em textos teóricos. As temáticas das seções alternam-se nesse período (1989/92), como demonstramos adiante.

Em 1993 as seções passam a ser apresentadas de forma mais estável, mantendo temas já presentes anteriormente (*Textos para reflexão*, *Relatos de experiências*, *Com a palavra*, *Trabalhando temáticas*). Nesse mesmo ano é introduzida uma nova seção denominada *Coordenação geral*, na qual são indicados os responsáveis pela produção em todos os exemplares, se constituindo em um diferenciador importante em relação ao período anterior, pois a partir de então, de forma clara e constante, são indicados os nomes dos produtores da publicação. Em setembro de 1994 um conjunto de seções passa a se configurar de forma fixa, nos sete últimos exemplares publicados: *Krisis*, *Caminhando*, *Espaço do(a) Educador(a)*, *Fique por Dentro*, *Dito e Feito*, *Sugestões e Expediente* (esta em substituição à *Coordenação geral*).

Em relação ao número de matérias publicadas observa-se uma oscilação acentuada em todos os períodos. No período inicial, de 1982 a 1987, 454 matérias foram publicadas (com uma média de 75 ao ano); de 1989 a 1992 há um decréscimo na produção (218 matérias, com uma média de 54 ao ano); em 1993 somente 31 matérias são publicadas em dois únicos exemplares, sendo que entre 1994 e 1995 o número cresce de forma acentuada, havendo nesse período a publicação de 216 matérias (em média 108 ao ano) e, finalmente, 41 matérias foram publicadas no único exemplar do *Recordando e Renovando em Revista* em 1998.

GRÁFICO 4



A interlocução entre os diferentes dispositivos materiais aqui apresentados possibilitou confirmar um grande período inicial, correspondente aos anos de 1982 a 1987, abrangendo o último ano da gestão 1976-82 e os cinco primeiros anos da gestão subsequente. Embora com um ritmo de publicação variável, os demais dispositivos analisados permitiram identificar a existência de um ciclo de vida inicial bem definido, principalmente na manutenção de duas seções permanentes com constância temática e de conteúdos.

Os dados levantados posteriormente, quanto às temáticas das seções, permitiram confirmar a homogeneidade em sua apresentação nas matérias publicadas, constituindo-se, na grande maioria, de sugestões de *modelos de recursos* e de *atividades didáticas*, com reduzido número de textos teóricos. Assim, um modelo de proposta pedagógica focada nas atividades práticas norteou um projeto de publicações visando garantir a transmissão e conformação dos saberes autorizados de forma homogênea, ao longo dos seis anos iniciais, num processo de continuidade em relação à década anterior, quando os primeiros subsídios pedagógicos foram produzidos. A simples visualização do quadro inicial sugere um período de aparente harmonia, sem turbulências, que efetivamente o delimita.

Essas características desaparecem a partir de 1989, embora o *recordar* e o *renovar* estejam presentes na apresentação de muitas das matérias publicadas, porém, com uma configuração diferenciada. A apresentação de conteúdos referentes às publicações anteriores passa a ser inserida em temáticas específicas, não mais separadamente em uma seção.

A partir de 1989, ano de mudança na gestão municipal, há uma variação bastante acentuada em relação ao número de seções (indefinidas em vários exemplares), tipo e temas das capas, mudanças no padrão das ilustrações, inserção de fotografias, utilização do espaço para divulgação de eventos, cursos, oficinas, relatos de experiências. A quantidade de variações nos diferentes dispositivos parece indicar também um período de muita movimentação em relação ao fazer pedagógico, podendo, portanto, ter provocado certa turbulência em uma rede de ensino que parecia bastante adequada ao modelo pedagógico anterior. Como veremos adiante, algo ocorria na aparente ordem. O recuo nas publicações em 1988 e a turbulência que se segue devem ser considerados na luta por configuração do campo pedagógico, bem como as marcas desenhadas na passagem dos demais períodos. Outras mudanças gráficas e textuais também podem representar indícios desse campo de lutas e representações.

Pode-se concluir que as mudanças na materialidade do impresso analisado coincidem, em parte, com mudanças de períodos administrativos. Permanências e mudanças nos dispositivos materiais parecem estar mais ligadas à configuração das equipes e mudança de coordenação, que, em determinados momentos, procura imprimir um novo perfil, uma nova marca na publicação, isso fica evidente nas mudanças e permanências, lutas por campos de saber, dentro de cada período. Dessa forma, continuidades, descontinuidades, rupturas e retomadas, se fazem presentes nas marcas do objeto.

Observa-se que o impresso produzido de forma artesanal encontrava-se sob responsabilidade somente do Departamento de Educação, através da Seção de Orientação Técnico-Pedagógica, até 1995, ano do fechamento de seu ciclo de vida. A publicação do *Recordando e Renovando em Revista*, por outro lado, torna-se uma grande vitrine da então Secretaria de Educação e Cultura, enquanto projeto da Secretaria, de ordem mais geral, sendo considerado neste trabalho, não como um período específico, mas tão somente como uma tentativa de retomada da publicação.

Assim, concluímos o exercício de periodização aqui apresentado, definindo três períodos principais no ciclo de vida de nosso objeto de pesquisa.

QUADRO 10- PERIODIZAÇÃO PROPOSTA – 1982-1995/1998			
PERÍODO	ANOS	CARACTERÍSTICAS	Nº. de Exemplares
PRIMEIRO	1982-1987	Modelos de recursos didáticos/ estabilidade em forma e conteúdo	32
SEGUNDO	1989-1992	Relatos de experiências/ discussões teóricas/ turbulência material	18
TERCEIRO	1993-1995	Busca de nova identidade/ <i>Krisis</i>	12
	1998	Tentativa de retomada da publicação	01
			63

Dessa forma, na busca de sentido do objeto de estudo em relação às estratégias de produção e transmissão dos saberes pedagógicos aos professores, optamos por iniciar a análise das publicações a partir da periodização aqui proposta, considerando-se as relações estabelecidas entre os três pólos propostos por Chartier: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera, conforme exposto na introdução deste trabalho. Assim, a cada período, procuraremos analisar os dispositivos materiais presentes, a produção textual e a prática dos leitores, através das contribuições, enquanto co-autores da publicação.

2.1. Primeiro período - 1982 a 1987: constância nas formas e conteúdos

(ou Navegando em águas calmas: o controle e a reprodução dos saberes pedagógicos)

No ano de 1982, dado o acelerado crescimento da rede, como estratégia de ligação com o corpo docente para seu constante aprimoramento técnico, o Departamento de Educação propõe uma nova denominação e dinâmica para os subsídios pedagógicos que vinham sendo publicados desde a década anterior.

O “*Recordando e Renovando*” nasce com o “objetivo de auxiliar a orientação pedagógica dos professores da rede pré-escolar”¹⁰⁹ trazendo duas seções distintas: na primeira “pretendia relembrar, trazer novamente à memória das pessoas atividades e brincadeiras passadas”¹¹⁰ e sugestões de atividades publicadas nos antigos subsídios, na segunda propunha novas histórias, brincadeiras, jogos e atividades em geral, com sugestões de recursos diversos para serem incorporados ao acervo do Serviço de Recursos Didáticos, ou seja *recordar para renovar*.

¹⁰⁹ PMSBC, 1992, p.21

¹¹⁰ *Recordando e renovando* n.º. 03/95, p.2

O *recordar* (relembrar, trazer de novo à memória) nos remete, indiretamente, à metodologia de ensino *intuitiva*, também conhecida como *lições de coisas*¹¹¹, que se constituiu na “pedra de toque na organização do sistema de ensino paulista no início da república”. Como afirma Marta Carvalho,

“ver para reproduzir os procedimentos vistos e dar a ver sua prática como modelo de outras era o que se propunha aos futuros mestres. É que a pedagogia dos ‘processos intuitivos’ era uma arte da minúcia, da dosagem, da gradação, que se queria fundada na observação de cada aluno, na experiência de cada situação, na concatenação minuciosa dos conteúdos de ensino pacientemente isolados e colecionados no cultivo de cada faculdade das crianças numa ordenação que se pretendia fundada na natureza.”¹¹²

A pedagogia era, assim, considerada *a arte de ensinar* como *saber fazer*, que se tornava dependente da capacidade de observar para imitar, modelando, dessa forma, a relação ensino-aprendizagem. “Do que decorria (...) uma política de formação docente centrada na produção de condições materiais que favorecessem a observação e a *imitação inventiva* de modelos”.¹¹³

Da mesma forma, o *renovar* nos remete à principal exigência de um movimento, preconizado pela Escola Nova, que propunha “rever velhos conceitos e construir uma pedagogia moderna”¹¹⁴. Como analisa Toledo, nesse movimento o impresso se constituiu em dispositivo estratégico de “regramento das práticas escolares, das leituras e dos discursos”. Para os renovadores também se constituiu um “dispositivo para a hegemonização de determinadas práticas no aparelho escolar e exclusão de outras” e, com elas, a efetivação de “projetos políticos específicos que se encontravam em disputa”.¹¹⁵

Guardadas as devidas proporções, por se tratar de períodos históricos diferenciados, com suportes teóricos e conceituais distintos, consideramos que a analogia, aqui apresentada, possa ser aplicada em relação à estratégia utilizada pelos organizadores na produção da publicação, pois o referencial teórico que dá suporte ao projeto pedagógico desenvolvido no período não nos permite afirmar que a concepção pedagógica do mesmo possa ser vista como herdeira da

¹¹¹ A partir da análise de manuais elaborados para orientar e implementar a prática de professores no final do século XIX, Valdemarin analisa o ensino intuitivo como sendo uma elaboração a partir de um referencial teórico que ia além das formulações de Pestalozzi e Froebel, com apoio no empirismo de Bacon, Locke e Hume (século XVII e XVIII), cujo princípio definidor é que as idéias têm origem nos sentidos humanos, mediadores entre o sujeito que conhece e o objeto exterior a ser conhecido. Como afirma Chauí, citada pela autora, a visão é dentre os sentidos o que “imprime mais fortemente na imaginação e na memória as coisas percebidas, permitindo evocá-las com maior fidelidade e facilidade.” VALDEMARIN, Vera Teresa. *Estudando as lições de coisas*. Campinas: FAPESP/Autores Associados, 2004, p.26

¹¹² CARVALHO, Marta. *A escola e a república*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989, p.32.

¹¹³ CARVALHO, 2001, *Op. cit.*, p.156 [grifo nosso]

¹¹⁴ *Ibidem* p. 161.

¹¹⁵ TOLEDO, 2001, p.174-175.

pedagogia intuitiva ou escolanovista, muito embora certas permanências possam ser constatadas por tempo indefinido nas múltiplas apropriações e deslocamentos operados ao longo do tempo. Embora Froebel, Decroly, Montessori estejam presentes nas publicações, encontram-se apropriados e deslocados das noções da psicologia com as quais produziram suas obras. É preciso considerar, porém, que a formação dos professores na década 60, quando os primeiros subsídios, anteriores ao *RR*, foram publicados, e na anterior, quando foram formadas as responsáveis pela implantação das primeiras unidades de ensino municipal, era fundamentada principalmente, se não exclusivamente, no referencial escolanovista.

Nessa simultaneidade de heranças subjacentes, apropriadas e transformadas ao longo da história, nasce o *RR*, como passou a ser conhecido na rede municipal, constituindo-se em importante manifestação da cultura escolar no período.

A equipe responsável pela publicação do *Recordando e Renovando* manteve-se estável ao longo dos seis primeiros anos que compreenderam o final da gestão administrativa em curso (1977/1982) e a seguinte, de 1983 a 1988. Vários membros da equipe permaneceram ainda nas gestões subseqüentes, apesar da ascensão do grupo de oposição à administração local. A equipe de orientação técnico-pedagógica era composta, no início da década de 80, por sete orientadoras pedagógicas, duas assistentes sociais, três psicólogas, duas coordenadoras técnicas. Em 1985 havia oito orientadoras, uma assistente social e apenas duas psicólogas e uma coordenadora técnica.¹¹⁶

Em 1981, a publicação *Educação Pré-Escolar* traz o “Plano do Sistema de Educação Pré-Escolar da Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo”, que é republicado pela Secretaria de Educação em 1985, no documento *Educação em São Bernardo*, conhecido como *Verdinho*, devido à cor predominante da capa. Este apresenta, como nos anteriores, uma retrospectiva histórica do atendimento no município em diferentes modalidades. Assim como as publicações citadas anteriormente, visava um público mais amplo, sendo encaminhada sem custos para escolas, bibliotecas e órgãos oficiais.

O referido plano apresenta-se fundamentado filosófica e sociologicamente na teoria da reconstrução social de Theodore Brameld¹¹⁷ e psicologicamente na teoria psicogenética de Jean

¹¹⁶ PMSBC, *Educação em São Bernardo*, 1985, p. 13. A equipe foi coordenada, no período, pela professora Dirce Maria Pedrozo Hernandez, encarregada do Serviço de Orientação Técnica (SE-102.1) subordinado à Seção de Orientação Técnico-Pedagógica (SE-102) que compreendia também o Serviço de Recursos Didáticos (SE-102.2).

¹¹⁷ Como defensor do reconstrucionismo social, afirma que somente “podemos avaliar a eficiência da educação em qualquer país se (...) procurarmos saber se ela está sendo bem sucedida no desempenho de sua função modificadora e não apenas no seu trabalho de transmissão.” (BRAMELD, Theodore. *O poder da Educação* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p.31)

Piaget¹¹⁸. Ao lado desses referenciais este plano reflete uma concepção compensatória de educação pré-escolar manifesta quando afirma que “a importância ao atendimento nessa faixa escolar desempenha papel essencial, tanto mais valioso, na medida que (sic) puder *compensar*, para as classes desprivilegiadas, o obstáculo que apresenta a *ausência de um suporte cultural no ambiente familiar*”. (*grifo nosso*)¹¹⁹

Essa concepção é reforçada nos Objetivos Gerais da Escola que, dentre outros, afirma que as escolas deverão oferecer condições para que a criança “receba, quando necessário, assistência que venha *compensar*, o quanto possível, suas *deficiências* de desenvolvimento, oriundas das insuficiências do necessário suporte do ambiente familiar.

Essa afirmação encontrava-se em consonância com a posição defendida no “III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto – 1980/1985” que propõe a “expansão da oferta [da educação pré-escolar] como corretora dos *desníveis culturais*, visando suprir as limitações do papel educativo que a família está impedida de exercer, para o atendimento da população de zero a seis anos”.¹²⁰ De acordo com Kramer¹²¹, esse plano não contém uma proposta explícita do tipo de educação pré-escolar a ser desenvolvida no período, porém, nos objetivos explicitados é expressa a abordagem da privação cultural de forma subjacente, bem como o suporte nas teorias das carências culturais.

Nesse primeiro período do ciclo de vida da publicação (1982-87) o número de crianças matriculadas nas escolas municipais de educação infantil passou de 17.050 alunos em 48 escolas para 21.710 em 60 escolas, com um crescimento de 21,5% das vagas. O número de classes passou de 559 para 696, com um aumento de 20%, ligeiramente inferior ao número de vagas. A média de alunos por sala passa de 30,5 em 1982 para 31,97 em 1988. De acordo com o IBGE, a taxa de escolarização na pré-escola para a população de 5 e 6 anos no Brasil subiu de 18% em 1979 para 38,4% em 1986.¹²²

¹¹⁸ Em relação à teoria piagetiana, diferentes leituras têm sido apresentadas, como aponta Maria Helena Souza Patto no texto “A criança marginalizada para os piagetianos brasileiros: deficiente ou não?” (*Cadernos de Pesquisa* Fundação Carlos Chagas, nº. 51, 1994, p.3-11)

¹¹⁹ O texto das publicações não indica a fonte da citação, apesar de se encontrar entre aspas no mesmo. Nesse sentido os artigos “Conceitos de privação e de desvantagem” (vários autores do U.S. Department of Health); “O uso de programas pré-escolares de enriquecimento como um antídoto para a privação cultural: bases psicológicas” (J. Mc Vicker Hunt) In: PATTO (1981) e “A abordagem da privação cultural e a educação compensatória” de KRAMER (1984) analisam criticamente a abordagem compensatória que, apoiada na teoria do *déficit cultural*, acabam por transformar *diferenças* em *deficiências*. Por outro lado, o artigo de Maria Malta Campos e Lenira Haddad, “Educação infantil: Crescendo e aprendendo” (*Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nº. 80 p.11-20, fev. 1992), nos alerta para os riscos do uso de uma análise crítica sobre a teoria da privação cultural que “acaba por reforçar a tendência que se opõe à expansão da pré-escola.”

¹²⁰ MEC/DDD. Brasília, 1980, p.85-86.

¹²¹ KRAMER, S. *Op. cit.*, 1992, p.100-101.

¹²² ROSEMBERG, Fúlvia, A educação pré-escolar brasileira durante os governos militares. In: *Cadernos de Pesquisa*. FCC, ago/1992, nº 82, p. 26

Em 1983 o atendimento municipal representava 86,3 % do atendimento geral da cidade e em 1987 decresce para 84,71%. A participação do Estado no atendimento cai de 1,08% em 1983 para 0,73 % em 1988. Em sentido inverso a rede particular amplia o atendimento de 12,5% para 14,55 % no mesmo período.

Em relação à população total de 4 a 6 anos residente na cidade o atendimento na rede municipal amplia-se de 56,40% em 1982 para 66,34% em 1987, último ano de circulação do RR no período, e para 69,60% em 1988¹²³, final do período administrativo, portanto com um índice de atendimento bastante superior à média nacional, mesmo se considerarmos a apuração dos dados para grupos etários diferenciados, pois no município o atendimento para a faixa de quatro anos era reduzido, mesmo nos bairros de menor demanda.

QUADRO 11 - ATENDIMENTO POR COMPETÊNCIA ADMINISTRATIVA – 1982-1988 – 4 a 6 anos													
ANO	MUNICIPAL			ESTADUAL			PARTICULAR			Total alunos	Popul. total	4 a 6 anos	Muni cípio
	Alunos	Classes	Escolas	Alunos	Classes	Escolas	Alunos	Classes	Escolas	1980	425.602 +2,64% ao ano	29.230 ****	%
1982*	17050	559	48	n/c	n/c	n/c	n/c	n/c	38	-----	436.838	30.228	56,40
1983	18124	575	48	228	9	5	2639	183	57	20991	448.370	30.727	58,98
1984	18587	585	49	205	9	5	2947	203	39	21739	460.207	31.226	59,52
1985**	19956	633	53	201	17	9	2325	137	19	22482	472.357	31.725	63,91
1986	20550	654	53	176	8	5	2910	157	21	23536	484.827	32.224	63,77
1987	21710	696	60	188	8	5	3729	201	22	25627	497.626	32.723	66,34
1988	23125	749	64	66	3	2	3666	202	25	26857	510.764	33.222	69,60

*Dados relativos ao atendimento das redes estadual e particular indisponíveis nos relatórios consultados para o ano de 1982.
 ** Não foi possível apurar, a partir de 1985, como os alunos das classes de período integral foram computados.
 ***1982 a 1988: estimativa com base na diferença média da população de 4 a 6 anos entre 1980 e 1991 (29.230 para 34.719 (responsabilidade nossa)
Fonte: Secretaria de Planejamento e Tecnologia da Informação. Dept. de Estatística. Seção de Pesquisa e Banco de Dados – PMSBC

Se o atendimento majoritário era realizado pelo município em relação à população de quatro a seis anos, o mesmo não ocorria em relação ao atendimento das crianças de zero a três anos nas creches municipais, afetas à Secretaria de Saúde e Promoção Social, cuja ação nesse sentido teve início somente em 1979. Porém, se consideramos o atendimento global no período,

¹²³ O que nos faz refletir sobre a afirmação de Maria Malta Campos e Lenira Haddad, no artigo citado. No caso de São Bernardo, tudo indica que a adoção dos pressupostos da educação compensatória pode ter se tornado uma forte aliada na ampliação do atendimento.

constatamos que o crescimento nas creches municipais foi 18,5 vezes maior do que durante o atendimento inicial.

Alertamos que os dados referentes aos anos de 1980 e 1987 foram estimados tendo em vista a disponibilização de dados válidos somente para os anos de 1979 e 1988, quanto ao atendimento. O número de creches foi apurado a partir das datas de inauguração de cada uma delas, ano a ano. Não foi possível apurar a participação das instituições filantrópicas e privadas no atendimento global do período, que começou a ser oficialmente registrada a partir de 1988. A população menor de quatro anos também foi estimada com base nos dados dos Censos Nacionais (FIBGE) de 1980 e 1991, que apresentou crescimento negativo para o período.

QUADRO 12 – Atendimento/Creches Municipais (1979-1988)					
Ano	Creches Municipais	Atendidas ***	Particular Filantrópicas	Total	População 0-4 anos incompletos
1979	01	35	-	-	
1980	06	280	-	-	45.829**
1981	08	320	-	-	45.673
1982	10	400	-	-	45.517
1983	10	400	-	-	45.361
1984	11	440	-	-	45.205
1985	12	500	-	-	45.049
1986	14	580	-	-	44.893
1987	15	580	-	-	44.737
1988	16*	647*	3.249*	3.896*	44.581
Fontes: * Banco de Dados - Secretaria do Planejamento – SBC - Dados disponíveis a partir do ano de 1988. **Censo FIBGE 1980 (1991= 44.105) *** estimativa de responsabilidade nossa, tomando por base 40 vagas por unidade, média de atendimento de cada creche.					

Conforme avalia o documento *Projeto Psicopedagógico-Social*¹²⁴, elaborado em 1989, diferentemente das EMEIs, não há nessa época uma política educacional para as creches municipais, cuja criação permaneceu atrelada às reivindicações de moradores e instaladas em casas pequenas e simples, sem exigências de titulação para o exercício profissional nas mesmas, fruto de “uma concepção de creche como espaço de assistência e prevenção do abandono”. Porém encontramos em outro documento, datado de 1986, o registro de que “durante todo o

¹²⁴ Documento *Projeto Psicopedagógico-social*. Seção de Creches Comunitárias, Departamento de Promoção Social, Secretaria de Saúde e Promoção Social, PMSBC, 1990.

período de permanência das crianças na creche, [as mesmas] recebem cuidados de assistência médica, higiene, educação alimentar e lazer programado. Realizam atividades psicopedagógicas, das quais fazem parte: coordenação motora, expressão oral, iniciação musical e atividades de vida prática.”¹²⁵

Essa informação, como afirma Kuhlmann Jr.¹²⁶, referenda a hipótese de ser questionável que os profissionais de creche tivessem o objetivo de apenas cuidar do ponto de vista assistencial, mesmo que os dados acima não fossem explicitados.

O mesmo documento de 1989 aponta para as contradições ligadas à adoção da concepção meramente assistencial, quando seus trabalhadores expõem sentimento e iniciativas, como a de “proporcionar brincadeiras com as crianças” ou de “separar-se a rede de creches das demais atividades comunitárias”, o que de fato ocorre na década seguinte.

De acordo com depoimento da então diretora do Departamento de Promoção Social, em decorrência desses sentimentos, no decurso dos anos 80 buscou-se uma aproximação com o Departamento de Educação no sentido de buscar orientações e indicação de brinquedos e materiais pedagógicos para o desenvolvimento das atividades.¹²⁷

Em 1985 é retomado o atendimento das crianças em período integral nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), incorporando complementarmente a função assistencial de atenção a uma demanda nunca plenamente atendida, pois a participação da mulher no mercado de trabalho só tendeu a aumentar¹²⁸. Essa modalidade de atendimento nas EMEIs exemplifica o que Rosemberg (1992, p.22) denomina como processo simultâneo de “contaminação” de forma *assistencial* na pré-escola e *educacional* na creche. Em “movimentos não sincrônicos” e que “não envolveram os mesmos protagonistas sociais.”

Dado o acelerado crescimento da rede, impunha-se que os novos professores contratados fossem inseridos, de forma rápida e competente, na rotina das escolas. Em duas décadas o número de alunos e de professores crescera 136 vezes, o que obrigava a

¹²⁵ PMSBC. Revista *Saúde e Promoção Social*, Secretaria de Saúde e Promoção Social de São Bernardo do Campo, 1988, p.22.

¹²⁶ Ver “A circulação das idéias sobre a educação das crianças; Brasil, início do século XX.” In: FREITAS, M.C. & KUHLMANN Jr. M. (orgs.) *Os intelectuais na história da infância*, São Paulo: Cortez Ed., 2002.

¹²⁷ A direção do Departamento de Promoção Social foi exercida pela assistente social, Eliza Simon Leibrunder, no período compreendido entre os anos de 1982 a 1988, co-responsável pela implantação das primeiras creches municipais, a partir de 1979, na gestão da também assistente social Maria Helena Nechi.

¹²⁸ “Ao analisar o comportamento da força de trabalho feminina no Brasil no último quarto de século, o que chama a atenção é o vigor e a persistência do seu crescimento. Com um acréscimo de 25 milhões de trabalhadoras entre 1976 e 2002, as mulheres desempenharam um papel muito mais relevante do que os homens no crescimento da população economicamente ativa. Se em 1976 a parcela de mulheres na PEA era de 29%, em 2002 ela atinge 43%. É na região Sul onde se verifica a maior taxa de atividade feminina (e masculina também), e o recorde nacional de participação feminina entre os empregados, 38%.” (Banco de Dados sobre o trabalho das mulheres. www.fcc.org.br. 22/08/07)

administração municipal a redimensionar suas ações para atender uma demanda sempre crescente, embora nunca totalmente atendida, devido ao crescimento migratório muito superior ao vegetativo.

Desta forma a publicação do *Recordando e Renovando* pode ter cumprido um papel importante dentre as estratégias utilizadas, pois a antiga prática de exigir do professor, em início de carreira, a permanência nas escolas para observação das práticas pedagógicas dos professores mais experientes, a fim de que incorporasse os modelos a serem praticados, em período contrário ao da sua própria classe, tornou-se inviável pelas implicações trabalhistas decorrentes. Assim, os professores contratados para substituição eventual e licenças eram observados, orientados e avaliados pelas diretoras em suas práticas cotidianas, participando das discussões diárias de final de período¹²⁹ e das reuniões nas quais os subsídios pedagógicos eram apresentados, discutidos e disponibilizados para consultas. (...)

Embora o ritmo de publicação não mantivesse uma constância mensal, no período compreendido entre os anos de 1982 e 1987, foram publicados 32 exemplares principais e 15 suplementos do *Recordando e Renovando*, praticamente metade do total de publicações de seu ciclo de vida. Com um total de 1.372 páginas publicadas, supera a média anual dos demais períodos juntos, ou seja, nos seis primeiros anos a média de páginas publicadas foi de 228,66, enquanto que nos demais períodos (num total de oito anos) a média foi de apenas 181,62 páginas ao ano. No primeiro período o número de matérias publicadas é pouco inferior à soma dos demais (462 para 504).

Retomando os eixos propostos por Chartier iniciamos a descrição da publicação neste período a partir dos dispositivos que dão forma ao suporte de leitura, que permitem visualizar o objeto em sua materialidade.

2.1.1 As marcas do objeto: dispositivos tipográficos

Consideramos os dispositivos materiais como primeiro pólo de análise do período, lembrando que, como afirma Chartier “não existe texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja que não dependa das formas através das

¹²⁹ Os últimos trinta minutos de cada período eram dedicados a reorganização dos materiais e equipamentos, espera dos responsáveis por levar as crianças e aos encaminhamentos necessários para a manutenção da rotina escolar. Dessa forma, nas escolas, as crianças permaneciam três horas e meia diárias. (Regimento comum das escolas municipais de educação infantil, Capítulo III: Do calendário escolar e quadro distributivo da carga horária. In: *Educação em São Bernardo*, 1985, p.41).

quais ele chega a seu leitor”¹³⁰, tratando-se, portanto, de um procedimento que toma o impresso em sua materialidade enquanto objeto cultural, que guarda as marcas de sua produção e de seus usos e em sua própria forma prescreve os modos e os sentidos com que devem ser lidos.

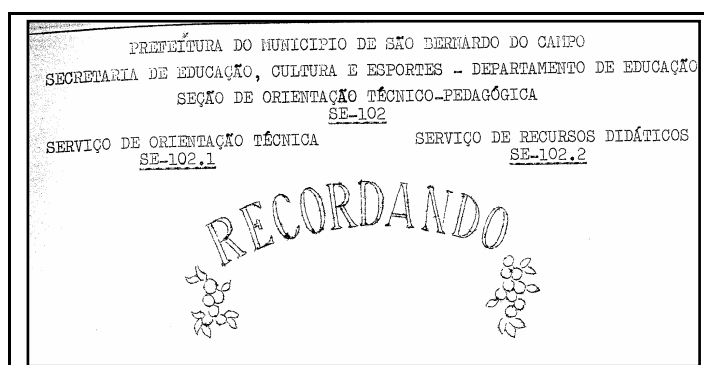
As capas: componentes gráficos – O campo como alegoria

Em relação às capas, procuramos analisar o projeto gráfico, considerando-as como dispositivo que permite ao leitor ter o primeiro contato com o impresso, por isso exercendo um papel relevante enquanto lugar de reconhecimento e de antecipação do conteúdo da publicação, constituindo-se em “marcas materiais do processo de sua existência”.¹³¹

Em relação aos seus componentes gráficos, nos exemplares principais as capas apresentam certa homogeneidade em relação ao layout, ou seja, os componentes básicos se apresentam na mesma disposição, com o mesmo tipo de margem, de diagramação, desenhos, cores e disposição dos dados textuais na maior parte do primeiro período, com uma variação no ano de 1984, sendo retomado, na seqüência, o estilo anterior, com nova tentativa de padronização nos três primeiros exemplares de 1986 e mudança da autoria da ilustração nos dois últimos exemplares, correspondentes ao ano de 1987.

No formato 33 x 21,5 cm, em preto e branco, com margem simples de cerca de 1 cm nas laterais, 2 cm na superior e 3 cm na inferior, apresenta em seu interior desenhos que ocupam praticamente todo o espaço, apresentando um cabeçalho junto à margem superior com os créditos da produção, tanto nos exemplares principais como nos suplementos.

Figura 1



¹³⁰ CHARTIER. *Op. cit.*, 1990, p.127.

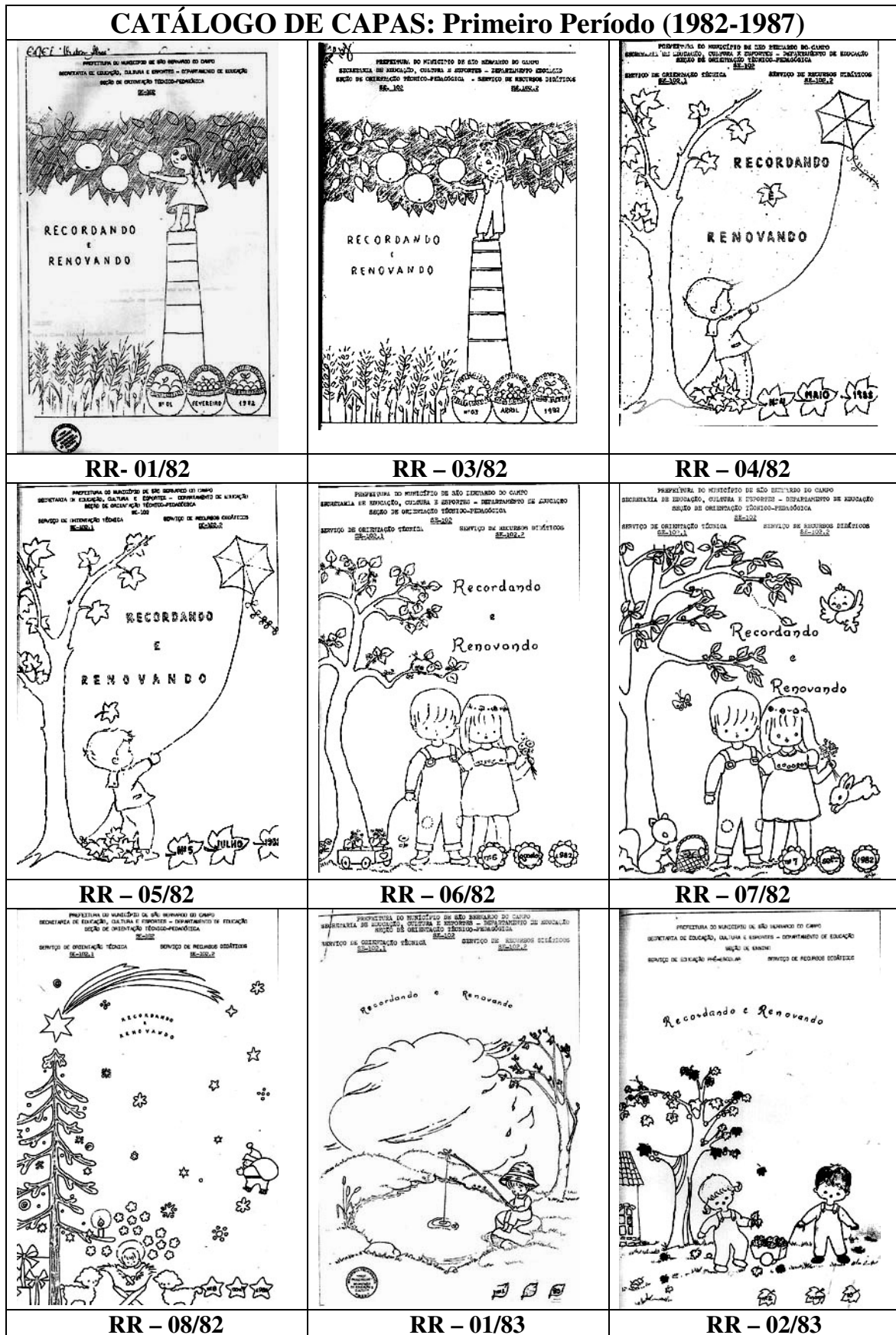
¹³¹ TOLEDO, Maria Rita de A. *Coleção Atualidades Pedagógicas...*, p. 101.

O cabeçalho é semelhante em todos os exemplares, e em geral apresenta os dados de identificação da Prefeitura Municipal, no alto, seguidos pelos da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes (SE-1), da Seção de Orientação Técnico-Pedagógica (SE-102) e dos Serviços de Orientação Técnica/SOT (SE-102.1) e Serviço de Recursos Didáticos/SERD (SE-102.2), sempre em ordem hierárquica, conforme a organização administrativa do serviço público municipal. Em alguns exemplares consta, em último lugar, apenas o Serviço de Recursos Didáticos (SE-102.2) encarregado da produção final da publicação, do layout, do serviço de datilografia e das cópias para distribuição sob orientação da equipe de Orientação Técnica.

Na maioria das capas não há identificação de seus autores nominalmente; em raros exemplares aparece uma minúscula assinatura abreviada, impossível de ser identificada. Uma marca de todo o período é a quase total ausência de identificação dos membros da equipe. Assim, estas pequenas marcas deixam transparecer parcialmente a identidade de algum dos executores, encarregados da produção da ilustração, que em geral permanecem no anonimato. Somente nos primeiros exemplares são encontradas identificações pessoais, em duas mensagens assinadas pela encarregada do Serviço de Orientação Técnica (SE-102.1) e uma pela chefia da Seção de Orientação Técnico-Pedagógica (SE-102).

Em relação à ausência de identificação dos sujeitos individualmente, podemos afirmar que a equipe era amplamente conhecida pela rede de ensino, devido aos encontros frequentes em cursos, reuniões, visitas e palestras, firmando-se, portanto, como autoridade representada na própria materialidade da publicação, prevalecendo o serviço ou o órgão responsável como autor através de um aparente “apagamento” individual dos sujeitos produtores.

Figura 2





RR - 03/83



RR - 04/83



RR - 05/83



RR - 06/83



RR - 07/83



RR - 01/84



RR - 02/84



RR - 03/84



RR - 04/84



RR - 05/84



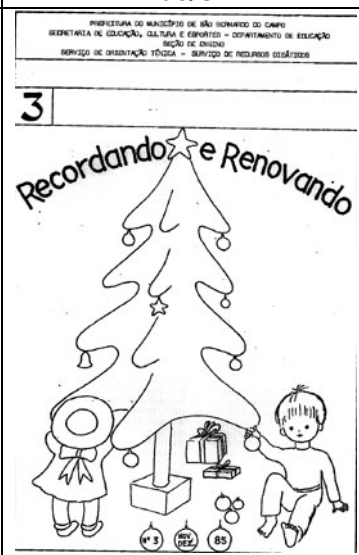
RR - 06/84



RR - 01/85



RR - 02/85



RR - 03/85



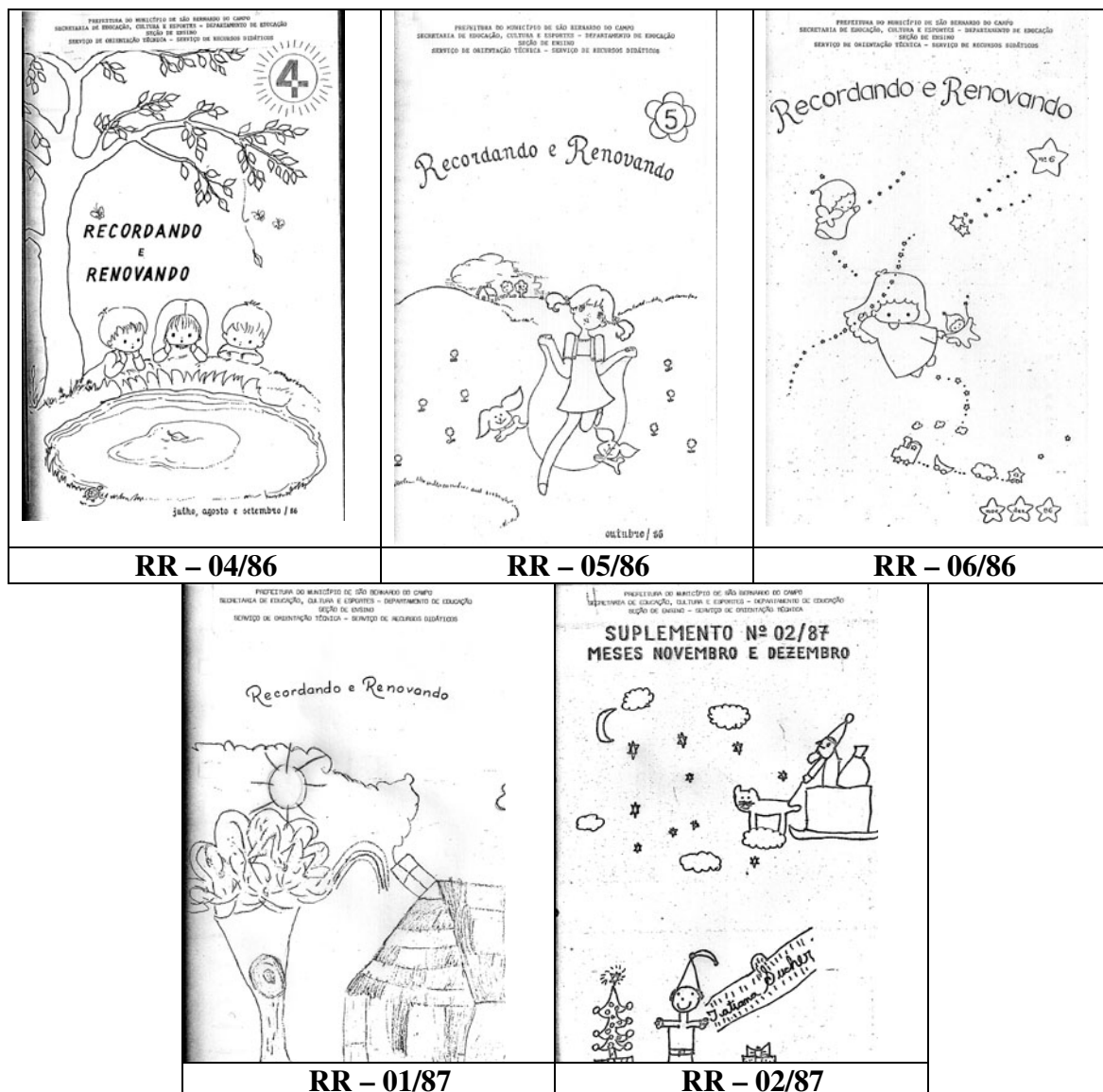
RR - 01/86



RR - 02/86



RR - 03/86



Em relação às ilustrações das capas, a grande maioria apresenta desenhos produzidos ou reproduzidos pela equipe do Serviço de Recursos Didáticos (SE-102.1), sendo que os dois últimos exemplares (n.ºs 01 e 02 /87) apresentam desenhos produzidos por alunos da rede municipal. Em algum ponto da capa são apresentados o número do exemplar, o mês e o ano da produção. A maioria dos exemplares apresenta este dispositivo no canto inferior direito, emoldurado por pequenos desenhos que ajudam a compor o layout. No ano de 1984 o número da publicação é destacado em tamanho aumentado no canto superior esquerdo, ficando o mês e o ano no canto inferior direito. No ano de 1986 o número aparece no canto superior direito. Nos primeiros exemplares as capas são produzidas aos pares, com pequenas variações na composição. Essa mesma variação ocorre com os três primeiros números do ano de 1986.

Em relação ao layout, podemos identificar nesse período quatro estilos de composição: a primeira, apresentando *o campo como alegoria*, presente do início da publicação até o nº. 7/83, retomada nos anos de 1985 e 1986, num total de 20 exemplares, excetuando-se os últimos exemplares de cada ano (08/82, 07/83, 03/85, 06/86) que compõem a segunda temática natalina.

As capas dos exemplares dos finais de ano trazem os principais símbolos da festa máxima da cristandade: pinheiros enfeitados, presépios, estrelas, anjinhos, Papai Noel e pacotes de presentes, sendo que nos anos de 1982 e 1983 o presépio constitui-se a cena principal, evocando, portanto, o sentido original da data comemorativa de acordo com a tradição cristã. A evocação de símbolos religiosos cristãos estão presentes, também, nos conteúdos dos exemplares:

“Transmitir o significado místico do Natal a uma criança deve ser desempenhado com particular delicadeza para que ela sinta, com imagens tão reais quanto possível, os conceitos universais de amor e fraternidade que são a sua essência. É preciso, proporcionar às crianças condições de vivenciar o verdadeiro significado do Natal com ternura e entusiasmo.”¹³²

O terceiro estilo corresponde ao ano de 1984, com seis exemplares padronizados, talvez por praticidade e/ou economia, composto por uma margem decorativa à esquerda com uma ramagem entrelaçada, substituída no último exemplar por símbolos do Natal, unidade de trabalho do mês. Nesta série o nome da publicação ganha destaque no centro da página em dimensão maior que nos demais exemplares.

Um quarto estilo corresponderia aos dois últimos exemplares (01 e 02/87), com desenhos produzidos por alunos da rede pré-escolar. Talvez esta opção: dar visibilidade à produção infantil, possa estar relacionada às discussões em pauta, ao final dos anos 80, quanto à revisão das diferentes concepções de educação infantil e na valorização da produção da criança enquanto sujeito no processo ensino-aprendizagem e construtor do conhecimento¹³³.

Isso não significa que a criança não tenha sido colocada como foco do processo pedagógico até então, pois a mesma se encontra presente nos desenhos das capas do período. Em geral, as ilustrações mantêm um cenário de fundo bucólico, quase que permanente, em torno de um jardim, campo ou pomar, onde os personagens, meninos e/ou meninas brincam,

¹³² RR 07/83, p.3.

¹³³ O modelo teórico discutido a partir de meados da década de 80, a partir da implantação do Ciclo Básico na rede pública estadual, acompanhada da produção teórico-prática da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) da Secretaria de Estado da Educação, bem como os estudos e pesquisas de cunho construtivista, destacando-se os de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, e a repercussão das experiências desenvolvidas em escolas alternativas no período propiciaram a abertura para questionamentos quanto ao modelo adotado na rede municipal, do qual a equipe técnica passa também a participar, como veremos na análise das bibliografias recomendadas.

pescam, colhem frutas, empinam pipa, plantam árvore ou simplesmente apreciam a paisagem. Com um estilo romântico, lembrando ilustrações de antigos livros de histórias infantis, as crianças apresentam-se sempre limpas, bem vestidas, comportadas. A criança das capas é vista de forma graciosa, bela, poética, inocente e sensível.

Um dado que merece destaque é a ausência total de adultos nas composições das capas. O “apagamento” da imagem do adulto nos remete ao universo rousseauiano do puericentrismo pedagógico, do naturalismo educativo, num ambiente não urbano, com a criança liberta dos vínculos da educação familiar e escolar no qual um preceptor orienta acompanhando a criança constantemente, mas “sem que esta perceba”, durante todo o crescimento. “A criança é *boa* e deve, na primeira fase do crescimento, desenvolver-se livremente, sem intervenções coercitivas por parte dos adultos quanto às várias atividades que ela é levada a cumprir...”¹³⁴

Se o naturalismo educativo previa um ambiente no qual a criança se educaria, esse ambiente também passa a fazer parte do imaginário que cerca a infância. A natureza, também pura, bela e benfazeja, seria o lugar por excelência, adequado para educar as crianças. Talvez por esse motivo as escolas fossem planejadas com amplos espaços naturais.

Nos diversos exemplares da publicação são freqüentes as referências à natureza, quer nas ilustrações, quer nas atividades propostas, como no exemplo textual:

“Num jardim e numa horta ao ar livre, podemos nos aproximar da natureza, contemplando e desfrutando algumas das maravilhas realizadas pelo sol, pela água, pela luz solar e pela mão do homem. Aproveitamos esta época do ano para fazer desabrochar as sementes que estão como que adormecidas e também despertar nas crianças o gosto pelas vivências que podemos ter com a natureza.” (matéria sobre “Cultura de legumes e flores”, exemplar nº. 6/82, p. 2.)

Em relação à função principal da capa, enquanto dispositivo de antecipação do conteúdo, verificamos que não há nenhum texto escrito para destaque de matérias ou conteúdo. Porém, em alguns exemplares, as mensagens iconográficas sugerem temáticas específicas, tais como: Natal, Festas Juninas e Primavera, antecipando, assim, o conteúdo a ser trabalhado naquele exemplar, associado às Unidades de Trabalho propostas. A análise das capas do primeiro período pode oferecer indicadores importantes para a configuração da identidade do impresso, das concepções subjacentes de educação infantil e de professor para essa faixa etária, desde que associadas a outros componentes do impresso.

¹³⁴ CAMBI, *Op. cit.*, p. 361.

A ilustração no impresso

Na série correspondente ao primeiro período, nota-se uma profusão de ilustrações, grande parte com efeito decorativo, outras de modelos prescritos para desenvolvimento de atividades, várias sugestões de músicas acompanhadas da respectiva notação para adequada execução e poucos desenhos produzidos por crianças. As ilustrações com função decorativa variam com o emprego de figuras de crianças, plantas e animais; dentre estas, há um destaque para jardins e abelhinhas, permanentemente a enfeitar as matérias publicadas. Presença constante em grande parte dos exemplares publicados, o simpático e útil inseto parece indicar de forma permanente a idéia de trabalho produtivo, complementando a temática da maioria das capas, que têm o campo e jardins como alegoria. “Na proposição de um determinado modo de leitura, o discurso iconográfico não se dissocia dos dispositivos textuais na articulação de uma legibilidade (...). Na disposição dos títulos, na ilustração, nos termos em destaque vai se construindo todo um conjunto de prescrições voltadas para o disciplinamento das práticas escolares.”¹³⁵

Nos trinta e dois exemplares que compõem a série do primeiro período, há cerca de 320 ilustrações com efeito decorativo, numa média de 10 ilustrações por exemplar, mas com uma variação acentuada: da ausência total de ilustrações (*RR 04/86*) a até 25 ilustrações num único exemplar de apenas 27 páginas (*RR 02/85*). O número de ilustrações indicando modelos de atividades também é significativo. Há um total de 275 desenhos dessa natureza, com uma média de 8,5 modelos por exemplar. Quarenta pentagramas, cuidadosamente traçados com a respectiva notação musical, estão presentes com uma média de mais de uma sugestão de novas músicas por exemplar.

A predominância quase que absoluta de ilustrações executadas pela equipe técnica (são encontrados poucos desenhos produzidos por crianças em todo o período) provavelmente é reveladora de uma concepção de orientação baseada em “os bons modelos” da qual decorre a necessidade de “transplantar” saberes e práticas, subjacente à concepção de um ensino objetivo, com ênfase na observação e imitação, no “aprender vendo”, constitutivos da arte de ensinar. Como afirma Marta Carvalho, “essa pedagogia como *arte* confere aos impressos de uso escolar

¹³⁵ ROCHA, Heloísa P. “Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica”. In: *Cadernos CEDES*, “Cultura Escolar, História, práticas e representações”, 2000, nº. 52, p. 69

um papel e um lugar específicos. Como *artes de saber-fazer-com*, ensino e aprendizagem são práticas fortemente atreladas à materialidade dos objetos que lhes servem de suporte.¹³⁶

A paginação

O número de páginas dos impressos não é constante, variando de 13 a 70 páginas por exemplar. Nem todas as páginas são numeradas e não há uma uniformidade quanto ao início da numeração. Em alguns exemplares a numeração tem início na capa; em outros, no índice e em outros, após o mesmo. Para fins dos cálculos apresentados anteriormente, consideramos a paginação a partir do índice, excluindo as capas. A produção do período compreende um total de 1273 páginas dos exemplares principais e 105 dos suplementos, num total de 1378 páginas com uma média de 43,06 páginas por exemplar, porém distribuídas de forma irregular. Conforme é demonstrado no Gráfico 02 há grande variação na produção, com um declínio acentuado no último ano da série, quando somente 77 páginas foram publicadas.

Índice

O índice enquanto dispositivo de leitura, assim como as capas, permite antecipar o conteúdo dado a ler, facilitando ao leitor a busca das matérias de seu interesse. Porém, nem todos os exemplares do período apresentam esse dispositivo, assim denominado para indicar a relação de matérias publicadas, correspondendo, portanto, ao sumário. Quando existente, apresenta-se na primeira página da publicação, após a capa. Os primeiros seis exemplares e o de número 08/82 não apresentam índice, iniciando a apresentação com a seção *Recordando*. Os exemplares de números 07/82, 01 e 02/83 apresentam o índice organizado por sugestões de atividades, com as seções identificadas somente na diagramação interna, e, a partir do número 03/83 são identificadas as seções *Recordando e Renovando* no mesmo, de forma permanente. Alguns índices apresentam também ilustrações, acompanhando a temática proposta na publicação.

¹³⁶ CARVALHO, *A caixa de utensílios...* p. 142. É interessante observar que, considerando o duplo sentido do emprego do termo *arte*, as habilidades artísticas dos profissionais da educação eram bastante valorizadas no período, e as escolas eram permanentemente decoradas com painéis, móveis, cartazes e enfeites diversos executados pelas professoras com esmero, atividades às quais se dedicou por vários anos a autora deste trabalho.

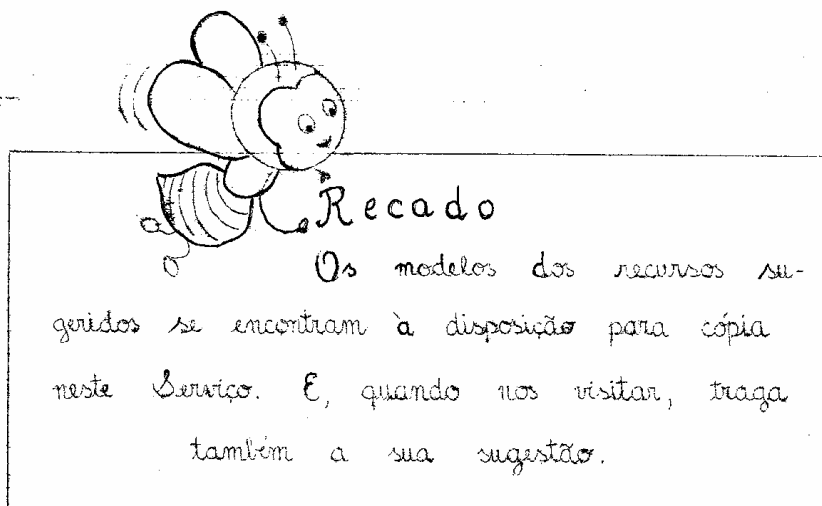
Recados e mensagens

São freqüentes no período pequenas mensagens ou recados, como são denominados nas publicações, dirigidos às professoras no sentido de chamá-las à colaboração, ou para bem utilizar as sugestões encaminhadas. As frases, mensagens ou recados são sempre apresentados com destaque, em caixa de bordas simples, com certa distância dos demais elementos gráficos que compõem a página.

Na seção *Recordando*, em diversos exemplares, são encontradas mensagens como “O que é muito conhecido para você, poderá ser desconhecido para os outros. Traga a sua sugestão”; “Você pode estar cansada de usar este recurso. Lembre-se, porém, que a criança não o conhece” (RR 01/82, p. 1 e 3). “Conte-nos o resultado desta brincadeira. Pode ser por escrito ou até por telefone”. (RR 02/85, p.15) Dessa forma o leitor é chamado constantemente à participação.

Reforçando permanentemente a necessidade de transferência dos modelos para a escola, em vários exemplares da série é transmitido o recado:

Figura 3



Frases de efeito também são comuns, utilizadas como dispositivo de destaque para os conteúdos das matérias veiculadas, tais como: “Preservar a cultura brasileira para as crianças de hoje e de amanhã, é obrigação nossa como educadores.” (finalizando a apresentação de atividades e recursos didáticos para a unidade de trabalho Cidade e Campo - RR 04/82, p.25).

Outras são reveladoras de concepções sobre a criança:

A infância é conhecer o mundo lá fora... É correr... e alcançar... tocar... e ver... sentir... e ouvir... e aprender... Mas, acima de tudo, é crescer.
(RR 07/82 p.5).

Essa afirmação reforça a análise, quando da apresentação das capas, de que a educação contemporânea foi dominada pelo *mito da infância*, ligado à espontaneidade/naturalidade da mesma. Segundo Cambi, “nascido no século XVIII em consonância/alternativa ao mito do *bom selvagem*, dilatou-se com Rousseau e o seu naturalismo educativo, tornando-se um mito cultural com o romantismo”. Esse autor afirma que o puericentrismo pedagógico, elaborado de diferentes formas por filósofos, educadores e psicólogos, de Claparède-Ferrière a Dewey ou Piaget, passando pelos teóricos das *escolas novas*, como Froebel, Decroly, Montessori ou alternativos como Neill, “afirmou-se como uma característica importante da pedagogia contemporânea, da qual o ativismo se fez intérprete de modo radical, explícito e orgânico.” (Cambi,1999, p.393)

...e muitas perguntas surgiram nas cabecinhas, perguntas estas que a própria experiência vai responder. (RR 02/83, p.10)

Outros dispositivos de leitura

Todas as páginas internas de todos os exemplares do primeiro período apresentam margens superiores, inferiores e laterais, com cerca de um centímetro de largura, demonstrando um cuidado especial no acabamento da produção gráfica por parte dos desenhistas da equipe de recursos didáticos. Esses executores somente são identificados por pequenas letras (iniciais de nomes) colocadas ao lado ou ao final de alguma página de alguns exemplares. Estas marcas (SERD/mtg, SERD/aeg, ou com dupla identificação SERD/aeg/mtg, mgrs/itcl, ou somente mtg) foram localizadas em onze dos trinta e dois exemplares, dando a ver a autoria da produção gráfica, porém identificada somente por quem conhecesse pessoalmente os membros da equipe. Essas identificações possuíam, na verdade, a função de reconhecer os responsáveis por eventuais erros de impressão ou de transcrição dos textos, funcionando mais como dispositivo de controle do que propriamente de autoria.

Como destacado anteriormente, outro dispositivo textual identificado é o de apresentação do cabeçalho com a identificação dos órgãos superiores na primeira página, além da capa, sendo que nas demais páginas, resumido à sigla PMSBC/SE-102, ou seja, a identificação da Seção de Orientação Técnico-Pedagógica ou PMSBC/SE-102.2, Serviço de Recursos Didáticos, responsável pela publicação do impresso.

Outro dispositivo importante neste primeiro período é o de diagramação dos textos, centralizando-os (poesias, por exemplo), distribuindo as ilustrações, emoldurando blocos de informações, destacando em caixa passagens importantes do texto, dentre outros recursos. Assim, encontramos desenhos, caixas, colunas e demais espaços preenchidos de diferentes formas, diversificando a apresentação das matérias, chamando a atenção do leitor e procurando tornar a leitura mais leve e agradável.

A materialidade do objeto impresso apresenta assim, um conjunto de dispositivos textuais e tipográficos que além de reveladores de concepções de criança, de escola e de modelo pedagógico, também conduzem o leitor a uma determinada forma de ler, constituindo-se, portanto, como dispositivos de modelização da leitura.

2.1.2. As seções e as matérias dadas a ler: o *Recordar* e o *Renovar*

Figura 4



Como descrevemos anteriormente, há uma estabilidade bastante visível em relação ao número e denominação das seções nas publicações do primeiro período: as seções *Recordando* e *Renovando*. Como os suplementos trazem apenas novas sugestões complementares sem a divisão por seções, optamos aqui por descrever somente as seções e matérias dos exemplares principais.

Na seção *Recordando* são lembradas matérias já publicadas em subsídios ou exemplares anteriores, e na *Renovando* são apresentadas novas sugestões, advindas da própria equipe técnica ou fruto de contribuição das escolas, em grande parte relacionadas às Unidades de Trabalho desenvolvidas.

As Fichas de registro de dados de cada exemplar, apresentadas anexas a este trabalho, nos permitem visualizar a estabilidade na forma de organização das seções, com variação apenas na quantidade de matérias publicadas em cada exemplar. Nesse sentido, consideramos como matérias veiculadas as sugestões de atividades ou *modelos de recursos*, como eram denominados pela equipe de orientação técnica nesse período, conforme destacamos nos dispositivos *recados e mensagens*.

O ritmo de apresentação das sugestões de atividades cresce no segundo ano da publicação (de 105 para 128), declinando gradativamente nos dois anos seguintes (94 e 49), tornando a crescer em 1986 (66), para encerrar o primeiro ciclo com apenas 20 matérias ou sugestões de recursos enviados. No primeiro período cerca de 460 matérias foram publicadas, num total de 970 no conjunto da publicação.

Qual o conteúdo ou temas das sugestões enviadas? O que representam? Qual a participação do corpo docente nessa produção?

Em relação à forma de apresentação das matérias, se alguns modelos de recursos são detalhados quanto à sua confecção, grande parte é apenas sugerida ou “lembrada”, pois já foram incorporados ao fazer cotidiano. Nessa lógica, portanto, a publicação é composta “como uma espécie de caixa de utensílios cujos usos supõem regras que não necessitam explicitação e que, portanto, são dadas como regras culturalmente compartilhadas”.¹³⁷

Exemplos da centralidade da infância no contexto pedagógico permeiam as publicações. No primeiro exemplar de 1983, por exemplo, as recomendações para a integração da criança à escola são encerradas com a afirmação:

Reafirmamos a necessidade de ouvirmos a criança e nos interessarmos pelo que ela diz, porque só ela nos dará subsídios para a verdadeira interação professor/aluno. A partir das brincadeiras e jogos que fazem parte de seu mundo, e pelas quais é importante que nos interessemos, aprenderemos com a criança, o que ela é e conhece, valorizando primeiro seus conhecimentos e seus valores e somente então, contando a ela sobre os nossos conhecimentos e nossos valores. (RR 01/83, p. 5)

¹³⁷ CARVALHO, Marta M. C. *A caixa de utensílios e a biblioteca...*, *Op. cit.*, p.144.

Na busca de respostas às questões levantadas, procuramos não somente quantificar o volume de matérias, mas também identificar as temáticas, pois as mesmas ora apresentam-se isoladas, ora aglutinadas por temas, unidades de trabalho ou tipo de recursos indicados. Para dar conta dessa tarefa, optamos por selecionar as contribuições das escolas, que constitui parte significativa do conteúdo publicado e apresenta, por amostragem, a diversidade de temáticas abordadas.

Consideramos também que os dados, referentes às contribuições enviadas pelas escolas, podem auxiliar a compor um quadro sobre a natureza das mesmas, pois as contribuições publicadas refletem o perfil dos saberes pedagógicos prescritos pelos organizadores.

2.1.3. A participação do público leitor

A quem se destinava o *Recordando e Renovando*? Como se manifesta a presença do público-leitor na materialidade do impresso? Qual a frequência e a natureza dessa presença? As matérias enviadas corresponderiam ao perfil do corpo docente municipal?

Considerando a opção de tomar as contribuições das professoras/escolas na publicação como uma amostra dos saberes e práticas circulantes, procuramos caracterizar o corpo docente para o qual a publicação foi destinada, subentendido aqui como o responsável pela execução do projeto pedagógico preconizado pela administração, através de fontes secundárias. É importante ressaltar que as contribuições publicadas foram somente as selecionadas pela equipe coordenadora de acordo com os temas definidos em cada publicação. Não dispomos de dados sobre as possíveis sugestões enviadas e não publicadas.

Caracterizando o corpo docente

No início da década de 1980, quando nasce a publicação objeto desta pesquisa, a rede municipal de educação pré-escolar possuía 544 professoras, sendo 476 efetivas (87,5%) e 68 substitutas (12,5%) para 15.645 alunos distribuídos em 508 classes, em 40 escolas (EMEI), com uma média de 30,8 alunos por classe e 13,6 professores por escola¹³⁸. De acordo com o Banco de Dados da Secretaria do Planejamento, em 1982 havia 555 professoras com classe e 25 professoras em substituição. Em 1985, de acordo com a publicação *Educação em São Bernardo* (1985, p.13), havia 603 professoras com classe e 76 professoras substitutas na educação pré-

¹³⁸ PMSBC. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. *Educação Pré-Escolar*, 1981.

escolar, num total de 679 docentes para 633 classes, número ligeiramente abaixo da quantidade de classes apresentadas no Quadro 11.

Com base nos números apresentados no mesmo quadro é possível inferir que o número de professoras contratadas na rede municipal de educação infantil na época tenha crescido em proporção semelhante ao dos alunos, devendo-se considerar um adicional variável para substituição eventuais,¹³⁹ pois não localizamos séries históricas quanto ao crescimento do quadro docente, mas tão somente as referências pontuais aqui apresentadas.

Embora não tenhamos conseguido apurar o número de diretoras responsáveis pela administração e coordenação pedagógica das EMEIs, no ano de 1982, quando a rede contava com 48 escolas de educação infantil, as publicações consultadas¹⁴⁰ informam que em 1981 havia 40 escolas em funcionamento para um total de 38 diretoras, e em 1985, 49 diretoras para 53 unidades escolares, pois algumas unidades, por pequenas, funcionavam anexas a escolas públicas da rede estadual ou isoladas sendo dirigidas pela EMEI mais próxima. Eram as chamadas CMEIs – Classes Municipais de Educação Infantil.

Assim como dentre as funções docentes, também na direção das escolas se observa que a totalidade de ocupantes eram mulheres, pois no caso de São Bernardo, a indicação para essa função se fazia internamente, dentre as professoras em exercício, a partir de critérios mais ou menos subjetivos de desempenho, nos quais poderia também interferir a posição relativa na sociedade, cujo capital social ou político poderia conferir maiores oportunidades de indicação.

Dessa forma, não se observa na rede a preponderância do elemento masculino nos cargos imediatamente superiores, como nas escolas da rede estadual. Uma análise do trabalho docente a partir de uma perspectiva baseada no gênero permite afirmar que na hierarquia da autoridade interna nas escolas, era essencialmente feminino, muito embora os postos de direção do Departamento de Educação e da Secretaria de Educação tenham sido ocupados majoritariamente por homens até o início da década de 80. Nesse sentido, nessa década e início da de 90, as mulheres ocuparam majoritariamente a direção do Departamento de Educação¹⁴¹.

O corpo docente era assistido por um conjunto de especialistas com a finalidade de dar suporte técnico pedagógico e de apoio aos alunos com dificuldades de aprendizagem ou adaptação, constituído por sete Orientadoras Pedagógicas (OP), duas Assistentes Sociais (AS), três Psicólogas (Ps), duas Coordenadoras Técnicas (CT). Em relação ao número de professoras

¹³⁹ Não havia na época a categoria professor substituto, todos eram contratados como efetivos, na base da carreira, mediante seleção pública, substituindo eventualmente em diferentes escolas até que novas vagas surgissem. (Lei Municipal nº. 2360 de 28/12/1798)

¹⁴⁰ *Educação Pré-Escolar* (1981), p.17 e *Educação em São Bernardo* (1985) p. 13.

¹⁴¹ A identificação destes postos e sua duração ao longo da história da educação municipal pode oferecer interessante material de análise sobre a construção social da qualificação feminina nessa rede de ensino.

e de classes, em 1981, havia uma média de uma OP para cada 72,57 classes ou 5,7 escolas para cada uma. Em 1985 esses números passam a oito OP, uma AS, duas Ps e uma CT, aumentando, portanto, o número de professoras e escolas orientadas para cada uma. Essas funções eram preenchidas por critérios semelhantes aos das diretoras, levando-se em conta as especializações em determinadas áreas de conhecimento. Como afirmam Ozga e Lawn (1991), além da organização escolar ter colocado as tarefas de pensar e tomar decisões nas mãos de administradores, num nível hierárquico superior, também “no interesse da administração científica, o controle do currículo, a avaliação, o aconselhamento e orientação, a seleção de textos e os métodos de ensino foram colocados nas mãos de especialistas. Uma gama de especialistas apareceu para lidar com fragmentos diminutos do trabalho de ensinar.”¹⁴²

Como suporte administrativo às escolas, havia 16 Assistentes de Direção em 1980 e 26 em 1985, funções ocupadas por professoras designadas apenas para as escolas com mais de 14 turmas, além de 22 oficiais administrativos em 1985.

Como apoio operacional para manutenção física e funcionamento em 1981 havia 88 merendeiras, 48 serventes zeladores e 160 serventes contínuos para 40 escolas que possuíam em média de 12,7 salas, distribuídas em dois ou três períodos. Em 1985 eram 101 merendeiras, 70 serventes zeladores e 204 serventes contínuos para 53 escolas. Além desse corpo técnico-administrativo-operacional, havia também um coordenador de APMs encarregado de orientar, atualizar, coletar e divulgar informações sobre o desempenho das Associações de Pais e Mestres das escolas da rede, que nesse período ganham corpo e força como órgão complementar às funções do poder público na manutenção das escolas.

Em 1981 havia, portanto, um total de 944 funcionários na área pré-escolar, dentre os quais, 544 professoras, que perfaziam 57,62% do total.

A totalidade de docentes do sexo feminino evidencia o processo de “feminização” pelo qual passou o magistério, historicamente, tanto mais acentuado quanto mais jovens os alunos. Conforme analisa Enguita, o termo “feminização” não só expressa um ponto de chegada, como também e fundamentalmente, um processo motivado por causas diversas. Em primeiro lugar, destaca o autor, por ser considerada pela ideologia patriarcal como atividade *extradoméstica aceitável* para as mulheres; em segundo lugar, devido aos baixos salários do ensino que têm afugentado progressivamente do mesmo os *varões educados*; em terceiro, a “aceitação das mulheres, normalmente consideradas como mais conservadoras” e, “finalmente, por ser a

¹⁴² OSGA, J. LAWN, M. “O trabalho docente: Interpretando o processo de trabalho no ensino”. In: *Teoria e Educação*, nº.4, 1991, p.144

escola, e em especial a escola pública, um dos poucos setores de emprego em que as mulheres recebem o mesmo salário que os homens”.¹⁴³

No caso do magistério na área de educação infantil, somamos às causas aqui apontadas a chamada *vocação maternal* que o senso comum elegeu como fator preponderante para atuação nesse segmento do ensino, num processo de incorporação da idéia de *aptidão* ou *dominato* desejáveis para os cuidados à infância, cuja ideologia é analisada por Bisseret, destacando que “na linguagem corrente, a palavra aptidão designa, pois, uma característica inata, uma realidade natural, substancial, causal, marcando com o selo da irreversibilidade as condutas concretas dos atores sociais.”¹⁴⁴

Dentre os documentos mais antigos publicados pela prefeitura Municipal de São Bernardo, localizamos a síntese de um curso de formação de professoras para Jardins de Infância e classes de Educação Pré-primária, desenvolvido em janeiro de 1969, do qual reproduzimos a mensagem de abertura, na íntegra, por ser reveladora das concepções de infância que, de certa forma, permanecem no imaginário social, apresentando uma clara representação de mulher/mãe/professora, que ainda persiste de algum modo no imaginário coletivo:

“Ser Professora de Jardim da Infância é ser capaz de amar com a ternura de mãe, doar-se inteira com desprendimento mártir, ter alma de criança para viver com crianças e jovialidade, humor, vivacidade e encanto de uma adolescente feliz.

É ser capaz de folhear noite a dentro (sic) solenes tratados de psicologia, pedagogia, filosofia e trazer para a aula a ‘Branca de neve’, os ‘Três Porquinhos’, o ‘Lobo Mau’, a vovôzinha (sic) tão meiga ou o ingênuo (sic) ‘Chapèuzinho Vermelho’ que os caçadores salvaram.

É estudar arte, antropogeografia, biotipologia, conhecer Freud, Montessori, Decroly, Froebel, Kerchensteiner e sonhar com cavalinhos de pau, coelhinhos de cartolina para a festa da Páscoa, coraçõezinhos recortados para o Dia da Mamãe.

É enternecer-se com Beethoven, comover-se com Chopin e é rodar todo o recreio a ‘Ciranda, Cirandinha’...

É aprofundar-se no estudo dos clássicos, adquirir cultura geral, desenvolver variedade de interesses, manter equilíbrio emocional e ter dó da ‘Baratinha que com ninguém se casou’...

É penetrar nos intrincados mistérios da alma humana, transformar-se em carinho

¹⁴³ FERNANDEZ ENGUITA, M. *Op. Cit.*, p.52-53.

¹⁴⁴ BISSERET, Noële. “A ideologia das aptidões naturais”. In: DURAND, J.C.G. (org.) - *Educação e Hegemonia de classes*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.

para o menino sem mãe, transmutar-se em ternura para a menina sozinha e ser fada e ser princesa e ser criança e ser mãe e ser você mesma, PROFESSORA DE JARDIM DE INFÂNCIA!”

(Primeira página da apostila do curso ministrado pela professora Alfinia Ciarnuto, janeiro/1969-Departamento de Expansão Cultural, PMSBC)

Em relação à formação das professoras, o pré-requisito básico para ingresso, exigido à época, era em nível médio, em cursos específicos de formação de professores, ou seja, o curso de segundo grau com Habilitação Magistério, implantados a partir do advento da Lei 5692/72 ou o antigo curso Normal de formação do professor primário com habilitação, cursada posteriormente, na área pré-escolar, o chamado 4º (ano) de magistério. Essa exigência, decorrente da aprovação da Lei Municipal nº. 2360 de 28 de dezembro de 1978, que dispunha sobre a criação do Quadro do Magistério Municipal, resultou, durante toda a década de 80, numa corrida à habilitação de educação pré-escolar em nível médio, mesmo por parte das professoras portadoras do diploma do antigo Curso Normal e do curso de Pedagogia.

Essa mesma lei trouxe uma nova forma de avaliação do corpo docente, bastante burocratizada e rígida, como estratégia de controle, ao lado do controle pedagógico. Como afirmam Ozga & Lawn (1991), várias mudanças recentes no ensino contribuíram para a perda de controle sobre a definição do trabalho docente, dentre elas os esquemas de avaliação, “especialmente a promoção da avaliação como um instrumento administrativo para controlar o desempenho docente”.¹⁴⁵ Somente com a aprovação do Estatuto do Magistério (Lei Municipal nº. 3059, de 19 de maio de 1988), a forma de avaliação vai ser modificada, valorizando-se a titulação e o tempo de serviço com critérios mais objetivos.

Na década de 1980 o número de professoras com nível superior parece ser significativo, sendo a grande maioria portadora do diploma de Pedagogia, como demonstra, parcialmente, um levantamento realizado no ano de 1986, por esta pesquisadora, com o objetivo de analisar as concepções das professoras da rede municipal nas relações entre cultura e desenvolvimento da linguagem infantil¹⁴⁶.

¹⁴⁵ OSGA &LAWN, *Op. Cit.*, p. 145.

¹⁴⁶ A pesquisa deu-se por amostragem, com a aplicação de 84 questionários, no universo de 680 professoras (12,35%), distribuídos de forma equitativa em todas as escolas da rede (duas professoras por escola) e respondidos voluntariamente. Sabemos, contudo, que essa condição pode ter criado um viés importante na medida em que possa ter ocorrido um direcionamento na escolha dos sujeitos, visto que, em geral, os professores mais bem preparados apresentam melhor disposição para responder questionários, principalmente quando apresentam parte de questões abertas, como foi o caso. Apesar disso, consideramos que os resultados merecem ser mencionados. In: LEIBRUDER, M.. “A comunicação verbal de pré-escolares ‘carentes’ na escola: Análise da ‘competência comunicativa’ em situações formais e não formais.” Comunicação de pesquisa publicada em *O grande ABC – memória em movimento*. Núcleo de Memória Popular do ABC. IMS. São Bernardo do Campo: 1983, p.38-39.

QUADRO 13 - Formação das professoras da rede por amostragem individual – 1986		
Formação/Cursos	Nº	%
Magistério e Hab. Pré-escola	27	32,1
Magistério, Hab. Pré-Escola e Pedagogia	25	29,7
Magistério, Hab. Pré-Escola, Pedagogia e outro curso superior	11	13,1
Magistério, Hab. Em Pré-Escola e outro curso superior	08	9,5
Magistério somente	03	3,6
Pedagogia e Hab. Pré-Escola	03	3,6
Magistério e Pedagogia	01	1,2
Magistério e outro curso superior	01	1,2
Pedagogia	01	1,2
Pedagogia, Hab. Pré-Escola e outro curso superior	01	1,2
Magistério, Pedagogia e outro curso superior	01	1,2
Não responderam	02	2,4
TOTAL	84	100,0

Os dados acima mostram que a maioria das professoras da rede de educação pré-escolar possuía outros cursos além do magistério, sendo o percentual de professoras que afirmaram possuir apenas o curso de Magistério bastante pequeno (3.6%), enquanto que o das que possuíam este curso com a habilitação específica salta para 32.1%. Somando-se todas as respostas que incluem pelo menos a formação em um curso superior temos um total de 61.9% de professoras tituladas nesse nível em diferentes áreas, sendo que 51,2% do total afirmaram ter cursado Pedagogia.

Concluindo, das 84 professoras consultadas, excetuando-se as que não responderam a questão, somente uma não indicou ter cursado o Magistério em nível de 2º grau, o que pode ter ocorrido por um lapso, tendo em vista ser esta a condição prévia de ingresso; 75 estavam habilitadas na área Pré-Escolar; 43 concluíram o curso de Pedagogia e 23 concluíram ou estavam cursando outro curso superior.

QUADRO 14 - Formação das professoras pesquisadas segundo cursos realizados -1986		
CURSOS	Nº	%
Magistério	77	91,6
Hab. Pré-Escola	75	89,2
Pedagogia	43	51,1
Outro curso superior	22	26,2

Além da formação por iniciativa pessoal, as professoras da rede municipal realizavam com frequência cursos de especialização em diversas áreas da educação infantil, também por iniciativa própria ou na própria rede municipal, o que permitia uma atualização permanente, dentro dos parâmetros preconizados pelo serviço.

Gradativamente os diplomas, principalmente os de nível médio, foram afetados pela desvalorização, perdendo seu valor distintivo. A ampliação da rede e a implantação do primeiro plano de carreira docente levaram os professores a intensificar seus investimentos para manter a raridade relativa de seus diplomas e, correlativamente, sua posição na estrutura educacional. Com a implantação do sistema de avaliação por promoção na carreira, ao lado da avaliação pessoal por parte das diretoras, os títulos também eram computados, sendo as principais vítimas da desvalorização de seus títulos aquelas que ingressaram desprovidas de diplomas em níveis mais elevados. A transformação na distribuição de cargos e degraus superiores no plano de carreira resultou no crescimento do número de titulados, ao mesmo tempo em que parte destes passou a ser vítima da desvalorização, o que explicaria a busca por maiores níveis de titulação de forma contínua.

Assim, posteriormente, ao final da década de 90, o ingresso na rede passou a privilegiar os candidatos portadores de títulos obtidos em pós-graduação *lato e stricto sensu*, dentre candidatos de nível médio e/ou superior, classificados em posições inferiores.

Diante desse quadro, questionamos: o que teria levado o Departamento de Educação a publicar um subsídio pedagógico baseado em modelos de recursos e atividades didáticas até 1987? Seria a formação em nível médio considerada insuficiente? Na visão dos proponentes, necessitariam as professoras com nível superior de um subsídio de caráter prático, considerando-se que os cursos superiores teriam um perfil mais “teórico”, de acordo com o senso comum?

Em qualquer das hipóteses temos que considerar que a opção pelo modelo inscrito na publicação reflete uma dada concepção de criança e de educação infantil, que também foi contemplada historicamente nos cursos de formação de professores, nos quais se evidencia a dicotomia entre “saberes práticos” e “teóricos”, assumindo, em sua maioria, um caráter técnico-instrumental, ensinando o professor a “ensinar”. Portanto, nos parece, que tanto para os “práticos” quanto para os “teóricos” (tão dicotomizados quanto os primeiros) o acervo de recursos didáticos *recordados e renovados* periodicamente se faziam necessários, em nome da atualização e manutenção da qualidade de ensino preconizada.

Por outro lado, dentre os diversos cursos oferecidos periodicamente, a discussão teórica muito provavelmente estaria contemplada, ficando o subsídio destinado às sugestões de

atividades práticas, no caso, tão necessárias quanto a discussão da teoria que as embasam, tendo em vista que o modelo de planejamento pedagógico a ser executado, baseado na taxionomia dos objetivos educacionais de B. Bloom, como veremos adiante, exigia permanentemente um rol de “estratégias” e de “recursos” para ser realizado.

O levantamento realizado em 1986 também procurou detectar se as professoras trabalhavam em outros níveis ou áreas do magistério, sem, contudo, pesquisar outras ocupações fora da carreira (o que sabemos ser relativamente comum), focando somente a relação carreira/formação. Podemos constatar que a maioria (49 professoras) afirmou trabalhar ou já ter trabalhado no ensino de 1º grau, incluindo-se aqui a alfabetização de jovens e adultos; outras 7 informaram trabalhar ou já ter trabalhado no 2º grau, em cursos técnicos ou no magistério, e somente 26, exclusivamente na pré-escola.

QUADRO 15 - Experiência no magistério das professoras pesquisadas por nível de ensino/1986		
NÍVEL	Nº	%
1º Grau	49	58.3
2º Grau	07	8.3
3º Grau	-	-
Somente pré-escola	26	31.0
Não responderam	02	2,4
TOTAL	84	100.0

Os dados acima indicam que as professoras da amostragem, em 1986, não se dedicavam integralmente à educação das crianças pequenas, como muito provavelmente ocorria nos primeiros anos da implantação da rede. Uma das hipóteses para essas mudanças pode estar relacionada à ação de *complementaridade*, pelo fato de o magistério enfrentar historicamente os baixos níveis salariais da categoria (embora o salário dos professores praticado pela prefeitura de São Bernardo fosse considerado um dos maiores para a categoria na época)¹⁴⁷, aliado ao

¹⁴⁷ Sem entrar na polêmica suscitada pelo mito de *melhores salários do Brasil*, construída naquele período, levantamos alguns dados relativos aos salários da época a título de comparação. Em janeiro de 1982 o salário das professoras da rede pré-escolar de São Bernardo era de Cr\$ 53.078,00 e o Salário Mínimo Nacional do mesmo mês, de Cr\$ 11.928,00, portanto, o primeiro perfazia 4,44 SM mensais. Em maio/82 quando o SM passa a Cr\$ 16.608,00, o das professoras vai a Cr\$74.310,00, perfazendo 4,47 SM. Já em nov./82 quando o SM passa a Cr\$ 23.568,00 as professoras de educação pré-escolar passaram a receber somente 3,46 SM, apesar do aumento concedido às vésperas da eleição municipal daquele ano, elevando o salário nominal para Cr\$81.741,00. Fontes:

rebaixamento salarial e à crise econômica pela qual passavam os trabalhadores assalariados em geral, obrigando-os a dedicar-se a mais de uma jornada de trabalho. Ainda relacionada à *complementaridade*, podemos considerar a relação com o prestígio profissional, pois, lecionar simultaneamente em outros níveis de ensino pode imprimir um status de maior qualificação profissional, além da elevação do nível de renda.

Outra hipótese a ser considerada seria a de *transitoriedade*, pelo processo de *substituição* gradativa de uma atividade por outra. Assim, aqueles professores que já lecionavam anteriormente em outros níveis de ensino, podem ter ingressado na educação pré-escolar municipal pelo atrativo salarial (considerando-se verdadeira a hipótese de melhor salário da categoria) e ter permanecido em ambos os níveis até conseguirem uma nova vaga, em jornada dupla na própria rede pré-escolar (busca de maior capital econômico). Como afirma Bourdieu “convém saber abandonar a tempo os ramos de ensino ou as carreiras desvalorizadas para se orientar em direção de ramos de ensino ou carreiras de futuro, ao invés de se apegar aos valores escolares que proporcionavam os mais altos lucros num estado anterior do mercado”.¹⁴⁸ Em ação contrária, a simultaneidade poderia estar, ainda, ligada à busca de desligamento futuro da área de menor prestígio cultural para assumir as mais valorizadas socialmente (busca de capital cultural e social).

Seja por complementação ou substituição, essas hipóteses nos levam a considerar a forte intersecção entre os fatores econômicos, escolarização e prestígio profissional. Embora não tenhamos pesquisado o nível sócio econômico familiar das professoras na ocasião, sabemos pelo pertencimento à rede por cerca de vinte anos, que até a década de 70, grande parte das moças, oriundas das famílias mais privilegiadas economicamente da cidade, optava pelo magistério e pelo ingresso na rede municipal, nela permanecendo até a aposentadoria. As professoras oriundas de famílias mais abastadas e tradicionais¹⁴⁹ da cidade buscariam tão somente o exercício de uma atividade profissional condizente com as expectativas de seu grupo social quanto à escolha profissional, já que o prestígio social estaria garantido pela própria condição familiar.

DIEESE, Agência Estado/2007 e documentos pessoais (comprovantes de pagamento de janeiro, maio e novembro de 1982).

¹⁴⁸ BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 160.

¹⁴⁹ Nesse sentido, utilizamos aqui o termo *tradicionalismo* no sentido proposto por Maria Aparecida Joly Gouveia, que no estudo sobre as escolhas ocupacionais de professoras nos estados de São Paulo e Minas Gerais, no ano de 1960, mostra como a aceitação de certos valores está relacionada com a origem familiar e, em segundo lugar, como tais valores, por sua vez, predispõem a determinadas decisões ou orientações vocacionais.

De acordo com Enguita (1991),¹⁵⁰ a luta pela profissionalização docente não só se constitui um conflito de classe, mas também de gênero, e como tal deve ser vista. “O gênero não só separa os docentes de outros grupos ocupacionais: também os divide entre si”. Assim, quanto à presença das mulheres no magistério “há uma tendência decrescente desde a quase totalidade do professorado de ensino pré-escolar até a quarta parte do universitário, o que significa uma presença inversamente proporcional aos salários, à autonomia, ao prestígio e às oportunidades de promoção profissional dos distintos subgrupos de docentes”.

A busca de dados complementares referentes às décadas anteriores e posteriores poderá mostrar um quadro que permita avaliar até que ponto os professores da rede municipal de São Bernardo têm enfrentado os conflitos em torno de seu estatuto social e ocupacional, desde a polêmica salarial até a “construção de sua imagem social e suas conseqüências em termos de delimitação de campos de competência, organização da carreira, etc.”. Segundo Fernandez Enguita, “as polêmicas e dilemas em que se manifesta a ambivalência da posição do docente poderiam se resumir (...) em sua localização em um lugar intermediário e instável entre a profissionalização e a proletarização.”¹⁵¹

Outro dado importante que o levantamento permite observar se refere ao tempo de exercício no magistério. Em média as professoras possuíam 10,6 anos de experiência na área de educação infantil, sendo que nove afirmaram trabalhar na área entre um e cinco anos; 33, entre seis e dez anos; 15, entre onze e quinze anos e 24, entre dezesseis e vinte e um anos. Esses dados demonstram que, após o ingresso, a probabilidade de continuidade do docente na rede era muito grande, fortalecendo a hipótese de que, àquela época, a vantagem salarial, aliada à curta jornada, à possibilidade de formação permanente em serviço e boas condições materiais das escolas, além de oferta de plano de assistência médico-hospitalar de boa qualidade, contribuíam fortemente para a existência de um quadro estável de professoras na rede de educação pré-escolar de São Bernardo do Campo.

As contribuições dos professores no *Recordando e renovando*

A contribuição dos professores nas publicações poderá nos dar a dimensão da participação dos mesmos como co-autores da produção, bem como a proporção dessa participação, considerando numericamente o conjunto das escolas.

¹⁵⁰ FERNANDEZ ENGUITA, M. (1991), *Op. cit.*, p.54.

¹⁵¹ *Idem*, p. 41.

No Quadro 16 elencamos todas as contribuições identificadas em cada um dos exemplares descrevendo o tipo de contribuição e quantificando o número de sugestões e de escolas participantes.

QUADRO 16 - Contribuições das Escolas nas publicações (1982 – 1987)

RR N°/ano	Escolas	Tipo de Contribuição	Total de escolas	Total de Contribuições
01/82	EMEI Aldino Pinotti EMEI Vital Brasil	Estória: Pingo e as formas – blocão Estória: O pintarroxo fazedor de laços – blocão	02	02
02/82	Exemplar não localizado			
03/82	EMEI Monteiro Lobato EMEI Heitor Villa Lobos EMEI Santa Terezinha	Estória: A margarida friorenta – blocão Recurso didático com material de sucata Máscaras Pregador de roupa	03	04
04/82	EMEI Carlos Gomes EMEI Santos Dumont	Estória: O Hotel da floresta – flanelógrafo Estória de Juca e Pedrinho – blocão	02	02
05/82	EMEI Castro Alves EMEI Pe. Manuel da Nóbrega EMEI Guilherme de Almeida EMEI Cassiano Ricardo EMEI Di Cavalcanti	Poesia e Coro falado Estória: Os três reinos da natureza – fantoches/máscaras Jogo de quantidade: Embocando Quadrinhas Pesquisa sobre o trabalho do papai	05	05
06/82	EMEI Monteiro Lobato	Estória: A floresta encantada – blocão	01	01
07/82	EMEI Cassiano Ricardo EMEI Rui Barbosa EMEI Fernando de Azevedo	Jogos para turmas de 5 e 6 anos Quadrinhas sobre animais Estória: A tartaruga triste – vareta Estória: O passarinho vermelho – blocão Fantoches de luva Cartonagem	03	06
08/82	EMEI Cândido Portinari	Estória – A Árvore do Beto – televisão	01	01
		Total de contribuições no ano	17	21
01/83	EMEI Guilherme de Almeida EMEI Pe. Manuel da Nóbrega	Estória: Catarina vai à escola – fantoches Fantoches de luva – A família	02	02
02/83	EMEI Lauro Gomes EMEI Jardim Detroit EMEI Pe. José de Anchieta	Máscara – Emília Estória – Os amigos da noite – sombra Palhacinho das cores	03	03
03/83	Não há indicações		-	-
04/83	EMEI Anísio Teixeira EMEI Vital Brasil	Estória: A casa Relação de discos – Festas Juninas	02	02
05/83	EMEI Rui Barbosa EMEI Anísio Teixeira EMEI Castro Alves EMEI Jardim Detroit EMEI Lauro Gomes EMEI Fernando de Azevedo	Estória: Brancaflor – Varal Estória: Nosso amigo ventinho – flanelógrafo Estória: Marinho, o peixe voador – varal Estória: Uma nuvem chamada Fofinha – blocão Estória: Bido, o sabido – blocão Sugestão para o dia dos pais – cartão Sugestão para o dia dos pais – porta pente	06	07
06/83	EMEI Lauro Gomes EMEI Ernesto Augusto Cleto EMEI Anísio Teixeira EMEI Pe. José de Anchieta EMEI Jardim Detroit	Estória: Uma pequena semente – sombra viva Estória: O menino e a flauta encantada – sombra Estória: Carlinhos e as horas – blocão Trabalho manual: nariz de palhaço Trabalho manual: coruja	05	05

07/83	EMEI J. Andréa Demarchi EMEI Vicente de Carvalho EMEI Aldino Pinotti EMEI José de Alencar EMEI José Maurício	Dobradura: O chapéu do Papai Noel Estória: Nasceu Jesus – teatro vareta Estória: o pinheirinho de Natal – blocão Confeccionando presépio Máscara de Papai Noel Brincando com jornal Confeccionando presépio	05	07
		Total de contribuições no ano	23	26
01/84	EMEI Vicente de Carvalho EMEI Fernando de Azevedo EMEI Jardim Detroit EMEI J. Andréa Demarchi	Criando estórias com frutas e legumes-varetas Estória: O céu da cor que eu quero – vareta Estória: A cidade triste que se tornou alegre – vareta Estória: O desfile das cores – vareta Estória: Banana na lua – blocão	04	05
02/84	EMEI Pe. Leonardo Nunes	Estória: A casa do pé de vento – flanelógrafo Estória: O presente de Páscoa – flanelógrafo	01	02
03/84	Não há indicações		-	-
04/84	EMEI Santos Dumont EMEI Rui Barbosa “ “ “ EMEI Fernando de Azevedo EMEI José de Alencar EMEI Carlos Gomes	Quadrinhas – Ciranda dos Insetos Música: Minha viola Música: Tem gato na tuba Poesia: Trocadilho Música: Ai meu nariz Cartão porta canetas – dia dos Pais Jogo da trilha Vamos brincar de cineminha com as crianças	05	08
05/84	EMEI Carlos Gomes EMEI Bernardo Pedroso EMEI Pe. Leonardo Nunes EMEI Rui Barbosa EMEI J. Andréa Demarchi EMEI Monteiro Lobato	Brincando com palavras – Exercício Exercícios corporais: A casa, A gaveta, O carro, O circo Exercício Musical: Troca o trinco (prolação) Exercício prolação. Quá-quá e Quen-quen Exercício musicado: No reino da bicharada	06	08
06/84	EMEI Vicente de Carvalho “ EMEI São Pedro EMEI Higinio Batista de Lima EMEI Pe. José Maurício EMEI Aluísio Azevedo EMEI Cândido Portinari EMEI Di Cavalcanti	Exercício: Brincando com sons Trava-língua: Ungle... ungle... ungle.. Loto com figuras de sons finais Prolação: Papim papando Pintura relevo Modelos: Árvore e figuras – Natal Livro: Terra de tristeza, terra da Alegria Músicas: Soam os sinos/Dezembro/Jesus no Presépio	07	10
		Total de contribuições no ano	23	33
01/85	EMEI Vinicius de Moraes	Estória: O segredo do Curumim – blocão	01	01
02/85	EMEI Pe. José Maurício EMEI Ernesto Augusto Cleto EMEI Aldino Pinotti EMEI Santa Terezinha	Exercício Linguagem: Saquinho mágico Exercício Linguagem: Fli, Flai, Flu Exercício utilizando gravuras Fantoche de dedos	04	04
03/85	EMEI Caetano de Campo	Estória: Os gominhos do Amor – fantoche	01	01
		Total de contribuições no ano	06	06

01/86	Não há indicações		-	-
02/86	EMEI Rui Barbosa	Música: Colcha de retalhos – Dia das Mães	01	01
03/86	EMEI Fernando de Azevedo	Estória: festança na mata do cipó – vareta	01	01
04/86	EMEI Carlos Gomes	Jogos motores – 4 a 6 anos	01	01
05/86	EMEI Santos Dumont EMEI Monteiro Lobato	Aula de culinária Confecção de lembrancinhas: – o sapo – o fofão	02	03
06/86	EMEI Thales de Andrade EMEI Ondina Ignez Oliveira	Dramatização de Natal Cartão de Natal – desenho de criança	02	02
		Total de contribuições no ano	07	08
01/87	EMEI Francisco Miele EMEI Santos Dumont “ EMEI Santa Terezinha	Receita: Bolo de chocolate Estória: O menino e o jacaré Trabalhos manuais: – Agulheiro – Cestinha florida – O coelhinho da Páscoa Capa do RR – desenho aluna Vanessa, 6 anos	03	06
02/87	EMEI Caetano de Campos EMEI Santos Dumont EMEI Lauro Gomes “ EMEI Santa Terezinha EMEI Alto do Baeta n/c	História: A bruxinha descobriu o Natal História: Com Papai Noel História: O segredo de Natal: Ser feliz Litania: obrigado, meu Deus – blocão Coro falado – Tic-Tac Música: O cordão da paz – É fim de ano Capa do RR – alunos Tatiana e Marcelo	05	07
		Total de contribuições no ano	08	13
		no período	84	107

O quadro síntese das contribuições enviadas permite melhor visualizar quanto à participação das professoras durante o período 1982-1987:

QUADRO 17 - Síntese do número de contribuições		
ANO	ESCOLAS*	SUGESTÕES
1982	17	21
1983	23	26
1984	23	33
1985	06	06
1986	07	08
1987	08	13
TOTAL	82	107
* Consideramos o total de vezes que as escolas são identificadas, independente do número de contribuições individuais.		

Podemos observar que o número de contribuições anuais das escolas é maior nos três primeiros anos, decrescendo significativamente nos últimos três (de 80 para 27 contribuições), com um ligeiro acréscimo no último ano. O número de escolas participantes também decresce de forma similar, de 17 para somente 8 em 1987. Embora em 1982 houvesse 48 unidades

escolares municipais de Educação Infantil na cidade (entre EMEIs e CMEIs), número que salta para 60 em 1987, somente 17 encaminharam algum tipo de sugestão no primeiro ano da publicação e no último somente 08, de acordo com os dados publicados.

Em relação à contribuição individual das escolas participantes podemos notar que 35 escolas diferentes encaminharam 107 contribuições nos primeiros seis anos da publicação, com uma média de 3 contribuições por escola. Superaram essa média somente 15 escolas, sendo que o maior número de contribuições foi de oito sugestões (por duas escolas) e o menor de apenas uma. Nenhuma escola contribuiu regularmente em todos os anos, sendo que somente três contribuíram em quatro anos alternados, e as demais, em três ou menos.

QUADRO 18 - Contribuições das Escolas nas publicações (1982-1987)							
	1982	1983	1984	1985	1986	1987	TOTAL
1.Aldino Pinotti	01	01	---	01	---	---	03
2.Vital Brasil	01	01	---	---	---	---	02
3.Monteiro Lobato	02	---	01	---	02	---	05
4.Heitor Villa Lobos	01	---	---	---	---	---	01
5.Santa Terezinha	02	---	---	01	---	02	05
6.Carlos Gomes	01	---	02	---	01	---	04
7.Santos Dumont	01	---	01	---	01	05	08
8.Castro Alves	01	02	---	---	---	---	03
9.Pe. M. da Nóbrega	01	01	---	---	---	---	02
10.Guilherme de Almeida	01	01	---	---	---	---	02
11.Cassiano Ricardo	04	---	---	---	---	---	04
12.Rui Barbosa	01	01	05	---	01	---	08
13.Fernando de Azevedo	02	01	02	---	01	---	06
14.Cândido Portinari	01	---	01	---	---	---	02
15.Di Cavalcanti	01	---	03	---	---	---	04
16.Lauro Gomes	---	03	---	---	---	02	05
17.Jardim Detroit	---	03	02	---	---	---	05
18.Pe. José de Anchieta	---	02	---	---	---	---	02
19.Anísio Teixeira	---	03	---	---	---	---	03
20.Ernesto A. Cleto	---	01	---	01	---	---	02
21.J. Andréia Demarchi	---	01	02	---	---	---	03
22.José de Alencar	---	01	01	---	---	---	02
23.Vicente de Carvalho	---	01	03	---	---	---	04
24.Pe. José Maurício	---	03	01	01	---	---	05
25.Pe. Leonardo Nunes	---	---	02	---	---	---	02
26.Bernardo Pedroso	---	---	04	---	---	---	04
27.São Pedro	---	---	01	---	---	---	01

28.Higino B. de Lima	---	---	01	---	---	---	01
29.Aluísio Azevedo	---	---	01	---	---	---	01
30.Vinicius de Moraes	---	---	---	01	---	---	01
31.Caetano de Campos	---	---	---	01	---	01	02
32.Thales de Andrade	---	---	---	---	01	---	01
33.Ondina Ignez Oliveira	---	---	---	---	01	---	01
34.Francisco Miele	---	---	---	---	---	01	01
35.Alto do Baeta	---	---	---	---	---	01	01
Não identificada	---	---	---	---	---	01	01
Total	21	26	33	06	08	13	107

Quanto à redução da participação das escolas e à interrupção da publicação em 1988, ficam as questões: Por quais razões ocorreu esse acentuado decréscimo? Seria esse decréscimo o motivo, ou um dos motivos, para a interrupção da publicação no ano seguinte? O que ocorreu naquele ano? Estariam os professores aguardando por mudanças na publicação? Há indicadores que apontem nessa direção?

Não sabemos se todas as contribuições efetivamente publicadas representam a totalidade das enviadas. Nesse sentido é preciso considerar que a equipe proponente dispunha do controle sobre a publicação, provavelmente selecionando as contribuições a partir de critérios que contemplassem a qualidade e adequação da mesma às temáticas e à abordagem requeridas. Em termos quantitativos também é provável que um critério utilizado fosse o de permitir a participação do maior número possível de escolas, determinando diferenças na participação. Consideramos que o decréscimo na produção ao final do período também possa estar relacionado ao fato de que o banco de recursos didáticos dispusesse de um acervo suficiente para suprir as necessidades do momento.

Em relação à natureza das contribuições enviadas pelas escolas podemos destacar que a maioria refere-se a sugestões de “estórias” a serem contadas pela professora, utilizando os mais variados recursos: livros, blocões (álbum seriado), flanelogravura, fantoches, varal, sombra e outros, com um conjunto de técnicas que envolvia desde a escolha do local e música de chamada até o recontar e desenhar a “estória” após seu término. Nesse sentido era comum a oferta de cursos sobre “A arte de contar estórias”, por exemplo, que destacavam a importância da capacidade de expressão verbal e corporal do professor e do manuseio adequado de fantoches, cenários, iluminação, etc. A utilização de livros somente era indicada quando estes fossem suficientemente grandes e bem ilustrados para serem visualizados por toda a classe.

Das 107 sugestões encaminhadas no período, 37 são dessa natureza. A seguir temos as sugestões de atividades em artes plásticas e trabalhos manuais, com 21 indicações; as atividades

de musicalização, com 12 sugestões; jogos e brincadeiras, com 10; recursos para o desenvolvimento da linguagem (prolação, travalinguas, poesias e coros falados), com 15; recursos para teatralização (confecção de fantoches, máscaras, etc.), com 07; uma sugestão de pesquisa sobre o trabalho do papai e 03 desenhos de alunos, dois deles reproduzidos nas capas dos dois últimos exemplares publicados no período e um como sugestão de cartão de Natal.

Bem como para contar “estórias”, cursos e oficinas eram também constantemente oferecidos para instrumentalizar o professor nas diversas atividades a serem desenvolvidas como parte do currículo pré-escolar à época, de acordo com as áreas de estimulação a serem desenvolvidas e nos roteiros de atividades.

Observa-se na descrição das atividades contidas nas publicações, enviadas ou não pelas escolas, que enfatizam o *como* fazer, *como* elaborar, *como* desenvolver uma experiência, *como* contar uma “estória”, aproximando-se, portanto, da pedagogia da “arte de ensinar”, uma pedagogia prática, inscrita na modernização da escola em fins do século XIX e início do século XX, na qual o impresso pedagógico adquire uma importância modelar no campo normativo. O repertório de práticas e saberes pedagógicos enviados pelas escolas em resposta às prescrições contidas nos subsídios pedagógicos podem contribuir para entendermos a dupla dimensão relativa à apropriação e à difusão dos mesmos na construção da cultura escolar.

QUADRO 19 - Contribuições das escolas quanto aos tipos de recurso sugeridos (1982-1987)	
TEMAS	Nº
“Estórias”	37
Artes plásticas/trabalhos manuais	21
Exercícios de Linguagem oral/ Poesias/Coros falados	16
Musicalização	12
Jogos e brincadeiras	10
Recursos para teatralização	07
Desenhos de crianças	03
Sugestão de Pesquisa	01
TOTAL	107

Por outro lado, o enfoque nas atividades artísticas, incluindo-se aqui artes plásticas e música, num total de 34 indicações, nos dá a dimensão da importância dessa área no currículo da educação pré-escolar do período, numericamente inferior somente às indicações de “estórias”. As sugestões de jogos e brincadeiras vêm a seguir, com 10 indicações.

Como analisa Franco Cambi, a função educativa da arte, iniciada pelos românticos, que se difunde para a pedagogia-educação de todo o século XIX, mantém “uma significativa centralidade: que valoriza a criatividade, que reforça a liberdade da mente.” A práxis educativa de Froebel concebia a arte enquanto reforçadora da fantasia, de auxiliar no desenvolvimento das capacidades cognitivas, enriquecendo a personalidade da criança e do jovem; “arte que na infância é sobretudo jogo e que deve ser colocada no centro da atividade nos *jardins de infância...*”¹⁵²

A visão do jogo, central na pedagogia froebeliana, como brincar supervisionado, é reelaborada a partir dos avanços da psicologia, das teorias da aprendizagem e do currículo no século XX, adquirindo uma dimensão diferenciada, com novas finalidades, num processo crescente de “didatização escolarizada”, adquirindo a dimensão de componentes curriculares da educação pré-escolar, embora a função lúdica e propiciadora do desenvolvimento cognitivo e da criatividade tenha permanecido e até mesmo se fortalecido. Como veremos adiante, Nicanor Miranda, sucessor de Mário de Andrade na direção dos Parques Infantis na cidade de São Paulo, torna-se um referencial importante nesse período, ao lado dos psicomotricistas, com um modelo de brincar orientado através dos jogos e brincadeiras.

Quanto às “estórias” presentes nas sugestões enviadas, muitas procuram trazer lições e exemplos de cunho moral e disciplinar e de formação ética. Outras procuram trazer informações científicas, sobre conhecimento do mundo e das coisas. Outras, desenvolver um conjunto de conceitos e habilidades considerado necessário para o futuro aprendizado escolar, em particular, a alfabetização para a qual também eram indicadas atividades artísticas, jogos e brincadeiras.

Um conjunto de indicações importantes refere-se às atividades específicas de desenvolvimento da linguagem oral, incluindo aqui exercícios de prolação, coros falados e poesias, em alguns casos para serem recitadas de cor. A linguagem como componente principal de uma das áreas de estimulação contempladas no “Plano do Sistema de Educação Pré-Escolar da Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo” (Desenvolvimento da Comunicação e Expressão) é compreendida como um “conjunto de códigos” que permite à criança dar “diferentes respostas à realidade percebida e quanto mais individuais forem (fala egocêntrica) maiores dificuldades haverá na comunicação com o grupo”.¹⁵³ Excetuando-se essa abordagem, de linha piagetiana, nenhuma outra menção de ordem teórica sobre a área é encontrada de forma direta no referido Plano. De acordo com o mesmo, nessa área a criança deve ter oportunidades para desenvolver diferentes formas de linguagem, com ênfase na linguagem oral.

¹⁵² CAMBI, *Op. cit.*, p. 412.

¹⁵³ PMSBC, 1985, p. 22.

Outras atividades sugeridas pelas escolas relacionam-se com as áreas de Desenvolvimento Pessoal e Social e de Desenvolvimento das Operações Intelectuais. O Plano apresenta detalhadamente os objetivos a serem alcançados através de atividades em cada uma das áreas e para cada uma das fases (I, II, e III, correspondente a 4, 5 e 6 anos, respectivamente). Para a apresentação dos objetivos no referido Plano foi adotada a classificação proposta por B. Bloom, envolvendo os domínios cognitivo, afetivo e percepto-motor. Todo o currículo era desenvolvido através de unidades didáticas (Ovídio Decroly), que na década e oitenta são adaptadas para os temas relacionados no Quadro 20.

QUADRO 20 - UNIDADES DIDÁTICAS - Comparação 1982/1975			
Mês		1982	1975
Janeiro	Unidade Objetivo Campanha Ed.		Férias de verão Estudo do verão Contra a desidratação
Fevereiro	Unidade Objetivo Campanha Ed.	A criança na escola Adaptação da Criança à escola Higiene e Nutrição	Pedrinho tem um lar feliz Estudo do lar, adaptação à escola e estudo da organização da família Alimentação
Março	Unidade Objetivo Campanha Ed.	Lar, Escola, comunidade Estudo da família, da escola e comunidade Higiene e Nutrição	Idem
Abril	Unidade Objetivo Campanha Ed.	Primeiros Habitantes do Brasil. Estudo sobre os índios brasileiros Profissões, Meios transportes e comunicação	Pedrinho visita o Jardim Zoológico Estudo dos animais Contra insetos nocivos
Mai	Unidade Objetivo Campanha Ed.	Regiões brasileiras e Raças Estudo das regiões brasileiras e das raças idem	Crianças de todo o mundo Estudo dos usos e costumes Bons hábitos
Junho	Unidade Objetivo Campanha Ed.	Cidade e Campo Objetivo: Estudo das zonas urbana e rural Saúde e Nutrição	Pedrinho visita a fazenda de Roberto Estudo da cidade e do campo Contra Incêndio
Julho	Unidade Objetivo Campanha Ed.		Férias de inverno Estudo do inverno Como posso ser útil
Agosto	Unidade Objetivo Campanha Ed.	Os três reinos da natureza Objetivo: Estudo dos três reinos da natureza (ênfase no reino animal) Preservação dos bens da natureza	Pedrinho estuda a natureza Estudo dos três reinos da natureza (ênfase no reino mineral) Cuidados com a saúde
Setembro	Unidade Objetivo Campanha Ed.	Os três reinos da natureza (ênfase no reino vegetal/Primavera) Preservação dos bens da natureza	As abelhas estão zumbindo nos jardins de Pedrinho Estudo da primavera e dos vegetais Conservação do solo e cuidados com as plantas e jardins públicos
Outubro	Unidade Objetivo Campanha Ed.	Os três reinos da natureza (ênfase no reino mineral) Campanha Educativa: idem	Viagens através dos tempos Estudo dos meios de transporte e comunicação Do livro
Novembro	Unidade	Natal	Porque somos todos irmãos
Dezembro	Objetivo Campanha Ed.	Estudo do Natal Boas ações e fraternidade	Estudo do Natal Boas Ações

Fonte: Caderno de Planejamento – 1982 - EMEI Olavo Bilac/SBC

A título de comparação, transcrevemos as Unidades de Trabalho desenvolvidas em 1975 e 1982, de Planos de Trabalho de duas professoras, na mesma escola, após a fusão dos serviços de Assistência ao Pré-Escolar e de Parques Infantis, podendo-se observar as mudanças ocorridas. Em 1975 os Parques Infantis atendiam as crianças também nas férias escolares, portanto, prevendo unidades de estudo específicas para tais momentos. De acordo com os Planos pesquisados, mensalmente eram enumerados os objetivos gerais e específicos a serem atingidos (e que eram encaminhados em listagens preparadas pela equipe de orientação técnica), os conteúdos para atingir cada um deles, as estratégias para desenvolvimento dos conteúdos, os recursos para a execução da estratégia e as técnicas de avaliação.

Na década de 70 as Unidades de Trabalho, como eram também chamadas, giravam em torno de um personagem central, Pedrinho, que acompanhava os estudos por todo o ano letivo. Nos anos 80 foram remodeladas, eliminando-se o personagem fixo, mudando as campanhas educativas. Nota-se que a unidade *Viagens através dos tempos* é transformada na campanha educativa do mês de abril, então denominada *Profissões, Meios de transporte e Comunicação*, uma transposição difícil de ser compreendida, dada a natureza da mesma. Decroly é, assim, gradativamente reinterpretado, transformado e “encaixado” como mais um utensílio auxiliar na tarefa de introduzir as crianças no mundo escolar.

A cada mudança de unidade didática eram trocados os painéis e demais elementos decorativos da escola, confeccionados pelas professoras. Muitas vezes demais membros da escola, bem como as mães, auxiliavam nessa tarefa, com muito esmero. Essa participação também se dava por ocasião das festas e comemorações, desde a organização até a confecção das lembranças para as crianças.

Ao final de cada unidade de trabalho, as crianças levavam para casa uma pasta devidamente decorada pela professora com as atividades desenvolvidas no período. Muitas vezes eram entregues nas reuniões de pais e mestres, na quais eram discutidas.

Reuniões de Pais e Mestres para discussão do processo de aprendizagem e de adaptação da criança na escola, reuniões da Associação de Pais e Mestres para auxiliar na melhoria da escola e outras formas de participação constituíam-se em manifestações herdadas do movimento escolanovista que, na voz de Lourenço Filho, se constituía em “escola nova e da boa”, complementando que “o eixo da escola nova é exatamente a maior socialização do trabalho escolar. Escola ativa é apenas um de seus capítulos.”¹⁵⁴

¹⁵⁴ Carvalho, *Op. cit.*, p. 62.

As atividades em cada classe eram desenvolvidas em uma rotina específica de atividades graduadas e intercaladas, inseridas na rotina geral da escola. Procurando respeitar os limites da capacidade infantil de concentração em determinadas ações, a rotina era toda subdividida em períodos de dez a trinta minutos de acordo com cada atividade e faixa etária das crianças envolvidas.

Consultando os mesmos cadernos de planejamentos elaborados pelas professoras da década de 80, selecionamos e transcrevemos aqui um exemplo de rotina diária e mensal para uma classe de seis anos, idade que era priorizada quanto ao uso da sala de aula nos esquemas de rodízio, para o desenvolvimento das atividades de *Prontidão*, composta de atividades e exercícios de preparo para a escrita, bem como de desenvolvimento do raciocínio lógico matemático.

QUADRO 21 – Rotina básica para turmas de seis anos – Período vespertino – 1º período		
HORÁRIO ROTINA DIÁRIA	ATIVIDADES (MENSAL)	ATIVIDADES FÍSICAS (MENSAL)
Entrada/Canto: 13 às 13:10	Dobradura.....01	Educação física.....06
Prontidão: 13:10 às 14	Pintura.....02	Pequenos jogos.....04
Educação Física: 14 às 14:30	Recorte/Colagem.....02	Ed. do Movimento.....04
Recreio livre: 14:30 às 15	Modelagem.....01	Roda Cantada.....03
Higiene das mãos: 15 às 15:10	Alinhavo.....02	Dança.....03
Lanche: 15:10 às 15:30	Teatralização.....02	
Higiene dos dentes: 15:30 às 15:40	Iniciação Musical.....04	
Outras Atividades: 15:40 às 16:20	Atividades livres.....02	
Preparo para a saída: 16:20 às 16:30	Horticultura.....01	
	Desenho.....01	
	Cartonagem.....01	
Fonte: EMEI Olavo Bilac, São Bernardo do Campo, Planejamentos, 1982		

A rotina escolar era devidamente adequada às classes de cinco e quatro anos, procurando-se conciliar os horários das diferentes turmas ao espaço físico, equipamentos e materiais, em sistema de rodízio, incluindo-se o uso das salas de aula. Dessa forma, o uso de determinados materiais, como cavaletes de pintura, bandinha rítmica e materiais de educação física, era escalonado durante a semana, para que não acumulasse mais de uma turma num mesmo espaço ou com um mesmo material simultaneamente. Isso implicava no cumprimento rigoroso dos horários, bem como na utilização adequada dos materiais que deveriam ser disponibilizados para a turma seguinte em perfeita ordem.

Em dias de chuva, as turmas permaneciam nas salas e uma ou duas no galpão, revezando-se na ocupação desses espaços em diferentes atividades. As turmas de semi-internato tinham uma rotina especial, necessitando de acomodações que nem todas as escolas dispunham, pois em algumas, para atendimento à demanda, funcionavam em três turnos, com mais de uma turma em rodízio por período, estratégia que também contribuiu para a ampliação do atendimento na década de 1980, discutida anteriormente.

Concluindo esse recorte, observamos que as atividades apresentadas no Quadro 21 apresentam-se simplificadas em relação à década anterior (Quadro 22) quando eram programadas em maior quantidade e complexidade, com um detalhamento minucioso para cada faixa etária, configurando um modelo essencialmente escolar, com tempo e espaço cuidadosamente regrados, o qual poderíamos chamar de “pedagogia da dosagem e da minúcia”.

QUADRO 22 - Programação de atividades por níveis de ensino – 1975			
NÍVEIS/ATIVIDADES	4 anos	5 e 6 anos	Grandes- 7 a 12 anos
Teatro	-----	-----	01 por mês
Dramatização	01 por mês	01 por mês	
Pantomimas	01 por mês		01 por mês
Fantoches	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	
Marionetes
Sombra	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias
Máscara	01 por mês	01 por mês	01 por mês
Declamação	e coro 01 mês	01 por mês
Bandinha	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias
Canto	diariamente	diariamente	diariamente
Coral	01 por mês
Disco	01 cada 15 dias	01 por mês	01 cada 15 dias
Filmes (slides)	01 por mês	01 por mês	01 por mês
Trabalhos Manuais	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	02 cada 15 dias
Alinhavo	01 por mês	01 a cada 15 dias	01 por mês
Jardinagem	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	01 por mês
Estória	diariamente	02 cada 15 dias	02 cada 15 dias
Palestra	diariamente	diariamente	diariamente
Flanelógrafo	01 cada 15 dias	02 cada 15 dias	01 cada 15 dias
Colecionação	01 por mês	01 por mês	01 por mês
Museu	01 por mês		
Passeio	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias
Desenho	02 cada 15 dias	01 cada 15 dias
Pintura	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias
Modelagem	01 cada 15 dias	e cerâmica 01 mês	e cerâmica 01 cada 15 dias
Recorte e Colagem	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias
Cartonagem (na parte de Recorte e Colagem)		01 por mês	01 por mês
Tecelagem	01 por mês
Dobradura	01 cada 15 dias	01 por mês	01 cada 15 dias
Higiene	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias	01 cada 15 dias

Fonte: Quinzenário/1975/Unidade de Educação Infanto-Juvenil V.Mussolini (atual EMEB Olavo Bilac) (transcrição literal)

Retomando as sugestões de atividades encaminhadas pelas escolas para publicação, podemos afirmar que apresentam-se em consonância com os objetivos propostos pelas áreas de estimulação, com as unidades didáticas, campanhas e rotinas estabelecidas, que exigiam variedade de sugestões e novidades a cada ano para garantir a quantidade e a diversidade para as diferentes turmas atendidas, na perspectiva de preparação da criança para a futura escolarização.

Se os dispositivos materiais do impresso, aliados às contribuições das escolas no envio de matérias a serem publicadas, permitiram delinear a análise até então apresentada, o que poderão revelar as indicações de leitura feitas pelos organizadores do subsídio? As referências bibliográficas, como um dispositivo de configuração de idéias e concepções que se pretende manter ou modificar, poderão oferecer pistas sobre os sentidos que os autores deram à proposta de educação pré-escolar em curso?

2.1.4. A indicação de textos e autores

As indicações bibliográficas, quando existentes, em geral não trazem os dados completos. A organização da bibliografia, presente somente em parte das matérias publicadas, também não segue um padrão fixo, tendo em vista que os textos ou sugestões de atividades e de recursos didáticos foram produzidos por pessoas diferentes. Como afirma Toledo¹⁵⁵, a bibliografia “fornece provas visuais do lugar no qual o texto foi produzido. Porém, a lista bibliográfica é produto do trabalho do autor, sendo organizada segundo o sentido que este lhe confere”. Além disso, “a bibliografia formalizada indica a opção pela difusão de textos cuja forma de apresentação fornece ao leitor a possibilidade de consultar aqueles que são referência”.¹⁵⁶

Das 158 indicações/identificação de autores nas matérias publicadas no primeiro período, somente 38 trazem a data da publicação e somente 74, a editora ou responsável pela publicação. Algumas indicações não trazem o(s) autor(es), identificando somente o título da obra ou somente uma referência genérica. Dessa forma, para a categorização das indicações precisamos recorrer a indícios que permitam reconhecer a natureza da matéria bem como o suporte material utilizado. Na indicação *Mundo da Criança/vol. 9*, por exemplo, o

¹⁵⁵ TOLEDO, *Op. cit.*, p. 164.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 165.

complemento (*vol. 9*) permitiu inferir tratar-se de um livro. Algumas indicações, por tão incompletas, não foram registradas.

Do total de indicações registradas nesse primeiro período (158), 101 têm como suporte de texto o **livro**, seja relativo à educação em geral para formação ou instrumentalização dos professores (54), de histórias infantis (35) ou para uso do aluno (12). Outras 19 indicações têm como suporte **revistas** variadas; 19 provêm de subsídios em forma de **apostilas ou manuais** e 08 são de suplementos infantis ou femininos de **jornais** de grande circulação. Em 11 indicações não foi possível identificar o suporte.

No Quadro 23 quantificamos os diferentes suportes de textos, aglutinando os livros indicados em três categorias: livros para a *formação de professores*, *histórias infantis* e *livros para uso do aluno*. Ainda quanto aos livros é preciso considerar que no total de indicações para os professores estão computadas as repetições (06 ao longo do período), restando, portanto, 48 indicações originais, que serão objeto desta discussão. Optamos em incluir nesse quadro o total de indicações, por tratar-se de suporte identificado e não necessariamente de autores.

Quanto ao número de indicações gerais ano a ano, observa-se que entre 1982 e 1983 houve uma similaridade no total, com 40 e 39 indicações diversas, respectivamente. Esse número é reduzido nos anos de 1984 e 1985, com 16 e 09 indicações. No ano de 1986 volta a crescer com 33 indicações, encerrando o primeiro período com 21 indicações em 1987. Em relação aos conteúdos (temas) das indicações, de forma geral, e considerando-se os diferentes suportes de textos, verificamos que os livros ocupam um espaço relevante. Embora no conjunto das matérias publicadas no período (cerca de 460) a grande maioria refira-se a atividades práticas e sugestões de modelos e recursos didáticos, as indicações complementares ou identificação de autoria recaem nesse suporte.

É possível que grande parte das atividades tenha sido retirada de revistas diversas, suplementos infantis de jornais ou outras fontes, mas as mesmas não se apresentam devidamente identificadas. Logo, em relação a revistas, por exemplo, temos somente 19 indicações, a maioria referente a jogos, brincadeiras e atividades em geral. Os poucos jornais indicados trazem contribuições de atividades em geral, além de duas “estórias”. Algumas sugestões de atividades, em sua maioria poesias e coros falados, não trazem identificação do suporte de origem. Apesar de termos um número significativo de indicações de leitura, temos poucos indicadores de *quanto*, *quando* ou *como* eram realizadas. As sugestões encaminhadas pelas escolas podem nos dar uma resposta, porém parcial a essa questão, na medida em que se referem tão somente a atividades e recursos didáticos. Assim, na análise do tipo de leitura indicada, podemos questionar se estariam relacionadas a sugestões de recursos e atividades

(incluindo-se aqui as indicações para crianças) ou também a discussões teóricas. As leituras indicadas poderiam fornecer pistas para responder as perguntas anteriores?

QUADRO 23 - Indicações bibliográficas/Suportes de texto (1982-1987)									
ANO	Livros*				Subsídios Manuais Apostilas	Revistas	Jornais	N/C	Total geral
	A	B	C	Total					
1982	07	13	04	24	06	04	-	06	40
1983	11	04	06	21	05	07	05	01	39
1984	07	05	01	13	-	-	01	02	16
1985	06	01	-	07	01	-	01	-	09
1986	16	03	01	20	04	06	01	02	33
1987	07	09	-	16	03	02	-	-	21
TOTAL	54	35	12	101	19	19	08	11	158
*A- livros para o professor B- Histórias infantis C-Livros de atividades para uso do aluno									

Em relação às histórias infantis é preciso considerar que o número de indicações é, na realidade, maior do que as quantificadas, pois parte delas não traz identificação dos autores, o critério adotado para elaboração dos Quadros 23 e 24. Trata-se de uma grande quantidade de indicações, principalmente nas listagens organizadas com o objetivo de recordar indicações anteriores, incluindo-se as dos subsídios publicados anteriormente, desde o final da década de 60. Nesse sentido, seria necessário proceder à análise do total de matérias publicadas e de indicações listadas, o que demandaria um tempo muito superior ao reservado para este trabalho, o que nos levou a optar somente pela amostragem aqui apresentada.

Quanto aos livros indicados para a formação de professores enumeramos apenas os citados explicitamente, pois várias matérias elaboradas pela própria equipe técnica não trazem citações ou identificação do suporte teórico ou prático, sendo possível apenas inferir as fontes pelo conteúdo publicado. Alguns autores são citados mais de uma vez, como Marta Noemi Casullo de Mass Velez (*Enciclopédia prática pré-escolar*, Buenos Aires, Editora Latina, s/d) cujo nome apresenta-se grafado de formas diferentes ou apenas subentendido em cada uma das menções, sendo identificados somente dois textos da citada *Enciclopédia* (El niño e seu desarrollo motriz e intelectual e Iniciación al a aprendizagem de la lectura, escritura y cálculo) em quatro citações (RR 01/82, 03/83, 04/83 e 01/86).

Outras obras indicadas mais de uma vez são a de Dalila Costallat, *Psicomotricidade*, em diferentes edições, citada em três exemplares do RR; as obras de Oneida Almeida Câmara, *Música na Pré-Escola*, de Violet Oaklander, *Descobrimo Crianças*; de Rita do Amaral Erhart e Vera H. Erhart de Souza Dias, *Este é o brinquedo: sons, palavras, ritmo*, com duas citações cada uma delas.

Constatamos que livros indicados para formação de professores trazem conteúdos relativos a diferentes áreas de conhecimento, sendo a mais presente a de *Psicomotricidade*, conforme demonstra o Quadro 24 .

Nessa área, além das obras já citadas (Velez e Costallat), são indicados também de J. Gillarme, *Educação e reeducação psicomotora*; De Meur e Staes, *Psicomotricidade: educação e reeducação*; Le Boulch, *O desenvolvimento psicomotor*; de Emília P. Alvarez, *Primeiros trazos* e de Nylse H. Cunha e Iacy M. Correa e Castro, *Sistema de estimulação pré-escolar*.

A coordenação motora constituiu-se na pedra de toque da abordagem de educação pré-escolar preparatória, objetivando a futura alfabetização. Estava implícita nessa concepção a idéia de leitura e escrita como interdependentes, entendidas como um processo decifratório¹⁵⁷. Preparar a criança para o uso de cartilhas implicava em treinar olho e mão na escrita cursiva das letras do alfabeto (como afirma Cagliari, letra somente usada nas cartilhas...).¹⁵⁸

A bibliografia indicada no RR provavelmente auxiliou na elaboração de seqüências criteriosamente organizadas de exercícios motores para os grandes e pequenos músculos, do correr, pular, saltar aos exercícios gráficos viso-motor (coordenação olho-mão), como parte do *método psicocinético*, devendo os professores seguir rigorosamente as seqüências propostas, a serem desenvolvidas gradativamente em diferentes suportes: lixa, chão, lousa, folhas de papéis de grande dimensão (às vezes utilizadas em grupo), papel sulfite, papel com linhas verdes (montessoriano) caderno brochura pautado, giz de cera grosso, giz de cera fino, lápis de cor, lápis preto (estes somente para turmas de seis anos). Na defesa do *método psicocinético*, Le Boulch, um dos autores citados, afirma “se constituir em importante meio de prevenção dos problemas de inadaptção escolar”, entre outros, “a dislexia, a disgrafia e a disortografia”.¹⁵⁹ Sem entrar na análise da questão, o que fugiria aos propósitos deste trabalho, as referências aos psicomotricistas, em especial argentinos, refletem a importância atribuída aos estudos da

¹⁵⁷ “A Psicologia cognitiva veio revelar a inabilidade da Pedagogia no trato das questões de processo de aprendizagem da língua escrita pelo aprendiz: a psicogênese da língua escrita estabeleceu novos parâmetros para as questões da intervenção da Pedagogia no processo de aprendizagem do sistema alfabético”. BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez Editores. 1994, p. 66-67.

¹⁵⁸ CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*, São Paulo: Ed. Scipione, 1989, p. 98.

¹⁵⁹ LE BOULCH, Jean. *La Educación por el movimiento en la edad escolar*. Buenos Aires: Editorial Paidós, s/d.

psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem à época e que, aliás, permanece até os dias de hoje.

Na matéria sobre “esquema corporal” na seção *Renovando* do RR 01/86, é destacado que “o período em torno de 3 a 6 anos está caracterizado pelo processo de percepção das diferentes partes do corpo e estruturação do esquema corporal. Permitir brincar às crianças é tarefa essencial do Educador”. As orientações prosseguem propondo “aproveitar os movimentos espontâneos, jogos e expressão livre”, que permitam à criança “realizar sua experiência do corpo indispensável no desenvolvimento das funções mentais e sociais.” (RR 01/86, p. 13) A visão romântica do jogo e da brincadeira é aqui reelaborada cientificamente com novas bases.

Ao lado dos estudos dos teóricos da psicomotricidade, as indicações de jogos e brincadeiras vinham instrumentalizar a professora para aulas diárias de educação física e recreação. O lugar do jogo e da brincadeira era trabalhado com um enfoque capaz de superar o meramente lúdico, era importante que as crianças aprendessem através do jogo, internalizassem conceitos, dominassem o espaço, desenvolvessem habilidades que as preparariam adequadamente para a futura escolaridade. Também são indicados livros e outros subsídios para ampliar os recursos e atividades de *recreação, jogos e brincadeiras*, consideradas necessárias para o desenvolvimento motor da criança. Dentre elas destacamos *Jogos para recreação infantil* de Ethel Medeiros; *Duzentos jogos infantis* de Nicanor Miranda; *Recreação e Jogos* de Luciano Nardelli; *Ocupaciones infantiles* de J. Huber e *Como educar em grupo* de Winn e Porcher.

QUADRO 24 - Gênero/Temas das indicações por suporte de texto - 1º Período						
Conteúdos/suportes>	Livros	Subsídios	Revistas	Jornais	N/C	Total
Histórias Infantis	35	---	4	1	1	41
Psicomotricidade/Prontidão	15	2	---	---	---	17
Musicalização	10	2	2	---	2	16
Poesias/coro falado/linguagem	3	2	1	1	7	14
Jogos /recreação	7	1	4	---	---	12
Ciências	6	4	2	---	---	12
Artes plásticas	6	4	---	---	1	11
Teatralização	3	---	2	---	---	05
Orientação psico-social	4	---	---	---	---	04
Teorias do desenvolvimento	3	--	---	---	---	03
Textos críticos	3	---	---	---	---	03
Matemática/lógica	2	---	---	---	---	02
Atividades diversas	4	4	4	6	---	18
TOTAL	101	19	19	08	11	158

A tematização das indicações sugeridas deu-se, como nas contribuições enviadas pelas escolas, seguindo a própria lógica de apresentação das indicações, agrupadas por afinidades com vistas a atingir o objetivo proposto no “Plano do Sistema Municipal de Educação Pré-Escolar”, ou seja, “propor atividades adequadas ao estágio de desenvolvimento dos alunos”, nas áreas de estimulação propostas, “nos domínios cognitivo, afetivo e percepto-motor”.¹⁶⁰

Sob o tema Musicalização, segunda área mais indicada, encontramos livros e demais subsídios com sugestões de músicas e canções, como o *Hinário do Jardim de Infância*, publicado pela Imprensa Metodista, ou, de Renato Pacheco, *Cantigas de roda* e até obras teórico-práticas sobre o tema, dentre elas de Adelina Santos Barreto, *Música e Percussão*; de Emília D. Jannibelli, *Juntos cantamos, Aprender cantando e A musicalização na escola*; de TABA, *Histórias e músicas brasileiras*; de Kurt Pahlen e Juan Grosso, *Músicas e Canciones para los más pequeños*; de Oneida A. Câmara, *Música na pré-escola* e de José Júlio Stateri, *Atividades recreativas na educação musical*.

A formação do corpo docente na área de educação musical incluía cursos e oficinas além das orientações publicadas nos *RR*. De acordo com o Suplemento 01/87, integralmente dedicado à Iniciação Musical

“A música é para o ser humano, uma linguagem tão natural quanto o seu próprio falar, quanto o seu próprio comunicar. Todas as pessoas aprenderiam a cantar corretamente e, ainda mais, a ler e escrever suas idéias musicais, se os pais e educadores se detivessem nesse processo, com a mesma paciência, convicção e cuidado que os anima a ensinar o idioma materno. A natureza humana é repleta de tendências sensoriais, que, ao longo de nossas vidas, procuramos desenvolver e educar através de nossa própria experiência, a (sic) nível físico, sensorial e motor.”

(com base no enfoque de Violeta Gainza - Supl. 01/87, p.2)

O suplemento aborda além das considerações teóricas, a organização dos objetivos gerais e específicos, os conteúdos e estratégias para o desenvolvimento de aulas de iniciação musical, explorando sons, ritmos, melodias, com ou sem instrumentos, bandinha rítmica, simulação de orquestras e corais.

Esse suplemento encerra a abordagem da área no período, no qual a música esteve presente de forma constante, incentivando os professores a buscarem maiores conhecimentos musicais, pois todas as sugestões eram encaminhadas com a escrita musical, para que as músicas e cantigas pudessem ser adequadamente interpretadas. Além disso, eram frequentes as

¹⁶⁰ PMSBC, 1985, p.20.

indicações de discos com temas diversos, utilizados com bastante frequência na entrada das crianças, nas aulas de dança e bandinha.

Como observamos anteriormente, o número de indicações nas áreas de educação musical aliada às artes plásticas dão a medida do peso das mesmas no currículo pré-escolar no período, sendo apresentadas nas indicações bibliográficas numa proporção semelhante às contribuições enviadas pelas escolas. Nessa área também foram indicadas as leituras de *El niño y su arte* de Victor Lowelfeld e *Desenvolvimento da capacidade criadora* do mesmo autor em parceria com W. Brittain, com enfoque teórico sobre a área e outras de caráter prático: *Pintura a dedo*, de Moletta; *Origami, construção em papel* de Iza Ebe Ramos da Silva; *A educação artística da criança* de Marieta Machado Nicolau; *Sunny Origami* de Keinichi Fukuda e de Lúcia Reilly, *Materiais caseiros para atividades de artes plásticas*. Nesse período, a arte era teoricamente trabalhada como colaboradora para o desenvolvimento geral das crianças, no sentido de desenvolver a percepção, a coordenação motora e auto-estima. As produções infantis eram expostas nos murais da sala de aula, para serem vistas e como forma de valorização do trabalho da criança.

Porém, a visão da arte enquanto fruição estética era secundarizada pelas técnicas. Em cada exemplar do *RR* podem ser encontradas sugestões envolvendo técnicas de desenho, de pintura, de modelagem, recorte e colagem, alinhavos, dobraduras, perfuração etc. O desenvolvimento da coordenação motora era sempre valorizado: “O recorte com a tesoura é uma atividade que envolve movimentos bi-manuais: a preensão do papel com uma das mãos, a preensão e o manejo da tesoura com a outra mão.” Por ser uma tarefa complexa, seguiam as sugestões de procedimentos para o domínio da mesma: preensão correta da tesoura, o uso da tesoura sem material, o uso da tesoura com material para o recorte livre, recorte sobre linhas, recorte sobre linhas e figuras geométricas, recorte de figuras e formas bem variadas. Encerrando o detalhamento dos procedimentos aqui sintetizados, segue a recomendação: *Queremos enfatizar que a criança é que determina o seu ritmo e que somente deve passar para a etapa seguinte quando superar a anterior*. Seguem cinco páginas de sugestões de atividades de recorte, passo a passo (*RR* 05/83, p.5 a 10). Dessa forma, o fazer artístico é “escolarizado”, transformado em “arte escolar” no currículo da pré-escola.

Na categoria *livros* para orientação e educação das crianças, com base em diferentes teorias psicológicas, principalmente sob a influência da psicanálise, encontramos indicadas obras de caráter mais geral, como a já citada *Descobrimos Crianças, Como educar em grupo* de Marie Winn e Mary A. Porcher; *Meu filho vai para a escola* de Lea Rotemberg; *Meus filhos gêmeos* de Dulce Machado; *Seu filho de cinco anos: orientação psicológica* de Elsie Osborne

(da Clínica Tavistock, Londres) e de Clara Rappaport e Wagner Fiori, *Teorias do desenvolvimento, A idade pré-escolar e O nascimento*.

No conjunto de saberes de diferentes ciências que vêm a compor o leque das ciências da educação que marca o século XX, a psicologia tem um papel relevante, na multiplicidade de saberes especializados (psicologia geral, social, evolutiva, da aprendizagem, diferencial, psicometrista) ao lado da psicanálise, segundo Cambi, “outra essencial contribuição científica à pedagogia” cujos seguidores elaboram uma teoria da infância baseada na relação com a mãe (...) sobre as necessidades lúdicas e afetivas da infância que a educação deve salvaguardar e desenvolver.”¹⁶¹

Quanto às indicações de livros para crianças (excetuando-se as histórias infantis) encontramos quatro referências: *Nova Enciclopédia da Criança*, com duas referências, e uma referência para cada uma destas obras: *Coleção Mundo da Criança*, *Primeira aventura no mundo da ciência*, *Enciclopédia Infantil de trabalhos manuais*, *Primeiro livro da natureza e No meu Jardim*. Ao lado desse conjunto referente a temas gerais, temos outro, de didatizados, ou seja, na forma escolar, como *Meu primeiro livrinho - preparação para a escrita*, *Série Cadernos didáticos* (exercícios gráficos para o treinamento da percepção visual e posição no espaço) e *Atividades em matemática-Pré-Escola - 1º estágio* de Geralda Caldeira Soares.

Algumas das indicações didatizadas, provavelmente produzidas para uso das crianças, eram na verdade utilizadas pela professora para seleção de atividades interessantes a serem reproduzidas em mimeógrafo e empregadas em sala de aula.

Os livros de histórias infantis são bastante variados, não havendo uma predominância editorial, sendo indicadas publicações das editoras: Vigília, Paulinas, Abril, Globo, Melhoramentos, Cedibra, Ática, do Brasil, Kuarup/Quarup (são encontradas as duas grafias), FTD S/A, Nova Fronteira, Martins Fontes. Algumas obras são traduzidas, mas a maioria é de autores brasileiros, destacando-se Ruth Rocha, Ciça/Zélio, Tenê, Terezinha Casasanta, Ganymedes José, Mário Quintana, Bellah Leite Cordeiro, Cláudio e Orlando Villas Boas, Lúcia Pimentel Góes, Ana Maria Machado e outros autores que marcaram os anos 80. Em geral, as indicações que não designam os autores são mais antigas, sendo difícil precisar as datas.

A indicação das “estórias” vem sempre acompanhada das sugestões de recursos para a sua apresentação, ou seja, os professores as adaptavam a teatro de sombra, fantoches, flanelogravura, máscaras, blocão, etc., enviando as ampliações dos desenhos para o “banco de estórias” do Serviço de Recursos Didáticos do Departamento de Educação. Dessa forma,

¹⁶¹ Cambi, *Op. cit.*, p. 585-86.

periodicamente era informada, nos *RR*, a ampliação do acervo para que as demais escolas pudessem copiá-las livremente, garantido, assim, o “banco de estórias” em cada unidade escolar.

No sentido de instrumentalizar os professores para a elaboração dos recursos foram indicadas no período obras tais como: *O teatro na escola* de Olga Obry, *Jogos dramáticos* de Aladyr Santos Lopes, *Luz, Image y Sonido* de Íris Ferrari e Bianca Hontkly, *Histórias para Fantoches* de Marlene Blois e Maria Alice Barros.

A profusão de indicações de histórias infantis com as respectivas sugestões de como contar as estórias, revela uma dada representação de criança por parte dos organizadores. Essa representação estaria para a seleção e adequação de textos para os professores como “a representação que os editores fazem do leitor”, que conforma as “mudanças e adequações inseridas nos livros” publicados.

Como afirma Toledo “a representação de ‘infância’, ou de ‘interesse’ da criança, ou ainda, do que é necessário a ela, leva os editores a, por exemplo, contratar especialistas que possam adaptar os textos à leitura específica do leitor-infantil ou preparar materiais que estimulem as crianças a se tornarem leitores.”¹⁶²

As especialistas da equipe técnica provavelmente se valiam do mesmo mecanismo para sugerir *o que e o como contar*, considerando-se a representação de professor-aluno envolvida no ato da leitura, numa forma escolar específica e didatizada.

De acordo com esse mesmo mecanismo de transposição didática¹⁶³ das ações a serem desenvolvidas nas diferentes áreas de conhecimento, temos a indicação da obra *Jogos Lógicos* de Diennes e Golding de base piagetiana, cujo material proposto (blocos lógicos) foi amplamente utilizado na rede municipal de São Bernardo após cursos de treinamento para os professores e aquisição do material para as escolas. Piaget, já anunciado como um dos suportes para a formulação da proposta curricular do município foi, de acordo com Cambi, ao lado de Vygotsky e Bruner, um dos grandes intérpretes, por parte da psicologia, da “virada psicopedagógica” do ensino na segunda metade do século XX.¹⁶⁴

Em relação às sugestões de recursos didáticos contidas nos subsídios elaborados pela própria equipe de orientação técnica, temos a considerar que há uma profusão de indicações na

¹⁶² Toledo, *Op. cit.*, p. 2.

¹⁶³ De acordo com Valdemarin (2004, p.19) o conceito de *transposição didática*, se faz importante para a elucidação da cultura produzida e/ou transmitida na escola. Segundo a autora, foi “formulado por Yves Chevallard (1991), que o elabora enfatizando a relação entre a área de conhecimento que lhe dá origem e a necessidade de sua transmissão. Este autor afirma que para tornar o ensino possível é preciso introduzir alterações ou deformações no conhecimento, cientificamente produzido de modo que o torne ensinável.”

¹⁶⁴ CAMBI. 1999, *Op. cit.*, p.609.

seção *Recordando*, em cada exemplar, sempre retomando sugestões anteriormente publicadas. A frequência dos temas das indicações bibliográficas, embora parcial em relação ao conjunto de matérias publicadas, demonstra uma ênfase nas atividades práticas, arte, jogos, música, atividades de rotina, etc. e na temática do desenvolvimento psicomotor, evidenciando uma tendência pedagógica que considera esse tipo de conteúdo como necessário à preparação do aluno para a futura alfabetização, embora as indicações específicas sobre desenvolvimento do pensamento lógico e da linguagem, por exemplo, do ponto de vista teórico, sejam raras.

Incluímos nas temáticas a categoria *teoria crítica* para designar a produção baseada nas teorias da reprodução e voltadas para a discussão da democratização da escola. Também designada como *progressista*¹⁶⁵ encontramos 03 indicações no período (1987) sendo duas da argentina Maria Tereza Nidelcoff, *A escola e a compreensão da realidade* e *Uma escola para o povo* (1979) e outra de Madalena Freire, *A Paixão de conhecer o mundo* (1983). Esta última, embora referente a um relato de experiência em uma escola de classe média, apresenta uma proposta diferenciada de trabalho com crianças de zero a seis anos.

Apesar da grande produção de literatura “engajada” nos anos 80, como a definem Campos e Haddad,¹⁶⁶ os textos citados são os únicos no gênero presentes nas indicações bibliográficas do período.

No RR 02/85 localizamos uma frase, destacada em caixa, após a matéria principal (“Os três reinos da natureza”) que procura dar a ver, de forma quase despercebida, uma afirmação atribuída à autora, mas sem citação da obra. A frase, truncada, faz referência ao processo de produção de conhecimento por parte da criança, sendo que para tanto “é fundamental que tomem consciência do que estão fazendo”. Provavelmente, a intenção do proponente era de provocar a reflexão sobre o sentido das atividades propiciadas pela escola, ou seja, a “contextualização” do que fazem ou a “busca de sentido”, usando uma terminologia atual e já anunciada por Nidelcoff.

No período em questão *A paixão de conhecer o mundo* suscitava acaloradas discussões nos cursos de formação de professores e nos bastidores da rede municipal. Mas sua leitura somente foi sugerida em 1987, ao lado das de Nidelcoff sem, contudo, serem discutidas no RR,

¹⁶⁵ Empregamos aqui o termo progressista no sentido dado por Snyders para designar a escola que pode suscitar formas de sucesso escolar, não autoritária, cuja cultura escolar mantenha uma relação constante com os problemas da vida dos alunos proletários. (SNYDERS, George. *Escola, Classe e luta de classes*. São Paulo: Centauro Editora, 1976, 2ª ed.)

¹⁶⁶ No texto “Educação infantil: crescendo e aparecendo” as autoras analisam os artigos publicados pelos *Cadernos de Pesquisa* nos anos 70 e 80, relativos à educação infantil, avaliando o os impactos do *engajamento crítico* do período nessa produção. In: CAMPOS, M. Malta e HADDAD, Lenira. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: fev. 1992, nº.80, p.11-20.

que prossegue em seu ritmo usual em forma e conteúdo. Somente na penúltima página ressurge Madalena com outra frase, valorizando o ato de conhecer. “Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém.” (RR 01/87, p.50)

Na última página é apresentada a bibliografia citada e que inclui também a obra de Iacy M. Corrêa e Castro, *Sidepinho* (Ed. Cortez, s/d), numa proposta de atividades para a educação pré-escolar.

Intencionalmente ou por acaso, é nesse número que a primeira capa desenhada por criança é publicada. Na última página encontram-se também os créditos da mesma: VANESSA – 6 anos - aluna da EMEI Santa Terezinha. A centralidade na criança toma agora nova forma: a criança autora, que curiosamente desenha um cenário no qual não se faz presente. (RR 01/97) O mesmo ocorre no último exemplar do período em que, pelas mãos de crianças, Papai Noel rouba a cena.

Algo se agitava abaixo da superfície aparentemente calma, prenunciando talvez o que estaria por vir, pois na década em curso, no contexto mais amplo, um crescente movimento dos educadores passa a expressar a necessidade de mudanças nas propostas de educação infantil, na tentativa de romper com o caráter compensatório ou meramente preparatório da pré-escola e o de guarda e cuidados nas creches. Esse movimento na rede municipal de São Bernardo do Campo é silencioso, travado no interior de algumas escolas. Embora os Congressos e Simpósios realizados entre 1979 e 1988 apresentassem essa discussão, reflexos desse movimento só se farão sentir na prática a partir de 1989. Alguns dispositivos presentes nos RR publicados ao final de 1987 parecem, portanto, apontar para esse movimento.

Na década de 80 a abertura política e a busca por constante valorização dos profissionais da educação¹⁶⁷ permitiu o envolvimento de parte dos professores e de segmentos da própria Secretaria de Educação, na elaboração e luta por aprovação do Estatuto do Magistério Municipal,¹⁶⁸ que transcorreu por cerca de três anos, envolvendo as áreas de educação pré-escolar, especial e supletiva profissional.

¹⁶⁷ Essa luta almejava não somente garantir melhorias salariais através de um plano de carreira específico da categoria, como promover mudanças nos processos de trabalho nas escolas, na medida em que o professor pudesse optar por diferentes jornadas de trabalho, receber por horas-atividade coletivas e ter oportunidades de maior profissionalização através de formação continuada, em cursos de graduação e pós-graduação. Nesse sentido Jenny Ozga e Martin Lawn, analisando criticamente a tese da proletarização docente, afirmam que *os trabalhadores do ensino têm um papel ativo na medida em que contestam, resistem ou adaptam-se aos processos de trabalho.*

¹⁶⁸ Lei Municipal nº. 3056, de 19 de maio de 1988. Dispõe sobre a organização do Quadro do Magistério Municipal, cria e transforma cargos e funções e dá outras providências. Modificado pela Lei municipal nº. 4681, de 26 de novembro de 1998. Até 1988, o magistério municipal era regido pela CLT, pelas leis gerais do funcionalismo público municipal e pelos Regimentos das Escolas Municipais de Educação Infantil e de Educação Especial. (*Educação em São Bernardo*, 1985, p. 36-45 e 51-59)

A nova regulamentação da carreira docente no município representou um avanço significativo naquele momento, embora permeado por ambigüidades¹⁶⁹, produto da luta entre campos de interesse corporativos entre o próprio corpo docente, o corpo técnico e a administração municipal. O embate se deu, internamente, entre professores e especialistas, e no âmbito da administração através da Câmara Municipal, na qual a maioria de seus representantes, base de sustentação do executivo, obrigou a uma longa negociação que levou o professorado a marcar presença permanente durante vários meses naquela casa, numa organização sem precedentes na rede municipal.¹⁷⁰

O funcionalismo público municipal não dispunha naquele momento de sindicato da categoria, o que exigiu um esforço ainda maior de organização. Paralelamente, a luta pelo mesmo era travada, sendo fundado em 11 de janeiro de 1989 o Sindserv (Sindicato dos Servidores Municipais) coincidindo com a posse do grupo político de oposição na administração municipal, que se propunha a dar à mesma um caráter popular e democrático.

A aprovação da Nova Constituição Federal, em 1988, marca significativamente o período, pois é conferido o direito à educação da criança de zero a seis anos à creche ou pré-escola, sendo que a terminologia *educação infantil*, como referência ao atendimento a essa faixa etária, começa ser adotada, em substituição ao termo *pré-escola*, consolidando-se com a LDB de 1996, embora de maneira informal persistam as referências às escolas municipais de educação infantil como *Pré* ou *Parque*, geralmente no diminutivo, prevalecendo como senso comum entre a população em geral.

No ano de 1988 o subsídio *Recordando e renovando* deixa de circular. É provável que a interrupção tenha se dado em virtude da realização do II Congresso de Educação de São Bernardo junto ao 4º Simpósio de Educação Pré-Escolar, em julho daquele ano, que pela suas dimensões (cerca de 3.500 participantes) exigiu o empenho de toda a equipe técnica em sua organização, execução e posterior elaboração dos Anais. É possível, também, que a movimentação política, própria de ano eleitoral, e particularmente intensa naquele, tenha contribuído também para essa interrupção¹⁷¹.

Dessa forma, encerra-se uma fase importante do ciclo de vida do impresso, que conforme veremos, permanece em circulação, sem interrupções, mas com mudanças de forma e

¹⁶⁹ Adotamos aqui, por analogia, o sentido dado por Gilson Pereira à ambigüidade do discurso político das entidades sindicais para o professorado como “agentes do campo simbólico”. (PEREIRA, G. p. 144).

¹⁷⁰ Esse processo, do qual esta pesquisadora também foi protagonista, não foi até o momento analisado, mas encontra-se documentado nos anais da Câmara Municipal da cidade e nos arquivos pessoais de algumas das participantes da comissão organizadora da proposta.

¹⁷¹ Ao final de 1988 muitos funcionários e ocupantes de cargos em comissão de carreira solicitaram aposentadoria proporcional, tendo em vista a vitória eleitoral do Partido dos Trabalhadores naquele ano.

conteúdo. Ciclo de vida caracterizado pela concepção de uma criança romantizada, imersa nos contos de fada, histórias, jogos e brincadeiras, mas efetivamente escolarizada. Portanto, a forma de apresentação do *Recordando e Renovando* destina-se a um professor capaz de prover essa criança de “hábitos, habilidades e atitudes” necessárias à futura etapa de escolarização, capaz de compensar, pelo menos em parte, as supostas *deficiências* culturais, cognitivas, afetivas e biológicas, executando o planejamento de suas ações de acordo com os objetivos previamente encaminhados e com os referenciais teóricos propostos. Nesse sentido, a publicação permaneceu fiel e coerente à concepção de criança, de educação pré-escolar e de professor-leitor a que se destinou.

Quadro 25 – Indicações bibliográficas- Primeiro Período (1982 - 1987)

RR/nº	Suporte	Autor	Título	Editora	Data	Tema
01/1982	Livro/co	VELEZ, Casullo de Mas	Enciclopédia prática pré-escolar El niño y el desarrollo motriz e intelectual	Buenos Aires: Editorial Latina	s/d	Jogos
	Livro	WINN, Marie e PORCHER, Mary Ann	Como educar em grupo	Ibrasa	s/d	Jogos
	Livro	SUNA, Elza Pereira, SILVA, Rita de Cássia, NICOLETTA, M. Rosa	Os quatro grupos de amigos	n/c	s/d	Estória alimentação
	Livro	RIBEIRO, Arcelina	O sonho de Julinha	SESI	s/d	Estória
	Livro	BISSET, Donald	Pingo e as formas	n/c	s/d	Estórias/Conceito
	Livro	HALL, William	O pintarroxo fazedor de laços	n/c	s/d	Estória/C.motora
02/82		NÃO LOCALIZADO				
03/82	Livro	LOPES, Aladyr Santos	Jogos dramáticos	n/c	s/d	Teatralização
	Livro	OBRY, Olga	O teatro na escola	n/c	s/d	Teatralização
	Livro	GOUVEA, Ruth	Recreação	n/c	s/d	Jogos
	Livro	MEDEIROS, Ethel Bauzer	Jogos para recreação infantil	n/c	s/d	Jogos
04/82	Revista	Escola Viva nº 11, Ano 2	Teatro de sombra	n/c	1971	Teatralização
	Revista	Revista do Ensino nº 136, ano XVIII/	Teatro de sombra	n/c	n/c	Teatralização
	[livro]	FERRARI, Iris C. de, HONTAKLY, Blanca F. de.	Luz, Imagem y Sonido	Kapeluzz	s/d	Teatralização
	n/c	SOUZA, Maurício de.	A festa caipira da Mônica	n/c	s/d	Estória
	[revista]	n/c	Brinquedos e brincadeiras	Ed. Abril	s/d	Brincadeiras
	Revista	Revista do Ensino nº131/Ano XVIII	Brinquedos e brincadeiras	n/c	s/d	Brincadeiras
05/82	n/c	MAZZETTI, Maria	Cantiga de embalar o papai	n/c	s/d	Coro falado
	n/c	idem	Um barquinho	n/c	s/d	Música
	Livro	YALI	O mundo dos minerais/ Nova Enciclopédia das crianças vol. 4	n/c	s/d	Ciências/minerais
	Livro	Beatriz (sic)	A água/Nova enciclopédia da crianças- vol. 4	n/c	s/d	Ciências/minerais
	Livro	PEREIRA, L. H.	Pinguinho/ Coleção Tiquinho	SP.: Paulinas	s/d	Estória/minerais

06/82	Subsídio	Departamento de Educação	Horta comunitária	PMSBC	1977	Ciências/vegetais
	Subsídio	Departamento de Educação	Horticultura	PMSBC	1981	Ciências/vegetais
	Apostila	NEZOMU, Nakashima	Horta doméstica	n/c	s/d	Ciências/vegetais
	Coleção	n/c	Mundo da Criança - vol. 9	n/c	s/d	Ciências/vegetais
	Livro coleção	YALÍ	Nova Enciclopédia da Crianças, vol.5	[Ed. Encina]	s/d	Ciências/vegetais
	Coleção	Coleção Tiquinho	A Árvore	Ed. Paulinas	s/d	Estória/vegetais.
	Coleção	Coleção Filmes	João, o Feijão	BH: Vigília	s/d	Estória/vegetais.
	Apostila	PACHECO, Renato	Cantigas de Roda	Centro Comunitário dos Municípios	s/d	Musicalização/folclore
07/82	n/c	FIQUEMONT, Jeune F.	Jardins de Infância	n/c	s/d	Artes
	Subsídio	Supervisão de Parques Infantis	Outras Atividades	PMSBC	1972	Artes
	Subsídio	Departamento de Educação	Sugestões de atividades para nível I	PMSBC	s/d	Per. Preparatório
	Livro	MÁLUS	Asdrúbal, o Pinto	BH: Vigília	s/d	Estória/animais
	Livro	MÁLUS	A galinha e a linha	BH: Vigília	s/d	Estória/animais
	Livro	Camargo, Milton, Frank e Rodrigo	O passarinho vermelho	SP: Ática	s/d	Estória/animais
	Livro	CARVALHO, Bárbara V. de	A casinha nuvem	Ed. Lotus	s/d	Estória/animais
08/82	Livro	REOCIARDI (?) Maria Luiza	Sou uma criança como você	SP:Paulinas	s/d	Estória/Natal
	Livro	ROCHA, Ruth	A árvore do Beto	Ed. Abril	s/d	Estória/Natal
	n/c	POSADA, Leonor	Natal	n/c	s/d	Poesia/Natal
	n/c	GUIMARÃES, Vicente	Prece	n/c	s/d	Poesia/Natal
01/1983		NÃO HÁ INDICAÇÕES				
02/83	jornal	Folha de São Paulo	Suplemento: Folhinha/Páscoa	n/c	22/4/72	Atividades
	Jornal	Diário do Grande ABC	Suplemento: Diarinho/Páscoa	n/c	19/4/81	Atividades
	Jornal	Folha de São Paulo	Suplemento: Folhinha/Páscoa	n/c	6/4/82	Atividades
	Jornal	Folha de São Paulo	Suplemento: Mulher/Páscoa	n/c	11/4/82	Atividades
	Livro	DIENES-GOLDING	Jogos Lógicos	n/c	s/d	Lógica
	Livro cartilha	OLIVEIRA, Carolina R. R. de	Meu primeiro livrinho	n/c	s/d	Prep. Escrita
	Livro cartilha	Série Cadernos didáticos - 1	Exercícios gráficos para treinamento da percepção visual - posição no espaço	n/c	s/d	Prep. Escrita
	Subsídio	Departamento de Educação	Curso: "Só Papel"	PMSBC	s/d	Prep. Escrita
03/83	Subsídio	Departamento de Educação	Sugestões de Atividades para o nível II	PMSBC	s/d	prep. Escrita
	Livro	BLOIS, M. Marlene, BARROS, M. Alice (?)	Histórias para Fantoches	n/c	s/d	Estórias
	Coleção.	n/c [YALI]	Nova enciclopédia das Crianças- vol 4	Ed. Encina	s/d	Atividades
	Livro	PAHLEN Kurt, GROSSO, Juan	Música y Canciones para los más pequeños	n/c	s/d	Musicalização
	Livro	LOWENFELD, Victor	El niño y su arte	n/c	s/d	Artes plásticas
	Livro	MOLETTA, M. Dularene	Pintura a dedo	n/c	s/d	Artes plásticas
	Livro	[VELEZ, De Mas Casullo]	Enciclopédia Prática Pré-Escolar, Iniciación al a aprendizagem de la lectura,	n/c	s/d	Per. Preparatório

			escritura y cálculo			
04/83	Subsídio	Departamento de Educação- SOT	Atividades para o mês de junho	PMSBC	1975	Atividades
	Livro	VELEZ de Mas Casullo (sic)	Enciclopédia Prática pré-escolar	Buenos Aires: Editorial Latina	s/d	Psicomotricidade
	[livro]	TABA	Histórias e músicas Brasileiras	Edição nº. 1	s/d	Musicalização
05/83	Livro	Coleção Festival de Conto nº 2	Branca-flor	Cedibra Ed. Brasileira	s/d	Estória
	Revista	ROCHA, Ruth/ Revista Recreio	Nosso Amigo Ventinho	n/c	nº225	Estória
	Livro	NULTY, Faith Mac.	Bido, o sabido	Edições de ouro	s/d	Estória
	Livro	Tenê	O conjunto	Ed. Ática	s/d	Estória
	Revista	Revista Recreio	Uma nuvem chamada fofinha	n/c	nº 250	Estória
	Revista	Revista Recreio	Maurício e a chuva	n/c	nº. 114	Estória
	Livro	COSTALLAT, Dalila	Psicomotricidade	Ed. Globo	s/d	Psicomotricidade
	Subsídio	Departamento de Educação-SOT	Educação através do movimento	PMSBC	1983	Psicomotricidade
	Livro	n/c	Primeira aventura no mundo da ciência	Ed. Verbo	s/d	Ciências
	Livro	n/c	Enciclopédia Infantil de Trabalhos Manuais	Lisa-Livros Irradiantes S/A	s/d	Trabalhos Manuais
	Revista	Revista AMAE Educando - número 84	n/c	n/c	1976	Atividades
06/83	Livro	n/c	Como nasce o pão	Ed. Impala	s/d	Ciências
	Livro	SGUEGLIA, Diva F.	Aprender - vol. 6	Melhoramentos	s/d	Atividades
	Subsídio	Departamento de Educação arquivo	Outras Atividades	PMSBC	1972	Atividades div.
	Revista	CAMPBELL, Lucinda	Revista de Ensino de Ciências nº7	n/c	dez/82	Ciências/ observat
	Jornal	O Estado de São Paulo	Suplemento Feminino n. 1537	n/c	10/4/83	Atividades div.
	Revista	Revista AMAE Educando - nº. 113	Tintas Vegetais	n/c	abr/79	Ciências/Arte
	Livro	OAKLANDER, Violet	Descobrimos crianças	[Ed. Summus]	[1980]	Orientação
07/83	Livro	CASASANTA, Terezinha	Como Girafinha Flor fez um descoberta/Coleção Crianças bichos	Editora do BrasilS/A	s/d	Estória
	Revista	Revista AMAE Educando nºs. 129 130	Natal	n/c	1980	Atividades
	N/c	JANNIBELLI, Emília D.	Juntos cantamos Aprender Cantando	n/c	s/d	Musicalização
01/1984	Jornal	JOSÉ, Ganymedes	O céu da cor que eu quero	Folhinha de SP	s/d	Conto
	N/c	AMOROSO, Cecília	Bom-Dia	n/c	s/d	Coro falado
	N/c	FIGUEIREDO, M. de Lourdes	As compras	n/c	s/d	Coro falado
	Livro	CUNHA, Nylse H.Silva e CASTRO, Iacy M. Correa e	Sistema de estimulação pré-escolar	n/c	s/c	Psicomotricidade
02/84	Livro	n/c	Menino Poti	Melhoramentos	s/d	Estória
	Livro	COSTALLAT, Dalila M.	Psicomotricidade	Buenos Aires Editorial Louzada	5ª ed. 79	Psicomotricidade
	Livro	ALVAREZ, Emília P.	Primeiros trazos	Madri: Gráfico Yagues	s/d	Psicomotricidade

03/84	Livro	CAMARGO, Luiz	Folia de Feijão	n/c	s/d	Estória/Vegetais
	Livro	REILY, Phyllis e AFFINI, Déa Ker	Feliz Idéia	n/c	s/d	Estória
	Livro	COSTALLAT, Dalila M.	Psicomotricidade II	Buenos Aires Editorial Louzada	5ª ed. 79	Psicomotricidade
	Livro	OAKLANDER, Violet	Descobrimo crianças	SP:Summus	1980	
	Livro	CÂMARA, Oneida Almeida	Música na pré-escola	[Ed. Gráfica Nagi Ltda]	s/c	Musicalização
04/84	Livro	CIÇA/ZÉLIO	Ciranda dos Insetos	Melhoramentos	s/d	Estória/Animais
	Livro	BERNOND, Monique	O pássaro da chuva	Ed. Ática S/A	s/d	Estória/Animais
	Livro	ERHART, Rita do Amaral e DIAS, Vera Helena Erhart de Souza	Este é o brinquedo - sons, palavras, ritmo (I)	n/c	s/d	Musicalização
05/84	Livro	SOUTTER-PERROT, Adrienne	Primeiro livro da natureza (nº4)	n/c	s/d	Ciências
06/84		NÃO HÁ INDICAÇÕES				
01/1985	Jornal	RIBEIRO, Lais	O passeio de Paulo	Folhinha SP	9/5/82	Estória
	Livro	MURAYAMA, Keiko HORIUCHI, Soüchi (ilustr.)	Tare's pleasant visit (traduzido e adaptado) O passeio de Paulo	n/c	s/d	Estória
	Livro	BARRETO, Adelina Santos	Música e Percussão	n/c	s/d	Musicalização
02/85	Livro	Série Color Books	Construindo brinquedos	Publ. Hoikuska	s/d	Brincar
	Livro	RAPPAPORT, Clara e FIORI, Wagner	Teorias do Desenvolvimento	n/c	s/d	Teoria/Desenvolv
	Livro	Idem	A idade Pré-Escolar - vol 3	n/c	s/d	Teoria/Desenvolv
	Livro	Idem	O nascimento	n/c	s/d	Teoria/Desenvolv
03/85	Subsídio	Departamento de Educação -arquivo	Natal	PMSBC	1968	Atividades div.
01/1986	livro	VELEZ, Marta Noemi C. de Mas	Enciclopédia prática pré- escolar	Buenos Aires Ed. Latina	s/d	Atividades div.
	Livro	LOWENFELD, Victor e BRITTAIN, W.L.	Desenvolvimento da capacidade criadora	n/c	s/d	Arte-educação
	Manual	REILLY, Lúcia H.	Materiais caseiros para atividades de artes plásticas	n/c	s/d	Artes/Atividades
	Livro	ROTEMBERG, Lea K. B.	Meu filho vai para a escola- Como orientar a relação entre criança e a escola	SP:Almed Ed. livraria Ltda	1981	Orientação
	Livro	OSBORNE, Elsie L. e outras – Clínica Tavistock, Londres	Seu filho de cinco anos- Orientação psicológica	RJ:Imago Ed. Ltda	1981	Orientação
	Livro	GILLARME, J.J.	Educação e Reeducação Psicomotora	n/c	s/d	Psicomotricidade
	Livro	DE MEUR, A. e STAES, L.	Psicomotricidade- Educação Reeducação	n/c	s/d	Psicomotricidade
	Livro	LE BOULCH, Jean	O desenvolvimento psicomoto	n/c	s/d	Psicomotricidade
02/86	Livro	MACHADO, Dulce V. M.	Meus filhos gêmeos	SP: Ed. Almed	1980	Orientação
	Livro	LE BOULCH	O desenvolvimento psicomotor	n/c	s/d	Psicomotricidade
03/86	Revista	Revista Recreio	Número 153 / festas juninas	n/c	14/6/72	Atividades
	Livro	RIBEIRO, Gonçalves	A festança na mata do cipó	n/c	s/d	Estória

04/86	Livro	MIRANDA, Nicanor	200 jogos infantis	n/c	s/d	Jogos
05/86	Livro	GARCIA, Edson Gabriel	As andorinhas e a chuva na terra	n/c	s/d	Estória
	Revista	Revista Alegria - fasc. Nº. 3	A galinha Clotilde	n/c	s/d	Estória
	Livro	SILVA, Iza Ebe Ramos da	Origami construção em papel	n/c	1985	Artes
	Subsídio	SAPP (Serviço Assist.ao Pré Primário)	Iniciação Artística	PMSBC	1973	Artes
	Livro	HUBER, Johanna	Ocupaciones Infantiles	Ed. Kapelusz	s/d	Atividades
	Livro	NICOLAU, Marieta L. Machado	A educação artística da criança	SP: Ática	1986	Artes
	Livro	FUKUDA, Keinichi	Sunny origami	n/c	1969	Artes/atividades
	Livro	n/c	Hinário do Jardim da Infância	Imprensa Metodista	s/d	Musicalização
	Livro	SOARES, Geralda Caldeira	No meu jardim- Atividades em matemática - Pré-Escola 1 estágio	Ed. Ática	s/d	Matemática
	Livro	CÂMARA, Oneida Almeida	Música na Pré-Escola	Ed. Gráfica Nagi Ltda	s/d	Musicalização
	Livro	ERHART Rita Amaral e DIAS, Vera Helena Erhart de Souza.	Este é o brinquedo	Ed. F.T.D. S/A	s/d	Brinquedo
06/86	N/c	QUINTANA, Mário	Lili inventa o mundo	n/c	s/d	Poesia
	N/c	CORDEIRO, Bellah Leite	O pastorzinho feliz	n/c	s/d	Poesia
	Jornal	O Estado de São Paulo	Suplemento/Natal	n/c	dez/83	Atividades
	Livro	N/c	Natal e Ano Novo em família	Ed. Paulinas	s/d	Estória
Supl/02	Subsídio	NARDELLI, Luciano	Recreação e Jogos	n/c	s/d	Recreação
1986						
Supl/03	revistas	Revista do Ensino nºs 124 e 130	Atividades para recreação	n/c	s/d	Recreação
1986	Revista	AMAE Educando nºs. 79 e 170	Atividades para recreação	n/c	s/d	Recreação
	Apostila	IDE, Sahda Marta	Prevenção e Desenvolvimento da Linguagem na Pré-escola	D.Educação PMSBC	mai/83	Linguagem
	Apostila	IDE, Sahda Marta	Outras Atividades (complementação)	D.Educação PMSBC	ago/74	Linguagem
01/87	Livros 2	VILLAS BOAS Cláudio e Orlando	Pachachá e o peixinho O menino e o jacaré	Ed. Kuarup	s/d	Estória
	Livro	GÓES, Lúcia Pimentel	O dedal da vovó	Ed. F.T.D. S/A	s/d	Estória
	Livro	IACocca, Liliana	Clact, Clact, Clact...	n/c	s/d	Estória
	Livro	KOZMINSKI, Edson Luiz	As três partes	n/c	s/d	Estória
	Livro	NIDELCOFF, Maria Tereza	A escola e a compreensão da realidade	SP: Brasiliense	1979	Texto crítico
	Livro	NIDELCOFF, Maria Tereza	Uma escola para o povo	SP: Brasiliense	1985	Texto crítico
	Livro	FREIRE, Madalena	A paixão de conhecer o mundo	Paz e Terra	1983	Texto crítico
	Livro	CASTRO, Iacy M. Corrêa -	Sidepinho	SP:Cortez	s/d	P. Preparatório
02/87	Livro	PRADO, Iara e FARIA, Mais de.	A bruxinha descobriu o Natal	n/c	s/d	Estória
	Livro	BOHER, Ana Maria	Queremos Natal/Com Papai Noel	Ática	s/d	Estória
	Livro	MACHADO, Ana Maria	O Natal de Manuel	Nova Fronteira	s/d	Estória
	Livro	ANDRENS, Sophia de Mello Breumer (trad.)	Ser feliz	Martins Fontes	s/d	Estória
	Livro	CORDEIRO, Bellah Leite	Obrigado, meu Deus	Paulinas	s/d	Litania

	[livro]	ALVAREZ, Martins	A estrelinha/ Mundo da Criança- vol. I - Natal	n/c	s/d	Poema
	Revista	GUIMARÃES, Vicente	Natal - Revista Nosso Amiguinho	n/c	dez/84	Poesia
	Revista	Revista Nosso Amiguinho nº. 402	Presente de Natal	n/c	1986	Música
	Livro	GAINZA, Violeta H. de	ensayos e y conferencias Técnicas de la Educación Musical	Buenos Aires Ed. Ricordi	67-74	Musicalização
	Livro	JANNIBELLI, Emília	A musicalização na escola	RJ: Ed. Lidado	1ª ed.	Musicalização
	Livro	STATERI, José Júlio	Atividades recreativas na educação musical	SP:Redijo Gráfica e Editora Ltda	1978	Musicalização

2.2. Segundo período - 1989 a 1992: A turbulência (in)esperada

Novos sujeitos e novas emergências educativas

A publicação do subsídio *Recordando e Renovando* é retomada a partir de 1989, com a posse da nova administração¹⁷², com mudanças bastante visíveis, rompendo a estabilidade que sua materialidade manteve entre 1982 e 1987. Tem início um período de turbulência, manifesta na forma e no conteúdo da publicação, coordenada por um novo grupo quanto ao lugar de poder, mas mantendo parte da antiga equipe em sua elaboração,¹⁷³ sendo que as encarregadorias de serviços e chefias de seções foram substituídas, mas mantiveram-se ocupadas por profissionais da própria rede municipal¹⁷⁴.

Uma questão que merece ser destacada é que a publicação do subsídio não só permanece estrategicamente, como também não tem seu nome alterado, apesar da mudança administrativa. Alterar o nome ou a forma de produção representaria, talvez, romper com uma das poucas possibilidades de manutenção de um elo já consolidado entre o Departamento de Educação e os professores. Preservou-se, portanto, o *Recordando e Renovando* como um meio de interlocução privilegiado.

¹⁷² O Partido dos Trabalhadores, eleito ao final de 1988, também fora vencedor individual das eleições em 1982, impedido de assumir naquela ocasião em virtude do dispositivo de contagem de votos por coligação. De certa forma, em 1988 a vitória já era esperada mas temida pelos segmentos conservadores, tendo em vista as diferentes representações construídas no imaginário social a partir das grandes greves ocorridas desde o final da década de 70, consideradas por muitos como fato novo e negativo na história local. Na verdade, a tradição de organização operária da região remonta ao início do século, com a criação da primeira organização operária da região, a Liga Operária de São Bernardo do Campo, em 26 de junho de 1907, de orientação anarco-sindicalista. A partir de então São Bernardo e região foram palco de grandes lutas do movimento operário, ainda hoje ignoradas por grande parte da população. Cf. OLIVA, 1987, p. 19-33.

¹⁷³ Excetuando-se os membros que solicitaram aposentadoria, integral ou proporcional, ao final de 1988.

¹⁷⁴ De acordo com a legislação municipal vigente à época, os cargos de chefia e encarregadorias de serviços somente poderiam ser ocupados por funcionários de carreira, devidamente qualificados, sendo poucos os cargos em comissão de livre provimento; no caso do Departamento de Educação, apenas três (diretoria e duas assessorias) com exigência de escolaridade em nível superior.

Nesse período, o subsídio ainda permanece voltado, prioritariamente, para a rede de Educação Pré-Escolar, apesar da ampliação da interlocução com outros serviços do Departamento de Educação (Centros de Iniciação Profissional, Educação Especial, Alfabetização de Jovens e Adultos), demais Departamentos da própria Secretaria (Cultura e Esportes) e outras Secretarias (Saúde e Promoção Social), cujas marcas podem ser lidas na materialidade, como veremos adiante.

Nesse processo de interlocução são iniciados estudos para diagnóstico e proposições para diferentes áreas, dentre elas as creches municipais, envolvendo os agentes dos Departamentos de Educação e Promoção Social, culminando, em 1991, na transferência legal das mesmas, até então subordinadas ao Departamento de Promoção Social, para a competência administrativa do Departamento de Educação. A partir desses estudos é publicado o documento *Projeto Psicopedagógico-Social (PPS)*, anteriormente citado, que retomando o histórico das creches a partir do século XVIII¹⁷⁵ como ponto de partida, avalia a situação das mesmas no período de 1979 a 1988 no município, e sugere ações a serem implementadas a partir de 1991 “frente à necessidade de um planejamento e sistematização de suas ações em relação ao trabalho que vinha se desenvolvendo”. (PPS, p. 9)

Conforme mencionamos anteriormente, a avaliação realizada incorpora o discurso de concepção assistencialista dessa modalidade de atendimento, propondo, portanto, uma reforma administrativa e pedagógica para a transformação de suas práticas “enquanto espaço de educação da criança e de participação da comunidade”. As discussões sobre a dicotomia educação x assistencialismo, que marcam os debates nacionais da época, já abordadas no período anterior, se reproduzem no nível local com maior intensidade a partir de então, desencadeando-se uma série de ações para efetuarem-se as mudanças que eram consideradas necessárias. De acordo com o depoimento de uma dirigente de creche, comentando os avanços até 1992, “... houve toda uma reorganização do espaço com o objetivo de proporcionar à criança um ambiente significativo a ela... atualmente estamos num momento de sistematização do trabalho nas creches para a *real implantação da proposta educacional* e estamos organizando [essa implantação] com os monitores de cada grupo e [em] reuniões com o grupo todo da creche.”¹⁷⁶

¹⁷⁵ Dentre a ampla bibliografia indicada ao final do trabalho, são citados no histórico os seguintes autores: Kramer, 1982; Rosemberg, 1984; Augusto, 1985; Gohn, 1985; Kishimoto, 1987; Ramos de Oliveira, 1987; Haddad, 1989; Ferreira, 1989; Crecheplan, 1990.

¹⁷⁶ PMSBC. *A Educação Infantil em São Bernardo, uma proposta integrada para o trabalho em creches e EMEIs*. 1992, p.22.

No início da década de 90 “ocorre a contratação de novos profissionais aprovados em concurso: ajudante-geral, merendeiras, dirigentes psicólogos, pedagogos e assistente social, bem como a contratação de assessoria técnica com o objetivo de *aperfeiçoar o trabalho realizado...*”¹⁷⁷ A intensificação do processo de formação dos profissionais de creche, até então contratados sem exigência do nível médio ou de formação específica para o magistério, já iniciada no período anterior, teve o objetivo de “buscar construir na rede de creches municipais um trabalho *psicopedagógico-social* que respondesse tanto às diretrizes administrativas e educacionais do Departamento [de Educação], quanto às necessidades que emergem da comunidade, com eixo teórico sociointeracionista, de modo participativo e efetivo entre criança, funcionários, pais e comunidade”. (*PPS*, p.45) Essa afirmação resume, portanto, o caráter da ação educativa, voltado ao trabalho pedagógico, portanto, escolar.

A produção dos autores da década de 80, que deram suporte ao *PPS*, resultou do “impacto do envolvimento de grupos de pesquisa em movimentos sociais durante o período de transição democrática” e das “posições críticas que se articulam sobre as teorias da privação cultural e da privação materna, que também são propagadas nesse contexto de politização dos temas educacionais e sociais”, sendo que, nessa década, “a influência do contexto político vai assumir contornos diferentes [da anterior] ultrapassando a fase da denúncia e incorporando às propostas de mudança concepções mais abrangentes sobre o papel do Estado e da sociedade civil.”¹⁷⁸ Na rede pré-escolar local a discussão dirigiu-se muito mais para a crítica dos pressupostos da educação compensatória, a partir do referencial reprodutivista, focando a criança enquanto portadora de culturas diferentes, capaz de produzir conhecimento, discussão iniciada com a releitura de Piaget e com a publicação de relatos de experiências, entrevistas e outros dispositivos, tais como: informes sobre cursos, palestras, oficinas, etc., provocando discussões e contribuições também visíveis na materialidade do *RR*, como veremos adiante.

A partir da discussão de novas teorias quanto ao processo ensino-aprendizagem objetivou-se a elaboração de uma proposta curricular integrada para crianças de zero a seis anos, “uma proposta democrática, que possa desenvolver a autonomia das crianças”, a partir de novos modelos, tendo como “armas de luta as competências política e técnica” do educador, conquistadas “no dia-a-dia através da reflexão sobre a prática”. (*PMSBC*. 1992, p.14)

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 22. (*grifo nosso*) Esta afirmação parece indicar uma mudança de avaliação, no decorrer do processo, quanto ao trabalho anteriormente desenvolvido.

¹⁷⁸ CAMPOS e HADDAD, 1992, *Op. cit.*, p.15-16.

Apesar dos esforços empreendidos para essa construção e da publicação da referida proposta, em 1992, o próprio documento reconhece que ainda “convivem no mesmo espaço o antigo e o novo em termos de concepções educacionais.” (p.23)

A partir de 1989, o Departamento de Educação intensifica a oferta de oficinas pedagógicas, palestras, cursos, discussões e concessões de bolsas de estudos para os profissionais de educação da rede municipal das diferentes áreas, articulando projetos com a rede estadual (Projeto Integração EMEI-CB) e promovendo encontros com educadores de outras localidades, principalmente de outras cidades, num processo intenso de discussão de novas abordagens em educação. Propõem, também, projetos nas áreas de Educação Ambiental, Educação Especial, Alfabetização de Funcionários Municipais (PAMJA) e de Jovens e Adultos em geral (PAC – Projeto de Alfabetização e Cidadania)¹⁷⁹, Programa de Educação do Adolescente para o Trabalho (PEAT) com ampliação das parcerias com SENAI e SENAC, atividades com grupos da Terceira Idade, parcerias com APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados de São Bernardo do Campo), projetos esportivos e culturais, dentre outros.

Essa diversidade de “novos sujeitos e novas emergências” no campo educativo na contemporaneidade, que, “gradativamente, invadiram o campo da teoria”, introduziu radicais mudanças, como analisa Cambi:

“Trata-se da afirmação de entidades empíricas e teóricas ignoradas por aquele *anthropos* que a pedagogia sempre (ou de Sócrates em diante) teve em mira: sujeito-mente e sujeito-consciência modelado sobre o indivíduo adulto, assexuado, mas masculino, identificado segundo um padrão de normalidade e pertencente à cultura ocidental oficial. A criança, a mulher, o deficiente, o estrangeiro romperam esse invólucro ideológico da pedagogia, mas também a sua unidade-unicidade, fazendo aparecer sujeitos diferenciados e teorias diversificadas, por interesses-guia, por estruturas ideais, por objetivos estratégicos que vieram a caracterizá-las”.¹⁸⁰

Em 1990, a Conferência Mundial “Educação para Todos”, realizada em Jomtien, Tailândia – de 5 a 9 de março daquele ano, que retoma a Declaração Universal dos Direitos do Homem e define o “Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem”¹⁸¹, propiciou várias discussões no interior das escolas. A Conferência,

¹⁷⁹ Os programas são criados para suprir o vácuo deixado pela extinção da *Fundação Educar*, pelo governo Collor, em ação na cidade desde 1983, quando veio a substituir ao antigo Mobral.

¹⁸⁰ Cambi, *Op. cit.*, p. 386.

¹⁸¹ TORRES, R. M. “Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial” In: DE TOMMASI, WARDE E HADDAD. *O banco mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Ed. Cortez/PUC/Ação Educativa, 2003, p. 133.

convocada conjuntamente pela Unesco, Unicef, PNUD e o Banco Mundial, definiu a educação básica como a prioridade para aquela década, segundo Rosa M. Torres, numa visão “ampliada (...) que inclui igualmente a crianças, jovens e adultos, iniciando-se com o nascimento e se estendendo pela vida toda, não se limitando à educação escolar nem à escola de primeiro grau”, ou seja, disposta a “satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de cada pessoa”.

Essa discussão coincide com as comemorações dos trinta anos da Pré-Escola em São Bernardo, ocasião na qual a rede municipal teve oportunidade de envolver-se também no processo de ressignificação de sua história, com a reelaboração das leituras dos contextos políticos e dos modelos pedagógicos desenvolvidos nas três décadas de implantação da rede municipal pré-escolar, embora saibamos, apropriados de diferentes maneiras.

Nesse período a Secretaria de Educação, Cultura e Esporte adota uma filosofia educacional integradora, a partir dos princípios gerais evidenciados no Plano de Educação Municipal de São Bernardo do Campo de 1989¹⁸² e são propostos novos usos para os espaços públicos, como os “Centros de Convivência”¹⁸³, integrando em um mesmo espaço equipamentos para atendimento das crianças e da comunidade, curiosamente definido para o grande público, como “...o *ajuntamento* da Creche, Unidade Básica de Saúde, Escola Municipal de Educação Infantil, Serviço de Educação Especial, Espaço Cultural e Praça de Esportes. Tudo com divisões adequadas e entradas independentes.”¹⁸⁴ (*grifo nosso*)

Em relação ao papel da arquitetura escolar na organização pedagógica e na instituição de determinados valores, destaca Escolano: “a arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, (...) e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.”¹⁸⁵

Em 1991 é criado formalmente o Projeto “Criança Diferente”, dentre os citados, com o objetivo de subsidiar os professores para o desenvolvimento de um trabalho com as crianças

¹⁸² São três os princípios básicos que nortearam a proposta educacional da administração: A- Definição do homem que queremos construir (para um novo coletivo social, enquanto sujeito histórico) B- A escola que queremos fazer (como direito universal, pública, gratuita, com igualdades de condições para todos, como lugar de apropriação crítica, criativa e sistematizada do conhecimento empírico, teórico e técnico-profissional, e de apropriação de métodos e técnicas para produzir e divulgar conhecimentos) e C-gestão pública do espaço público (co-gestão pedagógica e administrativa)- documento: SECE: *Plano de educação Municipal de São Bernardo do Campo*, 1989.

¹⁸³ Conforme informado anteriormente, na década de 70, no governo Aldino Pinotti, previa-se proposta semelhante, com a construção de Centros Comunitários, integrando diversas atividades educacionais num mesmo espaço de convivência.

¹⁸⁴ PMSBC. *Integração - Jornal do 1º Congresso para a integração de educação, cultura, esporte e lazer*. nº.01, julho/91, p.02.

¹⁸⁵ Cf. Frago e Escolano, 1998, p. 26 *apud* ROCHA, Heloisa H. Pimenta. “Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica.” *Cadernos CEDES*. Campinas: Ed. UNICAMP, nº 52, novembro/2000, p.71.

portadoras de necessidades especiais¹⁸⁶, embora propostas de inclusão dessas crianças já estivessem presentes na rede pré-escolar municipal por iniciativa das próprias unidades escolares com o apoio da equipe de orientação técnico-pedagógica, desde a década anterior.

No segundo período de publicação do *Recordando e renovando* a apuração dos dados quanto ao atendimento das crianças de 4 a 6 anos na rede municipal tornou-se mais complexa, pois os dados encontrados em diferentes fontes não somente são divergentes, como bastante discrepantes.

Nos quadros dos períodos anteriores optamos pelos dados contidos em antigas publicações, quando não era possível apurar os mesmos nos relatórios materiais do Banco de Dados do Departamento de Estatística da Secretaria do Planejamento e Tecnologia da Informação, cujas divergências não comprometeram o conjunto dos dados e a construção de uma série histórica.

Porém, nesse caso, as divergências foram maiores, o que nos obrigou a confrontar as fontes, concluindo, após análise minuciosa dos dados de matrícula do período, por escola, em relatórios da Seção de Ensino do Departamento de Educação, tratar-se de mudança de metodologia na apuração das matrículas a partir da informatização dos dados, na década de 1990.

Com isso os mesmos passaram a apresentar números inferiores àqueles registrados, por excluïrem da contagem os alunos das classes de semi-internato. Porém, equivocadamente, também excluïram as referidas classes, o que não permitiu, a princípio, estabelecer uma lógica na construção da série histórica. Considerando não ser objeto deste trabalho a análise pormenorizada da política de atendimento do município ou da metodologia de pesquisa e arquivamento de dados, mas tão somente trazer os dados estatísticos para contextualizar o universo de destinação da publicação analisada, optamos por utilizar os mais antigos, arquivados no Banco de Dados, em relatórios dos anos de 1990 a 1992, tal como fizemos nos outros anos para continuidade da série, apurada a partir de uma mesma metodologia.

O Quadro 26 apresenta, em continuidade ao período anterior, a prevalência de atendimento na cidade pela rede municipal, com a retirada definitiva do Estado do atendimento

¹⁸⁶ A educação especial no município tem sua origem na antiga APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) no início dos anos 70, cujos serviços foram então absorvidos pelo poder público municipal. A partir de então, três escolas especiais foram construídas na cidade, sendo duas para DM (deficientes mentais) nos bairros de Rudge Ramos e Nova Petrópolis, e uma para DA (deficientes da áudio-comunicação) em substituição ao antigo EMEDAC em modernas instalações, inaugurada na década de 80, ao lado da EMEI Olavo Bilac, no bairro de Rudge Ramos. Uma unidade de atendimento para DV (deficientes visuais), também mantida pelo município, funcionava na então EEPG Maria Iracema Munhoz no centro da cidade, construída em substituição ao antigo prédio, do final do século XIX, que abrigou também o primeiro Grupo Escolar da cidade. (PESSOTTI, Atílio, *Vila de São Bernardo*. Cadernos Históricos. SBC: SECE, 1971).

ao pré-escolar e com a redução de atendimento nesse nível de ensino pela rede particular que tem seu atendimento reduzido em um terço no período, em cerca de mil vagas em quatro anos, embora os dados apontem para o crescimento do número de escolas.

No total, as matrículas de crianças 4 a 6 anos no município chegam, em 1992, a 25.578 ou 68,48% da população total estimada para essa faixa etária.

QUADRO 26 - ATENDIMENTO POR COMPETÊNCIA ADMINISTRATIVA – 1989-1992 – 4 a 6 anos													
ANO	MUNICIPAL			ESTADUAL			PARTICULAR			Total de alunos	Popul. total	4 a 6 anos	Município
	Alunos	Classes	Escolas	Alunos	Classes	Escolas	Alunos	Classes	Escolas		cresc. 2,64% ao ano	Estimativa Censos 1980/91	%
1989	23107	771	65	33	2	1	3108	179	26	26.248	538.087	33.721	68,52
1990	22.689	775	66	86	4	2	2690	152	25	25.465	552.293	34.220	66,30
1991	23.004	783	66	64	2	1	2512	144	26	25.580	566.893*	34.719*	66,25
1992	24.118	832	66**	-	-	-	2151	134	25	26.269	580.611	34814	69,27

Fontes: Secretaria de Planejamento e Tecnologia da Informação, Departamento de Estatística, Seção de Pesquisa e Banco de Dados – PMSBC (Estimativa de nossa responsabilidade)
 * Censo – 1991 – FIBGE ** Inaugurados 03 Centros de Convivência e desativadas 4CMEIs

São, portanto, mais de 800 professoras, somente na rede pré-escolar municipal, em atuação naquele ano, o que mais uma vez nos leva a considerar a importância da publicação como estratégia de formação dos docentes e manutenção da interlocução entre os mesmos e o Departamento de Educação.

Em relação ao atendimento nas Creches Comunitárias Municipais, que nesse período passam a integrar o discurso de atendimento à infância, consultamos diversos documentos disponibilizados pela Seção de Pesquisa e Banco de Dados para compor o Quadro 27, que revela que a população de zero a três anos e onze meses na cidade tem um crescimento negativo na década de 80.

De acordo com as tabelas da pasta **Demografia 2** daquela seção, elaboradas com base nos dados dos Censos Nacionais (FIBGE), em 1980 havia 45.829 crianças de zero a três anos em São Bernardo e somente 44.105 em 1991, com um decréscimo absoluto de 1.724 nascimentos ou uma redução relativa de 3,76% da demanda potencial das creches em onze anos. De 1991 a 2000 o movimento inverte-se com um crescimento de 3.163 crianças (47.268) ou 7,17% em nove anos. Os documentos consultados no Banco de Dados não permitiram apurar

o atendimento do ano de 1992, portanto, optamos por adotar a informação contida na publicação *Integração Educativa*.¹⁸⁷

Em estudo realizado pela Seção de Pesquisa e Banco de Dados em 1990, a pedido do Departamento de Promoção Social, é possível encontrar os dados de matrícula nas creches por grupos de idade (0-4 e 4-6 anos). Embora nos demais documentos essa informação esteja unificada, a maioria das creches municipais atendia também a certo número de crianças com mais de quatro anos, por falta de vagas nas EMEIs em determinados bairros. Naquele ano 12 creches municipais matricularam um total de 73 crianças com mais de quatro anos, ou seja, 12,31% da população atendida nessa modalidade.

QUADRO 27 - Atendimento nas Creches Municipais			
(1989-1992)			
Ano	Creches	Atendidas	Pop. 0-3
1989	15	647	44.417
1990	15	593 (520 + 73)	44.261
1991	17	740	44.105
1992*	17	810	44.456

Fontes: Relatórios. 4.04.052 / 4.04.048 / 4.04.054;
Pasta demografia 2 (2007)- FIBGE – Censos Demográficos
Banco de Dados e Pesquisa - Departamento de Informações
Geopolíticas e Econômicas - Secretaria do Planejamento
e Tecnologia da Informação.
* PMSBC. *Integração Educativa*, 1992.

O estudo citado pretendeu analisar a situação de atendimento das crianças de zero a quatro anos na cidade a partir de uma pesquisa incluindo as creches assistenciais e particulares. Os resultados não podem ser generalizados, pois 38 das 124 entidades cadastradas naquele ano não responderam ao questionário. Dessa forma é indicado o total de 4.450 atendidas naquele ano na cidade nas três modalidades. O estudo aponta, dentre outras conclusões, que as creches municipais e as filantrópicas estão instaladas nos bairros de maior índice populacional e menor poder aquisitivo. As particulares, ao contrário, concentram-se nos bairros dos setores médios da população, movidas pela lógica de mercado, atendendo 76% das crianças matriculadas na cidade. Não foi possível apurar, ano a ano, o atendimento por competência administrativa.

O estudo analisa ainda que “o tratamento conferido às creches pelas administrações municipais e pela própria população, de modo geral, esteve diretamente vinculado à origem das mesmas e à concepção que, originalmente, pautou seu advento: o caráter acentuadamente

¹⁸⁷ PMSBC, 1992, p. 33.

assistencialista, com ênfase ora na alimentação, ora na saúde. A creche sempre foi vista como um atendimento prestado às mães mais carentes, não como um direito da mulher, da família, da população”¹⁸⁸.

Evidenciando a contradição entre o discurso relativo às concepções educacional e assistencial, o mesmo estudo, à página 02, se refere às creches como “a *modalidade educacional* a que a iniciativa privada mais comparece em São Bernardo”. (*grifo nosso*) A creche teria assim um caráter assistencial e compensatório para a periferia e um caráter educacional para as populações de maior poder aquisitivo. O caráter, portanto, não seria algo intrínseco à instituição, mas sim à população que é atendida.

Os profissionais das creches municipais passam a discutir essas questões abordando, principalmente, a questão pedagógica no fazer cotidiano. Porém, para subsidiar esse processo, nenhuma publicação em especial foi criada, exceto textos diversificados e pontuais, de acordo com cada tema tratado. O *Recordando e renovando* também não circula de imediato entre esses profissionais. Não há evidências na materialidade da publicação, nesse período, que indique a ampliação do público leitor com esse segmento profissional, exceto pela participação pontual da coordenação.

Mantida a publicação, o primeiro número do ano de 1989 circula já no mês de março, início do ano letivo, com uma seqüência bastante variável, porém até o final de 1992, sem interrupções significativas, como será aqui demonstrado.

O ritmo da publicação

No segundo período de produção do subsídio *Recordando e renovando* foram publicados 18 exemplares e 8 suplementos com um total de 724 páginas, sendo 630 dos exemplares principais e 94 dos suplementos, número inferior aos seis primeiros anos (32 exemplares com 1372 páginas, 43 páginas por exemplar). Com uma média de 40 páginas por exemplar principal, em ritmo não regular e com grande variação na produção (de 27 a 57 páginas por exemplar), 218 matérias foram nelas publicadas, contra 462 do período anterior, variando entre 08 e 21 matérias por exemplar. No período em questão também há um decréscimo da produção no segundo ano, seguido de uma recuperação no terceiro e outra redução no último, como mostram os gráficos 1 a 4, na primeira parte deste capítulo.

¹⁸⁸ PMSBC. “Estudo sobre o Atendimento no Setor de Creches no município de São Bernardo do Campo.” Seção de Pesquisa e Banco de Dados/Secretaria do Planejamento e Secretaria da Saúde e Promoção Social, 1990, p.09.

Os últimos exemplares publicados no primeiro período apontaram para algumas mudanças em forma e conteúdo: aventamos a hipótese de se tratar de um possível questionamento em relação aos referenciais que vinham marcando a educação municipal e a produção dos subsídios pedagógicos desde as décadas anteriores. No segundo período, o envolvimento das professoras nos cursos, oficinas, palestras e demais atividades promovidas torna a hipótese mais consistente, demonstrando haver, de forma latente em algumas escolas e de forma explícita em outras, um questionamento ao modelo pedagógico baseado na concepção de educação pré-escolar de cunho preparatório, de caráter mecanicista, tal como se configurou após quase três décadas de reinterpretações dos ativistas que fundamentaram sua origem.

Nesse sentido, tenderíamos a definir o segundo período como uma contraposição àquela concepção, considerando que, na contemporaneidade, se fazem presentes com mais intensidade no bojo da abertura democrática e favorecendo um maior questionamento por parte dos educadores quanto às próprias práticas, o surgimento de novos sujeitos e novas emergências educativas, a partir dos questionamentos propiciados pelas teorias reprodutivista, e a crítica em relação à responsabilidade do estado e da sociedade civil na ampliação do atendimento da infância e na construção de espaços democráticos. Poderiam os dispositivos materiais da publicação analisada fornecer indicadores nessa direção?

2.2.1 - As marcas do objeto: a inconstância dos dispositivos

Capas: componentes gráficos

As capas, enquanto principal dispositivo de visibilidade da publicação, a partir de 1989, passam a apresentar uma diversidade de ilustrações, composições e temas em cada exemplar. Ao lado de ilustrações produzidas ou reproduzidas pelo Serviço de Recursos Didáticos, um maior número de desenhos de alunos da rede municipal passa a ser priorizado para a composição das mesmas, bem como fotografias, reproduções de textos, montagens. Alguns suplementos também passam a apresentar esse dispositivo.

De um total de 22 capas (18 exemplares principais, três suplementos e um subsídio) 10 apresentam trabalhos de crianças (desenhos, colagem e/ou escritas); 06 apresentam desenhos ou montagem produzidos ou reproduzidos pela equipe; 04 apresentam fotografias (três de alunos e/ou professoras e/ou outros membros da equipe escolar e uma de pontos históricos da cidade); 05 apresentam textos produzidos ou reproduzidos pela equipe (três manuscritos e dois datilografados, sendo que três deles acompanham desenhos de crianças).

As produções de alunos ilustram temáticas e atividades desenvolvidas em sala de aula, como histórias em seqüência, receita de bolo, cenas da cidade, criação de pequenos textos ou releitura de obra de arte. Os desenhos produzidos pela equipe ilustram temáticas específicas, alguns com função meramente decorativa (Festas juninas, Natal, Olimpíadas) ou reproduzem desenhos de outras publicações, como aquelas sobre a questão indígena e migração interna. Além de desenhos, uma das capas apresenta uma montagem (recorte e colagem) também ilustrativa (viagem ao espaço num aviãozinho de papel) realizada pela equipe num exemplar de final de ano (RR 03/92), em lugar dos tradicionais temas natalinos.

O recurso das fotomontagens parece indicar uma preocupação em destacar o universo escolar com seus atores em atividades desenvolvidas (passeio de alunos, oficinas para formação de professores (RR 02/92 e 02/90) ou a história da cidade e a da própria educação municipal (RR 02/91 e 03/91). A fotografia, ao fixar momentos e pessoas, passa a dar mais visibilidade e força ao texto escrito, ainda que tecnicamente a reprodução através da reprografia deixe muito a desejar.

Os textos produzidos ou reproduzidos pela equipe, associados a desenhos, abordam temáticas relativas aos direitos da criança, ecologia, artes. Os estilos de composição, portanto, são bastante diversos, e apenas alguns trazem a identificação dos autores, o que pode nos levar a concluir que a importância maior estava na colaboração produtiva da equipe e não na autoria, como no período anterior.

Quanto ao cabeçalho (créditos oficiais)¹⁸⁹, somente em um exemplar principal (02/92) e em um suplemento (03/89) não está presente na capa, e nos demais o mesmo está localizado no topo da página, ora em caixa, ora sem delimitação do espaço, mantendo a estrutura do período anterior. O número do exemplar e a data também sofrem variações, localizando-se, em geral, logo abaixo do nome da publicação.

Quanto à composição do título da publicação há também uma variação muito grande; pelo menos seis estilos de letras e/ou composições com tamanhos diversos podem ser identificados.

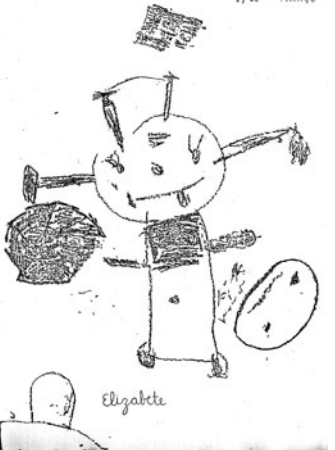


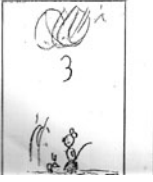

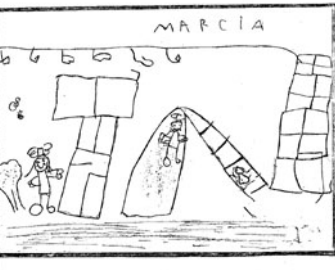

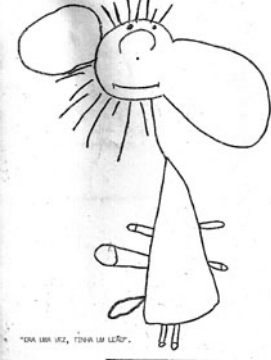
A formatação (33 x 21,5cm) em preto e branco se mantém nesse período, porém as margens passam a ser variadas ou ausentes em vários exemplares. Em geral as margens, quando presentes, acompanham a ilustração selecionada, em tamanhos diversos. Quanto aos suplementos, somente três, dos 23 publicados, apresentam capa, sendo que o Suplemento 03/89 (RR 5/89) foi o único formatado na posição horizontal (21.5 x 33 cm).

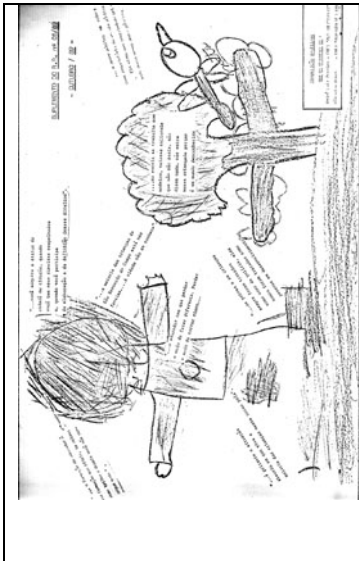
¹⁸⁹ No catálogo de capas, alguns exemplares aparecem sem este dispositivo, por falha no processo de transposição das imagens, devido às características técnicas do equipamento utilizado.

Em relação à função principal da capa, ou seja, a de apresentação e antecipação de conteúdos, há indicadores claros de associação entre o motivo escolhido e o conteúdo presente em cada exemplar, seja em relação a propostas de atividades ou à discussão de temáticas específicas. Quanto ao tema “Natal”, recorrente no período anterior, surge com destaque em apenas um exemplar (RR 06/91), que apresenta como ilustração uma composição gráfica em cujo centro encontra-se um pacote de presente.

Figura 5

CATÁLOGO DE CAPAS: Segundo período (1989-1992)

<p>SECRETARIA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO SEÇÃO DE ENSINO - SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA</p> <p>RECORDANDO E RENOVANDO 1/89 - MARÇO</p>  <p>Elizabeth</p>	<p>SECRETARIA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO SEÇÃO DE ENSINO - SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA</p> <p>RECORDANDO E RENOVANDO 2/89 - MAIO</p> <div style="display: flex; flex-wrap: wrap;"> <div style="width: 50%;"> <p>OLGAR FELIZ 1</p>  </div> <div style="width: 50%;"> <p>2</p>  </div> <div style="width: 50%;"> <p>3</p>  </div> <div style="width: 50%;"> <p>4</p>  </div> </div> <p>Desenhos da Silmara "Lava-mão do com desenhos a partir de uma história"</p>	<p>RECORDANDO E RENOVANDO 3/89 - JULHO</p> <p>BOLO DE FUBA O O D E F U B A B B D E F A R I M H A D E T R I G O B B D E A G U C A R B B D E O S L E O O O O + O V O S B - D E L E I T E M A R C O Z D E P O R O Y A L B O M A P E T I T E</p>
<p>RR - 01/89</p>	<p>RR - 02/89</p>	<p>RR -- 03/89</p>
<p>SEÇÃO DE ENSINO - SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA</p> <p>RECORDANDO E RENOVANDO 4/89 AGOSTO</p> <p>MARCIA</p>  <p>Desenho de Alana Alícia DAI "CAROLINE MARCI"</p> <p>"Presente à cliente das Cartões - em julho de 89, quando da 1ª edição do 'Diário de Educação das Crianças de São Bernardo'."</p>	<p>SECRETARIA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO SEÇÃO DE ENSINO - SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA</p> <p>RECORDANDO E RENOVANDO 5/89 - SETEMBRO</p>  <p>- presente às mães que trabalham em educação</p> <p>"A criança deve ser estimulada contra qualquer tipo de discriminação. Deve ser criada num ambiente de respeito, de paz e de respeito mútuo entre os pais, e em plena consciência de que não estarão a educar a criança sem perder a percepção de suas necessidades."</p>	<p>SECRETARIA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO SEÇÃO DE ENSINO - SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA</p> <p>RECORDANDO E RENOVANDO 6/89 - NOVEMBRO</p>  <p>Desenho de um aluno da FICP, Maria Inês Gomes 1989 - Outubro 1989</p> <p>"DÁ UM VIZ, TÁVA UM LEV".</p>
<p>RR - 04/89</p>	<p>RR - 05/89</p>	<p>RR - 06/89</p>



Supl. 03/89 (RR5/89)



RR-01/90



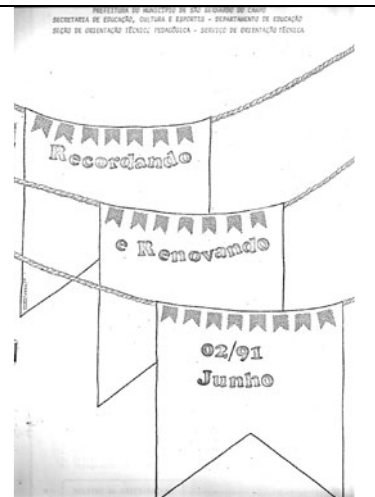
RR-02/90



RR-03/90



RR-01/91



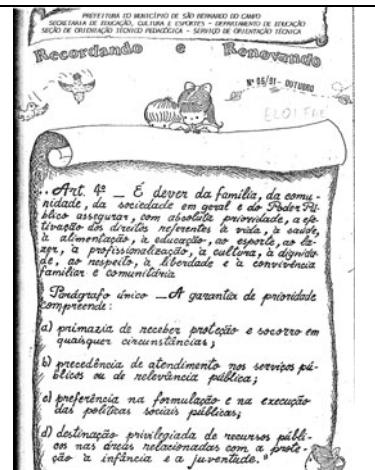
RR - 02/91



RR - 03/91



RR - 04/91



RR --05/ 91



SUPL. 01/92 –(RR 01/92)

O conjunto de capas produzidas nesse período parece indicar uma tentativa de contextualização, de “engajamento” político-pedagógico, de discussão com novas ou antigas

temáticas, entre elas: “Direitos das crianças” (RR 05/89, 03/90, 05/91 e S.03/89) “A questão indígena na sala de aula” (S.01/91), “Reflexões sobre o dia do migrante” (S. 02/91).

Como analisa Cambi, “a partir dos anos 80 e sucessivamente até hoje, a pedagogia foi atravessada por um feixe de *novas emergências*, novas fórmulas educativas, novos sujeitos dos processos formativos/educativos e novas orientações *político-culturais*.” Assim, o fenômeno do feminismo, a emergência dos problemas ecológicos, o crescimento de etnias nos países desenvolvidos e os problemas multiculturais que provoca, a terceira idade, são exemplos de questões surgidas nestes anos como problemas sociais e pedagógicos, capazes de “redescrever o papel e o território social da pedagogia”. (Cambi, 1999: 638)

As capas também indicam novas abordagens metodológicas: são apresentadas atividades produzidas por crianças, como a escrita de uma receita de bolo, a produção de pequenos textos, de cenas de histórias ou a releitura de uma obra de arte, evidenciando, assim, uma concepção diferenciada em relação ao período anterior, no sentido de que a releitura da teoria de aprendizagem cognitivista, associada aos avanços em torno da psicogênese do desenvolvimento e ao sociointeracionismo, vem compor um novo quadro de orientações metodológicas, com vistas ao desenvolvimento da autonomia da criança, como dá a ver a primeira matéria veiculada no período: “Autonomia como finalidade da educação: Implicações da teoria de Jean Piaget.” (KAMII, C. *A criança e o número*. São Paulo: Papyrus, 1987)

As ilustrações no impresso: busca de novos sentidos

O *Recordando e Renovando* enquanto suporte material, analisado a partir de suas formas de composição, evidencia a presença de ilustrações e imagens fotográficas, como recursos não-verbais portadores e responsáveis pela produção de sentidos.

Nesse período decresce o número de ilustrações com efeito decorativo, são encontradas aproximadamente 146 ilustrações com esse objetivo em 18 exemplares principais, com uma média aproximada de 8 ilustrações por exemplar (contra dez do primeiro período), variando da ausência total (RR 01/89) a até 23 num único exemplar (RR 05/91). O primeiro exemplar publicado traz apenas quatro ilustrações de modelos de construções, com material de sucata reproduzindo objetos conhecidos pelas crianças.

A inexistência de desenhos decorativos nos primeiros exemplares indica um dos sentidos das mudanças: o texto passa ser valorizado, a ilustração adquire um papel secundário.

“A ilustração da capa passou a ser editada com desenhos e produções das crianças da pré-escola. A ilustração interna que existia deixou de existir por se tratar de subsídio de comunicação entre os adultos que trabalham com as crianças e que, portanto não precisa ser enfeitado. Em substituição à ilustração antiga, ilustramos o RR com fotos de crianças em atividades” (Relatório de Trabalho – 1989 – Serviço de Orientação Técnica da Pré-Escola).

Porém, gradativamente, as ilustrações vão ganhando espaço novamente. Uma parcela significativa das ilustrações parece ser empregada como meio de facilitar o diálogo com o texto. Contudo, a partir de 1990 se fazem presentes novamente ilustrações alusivas à infância, à natureza, à escola, em diferentes estilos gráficos.

Os suplementos, por sua vez, passam a apresentar um número expressivo de ilustrações. Enquanto encontramos 26 ilustrações, em 15 suplementos publicados no primeiro período, no segundo, 50 ilustrações acompanham as matérias dos 8 suplementos publicados, destacando que cada suplemento/subsídio apresenta tema único (questão indígena, direitos da criança, mãe trabalhadora, migrantes, relato de experiência, olimpíadas). As ilustrações são na maioria decorativas (29), sendo que destas, 17 ilustram o tema Olimpíadas; outras 19 foram produzidas por crianças (16 das quais por crianças indígenas) e as restantes (2) de mapas do Brasil com a localização de áreas ainda ocupadas pelos povos indígenas. (Subsídio abril/91).

O número de ilustrações de modelos encontrados nos exemplares principais é significativo, sendo na maioria reproduções de histórias infantis para serem copiadas nas escolas (como no primeiro período), de trabalhos manuais com aproveitamento de sucata, de dobraduras “ecológicas” e outras. Muitos modelos ilustram relatos de experiência de sala de aula ou textos teóricos, principalmente os referentes ao pensamento lógico-matemático, com ilustrações inseridas no próprio texto, exemplificando atividades de classificação, ordenação, seriação, etc. (RR 02/89).

A partir de 1989 o número de sugestões de músicas quase que desaparece, sendo encontradas notações musicais e respectivas letras em apenas três exemplares principais (RR 03/91, 06/91 e 03/92). Já os desenhos de crianças crescem significativamente, com pelo menos um em cada exemplar, além de exemplos de escritas de alunos, em diferentes fases, sobre temas diversos.

A utilização de fotografias de cunho evocativo no conteúdo interno da publicação passa a ser um recurso freqüente no período, totalmente ausente no anterior. Como afirma Rosa Fátima de Souza, a respeito de seu uso como objeto de estudo, “a fotografia, como adverte SONTAG (1986), (...) fixa um determinado momento e oferece ‘provas’, um testemunho de um

fato ou acontecimento; no entanto, em sua relação com a verdade, a fotografia também se constitui em uma interpretação do mundo.”¹⁹⁰

Foram localizadas 18 fotografias nas matérias veiculadas nos exemplares principais e 03 em suplementos, cujos temas variam de situações de sala de aula envolvendo alunos e professora (três no RR 03/89), atividades na Semana da Criança (S. 03/91), atividades externas em Educação Ambiental (cinco no RR 04/89), fotos de maquetes relativas a unidade de trabalho Cidade e Campo e de outros recursos didáticos (num total de quatro, também no RR 04/89), crianças em atividades de horticultura (uma, no RR 06/89) e três fotos históricas da cidade, dentre as quais a do primeiro Grupo Escolar que funcionava junto ao prédio da antiga cadeia local e dos alunos da turma de 1910 no RR 03/91. Neste exemplar também a capa traz outras três fotografias de cenas antigas da cidade, numa fotomontagem. Há, pois, como uma espécie de “negociação para conciliar memória coletiva e memórias individuais.”¹⁹¹

Nos anos de 1990 e 1992 foram reproduzidas fotografias somente em três capas (RR 1/90 e 2/90 e 02/92). Pela carga de informações que esse dispositivo dispõe, com maior força de comunicação, e, no caso, com baixo custo (as fotografias eram enviadas pelas escolas), seu emprego configura um caráter diferenciador em relação ao período anterior. Porém, deixando de ser utilizado, o número de desenhos, semelhante ao do período anterior, volta a crescer e ocupar o espaço gradativamente.

Coordenação

Os nomes dos responsáveis pela publicação¹⁹², até então conhecidos mas não identificados nos exemplares do período anterior, passam a constar, na íntegra, na última página das primeiras publicações. No exemplar 03/89 a relação indica a equipe segundo as atribuições, e a partir do quinto exemplar voltam os créditos resumidos ao número das seções (SE- 101.1 o/ou SE 101.2) ou simplesmente SOT.

¹⁹⁰ SOUZA, Rosa Fátima. “Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária”. In: *Educar*, Curitiba: Editora da UFPR, n.º. 18, p. 75-101. 2001.

¹⁹¹ VICENTINI, Paula Perin. “Imagens de professores: a visibilidade dos professores na *Revista do Professor*. (SP 1934-1965) in: *Educação em Revista*. Belo Horizonte n.º. 32, dez.2000, p.8. Nesse sentido ver da autora *Imagens e representações de professores na história da profissão docente no Brasil (1933-1963)* São Paulo: USP, doutoramento, 2002.

¹⁹² Ocupava naquele ano a encarregadoria do Serviço de Orientação Técnica - SOT (SE 102.1) a psicóloga Irene Franciscato, e a do Serviço de Recursos Didáticos – SERD (SE 102.2) Maricida Gobbato Ortega. Respondia pela chefia da Seção de Orientação Técnico-Pedagógica (SE102) a professora Alzira Martins de Mendonça. A equipe é identificada em sua totalidade na última página do primeiro exemplar do período, composta pelos mesmos membros do período anterior, excetuando-se a atual chefia. A partir de 1990 o SOT passa a ser de responsabilidade da também psicóloga Marenny Mores.

A insistência inicial na identificação da equipe, já conhecida e legitimada pela rede municipal, permite que levantemos algumas hipóteses. Tratou-se de uma estratégia, por parte do lugar de poder, de manutenção da credibilidade da publicação e garantia de participação dos destinatários num período conturbado de mudanças? Ou se trataria de uma tática da equipe para garantir um espaço de ação na manutenção de determinada ordem? Tal tática seria um sinal de resistência às mudanças ou de tentativa de condução das mesmas? Por que a identificação da chefia da seção de orientação Técnico-pedagógica (único nome novo a compor a equipe) somente se faz visível enquanto tal no exemplar 03/92 (p.32), portanto, no final do período? Que sentido teria o distanciamento do cargo? Seria essa uma opção pessoal?

Gradativamente outros responsáveis passam a ser identificados na publicação: diretoras de escolas, monitoras, coordenadoras de projetos, enquanto a equipe inicial perde alguns de seus elementos na trajetória, através da aposentadoria. Com a emergência de novos sujeitos também responsáveis pela publicação, a mesma vai ganhando novos contornos, em relação aos conteúdos e à identificação das professoras e demais colaboradores (e não somente das escolas, como no período anterior) passa a acompanhar as contribuições enviadas.

A paginação

Nesse segundo período a paginação também se apresenta de forma irregular incluindo ora a capa, ora a capa e o índice, ora somente o índice. A localização dos números é, em geral, no centro da margem inferior ou no canto superior direito. Raramente no canto inferior direito. O exemplar 6/89 não apresenta numeração ou é possível que a mesma tenha sido colocada de tal forma que não foi possível ser reproduzida nas cópias.

Para fins de cálculo relativo à produção, consideramos a paginação a partir do índice, excluindo as capas, como no período anterior. Agora as cópias passam a ser feitas utilizando as folhas frente e verso, o que pode ter significado redução de custos e facilitação no transporte e arquivo.

Índice

Assim como no primeiro período, nem todos os exemplares apresentam esse dispositivo. Porém, ao contrário do que acontece naquele, os exemplares em que o mesmo está ausente não são os primeiros, e sim o quinto (RR 05/89) e o décimo terceiro da série (RR 04/91). Os primeiros exemplares apresentam o índice organizado por matérias ou temas, sem

separação das seções. Somente a partir do RR 01/90, o índice apresenta-se diagramado sob forma de seções.

O índice é apresentado, em geral, na primeira página depois da capa, mas nos RR 06/89 e 01/92 encontram-se no verso da mesma, o que corresponderia à segunda capa.

Nos RR 1/89 e no 1/90 o índice foi deslocado para a parte inferior da primeira página, sendo precedido por uma mensagem da equipe de orientação técnica.

Recados e Mensagens

No RR 01/89, localizamos a primeira mensagem da série, na primeira página, com a função de rerepresentação do subsídio na nova fase, a qual transcrevemos, por sintetizar as novas orientações:

“Circula o RR.01, com algumas coisas conhecidas e outras novas. É o velho e o novo se encontrando, se integrando...
De velho, as sugestões para o conteúdo programático conhecido, por ora caminhando assim.
De novo, a seção ‘Entrevista’ para a gente falar com gente que tem a ver com Educação.
De novo também, a seção ‘Relato de Experiência’ um espaço para você professora ser autora e sujeito de seu trabalho cotidiano.
A seção ‘Carta do Leitor’ convida as pessoas a se manifestarem sobre o RR.
Finalizando, neste número chega às EMEIs um documento para analisarmos o Programa da Pré-Escola.”

Ainda no primeiro exemplar da série, na apresentação da futura seção *Relato de Experiência*, o recado é endereçado à professora:

“Este espaço é seu... sem censura. Encaminhe o relato da atividade dizendo também do processo das crianças no decorrer dele. Envie por escrito, sempre até o dia 15 de cada mês e entregue-o para Marlene (Secretária do S.O.T.). Envie relato que possa ser incluído no próximo RR e, assim, servir de subsídio para a unidade e atividades do bimestre seguinte”.

No mesmo exemplar, na página da futura seção *Carta do Leitor*, nova mensagem: “*Professora, diretora... Este espaço é seu...*”; ambas localizadas no centro da página, em caixa, demonstrando um espaço a ser inaugurado.

No RR 01/90, pelo início de um novo ano, outra mensagem, desta vez assinada pela então encarregada do Serviço de Orientação Técnica, apresenta o subsídio chamando os docentes a uma maior participação:

“O R.R. retorna em 90, continuando sua tarefa de informar, relatar experiências (...). Vemos que em 1989 o R.R. avançou. Abriu-se (sic) espaços de comunicação da rede entre si e da rede com o Departamento. (...) Esses espaços criados estão avançando, mas notamos que precisa (sic) avançar mais...ficar mais ousado. (...) Tarefas temos e...bastante!!! Então ...vamos lá !

Nos exemplares de agosto e setembro do mesmo ano, a única mensagem da seção *Página do Leitor* indica que esta nem sempre era ocupada: “Esse espaço é seu. Encaminhe seus comentários, sugestões, críticas...” diagramadas em caixa, no centro da página (RR 02/90, p.29 e RR 03/90 p.25).

Outras mensagens e recados são encontrados, não somente originados pela equipe responsável, mas também por escolas (RR 01/90, p.23), diretoras, professoras, mães de alunos, visitantes, em alguns casos reproduzidos do original enviado, nas seções *Dicas, Recados e Informes* (RR nº.s 01, 02 e 03/92) e *Página do leitor*, publicada em 12 dos 18 exemplares do período.

As mensagens são também reveladoras de possíveis tensões desencadeadas na luta por mudanças. A primeira mensagem do RR 01/89, “... É o velho e o novo se encontrando, se integrando. Do velho, as sugestões para o conteúdo programático conhecido, *por ora caminhando assim.*” (grifo nosso), sugere que as mudanças, já bastante visíveis no primeiro exemplar do período, vão continuar. O recado às professoras de uma das Orientadoras Pedagógicas do período anterior, que recebera a incumbência de elaborar um texto teórico prático sobre o conhecimento lógico matemático na linha piagetiana (RR 02/89), revela que “o tema enfocado, justamente se prendeu á solicitação por parte de algumas diretoras, que sentiam necessidade de maior embasamento teórico, que também pudesse ser estendido a seu grupo de professoras “(...) tratando-se de “um trabalho inicial, que pretendemos poder continuar no decorrer dos próximos ‘RECORDANDO E RENOVANDO’. Para tanto, coloque-me à disposição de todas. **SOMENTE JUNTAS: professoras, diretoras e orientadoras, é que poderemos crescer**”, sugerindo que as reivindicações futuras poderiam ser encaminhadas ou discutidas com a própria orientadora.

Outros dispositivos tipográficos

A inserção de tiras de quadrinhos (HQ), como a da crítica personagem *Mafalda* (Quino) ilustrando matéria que apresenta duas resenhas de livros de literatura infanto-juvenil (RR 01/92) ou a de humor do personagem *Beto* (V.Mendonça), ao final da página 35 do mesmo exemplar, indica a introdução pontual de outro dispositivo tipográfico, de uma mídia até então ausente no RR, promovendo nova dinâmica de leitura e reflexão. Apesar disso, referências aos *mass mídia* em geral, em particular à televisão, são raras, muito embora se constituam na contemporaneidade em uma verdadeira escola paralela, um problema educativo ainda em aberto.

A diagramação das páginas é bem diversificada no período, em relação às sugestões de atividades, relatos etc., mas textos teóricos e entrevistas são apresentados de forma linear, mais compacta, exigindo a maior concentração para a leitura desse tipo de conteúdo. Os textos teóricos somente contêm ilustrações quando as mesmas fazem parte do texto original. Citamos como exemplo o texto “A autonomia como finalidade da educação – Implicações da Teoria de Piaget” nos RR 01 e 02/89, em seis páginas datilografadas em cada exemplar, sendo que, no primeiro, alguns dispositivos orientadores de leitura foram utilizados, tais como trechos sublinhados, em caixa ou com espaçamento diversificado. Esses recursos, contudo, não foram mais empregados a partir do segundo exemplar.

Reproduções de textos teóricos, de textos elaborados discutindo diferentes teorias, transcrições de palestras e/ou conferências, passam a ser apresentadas em todos os exemplares, dando mais densidade à publicação.

Assim como no período anterior, as margens das páginas internas são encontradas em todos os exemplares, exceto nas reproduzidas diretamente de textos originais de livros ou revistas, como as do RR 02/91 que trazem o texto “L.S.Vygotsky: algumas idéias sobre o desenvolvimento infantil” de Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, extraído do *Caderno Idéias: A Pré-escola e a criança hoje*.¹⁹³ Em vários exemplares, cópias reprografadas diretamente dos textos originais passam a substituir as reproduções datilografadas o que pode ter representado razoável economia de tempo na elaboração da publicação.

Dessa forma, a marca indicativa dos créditos da publicação (PMSBC- SE 102.1 ou SE-102.2), presente junto à margem superior das páginas publicadas no primeiro período, não é mais encontrada.

¹⁹³ São Paulo: FDE, 1988, s/nº, p.43-46.

Outros dispositivos gráficos continuam a ser utilizados, como as iniciais identificadoras dos responsáveis pelo serviço de datilografia, utilização de destaques em caixas, pergaminhos, nuvens etc., com frases ou trechos de textos. Gráficos, mapas e tabelas passam a surgir em um novo gênero de matérias, tais como em pesquisas que envolvem apresentação quantitativa de dados.

Tomamos como exemplo a pesquisa sobre “Análise do Programa da Pré-escola” (RR 06/89, p.15-16) e a tabela de dados sobre crianças com dificuldades na rede municipal de educação infantil, como parte do projeto “Criança diferente” (RR 04/91, p. 19-20).

Quanto ao primeiro exemplo, consideramos oportuno destacar que no quesito *exposições de final de ano*, por exemplo, “50% das respostas das professoras indica a intenção de mantê-las. Desse total, a metade destaca que os trabalhos devem ser feitos pelas crianças; 10% indicam intenção de manter a exposição no decorrer do ano, 39% de extinguir a exposição de final de ano.” Mediante estes dados, para o ano de 1989, “a proposta da SE-102 é a de que seja considerada a avaliação da maioria (...) e que cada escola discuta e defina a melhor forma de condução da exposição”. Uma opção a ser refletida, pois reveladora de tensões existentes, se considerarmos as discussões com base no binômio autonomia/democracia, postas como diretriz do projeto que se pretendia implantar e que permearam diversas matérias publicadas no ano em questão. Por outro lado, tal opção pode ser interpretada também, como sinal de resistência da SE-102 em eliminar uma importante manifestação da cultura escolar que, ao lado das festas escolares se constituíram, historicamente, em estratégias em imprimir à escola um papel civilizador. Quanto ao segundo exemplo as tabelas e quadros mostram que em 1991, 94% das escolas solicitou supervisão em relação ao atendimento de 290 “crianças que necessitam de algum auxílio”, portadoras de distúrbios motores (15), de fala (102), de comportamento (84), neurológicos (23), visuais (09), auditivos (19), Síndrome de Down (05) e problemas sócio-culturais (33), que juntas representam 1,3% da clientela atendida em EMEIs e CMEIs. Os quadros e os dados estatísticos constituíram-se em um dispositivo bastante “forte” para permitir que a equipe técnica defendesse a não montagem de uma infra-estrutura específica e própria para atendimento a essas crianças, optando por parcerias com instituições que o promovessem e equipando com Serviço de Orientação Técnica com a contratação de estagiárias, que lado das monitoras e coordenadoras do Projeto “Criança Diferente” estariam atendendo e encaminhando as solicitações.

2.2.2. As seções e as matérias dadas a ler: inconstância e não padronização

Dos Modelos de recursos aos Relatos de experiências

As novas seções introduzidas a partir de 1989 promovem uma ruptura em relação ao período anterior em forma e conteúdo, pois além da variação no número de seções apresentadas, os objetivos passam a ser diferenciados, como demonstram as mensagens destacadas na apresentação dos primeiros exemplares.

O Quadro 28 permite constatar que algumas das seções propostas na primeira publicação desse período não tiveram continuidade. É o caso da seção *Entrevistas*, por exemplo, que finda no início de 1990, sendo publicada em somente seis exemplares. São entrevistados, no primeiro exemplar, três integrantes da comissão Municipal de Educação do município de São Caetano do Sul; no segundo, uma professora da própria rede municipal sobre o tema de monografia apresentada em curso de especialização recém concluído; no terceiro, professoras da rede municipal das áreas da pré-escola e de Educação Especial; no quarto, uma das Orientadoras Pedagógicas da área de Educação Especial do município. No suplemento do quinto exemplar é entrevistada a então coordenadora do Movimento Meninos e Meninas de Rua de São Bernardo (cuja polêmica entrevista é discutida no sexto exemplar) e finalmente, a sexta e última entrevista, com uma professora universitária da região, é publicada no RR 01/90.

A seção *Relatos de Experiências* se mantém por praticamente todo o período, exceto nos exemplares 03/91, 06/91, 02 e 03 /92, quando o conteúdo é absorvido pelas seções *Com a Palavra* e *O que acontece nas escolas* e pelo Suplemento 03/91.

Com a Palavra é outra seção que mostra certa estabilidade, embora com alterações na denominação, exclusiva da equipe de Educação Ambiental até o final de 1990, vindo a dividir o espaço com outras equipes ou projetos (Terceira idade, Monitoria, Alfabetização de Adultos e outros) nos exemplares de 01 a 05/91 e retomando sua independência a partir do exemplar 06/91, com seção própria até o final do período. A partir dessa data as duas seções passam a ser publicadas simultaneamente.

A terceira seção proposta no exemplar número 01/89, *Carta do Leitor*, deixa de ser publicada em seis exemplares (RR n.ºs 03 e 05/89, 01/90, 01,02 e 03/91), sendo que em outros três (RR n.ºs 01/89, 02/90, 03/90) na página destinada à seção há somente um recado chamando à participação. O número de cartas publicadas nos exemplares restantes é de somente dezessete, variando entre sugestões de leituras, críticas, informações ou depoimentos pessoais. Destacamos do RR 06/89 a contribuição “Fim de Ano”, reveladora da turbulência do período:

“1989 está chegando ao fim! Entre mortos... Feridos... Grupos de estudo... Conselho de Escola... Estatuto... Horário eleitoral... Confusões... Curso da Glória [Seber]... Emília Ferreiro... Palestras da Madalena Freire (olha só, três mulheres...), Ainda tem bastante gente viva!!!”

A seção *Textos para Reflexão*, iniciada no primeiro exemplar, é posteriormente assimilada pela *Construindo a Reforma Curricular*, pois os textos indicados tiveram esse objetivo desde o princípio. Foram publicados nessas seções aproximadamente 24 textos de diferentes autores ao longo do período, dentre eles Jean Piaget, Paulo Freire, Lino de Macedo, Zilma Moraes Ramos de Oliveira, Maria da Glória Seber, além de outros produzidos pela própria equipe a partir desses e de outros autores.

O Quadro 28 mostra uma grande variação de assuntos/temas publicados do terceiro exemplar de 1989 ao final de 1990, sendo que a partir do número 02/91 passam a ser abordados na seção *Trabalhando Temáticas*. Nos últimos exemplares do período são ainda introduzidas as seções: *Mural Coletivo e Dicas, Recados e Informes*.

A antiga seção *Recordando*, que marcou todo o primeiro período, não é mais incluída com essa denominação, e somente quatro exemplares trazem listagem de atividades publicadas anteriormente, sob diferentes denominações: Sugestões (*RR* 01/89 p.10) com referências aos *RR* de 1982 a 1987 e com atividades e temáticas variadas; Temas nos *RR* Antigos (*RR* 06/89), sob o tema Natal e *Trabalhando Temáticas*, com Sugestões para a Semana da Criança (*RR* 05/91 e *RR* 02/92). Alguns exemplares, no decorrer do período, inserem nas matérias algumas sugestões já publicadas. No *RR* 02/89 há um “lembrete” na página 19 em relação aos *RR* antigos: “Nos *RR* dos anos anteriores você encontrará textos e sugestões de atividades que valem serem consultados e revistos...” destacado em caixa no alto da página que traz a matéria intitulada Sugestões de Atividades sobre Período Integral.

Uma característica desse período é a grande variação nas propostas de novos títulos, que aos poucos vão sendo substituídos por outros, sendo que muitos deles acabam por se constituir apenas em matérias avulsas. Na primeira fase (1989/90) seções e matérias se confundem, porém, a partir de 1991 adquirem certa estabilidade, com a definição de espaços próprios para cada temática ou assunto.

QUADRO 28- Síntese das Seções – Segundo período – (1989-1992)																			
Seções / Matérias*	1989						1990			1991						1992			Total
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	1	2	3	4	5	6	1	2	3	18ex.
1. Texto para reflexão	x	x					x	x	x	x									06
2. Sugestões RR anteriores/Recordando	x					x								x			x		04
3. Sobre raciocínio lógico-matemático	x	x	x																03
4. Período integral (semi-externos)	x	x	x	x			x												05
5. Relatos de Experiências	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x		x			14
6. Roteiro de avaliação	x																		01
7. Entrevistas	x	x	x	x		x	x												06
8. Carta/página do leitor	x	x		x		x		x	x				x	x	x	x	x	x	12
9. Contando com Depart. de Cultura			x	x															02
10. Com a Palavra / Ed. Ambiental			x	x	x	x	x	x	x				x		x	x	x	x	12
11. Dia dos Pais			x																01
12. Setorização das EMEIs				x															01
13. Direitos das Crianças/ECA/Fórum					x	x			x										03
14. Sobre marcenaria					x														01
15. Sobre unidades de trabalho					x														01
16. Estórias que fazem nossa história					x														01
17. Fala triste de gente ativa					x														01
18. Depoimento pessoal					x														01
19. Transformando o cotidiano					x														01
20. História: O presente						x													01
21. Dia do Professor						x													01
22. Sugestões de discos						x													01
23. Encerramento do ano						x													01
24. Cursos... Encontros... Seminários...							x												01
25. Mantenha-se informada							x												01
26. Prevenção cáries/doenças bucais								x											01
27. Resenha de livros								x	x										02
28. Jogos de figuras								x											01
29. Sugestões materiais/ativ.diversas								x	x										02
30. Pensamentos para reflexão									x										01
31. Recado das monitoras									x										01
32. Trabalhando temáticas										x	x	x		x	x	x	x	x	08
33. Com a palavra										x	x	x	x		x	x	x	x	08
34. Caminhando p/ proposta curricular											x	x	x	x	x	x	x	x	08
35. O que acontece nas escolas											x	x			x	x	x	x	06
36. Conversando sobre cidadania													x						01
37. Mural coletivo																x	x		02
38. Dicas, recados, informes																x	x	x	03
Total por exemplar	8	6	7	7	9	10	7	8	9	4	5	4	6	4	6	9	8	8	125

2.2.3. A participação do público-leitor

O público leitor no período

Nenhuma pesquisa específica foi localizada para avaliarmos as mudanças ocorridas no quadro docente em relação ao levantamento realizado em 1986, de nossa responsabilidade. Os dados existentes constam somente dos prontuários individuais, dos professores, de acesso restrito, o que impediu a obtenção de dados comparativos. Concretamente temos um aumento no número de docentes, proporcional ao crescimento da rede até 1989, e elevação na titulação, estimulada pela implantação da nova carreira docente após aprovação do Estatuto do Magistério Municipal em 19 de maio de 1988, implementado a partir do ano seguinte. Os arquivos do período, relativos à Contagem de Pontos para Promoção Vertical, de acordo com os artigos 28 e 29 da Lei 3056/88, com a classificação geral por titulação, não foram conservados, restando os prontuários pessoais que poderão se constituir em novo objeto de estudo, relativo à formação das professoras municipais.

O aumento no atendimento à demanda eleva o número de classes de 749 em 1988 para 832 em 1992, último ano do segundo período. O quadro do magistério teria, portanto, um acréscimo de cerca de 80 novas contratações na área pré-escolar. Porém a implantação do Estatuto do Magistério permitiu aos professores optar por jornada ampliada de 40 horas semanais (ou mais conhecida como *jornada dupla*), após dois anos de efetivo exercício como docentes, com atribuição de acordo com a existência de vaga e obedecida a ordem de classificação segundo o tempo de serviço.

Como vimos no período anterior, muitas professoras já vinham trabalhando nesse regime em redes diferentes, ou substituindo outras na mesma rede, em extensão de horário. Com essa medida, se por um lado o professor passa a trabalhar somente em uma rede de ensino, por outro passa a enfrentar problemas de locomoção entre escolas distantes, em conciliar horários para as reuniões em cada escola, para a realização de cursos, palestras e outras atividades, sem contar as dificuldades em suportar a dupla jornada, pois o critério de idade conduziu as professoras mais antigas da rede a uma jornada estafante para garantir uma compensação financeira por ocasião da aposentadoria. Além da jornada de 40 horas, o Estatuto do Magistério previa também a possibilidade de extensão de horário no caso de substituições. O que pareceu uma conquista, num primeiro momento, revelou-se uma carga difícil de ser suportada, por todas as obrigações e encargos duplicados, muitas vezes com mais de trinta alunos em cada classe. Dessa forma, por algum tempo cessam as novas contratações para a pré-escola.

A defesa de uma jornada intermediária de 30 horas semanais (com quatro horas diárias com alunos e duas para estudo e planejamento) passou a ser defendida e implantada em caráter experimental para os professores participantes do *Projeto Criança-Professor: Fazendo e Aprendendo*¹⁹⁴, na EMEI Pe. Leonardo Nunes, como parte do projeto de pesquisa desenvolvido simultaneamente nas cidades de São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e São Paulo, sendo a equipe responsável coordenada pela Dra. Maria da Glória Seber. Com duração de três anos (1990-1992), envolvendo crianças de dois a oito anos em parceria com o ensino de 1º grau da rede estadual, o projeto buscava estabelecer, em termos qualitativos, as bases cognitivas sobre as quais as séries iniciais do 1º grau assentariam [seu trabalho], no sentido de melhor contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança na continuidade do processo de escolarização.”¹⁹⁵

Vemos aqui uma tentativa de levar a escola de 1º grau a repensar os parâmetros definidores de suas ações, visando a continuidade do processo de escolarização da criança pré-escolar, numa perspectiva de integração, subvertendo, de certa forma, a lógica da pré-escola preparatória:

“Nesse momento, as duas redes de ensino (EMEI e EEPG) estão repensando sua atuação. Uma integração que favoreça a continuidade entre uma proposta e outra enriquecerá o trabalho realizado ao nível pré-escolar como escolar (sic). Indisciplina, cartilha ou não, coordenação motora, expectativa dos pais, estas foram algumas das questões discutidas pelas professoras e pessoas envolvidas no projeto de integração.” (RR 03/91, p. 36)

A proposta de criação da jornada de 30 horas, porém, não foi efetivada nesses moldes, findando-se ao final da pesquisa, sendo implantada para as professoras das classes de semi-internato, cujos alunos permaneciam no período matutino divididos por idade e reunidos das 11 às 16:30/17:00 horas, independentemente da idade, o que resultava numa experiência diferenciada e enriquecedora para os mesmos, possibilidade constatada na diversidade de relatos publicados nos RR. Nesse caso, no entanto, as professoras permaneciam durante toda a jornada com as crianças como ocupantes de jornada de 20 horas semanais, com dez horas em extensão de horário.

¹⁹⁴ A pesquisa foi publicada pela autora sob o título *Criança-Professor: Fazendo e Aprendendo*. Curitiba: Ed. Logos Press, 1992.

¹⁹⁵ PMSBC. *Educando para a Integração Comunitária*, 1991, p. 20.

A presença das escolas na publicação: práticas e saberes

No Quadro 29 apresentamos as contribuições dos leitores, que, de certa forma, tornam-se co-produtores da publicação, agora identificados nominalmente, em sua maioria. Porém várias contribuições foram encaminhadas em nome da equipe da escola, ou em nome de um determinado período, não sendo possível identificar todos os remetentes individualmente. Dessa forma, optamos por continuar a identificar as contribuições enviadas pelo nome das escolas, também como parâmetro comparativo em relação ao período anterior. Em cada exemplar há uma variação de duas a doze escolas identificadas com um total de três a dezesseis contribuições por exemplar.

QUADRO 29 – Contribuições das Escolas nas publicações – Segundo período (1989-1992)				
RR Nº/ano	Escolas	Tipo de Contribuição	Total escolas	Total contrib.
01/89	EMEI Parque Seleta “ EMEI Mário de Andrade	Visita a uma EMEI próxima por outra EMEI Disco: O Bocó da Palhoça Apostila do curso de folclore	02	03
02/89	EMEI Odete de Lima CMEI do Bairro Batistini CMEI Nossa Sª de Fátima EMEI Mariana N. Interliche CMEI Vila Esperança EMEI Castro Alves “ “ EMEI Mário de Andrade “ EMEI Aldino Pinotti	Relatos de Experiências: “As crianças aprendem com o que elas vivem” Entrevista com convidada Entrevista com o servente-zelador Cultura indígena Introdução à U.T. Regiões, Raças... Autonomia I Autonomia II Autonomia III Carta do leitor: Depoimento de mãe de aluna Carta do leitor: Mãe-professor, professor-mãe Carta do leitor: Sempre é tempo	08	11
03/89	EMEI Antonio de Lima EMEI Monteiro Lobato EMEI Ana Maria Poppovic “ “ EMEI Graciliano Ramos EMEI Mário de Andrade	Ilustrações – Meio Ambiente – sensibilização Relatos de Experiências: Semi Internato “Uso do baú” Culinária Reunião com mães Bolo de fubá – Receita – capa do RR O nascimento da lagartixa Experiência com plantas (luz e água)	05	08
04/89	EMEI Antonio de Lima EMEI Maurício C. de Castro “	Relatos de Experiências: Este monstinho chamado LRM (relação-lógico-matemática) Uma maquete pedagógica Uma festa de aniversário	06	08

	<p>EMEI Jardim Laura “ EMEI Vital Brasil EMEI Pe. José de Anchieta EMEI Pe. Leonardo Nunes</p>	<p>Atividades lúdicas para Semi-internato Uma aula sobre Ecologia Dia dos pais – presente e entrevistas O que desejo para meus filhos Relatório: Atividades período Integral</p>		
05/89	<p>EMEI Ana Maria Poppovic CIP Baeta Neves EMEI Odette de Lima “ EMEI Castro Alves “ “ EMEI Antonio de Lima EMEI Higino Baptista de Lima</p>	<p>Relato de Experiência: E as crianças, entendem sobre direitos? Visita ao SESC Campestre Educação Ambiental - Plantando em caixa de ovos Depoimento – Diretora</p> <p>Relatos de Experiências: Culinária Conscientizando e agradecendo Cantinho das Notícias O jogo da amarelinha – sugestões Fanfarra Infantil</p>	06	09
06/89	<p>EMEI Aldino Pinotti “ EMEI Santa Terezinha EMEI Pe. José de Anchieta EMEI Bairro dos Finco EMEI Pe. José de Anchieta EMEI Mariana N. Interliche EMEI Castro Alves CMEI do Jd..N. S^a.Fátima “ EMEI José de Alencar “ CMEI do Bairro Batistini EMEI Monteiro Lobato EMEI Mário de Andrade EMEI Moysés Cheid</p>	<p>Capa – Desenho “Era uma vez, tinha um leão” Pensamento lógico e construção de “estória” Relatos de Experiências: Liberdade para aprender “Dia da fantasia” Ecologia “gaiolão de papelão” Germinação I Germinação II Inauguração da biblioteca da escola Inclusão Sugestões: livros e sucata Experiências com plantas (clorofila/respir.) Horta na escola Trabalhando a realidade local Reunião com mães Reunião com mães Reino vegetal e culinária</p>	12	16
		Total de contribuições no ano		55
01/90	<p>EMEI Odete de Lima “ EMEI Cléia Teures de Souza. “ “ EMEIS Euclides da Cunha, Antonio de Lima, Parque Seleta</p> <p>EMEI Vinícius de Moraes EMEI Lourenço Filho EMEI Bernardo Pedroso EMEI Pe. Leonardo Nunes EMEI Antonio de Lima</p>	<p>Relatos de Experiência: Hora da Entrada Reunião de Pais e Mestres Educação Ambiental Compra Comunitária I Semi internato – um passeio pelos arredores</p> <p>Compra Comunitária II – Escolas amigas</p> <p>Conhecendo a comunidade Trabalhando a agressividade Leitura, escrita e massa de modelar Semi internato: Autoritarismo e autonomia Semi internato: Atividade em dia chuvoso</p>	09	11
02/90	<p>EMEI Euclides da Cunha EMEI Ana M. Poppovic EMEI São Pedro EMEIS Santa Terezinha e Maurício Caetano de Castro EMEI Mário de Andrade EMEI Lauro Gomes</p>	<p>Texto (autor desc.) Volta de Anísio Teixeira História – Formas geométricas Diagnosticando estágios na escrita</p> <p>Bolinhas de sabão Resenha de livros Jogo de figuras e Material c/ figuras e palavras</p>	06	06

03/90	EMEI Odette de Lima EMEI Antonio de Lima EMEI Aluísio de Azevedo EMEI Coelho Neto EMEI Euclides da Cunha EMEI Graciliano Ramos	Pensamentos para reflexão Confecção de materiais para matemática Relatos de Experiência: RA-TIM-BUM na sala de aula Comemorando o dia dos pais Texto Alerta (sobre como dosar atividades) Aula de Educação física com arcos Sugestão para trabalhar com o nome “Resgate” do nome da EMEI Reunião de pais e mestres	06	09
		Total de contribuições	no ano	26
01/91	EMEI Monteiro Lobato EMEI P. Manoel da Nóbrega	Relatos: A História do José (leitura/escrita) Leptospirose – trabalhando com o impresso	02	02
02/91	EMEI P. Manoel da Nóbrega EMEI Cecília Meireles EMEI Anísio Teixeira EMEI Ernesto A. Cleto EMEI Caetano de Campo	Relatos: Adubo vegetal A borboleta no céu – história criada pelos alunos Biblioteca circulante Cultura nordestina – confecção de lanterna Sucata – explorando e descobrindo	05	05
03/91	EMEI Antonio de Lima EMEI Odette de Lima EMEI Ana M. Poppovic	Reflexão: Esta criança não pára! Festa para os pais (Relato) Folclore na escola Cópia da atividade: O nosso aquário – 5 anos	03	04
04/91	EMEI Santa Terezinha EMEI Ana Maria Poppovic EMEI Rui Barbosa EMEI Bernardo Pedroso EMEI Monteiro Lobato EMEI Vicente de Carvalho EMEI Vila Balneária e CMEIs Sabesp e Areião	O resgate do sino (histórico da escola) Relatório peça teatral – No reino das carícias Reflexão: Sobre o Congresso – I Reflexão: Sobre o Congresso – II Sobre a História do José (RR. 01/91) “Luta livre” – controlando a agressividade Reflexão sobre o texto: “Para uma visão construtivista do erro no contexto escolar” de Lino de Macedo	08	07
05/91	EMEI Pe. Leonardo Nunes EMEI Pe. Manoel da Nóbrega EMEI Vicente de Carvalho EMEI Odette de Lima	Reflexões sobre Projeto-pesquisa “Criança professor: fazendo e aprendendo”. Criança diz cada coisa... “Luta livre” – (cont. RR anterior) Projeto Terceira idade	04	04
06/91	EMEI Cléia Teures de Souza EMEI Odette de Lima EMEI Mário de Andrade	Eleição para o passeio Reflexão: Artesanato é mais do que um passatempo Reflexão: A escola e a produção de conhecimento Relatório sobre oficina Brinquedo e educação	03	04
		Total de contribuições	no ano	26
01/92	EMEI Mário de Andrade EMEI Caetano de Campos EMEI Cândido Portinari e EMEE Marly B. Chiedde EMEI Pe. Manoel da Nóbrega	Reflexão: reunião de pais Dinâmicas para reunião de mães Integração da criança portadora de deficiência Marcenaria	05	04
02/92	EMEI Marcelo Roberto Dias EMEI Fernando de Azevedo EMEI Cléia Teures de Souza	Sobre o meio Ambiente – história de alunos Participação dos Pais Espaço do leitor: Consciência corporal	03	03
03/92	EMEI Santa Terezinha	Mural coletivo – sugestões de participação	05	08

EMEI Ernesto A. Cleto EMEI Mariana N. Interliche EMEI Mário de Andrade	Experiência turma de 5 anos Experiência com teatralização Eleições/92 na EMEI Reflexões: As pistas que a vida nos dá O trabalho da criança também é brincar Os deveres de casa		
EMEI Cléia M. Teures de Souza	Crítica ao artigo: “E agora? Tem visita das higienistas.”		
	Total de contribuições	No ano	15
		período	122

Diferentemente do primeiro período, a maior parte das contribuições não têm como foco sugestões de atividades ou recursos didáticos, embora estas continuem a ser enviadas, mas são voltadas principalmente para relatos de experiências, como nos referimos ao analisar o dispositivo *Seções*.

Foram publicados setenta e seis *Relatos de Experiências* (identificados sob essa rubrica ou simplesmente como *Relatos*) ao longo do período, originários de diferentes escolas envolvendo atividades em diferentes áreas de conhecimento em sala de aula, compartilhadas com outras turmas ou com toda a escola, internas ou externas à escola ou até mesmo envolvendo outras escolas.

No *RR 01/90* há referência, por parte da coordenação, a respeito da dificuldade de seleção dos relatos a serem publicados, pois segundo a mesma, “mais de trinta foram encaminhados” somente naquele mês. Não foi possível apurar se os demais foram ou não publicados nos meses subsequentes.

Pelos títulos, é possível inferir que parte dos relatos mantém-se vinculada a algumas das Unidades de Trabalho do período anterior e datas comemorativas. Outros procuram explorar diferentes oportunidades ou vivências na escola, com maior liberdade para a proposição de temas e mudanças de rotina, enfocando a questão da autonomia da criança.

Destacam-se os relatos de experiências desenvolvidas com as classes de período integral ou semi-internato, que atendiam crianças, na maioria de baixa renda, filhas de mães trabalhadoras, que por suas características sócio-culturais eram consideradas difíceis, e poucos eram os professores candidatos a assumir essas turmas. As discussões e relatos apresentados indicam uma inversão progressiva desse quadro, na medida em que a discussão é aberta.

A uma pesquisa realizada com a finalidade de discutir se a denominação do atendimento deveria ser alterada, a maioria das professoras consultadas respondeu negativamente, justificando: “Não é o nome que vai mudar algo e sim o trabalho desenvolvido de forma consciente” ou “O nome deve permanecer SEMI. O nome é querido pelas crianças, elas gostam de dizer, quando lhes perguntam sobre a classe da tarde, orgulham-se e enchem a

boca para responder: – É o SEMI!”; “O nome não discrimina a classe do SEMI das demais turmas, e sim as professoras das demais turmas é que [o] discriminam. Portanto não é necessário (sic) a troca de nomes, e sim mais compreensão e respeito por parte das professoras.” (RR 01/90, p. 15).

Em dezembro de 1991, uma avaliação sobre o semi-internato, com 96 questionários tabulados “mostrou-nos que a relação professor – semi e equipe da escola (funcionários e professores), vêm se modificando com o passar dos anos, e que finalmente essas classes, e os profissionais que nelas atuam, estão deixando de ser discriminados, e a integração com as demais [classes] e com as atividades que ocorrem dentro da EMEI está acontecendo”. (...) “95% das professoras consultadas gostariam de continuar a trabalhar” com essas turmas, por “identificação com a proposta de trabalho” e por considerá-las “um desafio constante”. Alertam, contudo que é preciso regularizar a jornada de 30 horas de trabalho e a ampliação de oportunidades de formação (RR 01/92, p. 18-19).

Em relação ao gênero e aos temas das sugestões enviadas, observamos uma alteração significativa, pois as mesmas passam a demonstrar o desenvolvimento de outra dinâmica do trabalho escolar, embora permaneçam algumas das características do período anterior, principalmente as relacionadas às datas comemorativas e às sugestões de recursos didáticos.

QUADRO 30 – Contribuições das escolas – Tipos de Sugestões (1989-1992)	
TEMAS	Nº.
Relatos de Experiências	76
Reflexão/textos	15
Sugestões de recursos didáticos	04
Cartas dos leitores (em nome da escola)	03
Jogos e brincadeiras	03
Relatórios	03
Recursos para teatralização/música	02
Resenhas de livros	01
Depoimentos	01
Outros	14
TOTAL	122

Uma nova categorização surge nesse período em relação às contribuições enviadas para a publicação. Além da ampla maioria relativa a Relatos de Experiências, as demais envolvem

sugestões de atividades ou de materiais didáticos (folclore, educação física, jogos e outros) e *sugestões de leituras, envio de textos, depoimentos, reflexões*.

O termo “reflexão” passa a ser bastante empregado no período constituindo-se no segundo maior grupo de sugestões enviadas. As temáticas das “reflexões” e dos “relatos de experiência” parecem indicar uma tendência de pensar novas abordagens para temáticas já conhecidas, num misto de inclusão de novas teorias de aprendizagem (diagnóstico de estágios na escrita, inclusão dos portadores de deficiências, projeto-pesquisa, leitura, escrita e massa de modelar) com novas dinâmicas da rotina escolar (passeios ecológicos, entrevistas, televisão na escola), apontando para a construção de espaços de maior participação da comunidade escolar (autonomia, compra comunitária, reunião de pais, projeto terceira idade) e apresentando maior politização (eleições/92 na EMEI, direitos das crianças, cidadania, questão indígena, emprego/desemprego, salário- educação, dentre outras).

A questão ambiental, de certa forma também presente no período anterior, voltada para as atividades de ciências (Os três reinos da natureza e Campanha Educativa) agora se faz presente de forma permanente com relatos variados sobre passeios ecológicos, horticultura, minhocultura, observação de animais, aproveitamento de sucatas, reciclagem e outros, mostrando que na contemporaneidade “a ecologia deixou uma marca bastante profunda na reflexão pedagógica: ela submeteu à crítica muitos preconceitos culturais e educativos (...); pôs em destaque novos valores e novos modelos antropológicos e culturais, (...) de modo a construir um sujeito sensivelmente novo em relação ao passado.”¹⁹⁶ Essa afirmação se confirma em nosso objeto de pesquisa: a comissão de educação ambiental se mantém presente em praticamente todos os exemplares do *Recordando e Renovando*.

Salvo engano, quarenta e cinco escolas enviaram 122 sugestões no período, sendo 38 EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil), 05 CMEIs (Classes Municipais de Educação Infantil), uma EMEE (Escola Municipal de Educação Especial) e um CIP (Centro de Iniciação Profissional). Observa-se uma tímida inserção de outros leitores além das professoras de educação infantil. Nesse período, gradativamente a publicação *Recordando e Renovando* é direcionada a outras unidades da rede, como parte dos projetos de integração referidos no primeiro capítulo.

Embora as creches municipais tenham sido transferidas para o Departamento de Educação em 1990, não há indicação de participação direta das mesmas no envio de sugestões. A presença é, contudo, marcada através de sua coordenadora, que procura abrir a discussão

¹⁹⁶ CAMBI. *Op. cit.*, p. 640.

sobre as mesmas junto às professoras de pré-escola. Em junho de 1991, no artigo “Creches no Departamento de Educação” a então Coordenadora Educacional das Creches¹⁹⁷ assim se expressa: “Conceber a creche como espaço de educação na nossa realidade para crianças de 0 a 4 anos, não significa por um lado negar o seu papel de guarda de crianças e não significa por [outro], torná-la um equipamento de escolarização da criança em idade precoce.” (RR 02/91, p.32)

Observa-se, aqui, o resultado de um processo de maturação sobre a questão, um ano após a publicação do PPS, comentado anteriormente. Nesse mesmo artigo a coordenadora argumenta que a

“Creche tem suas especificidades. Uma delas é o atendimento quase ininterrupto e a necessidade de garantir ao funcionário condições para ampliar sua capacitação profissional. Para isso, temos trabalhado com os funcionários aproveitando todos os espaços disponíveis. Na reunião intra-creche, semanalmente, na hora do repouso das crianças, com a dirigente. Na reunião com os monitores H-10 e h-8, mensal ou bimensalmente, com saídas da creche a partir de cronogramas de reuniões com a equipe técnica. Nos encontros gerais, quando a cada dois meses a creche fecha numa sexta-feira e todos os funcionários participam de discussões de temas mais amplos ligados ao papel da creche, ao desenvolvimento de crianças, à concepção da comunidade usuária e de vivências através das oficinas, para as quais inclusive temos contato com alguns colaboradores do Departamento de Educação, do Esporte, da Saúde, etc.”

Desta forma, a transferência das creches para a Educação no ano anterior trouxe o desafio de sua integração. E pelas próprias especificidades, o trabalho desenvolvido ainda era feito em separado com seus profissionais mantendo-se na carreira antiga, mesmo com a gradativa qualificação, pois dependiam de aprovação de novo plano de carreira para o setor e de concurso público para a transformação dos cargos. Nesse período, o *RR* passa a ser lido por esses profissionais, mas a presença dos mesmos no envio de sugestões somente se torna visível no terceiro período do ciclo de vida da publicação.

O número de sugestões enviadas no primeiro ano desse período praticamente supera a soma dos demais. Há uma estabilidade nos anos de 1990 e 1991, e, tal como no primeiro período, há um decréscimo de participação no último ano, com o diferencial de não haver, nesse caso, interrupção da publicação.

¹⁹⁷ A encarregada do Serviço de Orientação Técnico Pedagógica, Irene Franciscato, em 1990 deixa o cargo para auxiliar no processo de transferência das creches para o Departamento de Educação, assumindo a Coordenação Educacional das mesmas.

ANO	ESCOLAS*	SUGESTÕES
1989	24	55
1990	20	26
1991	19	26
1992	11	15
	TOTAL	122
*Consideramos o número de vezes que as escolas são identificadas no ano, sendo que algumas apresentam mais de uma contribuição		

Podemos observar, assim como no primeiro período, que poucas escolas enviaram um número significativo de contribuições, sendo que a maioria (39) enviou menos do que 05 contribuições, e somente seis enviaram um número maior (de cinco a doze contribuições cada). Aqui também, temos a considerar o poder da equipe na seleção e distribuição dos materiais na publicação, que nos obriga a relativizar as conclusões.

Escolas/Ano	1989	1990	1991	1992	Total *
1. EMEI Aldino Pinotti	03	-	-	-	03
2. Vital Brasil	01	-	-	-	01
3. Monteiro Lobato	02	-	02	-	04
4. Parque Seleta	02	01	-	-	03
5. Mário de Andrade	05	01	02	04	12
6. Odette de Lima	03	04	03	-	10
7. Mariana N. Interliche	02	-	-	01	03
8. Castro Alves	07	-	-	-	07
9. Antonio de Lima	03	06	02	-	11
10. Ana Maria Poppovic	05	01	02	-	08
11. Maurício Caetano de Castro	01	01	-	-	02
12. Graciliano Ramos	01	01	-	-	02
13. Jardim Laura	02	-	-	-	02
14. Pe. José de Anchieta	03	-	-	-	03
15. Pe. Leonardo Nunes	01	01	01	-	03
16. Hígino Baptista de Lima	01	-	-	-	01
17. Santa Terezinha	01	01	01	02	05
18. Bairro dos Finco	01	-	-	-	01
19. José de Alencar	02	-	-	-	02

20. Moysés Cheid	01	-	-	-	01
21. Vinicius de Moraes	-	01	-	-	01
22. Lourenço Filho	-	01	-	-	01
23. Bernardo Pedroso	-	01	01	-	02
24. São Pedro	-	01	-	-	01
25. Lauro Gomes	-	01	-	-	01
26. Aluísio de Azevedo	-	01	-	-	01
27. Coelho Neto	-	01	-	-	01
28. Euclides da Cunha	-	03	-	-	03
29. Pe Manoel da Nóbrega	-	-	03	01	04
30. Cecília Meirelles	-	-	01	-	01
31. Anísio Teixeira	-	-	01	-	01
32. Ernesto A. Cleto	-	-	01	01	02
33. Caetano de Campos	-	-	01	01	02
34. Rui Barbosa	-	-	01	-	01
35. Vila Balneária	-	-	01	-	01
36. Cândido Portinari	-	-	-	01	01
37. CC. Marcelo Roberto Dias	-	-	-	01	01
38. Cléia Teures de Souza	-	03	01	02	06
39. CMEI B. Batistini	02	-	-	-	02
40. CMEI N. S. Fátima	03	-	-	-	03
41. CMEI V. Esperança	01	-	-	-	01
42. CMEI Sabesp	-	-	01	-	01
43. CMEI Areião	-	-	01	-	01
44. EMEE Marly B. Chiedde	-	-	-	01	01
45. CIP Baeta Neves	01	-	-	-	01
*Os totais indicados referem-se às contribuições por escolas, sendo que algumas resultaram de trabalhos conjuntos, impedindo, portanto, uma totalização equivalente ao quadro anterior.					

Quanto à redução da participação no final do período, levantamos também aqui alguns questionamentos. O que teria levado a uma maior participação do corpo docente no início de um novo período administrativo? O que teria contribuído para a queda na participação? Teriam ocorrido mudanças na organização do trabalho ou na equipe de coordenação? A expectativa de nova mudança de período administrativo seria o fator principal nessa queda? É clara a mudança na natureza das matérias apresentadas. Mas como se articulam com as leituras indicadas? As contribuições refletem as intenções dos proponentes em relação às leituras indicadas? Que visão de professor-leitor está presente?

2.2.4 As leituras indicadas: novas emergências educativas

Entre 1989 e 1992 encontramos 138 indicações bibliográficas acompanhando as matérias publicadas. Esse número pode ser maior, pois algumas indicações aparecem citadas em meio aos textos, e para serem quantificadas seria necessária uma leitura minuciosa de cada um deles. Porém, para o objetivo desse trabalho consideramos essa amostragem adequada, pois permite visualizar as tendências do período.

QUADRO 33 – Indicações bibliográficas /Suportes de texto – (1989-1992)									
ANO	Livros Coleções				Subsídios Manuais Apostilas	Revistas	Jornais	N/C	Total geral
	A	B	C	Total					
1989	14	21	-	35	02	-	01	-	38
1990	08	11	-	19	-	03	-	-	22
1991	30	02	-	32	09	-	08	05	54
1992	09	05	-	14	05	04	01	-	24
TOTAL	61	39	-	100	16	07	10	05	138
A- Livros para formação dos professores B- Livros infantis C- Livros de atividades para crianças									

Dentre os suportes de textos indicados, novamente temos a prevalência dos livros, totalizando 100 indicações num total de 138, relativamente bem superior ao período anterior. Os livros infantis continuam a ocupar uma posição de destaque, mas são superados pelos livros voltados para a formação dos professores. Não foram encontradas publicações para uso da criança, do tipo cartilhas ou cadernos didáticos, como no outro período. Os demais suportes têm, em relação àquele, uma redução considerável.

É bastante reduzido, também, o número de indicações nas quais não é possível identificar os suportes de texto. As indicações bibliográficas, em geral, apresentam dados mais completos, embora frequentemente omitam as datas de publicação e as editoras.

No Quadro 34 propomos uma nova categorização dos temas/gêneros de indicações. Prevaecem em número absoluto as indicações de histórias infantis, com redução significativa das indicações de atividades práticas, educação artística, músicas, poesias.

QUADRO 34 – Gênero/Temas das indicações por suporte de texto – 2º Período						
Conteúdos/ suportes	Livros Coleções	Subsídios	Revistas	Jornais	N/C	Total
Histórias Infantis	39	--	--	--	-	39
Textos teóricos	25	05	03	--	--	33
Textos p/ reflexão	20	01	02	08	--	31
Ed. Ambiental	05	03	--	01	01	10
Artes/Música	04	04	01	--	01	10
Poesias	01	01	--	--	03	05
Temas específicos	04	--	01	--	--	05
Orientação Ed.	02	--	--	01	--	03
Programação E. I.	-	02	-	-	-	02
TOTAL	100	16	07	10	05	138

Na literatura infantil segue a linha de indicações iniciada no período anterior, de autores consagrados e outros menos conhecidos, mas com temáticas mais críticas e contextualizadas aos temas tratados. Dentre os poetas identificados, vários gêneros se apresentam de Olavo Bilac a Thiago de Mello. Quanto à área de artes/música há cinco indicações de fontes de modelos de dobraduras (origami) indicadas pela comissão de educação ambiental, um artigo de revista na área de educação musical e somente quatro sugestões de músicas.

Crescem as indicações sobre pensamento lógico matemático, nas indicações teóricas ou teórico/práticas desse período, ao lado de outros temas relacionados à construção do conhecimento pela criança.

Desaparecem as indicações focadas na preparação para a alfabetização. Essa temática passa a ser discutida à luz da psicogênese da língua escrita. Encontramos 30 indicações de textos e obras diversas para a formação de professores envolvendo referenciais teóricos relacionados aos processos de ensino-aprendizagem, a maioria com ênfase piagetiana.

Há, também, um número significativo de obras de cunho sociológico, político e antropológico, de vários autores, tais como, Eunice Durhan, Luis Câmara Cascudo, Manuela Carneiro da Cunha, Bárbara Freitag, George Lukács, F. Engels, dentre outros.

Na categoria “textos para reflexão” agrupamos textos diversos, em geral excertos indicados com o objetivo de sensibilizar o leitor para determinadas temáticas (questão feminina, mito do amor materno, questão indígena, papel do educador) de autores como: Heloneida Studart, Elisabeth Badinter, Aracy Lopes da Silva, Neidson Rodrigues, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Arakcy Martins Rodrigues, Rubem Alves. Também incluímos nesta

categoria artigos de revistas e jornais com conteúdos para reflexão sobre trabalho, emprego/desemprego, exploração do trabalho infantil.

Dentre as obras indicadas na área de educação, encontram-se desde temas relativos à orientação educacional, até mesmo obras literárias, como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, indicada na discussão da problemática das migrações internas, e *A Ilha* de Fernando Moraes, indicada por um grupo de professoras no fim de um relato de experiência sobre uma entrevista com uma antiga moradora do bairro, migrante da Paraíba, que relata para as crianças sua luta pela sobrevivência.

Várias indicações apontam para a discussão da democratização da escola e para a construção de um novo currículo não só para a educação infantil como também para as demais áreas da educação municipal. Este parece ter se constituído em um eixo importante do período, condutor da reforma curricular, pois os textos indicados e a seção específica do *RR*, criada sob a denominação *Caminhando para a reforma curricular*, apontam para um movimento que culminou em 1992, com a publicação do documento *Uma proposta integrada para o trabalho em Creches e EMEIs*, como discutiremos adiante.

Há no conjunto de sugestões dos professores, tentativas de novas sínteses, retorno ao conhecido, a manifesta insegurança em arriscar, visíveis principalmente nos relatos de experiências, indicadores de uma transição não tão simples, pois na relação entre o *velho* e o *novo* podem ser observadas mudanças, permanências, avanços e ambivalências. Nesse movimento é visível o conflito e o desejo de acertar. Mas é visível, também, a confluência entre temáticas e abordagens, entre o indicado e o enviado.

Não foi nosso objetivo, nesse trabalho, analisar a recepção por parte dos leitores, o que implicaria em analisar o conteúdo das matérias veiculadas e as contribuições, os referenciais teóricos e a forma como foram transpostos para as situações didáticas, como foram lidos, interpretados e aplicados. Nos limites dos objetivos propostos, na busca dos indícios que a materialidade do impresso nos dá a ver, é possível afirmar, contudo, que o novo e velho estão presentes, que mudanças ocorreram, e que o *RR* não é o mesmo do início de sua história, e provavelmente não voltará a ser.

Como afirmado no relatório final de 1989, do Serviço de Orientação Técnica, “abriram-se espaços de comunicação da rede entre si e da rede com o Departamento. (...) Até o momento, a natureza da maioria dos relatos define-se mais pela descrição, e outros pela prática e reflexão da prática, o que se considera avanço de transformação. (...) O *RR* não mudou de nome, mas mudou de cara em 1989!”

QUADRO 35 – Indicações bibliográficas – Segundo período (1989-1992)

RR/ano	Suporte	Autor	Título	Editora	Data	Categ./área
01/89	livro	KAMII, Constance	A criança e o número	Papirus	1987	Referencial teórico
março	livro	PIAGET, Jean	O julgamento moral da criança	n/c	1932	Referencial teórico
02/89	livro	PIAGET, J. E INHELDER, B.	Gênese das estruturas lógico elementares	Rio de Janeiro: Zahar Ed.	s/d	Referencial teórico
mar.	livro	ASSIS, Orly Zucatto Mantovani	Uma nova metodologia de educação pré-escolar	Bibl. Pioneira de Ciências Sociais	s/d	Referencial teórico
	livro	LINS, M. Judith S. da Costa	A estruturação da inteligência do pré-escolar segundo Piaget	Rio de Janeiro: Ed. Anima	s/d	Referencial teórico
	livro	KAMII, Constance	A teoria de Piaget e a educação pré-Escolar	Lisboa: Instituto Piaget	s/d	Referencial teórico
	livro	CUNHA, M. Auxiliadora Versiani	Didática fundamentada na teoria de Jean Piaget	Rio de Janeiro: CIA Editora Forense	1973	Referencial teórico
	jornal	Diário oficial do Município de São Paulo	Proposta de programação de Educação Infantil	PMSP	11/9/87	Programa E.I.
	livro	SEBER, M. da Glória	Construção da inteligência pela criança	São Paulo: Scipione	s/d	Referencial teórico
	impresso	DEPLAN –SP	Programa de Educação Infantil – raciocínio Lógico matemático-vols. I e II	PMSP	s/d	Programa E.I. matemática
	subsídio	GARCEZ, M.Elisa Marques Garcez	O conhecimento lógico-matemático através da curiosidade e iniciativa	2º Congresso de Educação – SBC	1988	Referencial teórico
	coleção	FRANÇA, Mary FRANÇA, Eliardo	Coleção Série Quintal	Ed. Rio Gráfica	s/d	Literat. infantil
	coleção	MATUCK, Rubens	Coleção Nossa Terra	Ática	s/d	Literat.infantil
	coleção	GOES, Lúcia Pimentel	Coleção Escadinha	Ed. do BrasilS/A	s/d	Literat.infantil
	livro	JOSÉ, Elias ALEXANDRINO, Helena	Caixa Mágica de Surpresa – Coleção Ponto de Encontro – Série Algodão Doce	n/c	s/d	Literat. infantil
	livro	MORAES, Fernando	A Ilha	Alfa - Omega	s/d	Política
03/89	livro	SEBER, M. da Glória	Construção da inteligência pela criança	São Paulo: Scipione	s/d	Referencial teórico
jul.						
04/89	#	Não há indicações	#	#	#	#
ago.						
05/89	livro	GRINSBERG, Patrícia	O observador de nuvens	Editora Lê	s/d	Literat. infantil
set.						
06/89	livro	Coleção bons tempo	O presentão e outras	Ed. Kuarup	s/d	Literat. infantil
nov.	livros	TRIGO, Elisabete Chaddad	A gotinha feliz O belo riozinho Meu amigo sol O arco das sete cores	São Paulo: CEDIBRA	s/d	Literat. infantil
	livros	ZIRALDO	O joelho Juvenal O menino maluquinho	n/c	s/d	Literat. infantil
S.01/89	livros	VILLAS BOAS, Orlando e Cláudio	Coleção Pachachá – 9 livros	Porto Alegre: Ed.Kuarup (sic)	s/d	Literat. infantil
abril	livro	SILVA, Aracy Lopes da.	A questão indígena na sala de aula	Brasiliense	s/d	Ref. teórico Antropologia.
	livro	CIMI – Conselho Indigenista Missionário	História dos povos indígenas	Vozes	4ª ed.	Antropologia

S.02/89	livro	BADINTER, Elisabeth	Um amor conquistado: o mito do amor materno	Nova Fronteira	3ª ed.	Reflexão/mães
maio	livro	GALASSO, Leonilde	Ser mãe é sorrir em parafuso	Ática	1ª ed.	Reflexão/mães
01/90	livro	BRANDÃO, Carlos Rodrigues	Educador, vida e morte	n/c	s/d	Reflexão/educ.
mar.						
02/90	livro	RODRIGUES, Neidson	Lições do príncipe e outras histórias	Cortez	s/d	Reflexão/política
ago.	livro	GROLLMANN, A. SWEDERM, Gerri	Pais que trabalham fora: como conciliar com sucesso filhos com carreira	Saraiva	s/d	Orientação
	livro	ZIGLAR, Zig	Como criar filhos com atitudes positivas num mundo negativo	Maltese	s/d	Orientação
	livro	ALVES, Rubem	A montanha encantada	Paulinas	s/d	Reflexão/educ.
	livro	idem	A selva e o mar	Paulinas	s/d	Reflexão/educ.
03/90	livro	BELINKY, T. FURNARI, Eva	As coisas boas do ano	Paulinas	s/d	Literat. infantil
set.	livro	idem	Que horta	Paulinas	s/d	Literat. Infantil
	livro	BORGES, Paulo	Para onde vai a escuridão quando a gente acende a luz	Melhoramentos	s/d	Literat. Infantil
	livro	JOSÉ, Elias FURNARI, Eva	Um curioso aluado	Melhoramentos	s/d	Literat. Infantil
	livro	AZEVEDO, Ricardo	Parte sempre a mesma parte – vol. 1	Melhoramentos	s/d	Literat. Infantil
	cadernos	NASCIMENTO, Estelina S. do RESENDE, Ana Lúcia M. de	Juntos aprenderemos com Teco Expulsando a quadrilha de piolhos Um bando de malvados (vermes) O encanto de um horta em cada canto A mágica de Teco Um barbeiro que não é barbeiro	Cortez	s/d	Literat. infantil saúde (6)
	livro	STUDART, Heloneida	Mulher, objeto de cama e mesa	Vozes	s/d	Reflexão/mulher
01/91	caderno	MACEDO, Lino (Cadernos Idéias nº 2)	A perspectiva de Jean Piaget	Cadernos Idéias São Paulo: FDE	1988	Referencial teórico
abril	jornal	SHINYASHIKI, Roberto	Carícias (sobre relacionamento interpessoal)	Diário do Grande ABC (Dia a Dia)	3/3/91	Orientação
	livro	ORTHOFF, Sylvia	Se as coisas fossem mães	n/c	s/d	Literat. Infantil
02/91	livros	VYGOTZKY, L.S.	A formação social da mente Pensamento e linguagem	n/c	s/d	Referencial teórico
junho	caderno	OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramo de.	L.S. Vygotsky: algumas idéias sobre desenvolvimento e jogo infantil	Cadernos Idéias São Paulo: FDE	1988	Referencial teórico
		CAPARELLI, Sérgio	O galo aluado	n/c	s/d	Poesia/linguagem
		MEIRELES, Cecília	O chão e o Pão	n/c	s/d	Poesia/linguagem
03/91	impresso	MACEDO, Lino GAILEY, Carmem Silva C. W.	Para uma visão construtivista do erro no contexto escolar	transcrição de palestra	16/9/89	Referencial teórico
agosto	n/c	LISBOA, Henriqueta	Coraçãozinho	n/c	s/d	Poesia/ pais
	n/c	CHAN Telma	Paizão	n/c	s/d	Música/pais
	livro	COELHO, Ronaldo Simões	Macaquinho	n/c	s/d	Literat. Infantil
	livro	MELO, Veríssimo	Folclore infantil	Itatiaia	s/d	Folclore
	livro	CASCUDO, Luis Câmara	Folclore no Brasil	n/c	s/d	Folclore
	livro	FREIRE, Paulo	Pedagogia do Oprimido	n/c	s/d	Reflexão
	livro	BERTHERAT T. BERNSTEIN, Carol	O corpo tem suas razões	n/c	s/d	Reflexão

04/91	livro	DUCKWORTH, Eleonor	O conhecimento físico na Educação Pré-escolar	n/c	s/d	Referencial teórico
set.	livro	BILAC, Olavo	A Pátria Poesias infantis	n/c	s/d	Poesia: Sem.Pátri
	jornal	Jornal Ecológico	Estado de Alerta	n/c	abr/84	Educação Ambiental
	n/c	BRANDÃO, Ignácio de Loyola	Manifesto Verde	n/c	s/d	Educação ambiental
	impresso	FERNANDES, Júlio	O resgate do sino / EMEI Santa Terezinha	PMSBC	19/4/91	Poesia resgate histórico
05/91	livro	PORTINARI, Cândido	“O menino e o povoado”. In: <i>Brinquedos Tradicionais Brasileiros</i>	SESC	s/d	Poesia Semana da Criança
out.	caderno	ARAÚJO, Noemi	Aspectos práticos e teóricos da formação do educador de creche/pré-escola	Cadernos Idéias São Paulo: FDE	s/d	Referencial teórico
	coleção	n/c	Os bichos	Ed. Abril	s/d	Ed. ambiental
	livro	AYTIIRE SCHEELE	Origami, dobraduras divertidas	Ed. Siciliano	s/d	Artes/educação ambiental
	livro	n/c	Arte e técnica da dobradura de papel	n/c	s/d	idem
	coleção	CHAR e DA LUZ, Baptista	Eu brinco, eu aprendo	n/c	s/d	idem
	apostila	Associação Mata Ciliar	Dobradura ecológica	n/c	s/d	idem
	livro	n/c	Origami- dobrar e criar	Ed. Flash	s/d	idem
	livro	MIZUGUCHI, Yoshito	Introdução à Ecologia	n/c	s/d	Ed. ambiental
	livro	LAGO, Samuel CARVALHO, Carlos	Biologia e Ecologia	n/c	s/d	Ed. ambiental
	livro	n/c	Enciclopédia do Estudante	Abril Cultural	s/d	Ed.ambiental
	livro	FLEURY, Yara MOLEN, Vander	Ecologia	EPU	s/d	Ed. ambiental
	n/c	SONGYING, Lin	Um comilão no reino verde	n/c	s/d	Literat. Infantil
06/91	texto	Divisão de Educação da Criança	A quem interessa a avaliação?	PM Diadema	1990	Referencial teórico
nov/dez	livro	MELLO, Thiago de	“Cantiga quase de roda”. In: Faz Escuro mas eu canto	Ed. Civilização Brasileira	s/d	Natal/poesia
	impresso	CRUZ, Luisa	O galo canta	n/c	n/c	Natal/música
	idem	CHAN, Thelma	Oi, Papai Noel!	Fermata do Brasil Ed. Musical	1987	Natal/música
	idem	CHAN, Thelma	Recadinho	idem	1987	Natal/música
Subsídio	livro	SILVA, Aracy Lopes da. (org.)	A questão indígena na sala de aula	São Paulo: Brasiliense	1987	Reflexão/antrop.
abril/91	livro	MELATTI, Júlio César.	Índios do Brasil	Brasília: Ed.Coordenada	1970	idem
	livro	CUNHA, Manuela Carneiro da.	Os índios no direito brasileiro hoje	São Paulo: Brasiliense	1987	idem
	livro	idem	Antropologia do Brasil	São Paulo: Brasiliense	1986	idem
	livro	DURHAM, Eunice.	“ O lugar do índio”. In: VIDAL, Lux (org.), <i>O índio e a cidadania</i>	São Paulo: Brasiliense	1983	idem
	caderno	PAIVA, Eunice de. JUNQUEIRA, Carmem	O Estado contra o índio – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais	PUC/SP	1985	idem
	livro	Vários	Índios em São Paulo Resistência e transfiguração	Comissão Pró-índio de São Paulo/Yankatu	s/d	idem
	livro	PAULA, Eunice Dias de PAULA, Luiz Gouveia de. AMARANTE, Elizabete	História dos Povos Indígenas: 500 anos de luta no Brasil	Vozes/CIMI	1984	idem

S.01/91	jornal	Folha de São Paulo	Um perfil do Brasil	Empr. Folha da Manhã	1/10/90	Reflexão/Dia do trabalho
abril	jornal	Folha de São Paulo	Rio tem 5 mil menores sem família nas ruas/Instituto organiza pesquisa	idem	25/11/90	idem
	jornal	Folha de São Paulo	Em SP, a maioria trabalha na agropecuária	idem	13/10/90	idem
	jornal	Folha de São Paulo	Mais de dois milhões de crianças brasileiras trabalham sem ganhar	idem	13/10/90	idem
	jornal	Folha de São Paulo	Desempregados passam de um milhão em SP	idem	23/4/91	idem
S. 02/91	livro	RAMOS, Graciliano	Vidas Secas	n/c	s/d	Migração
junho	jornal	MARICATO, Ermínia	ATA & ATO, nº 2 – Migrações internas	n/c	1981	Reflexão Dia do Migrante
	caderno	Banco de Dados, Grupo de urbanização de favelas	Crescimento vegetativo e migratório em São Bernardo do Campo	PMSBC	1990	idem
	livro	QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de	Cultura, sociedade rural, sociedade urbana	n/c	s/d	idem
	livro	DURHAM, Eunice	A caminho da cidade	n/c	s/d	idem
	livro	RODRIGUES, Arakcy Martins.	Operário, operária	n/c	s/d	idem
RR 01/92	livro	VAYER, Pierre e RONCIN, Charles	Integração da criança deficiente na classe	Ed. Manole Ltda	s/d	Ref. Teórico Ed. Especial
abr/mai	livro	GARCIA, Regina Leite	Um currículo a favor dos alunos das classes populares	n/c	s/d	Ref. Teórico
	revista	Revista Nova Escola	Ensine seus alunos a ouvir	Ed. Abril	set./91	Musicalização
	livro	NUNES, Lygia Bojunga	A troca	n/c	s/d	Reflexão/poesia
	livro	ZATS, Lia	Aventura da escrita-história do livro que virou letra	n/c	s/d	Literat. Infantil
	livro	MACHADO, Juarez	Ida e volta	n/c	s/d	Literat. Infantil
02/92	revista	Revista Veja	Infância maltrapilha	Ed. Abril	16/9/92	Reflexão Cidadania
set/out	jornal	SANTOS, Marcos Telles Almeida	Carta a meu neto	Folha de SPaulo	19/8/92	Reflexão/valores
	cartilha	CETESB	Cartilha de educação ambiental	Gov. Estado SP	1984	Ed. Ambiental
	cartilha	idem	Lixo doméstico	idem	s/d	Ed. Ambiental
03/92	impresso	FUSARI, José C.	Planejamento da Educação Escolar	1ª Delegacia de Ensino – SBC	s/d	Referencial teórico
nov/dez	livro	APPLE, Michel	Ideologia e currículo	São Paulo: Brasiliense	1982	Referencial teórico
	livro	ENGELS, Friedrich	Quota parte do trabalho da hominização do macaco. In: Obras Escolhidas	n/c	s/d	Ref. teórico Sociologia
	livro	FREITAG, Bárbara	Escola, Estado e Sociedade	São Paulo: Ed. Moraes	1980	Ref. teórico Sociologia
	livro	LUKÁCS, George	Ontologia do ser social, os princípios ontológicos fundamentais de Marx	SP: Livraria e Ed. Ciênc. Humanas	1979	Ref. teórico sociologia.
	cadernos	ALVES, Maria Leila	Uma nova concepção de trabalho pedagógico – Ciclo Básico – vol. I	São Paulo: FDE	1988	Teórico/prático
	texto	Jornal da Alfabetizadora – nº. 7	Ler ou não ler – eis a questão	Rio Grande do Sul: Kuarup	1990	Teórico/prático
	revista	DALARI, Dalmo de Abreu	“Ser cidadão”. In: <i>Lua Nova</i>	n/c	set/84	Refl./cidadania
	livro	ROCHA, Ruth	O que os olhos não vêem	n/c	s/d	Literat. Infantil
	livro	ARMOND, Helena	Abro ou não abro	São Paulo: Melhoramentos	s/d	Literat. Infantil

	livro	Ziraldo	Além do rio	São Paulo: Melhoramentos	s/d	Literat. infantil
S.01/92	dicionário	n/c	Dicionário Enciclopédico Conhecer	n/c	n/c	Informativo Olimpíadas
abr/mai	enciclop.	n/c	Enciclopédia Mirador – vol.12	n/c	n/c	Informativo Olimpíadas
	revista	n/c	Revista Veja – Olimpíadas	n/c	8/1/92	Informativo Olimpíadas

Ao final do segundo período de publicação do *Recordando e Renovando*, como resultado dos estudos desenvolvidos pela rede municipal, com participação dos educadores e especialistas, foi publicado o documento *A Educação Infantil em São Bernardo: Uma proposta Integrada para o trabalho em Creches e EMEIs*, conhecido como *Amarelinho*, no qual é apresentada uma nova proposta curricular para a educação infantil, baseada em uma teoria crítica da educação e na releitura de Jean Piaget e seus seguidores, ao lado de Vygotsky, da escola sócio-interacionista soviética.

O documento contextualiza historicamente o papel da creche e da pré-escola, trazendo a fundamentação legal para o atendimento das crianças de zero a seis anos, do âmbito federal ao municipal. Discute as funções da educação infantil, explicitando as concepções de infância, de escola e de processo de aprendizagem que permeiam a proposta de definição de um currículo. Opta pelo desdobramento curricular em áreas de conhecimento, analisando as especificidades de cada uma delas, mas propondo a organização do trabalho de forma interdisciplinar, com uma estruturação do trabalho pedagógico em função de um tempo e de um espaço próprios. Destaca a importância do registro, planejamento e avaliação, bem como o jogo na construção do conhecimento. A área de Educação ambiental é proposta como uma reflexão final e um prefácio para a ação.

Também foram publicadas, na mesma época, as *Revistas Integração Comunitária* (1991) e *Integração Educativa* (1992) pela Secretaria, para um público mais amplo, com caráter de divulgação das ações empreendidas pela administração municipal de 1989 a 1992. É lançada, também em 1992, pelo Departamento de Educação, a *Revista da Educação Caleidoscópio*, que pretendia se constituir em uma publicação de caráter acadêmico, com a divulgação de artigos da área da educação em geral. O primeiro e único exemplar circulou somente com a capa impressa a cores (fotolito) e o conteúdo em reprografia, trazendo, dentre outros os artigos, “O papel do professor na construção do conhecimento pela criança” e “O conteúdo na alfabetização”, de Zilma Moraes Ramos de Oliveira e Maria José do Vale Ferreira, respectivamente, como autoras convidadas. Temas tais como “Adolescência e trabalho”, “Estruturação curricular”, “Creches”, “O trabalho com portadores de deficiências”, dentre

outros, foram abordados em outros artigos produzidos por professoras, orientadores pedagógicos e assessores de diferentes serviços da rede municipal.

Nesse mesmo ano foi realizado, de 14 a 19 de julho, o “I Congresso para a integração de Educação, Cultura, Esportes e Lazer”, com o objetivo de apresentar as propostas desenvolvidas no período para a integração das ações da Secretaria, discutindo ações futuras, o que pode ter motivado a redução no número de exemplares publicados do *Recordando e Renovando* e a decorrente redução da participação do público leitor por requereu o envolvimento das equipes técnicas e diretoras de escolas, de todas as áreas, em sua organização. A própria “lógica” dos anos eleitorais, com reflexos na dinâmica administrativa reforçada pela expectativa de mudanças, também pode ter concorrido para essa redução.

A materialidade do impresso nesse período nos permite concluir que a concepção de proposta pedagógica presente, contrapõe-se à lógica compensatória do período anterior, mas não se distancia da noção de preparação para a futura escolarização que passa a ser discutida em novas bases, na lógica da construção social do conhecimento, no desenvolvimento cognitivo e na abordagem cultural. A centralidade da criança no processo educativo se dá enquanto sujeito na construção de seu conhecimento, devendo ser oportunizadas atividades em que possa manifestá-los, bem como criar e recriar. É também vista como sujeito de direitos, denunciando-se a miséria, a violência e a exclusão.

Portanto espera-se do professor, público leitor do *RR*, que também fosse capaz de criar e recriar, buscar continuamente conhecimento, observar e analisar criticamente a realidade que se apresenta, conjugar teoria e prática, planejar e desenvolver metodologias de trabalho sem necessidade de modelos, que fosse, enfim, sujeito de sua ação, capaz de registrá-las, de analisá-las, de arriscar, de mudar, de ressignificar o papel social da infância na sociedade atual compreendendo e respeitando a diversidade. Formar esse novo professor-leitor, capaz de educar contra a barbárie, numa perspectiva de humanização, “conquistando a capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, apropriando-se das diversas formas de produção da cultura” como afirma Kramer¹⁹⁸ constitui-se parte da tão sonhada utopia de construção de uma sociedade justa e democrática.

A discussão das temáticas apresentadas nas publicações, porém, não garante que mudanças tenham ocorrido. Não pelo menos na proporção desejada. Podemos cair numa perigosa armadilha não relativizando as possíveis mudanças que nosso objeto de estudo possa sugerir. Como teriam os professores se apropriado dessas discussões? O que é possível ler nas

¹⁹⁸ KRAMER, Sonia. “Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie”. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri e KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

entrelinhas de seus discursos? Seriam os relatos de experiência reveladores de uma nova postura ou somente “uma nova roupagem” para antigas práticas? Nesse sentido, o que a publicação em seu terceiro e último período poderá apontar?

2.3 - Terceiro Período – 1993 a 1995: Krisis

Em 1993, nova mudança administrativa se processa com o grupo político de oposição¹⁹⁹ reassumindo a administração municipal. A publicação do *Recordando e Renovando* é então coordenada por um novo grupo com uma equipe ampliada pela contratação de Orientadoras Pedagógicas recém concursadas, algumas das quais já participantes da equipe desde 1989 nos projetos especiais²⁰⁰. O *Recordando e Renovando* somente volta a circular em outubro daquele ano, após dez meses de interrupção da produção.

As crianças de zero a seis anos continuam a ser atendidas nas EMEIs e Creches, algumas construídas no mesmo espaço físico, porém com coordenações distintas nos Centros de Convivências que passaram, então, a ser denominados Centros Comunitários.

Em relação à população da cidade, verifica-se um índice de crescimento positivo de 2,42% para a população em geral, sendo 1,57% de crescimento vegetativo e somente 0,96% decorrente do processo migratório. Na faixa etária de 4 a 6 anos de idade, de 34.909 crianças por nós estimadas em 1992, a cidade passa a 35.194 em 1996, com um aumento absoluto estimado de somente 285 crianças nessa faixa de idade, ou de 0,81%. Um crescimento, portanto, bem inferior ao do início da publicação.

O atendimento neste período decresce de 23.122 para 23.115 vagas ou de 66, 23% para 65,67% em relação à população de 4 a 6 anos. O decréscimo de atendimento em 1996, em relação ao número de alunos no todo ou em parte, com aumento do número de salas no

¹⁹⁹ Grupo eleito pela coligação PTB/PMDB/PPS, sendo o candidato a vice (PMDB) responsável pela derrota da antiga ARENA em 1979 e o prefeito (PTB) oriundo de uma das famílias italianas mais antigas da cidade, instaladas originalmente, ao final do século XVIII, nas antigas colônias de imigrantes, dando origem, dentre outros, ao atual bairro Demarchi, cujas atividades comerciais, em meados do século passado, deram origem à famosa Rota do Frango com Polenta. (MÉDICE, Ademir. *São Bernardo, seus bairros, sua gente*. Cadernos Históricos. SBC: SECE, 1981).

²⁰⁰ Dentre os projetos especiais destacamos o Grupo de Monitoria, comentado anteriormente, criado em 1989 quando da impossibilidade de realização de concurso público para orientadores Pedagógicos, em tempo hábil, por se tratar de ano eleitoral. Consistiu na seleção de professoras com possibilidades em “dobrar período”, permanecendo em um dos períodos em sala de aula, e no outro, em aprofundamento de estudos e em contato com as escolas, auxiliando na articulação de ações entre estas e o Departamento de Educação.

mesmo ano, também podem estar parcialmente relacionados à forma de inclusão/exclusão das classes de Semi-internato nos cálculos do período, como alertamos anteriormente.

A tentativa, posterior a 1992²⁰¹, por parte do Departamento de Educação de ajuste no cálculo do atendimento para implantação da série informatizada com efeito retroativo a 1990, teve como decorrência a aparente redução de atendimento no período 1989/92 em relação ao anterior, favorecendo o posterior (1993/95) pela redução do impacto relativo na redução real do atendimento neste período²⁰².

QUADRO 36 - ATENDIMENTO POR COMPETÊNCIA ADMINISTRATIVA – (1993– 1996) - 4 a 6 anos														
ANO	MUNICIPAL			ESTADUAL			PARTICULAR			Total de alunos	População total	4 a 6 anos	Município	
	Alunos	Classes	Escolas	Alunos	Classes	Escolas	Alunos	Classes	Escolas		Crescimento 2,42%/ano	Estimativa * Censos 1991/2000	% total 4 a 6 anos	% Municipal Particular
1993	23.122	775	66	-	-	-	1.891	123	27	25.013	580.611	34.909	66,23	92,42
1994	23.022	783	67	-	-	-	2.100	144	29	25.122	594.662	35004	65,76	91,64
1995	22.525	780	69	-	-	-	2.192	145	27	24.717	594.665	35099	64,17	91,13
1996	23.115	788	70	-	-	-	2.162	142	33	25.277	594.667	35.194	65,67	91,44

Fonte: PMSBC. Secretaria de Planejamento e Tecnologia da Informação. Departamento de Estatística. Seção de Pesquisa e Banco de Dados – Série informatizada
* Censo – 1991/2000 – FIBGE – Estimativas de nossa responsabilidade

A rede privada eleva sua parcela de atendimento em 271 vagas em mais seis escolas no período, ou seja, de 7,5% em 1992 passa para 8,5% em 1996, mantendo-se, porém, a hegemonia de atendimento no âmbito municipal (de 92,5% a 91,5% no período).

Por seu turno, as creches municipais apresentam também uma redução de atendimento nos anos de 1994 e 1995 em relação ao início do período, somente vindo a superar o atendimento em relação àquele ano em 1996, em 188 vagas. A série histórica apresentada pelo Banco de Dados municipal nesse período e também em relatórios do

²⁰¹ Concluímos que esta mudança tenha ocorrido após 1992 a partir da análise dos relatórios materiais arquivados no Banco de Dados da Secretaria do Planejamento e TI referentes aos anos de 1989 a 1992 que indicam o emprego da metodologia anterior.

²⁰² A série histórica informatizada, do Banco de Dados, registra em 1998 um total de 23.906 matriculados de 4 a 6 anos, sendo que a publicação *Recordando e Renovando em Revista* (dez/98) informa que no mês de junho daquele ano eram 22.784 matriculados e 1201 em período integral, o que nos leva a crer que a antiga metodologia fora retomada.

arquivo material, inclui a capacidade de atendimento das unidades, podendo-se notar que nos anos de 1994 e 1995 o atendimento esteve aquém da capacidade real.²⁰³

A redução de atendimento neste período como que prenuncia a redução ainda mais acentuada que viria a ocorrer após 1997 com a municipalização das séries iniciais do ensino fundamental pelo município.²⁰⁴

QUADRO 37 – Atendimento nas Creches Municipais (1993-1996)					
Ano	Creches	Atendidas	Capacidade	Pop.0-3	%
1993	19	1.004	1.003	44.807	2,2%
1994	19	892	1.040	44.158	2,02
1995	21	967	1.040	45.510	2,19
1996	20	1.192	1.175	45.860	2,59

Fontes: Relatórios. 4.04.052 / 4.04.048 / 4.04.054;
 Pasta demografia 2 (2007) – FIBGE – Censos Demográficos
 Banco de Dados e Pesquisa – Departamento de Informações
 Geopolíticas e Econômicas – Secretaria do Planejamento e Tecnologia da Informação.

No período 1993-1996 pode também ser caracterizado internamente como um período de turbulência, porém de outra natureza, manifesto de forma mais sutil nas características materiais do impresso. A condução da Secretaria da Educação e Cultura sofre duas alterações e a direção do Departamento de Educação é ocupada por quatro diretores, nos três primeiros anos da nova gestão. A introdução do dispositivo Coordenação Geral, posteriormente denominado Expediente, permite apurar que a chefia da Seção de Orientação Técnico-Pedagógica (SE-102) passa por uma única alteração no período (setembro de 1994) quando a então encarregada do SOT é promovida à mesma dando continuidade à condução da publicação e imprimindo novas marcas em seus dispositivos materiais. A coordenação do Serviço de Orientação Técnica – SOT (SE-102.1), por sua vez, é ocupada por três professoras diferentes no período. A encarregada

²⁰³ Dados sistematizados e informatizados sobre creches municipais e particulares na cidade estão disponíveis encontrados somente a partir do ano 2000.

²⁰⁴ O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef) foi instituído pela Emenda Constitucional n.º 14, de setembro de 1996, e regulamentado pela Lei n.º 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e pelo Decreto n.º 2.264, de junho de 1997. O Fundef foi implantado, nacionalmente, em 1º de janeiro de 1998, quando passou a vigorar a nova sistemática de redistribuição dos recursos destinados ao Ensino Fundamental.

inicial do Serviço de Recursos Didáticos (SE 102.2) é substituída quando da publicação do último exemplar do *RR* (setembro/95).²⁰⁵

Podemos visualizar neste período duas fases, anterior e posterior à promoção da encarregada do SOT à chefia da Seção (*RR* 01/93 ao 03/94 e *RR* 04/94 ao 04/95) e nas quais as marcas materiais da publicação permitem uma distinção, mas complementares em termos de projeto editorial, levando o subsídio a manter, a partir de setembro de 1994, uma forma definida em termos da organização dos conteúdos e seções como veremos adiante.

No âmbito geral, é no início desse período que o MEC publica o “Plano Decenal de Educação para todos”²⁰⁶ afastando-se da “visão ampliada” de educação básica determinada em 1990 pela “Conferência Mundial sobre Educação para Todos”.

O Banco Mundial, um de seus organizadores e cuja ação nas políticas mundiais de educação remonta à década de 1960, à luz do pragmatismo econômico passa a analisá-la “com critérios próprios do mercado e a escola é comparada a uma empresa”, demonstrando “uma compreensão e um conhecimento insuficientes do [processo] educativo, da teoria e da pesquisa acumuladas...”, como analisa Rosa M. Torres. O ensino, para o BM, resume-se assim “a um conjunto de insumos (*inputs*)” e a aprendizagem, ao “resultado previsível da presença (e eventual combinação) desses insumos, priorizando-se o livro didático sobre o corpo docente, a capacitação em serviço sobre a formação inicial...”²⁰⁷

O documento do MEC, fortemente influenciado por essa visão, enfatiza a forma escolar e o ensino regular, no compromisso de “Educação para Todos”. Embora inclua na discussão outras formas de educação, recuperando o documento de Jomtien, apresenta uma proposta de organização e estrutura do sistema educacional brasileiro da educação infantil ao ensino superior e pós-graduação, como “compromisso nacional de educação para todos.”²⁰⁸

Também neste período se dão os embates pela aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, culminando na aprovação do substitutivo do senador Darcy Ribeiro transformado na Lei Federal nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996, na qual as posições explicitadas no Plano Decenal de 1993 prevalecem. A nova Lei vem incluir a

²⁰⁵ Nesse período a encarregadoria da SE-102.1 é ocupada por Márcia Cheid Modes, que em setembro de 1994 passa a assumir a chefia da SE-102, sendo substituída por Maria das Graças A. Farina até novembro de 1994 quando assume Thaís Gonçalves Durazzo. A SE-102.2 é ocupada pela professora Ana Maria do Carmo Ronchetti de Castro até setembro de 1995, quando é substituída por Magali Tavela Ercolin. Nos créditos constantes da publicação não é identificada a Chefia da SE-102 até agosto de 1994.

²⁰⁶ BRASIL. *Plano decenal de educação para todos*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação fundamental I, 1993.

²⁰⁷ TORRES. *Op. cit.*, p. 140-141

²⁰⁸ BRASIL, *Plano decenal....* p. 97.

educação infantil como “a primeira etapa da educação básica”, oferecidas em creches e pré-escolas tendo “como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.²⁰⁹

Como afirma Jamil Cury, “a LDB aprovada não é – como também as outras não foram – um texto, mas um intertexto” que “acabou por conjugar diferentes vozes com distintas potências. As vozes dominantes, as recessivas, as abafadas e as ausentes que a constituem continuam sendo uma rede intertextual a ser lida e reconstruída”²¹⁰. Segundo o autor, a nova LDB evidencia uma mudança substantiva no papel do Estado, através da dinâmica descentralizadora. Uma dinâmica que pode, de cima para baixo, projetar-se na comunidade. A mudança da denominação dos Centros de Convivência para Centros Comunitários, anterior à aprovação da lei, parece não se tratar de uma questão semântica ou obra do acaso, refletindo tão somente a voz dominante, no modelo político-econômico prevalente no país e no mundo ocidental, dentro do processo de globalização econômica.

Segundo Cury

“a chamada à comunidade é ambivalente: pode expressar tanto a desejável participação e a necessária fiscalização como pode justificar o afastamento da noção de dever do Estado. O cidadão como cliente/consumidor não esgota as dimensões clássicas da cidadania. A dimensão do cliente consumidor, novidade trazida pela ênfase na qualidade do produto, não pode ser entronizada do ponto de vista de uma competitividade mercadocêntrica de vez que ela é incongruente com a lógica do serviço público.”²¹¹

A chamada da comunidade à participação já foi mencionada anteriormente, quando nos referimos à criação das Associações de Pais e Mestres, momento no qual é afirmado que a “eleições dessas Associações (...) marca o rompimento da situação paternalista que a prefeitura vinha mantendo e transferindo agora para a comunidade a responsabilidade pela escola”, destacando que as APMs visavam também “estabelecer uma integração no trinômio escola-família-comunidade”. Esta não era manifesta “somente no desembolso de algum dinheiro” para a manutenção da escola, mas porque “a participação da comunidade no processo educacional se faz necessária”²¹². A atuação das APMs caminha num *continuum*, a despeito da tentativa de implantação dos Conselhos de Escola no segundo

²⁰⁹ Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, arts. 29 e 30.

²¹⁰ CURY, José Roberto Jamil. “Lei de Diretrizes e Bases e perspectivas da Educação Nacional”. In: *Espaço Aberto*, nº. 8, 1998, p. 74.

²¹¹ Cury, 1998:78.

²¹² PMSBC. Relatório 1978-81, p. 9-12

período de vida de nosso objeto de estudo, como instância consultiva e deliberativa no âmbito das escolas, prevista na Lei Orgânica Municipal²¹³.

A convocação dos pais e da comunidade para uma maior participação nos assuntos escolares, o impulso do setor privado e os organismos não-governamentais como agentes ativos no terreno educativo (ONGs), a política de descentralização como manifestação da prioridade dada sobre os aspectos financeiros e administrativos da reforma educativa proposta pelo Banco Mundial, ao lado da ênfase atribuída à educação básica e na melhoria da qualidade (e da eficiência) da educação são alguns dos elementos distintivos do pacote de reforma para os países em desenvolvimento proposto pelo mesmo em 1995.

“Na ótica do BM, a reforma educativa – entendida como reforma do sistema escolar – é não só inevitável como também urgente. Postergá-la trará sérios custos econômicos, sociais e políticos para os países”.²¹⁴ De acordo com a autora, “as prioridades ditadas pela lógica econômica parecem não coincidir com as prioridades propostas pela construção de um modelo educativo legitimamente centralizado na qualidade e na equidade, autenticamente comprometido com a aprendizagem e com sua melhoria”²¹⁵.

Se a tendência de adesão à política do BM é vencedora na proposta da LDBEN, “os múltiplos sons e vários cantares a partir das várias vozes” na lei, cujo jogo “não chega a compor uma melodia harmônica”, no dizer de Cury, ficam como uma “possibilidade em aberto de manifestação”.

A década de 1990, em particular os últimos anos, é caracterizada pela implementação de estratégias de cunho liberal de conquista hegemônica em diferentes campos, sendo a educação um campo privilegiado para redefinição global das esferas social, política e pessoal. Como afirma Tomaz T. da Silva, “o que está em jogo não é apenas uma reestruturação neoliberal das esferas econômica, social e política, mas uma reelaboração e redefinição das próprias formas de representação e significação social”. Segundo o autor, é nesse projeto global que se insere a redefinição da educação em termos de mercado,

²¹³ Lei Orgânica do Município, de 5 de abril de 1990 que, no Título VI, Cap. I, Seção I, artigo 175, inciso 5, determina: “gestão democrática do ensino público, tanto a (*sic*) nível administrativo quanto pedagógico, com a participação de educados, funcionários, pais de alunos e representantes de entidades da comunidade, sendo o Conselho de escola o instrumento básico para garantir a prática dessa ação”.

²¹⁴ TORRES, R. M. *Op. cit.*, p. 131.

²¹⁵ *Idem*, p. 185.

“a partir da construção da política como manipulação do afeto e do sentimento; a transformação do espaço de discussão política em estratégia de convencimento publicitário, a celebração da suposta eficiência e produtividade da iniciativa privada em oposição à ineficiência e ao desperdício dos serviços públicos; a redefinição da cidadania pela qual o agente político se transforma em agente econômico e o cidadão em consumidor.”²¹⁶

Em 1994, quando são publicados os documentos “Política Nacional de Educação Infantil”, “Educação Infantil no Brasil: situação atual” e “Por uma política de formação do profissional de educação infantil”, pelo Ministério da Educação, a OMEP/Brasil manifesta-se, no Congresso Nacional, na figura de seu presidente²¹⁷, saudando a iniciativa do MEC “de concentrar os esforços em torno de uma possível política de educação infantil”, sem deixar, contudo de tecer críticas ao Estado Brasileiro “que mantém um Executivo em grande parte paralisado e improdutivo, um Legislativo perdulário, inchado e ausente, um Judiciário marcadamente inerte, todos eivados de corporativismos privilegiados” não podendo, dessa forma, “mostrar que não tem recursos para crianças”, enfatizando que à OMEP não cabe substituir o Estado e sim “controlar” e exigir uma política competente de educação infantil. Nessa ocasião são apresentadas as diretrizes da organização, definidas desde 1989, com um discurso crítico em relação às políticas públicas de atendimento a criança nessa faixa etária. É interessante observar que a partir de 1989 a OMEP não mais esteve representada nos eventos promovidos pela Secretaria de Educação de São Bernardo.

Reflexos dessa tendência poderão ser identificados em nosso objeto de estudo que no período 1993-1995 se mantém com a mesma denominação, coordenado por um novo grupo, com a permanência de alguns membros da equipe anterior.

O ritmo da publicação

No terceiro período de produção do subsídio *Recordando e Renovando* foram publicados 12 exemplares, sendo somente dois ao final do primeiro ano, seis no segundo e quatro no terceiro, com um total de 646 páginas, número inferior aos períodos anteriores,

²¹⁶ SILVA, Tomaz Tadeu. “A ‘nova direita’ e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia”. In: GENTILI, P. (org.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Ed. vozes, 1994.

²¹⁷ Ocupava a presidência da OMEP/Brasil em 1994 o Professor Pedro Demo que profere discurso no Congresso Nacional em agosto de 1994 intitulado “Apolítica de educação Infantil no contexto da política da infância no Brasil” (mimeo) no qual apresenta as diretrizes de ação da organização: defesa dos direitos da criança; defesa de um apolítica social da infância, preventiva e emancipatória; visão integral e integrada da problemática do pré-escolar, formação de um profissional especialista e interdisciplinar e defesa de orçamentos explícitos públicos municipais, estaduais e federais, e da instituição de outras fontes específicas para o financiamento do pré-escolar.

porém com uma média superior de páginas por exemplar (53,8) distribuídas, também, de forma irregular (variando de 36 a 89 páginas por exemplar). Neste período, 257 matérias foram publicadas, contra 462 do primeiro e 218 anterior, variando de 13 a 33 matérias por exemplar. Ao contrário dos períodos anteriores, cuja produção foi reduzida no segundo ano da publicação, neste há um crescimento acentuado da produção no mesmo (de 78 páginas para 320) com pequena redução no último ano (248).

De 1993 a 1995 nenhum suplemento foi publicado, sendo esta uma das marcas desse período. Outra marca é a estabilidade no número e temas das seções, embora com grande variação no número de matérias publicadas.

No ano de 1993, com a mudança de período administrativo, o *Recordando e Renovando* somente volta a circular quase um ano após a publicação do último exemplar de 1992. Esta quebra no ritmo de produção pode indicar que, apesar da equipe estar aparelhada e capacitada com especialistas concursadas e estáveis no Serviço de Orientação Técnica, as novas lideranças talvez buscassem reavaliar a publicação e propor novas fórmulas. Contudo, a mesma segue nos primeiros meses com poucas alterações em forma e conteúdo em relação à linha anterior, porém buscando um diferencial, como alguns dispositivos materiais apontam.

Em setembro de 1995 o último exemplar é publicado num período em que o número de especialista conferia à equipe técnica uma situação invejável em relação aos anos anteriores. O Expediente do último exemplar publicado apresenta dezoito nomes de especialistas e colaboradores empenhados na elaboração da publicação. Não havendo falta de recursos humanos, o que teria provocado o fim da publicação? A entrada de novos leitores e de novos temas teria descaracterizado o subsídio ao ponto de não mais ser lido? Outras publicações teriam tomado o seu lugar?

2.3.1- As marcas do objeto: dispositivos tipográficos

Capas: componentes gráficos

Neste período o *Recordando e Renovando* mantém a formatação anterior e a produção artesanal com textos datilografados ou manuscritos, ilustrações manuais ou xerocopiadas, em preto e branco, com o mesmo formato do período anterior. O *layout*, porém, sofre modificações em relação à disposição dos elementos das capas que retomam,

com maior frequência, as ilustrações produzidas pela própria equipe do serviço de recursos didáticos. Dos 12 exemplares produzidos nesse período somente quatro apresentam produções infantis.

O primeiro *RR* da nova série (*RR* 01/93) traz uma alegoria à era da informática, com uma série de personagens navegando em meio a nuvens, sobre um disquete. Curiosamente os personagens são despersonalizados, não apresentando traços faciais, embora possam ser reconhecidas algumas de suas ocupações pelos trajes ou ferramentas de trabalho (artista/pintor, cinegrafista, profissionais técnicos, executivo). Não há identificação de fonte ou autor. Com a mesma temática, outro exemplar (*RR* 05/94) traz uma charge ironizando o “analfabetismo digital”.

Outra charge é apresentada no *RR* 2/95 desta vez com tema ambiental (zíper que fecha um rio), utilizando um recurso de fácil comunicação pelas inúmeras representações que comportam.

As demais capas também apresentam produções da equipe, sendo uma delas com texto manuscrito e ilustrado sobre a função da arte (*RR* 02/94), cuja frase, retirada do livro *Respostas da vida* de André Luiz (Ed. Ideal, s/local, s/d), aqui reproduzimos: “As artes são canais de expressão derivados do verbo: a escultura é a palavra coagulada, a pintura é a palavra colorida, a dança é a palavra em movimento, a música é a palavra em harmonia; mas a palavra em si, é a própria vida”.

O *RR* 04/94, publicado no mês de março daquele ano, traz uma galeria composta de pequenos desenhos reproduzindo os retratos dos presidentes da República do Brasil, de Deodoro a Itamar Franco, compondo a série histórica, de forma linear, antecipando o tema principal do exemplar dirigido às eleições gerais daquele ano, que ocorreriam no mês de outubro e que mais uma vez agitariam a cidade na divisão de forças entre “a burguesia dominante e a classe trabalhadora”. A publicação deste exemplar coincide com a ocupação da nova chefia na Seção de Orientação Técnica, com a readequação da linha editorial da publicação, conforme veremos adiante.

As capas se sucedem intercalando as charges já comentadas, desenho de criança, uma reprodução estilizada da *Vênus de Milo*, estátua grega representando Afrodite, a deusa do amor sexual e beleza física (*RR* 01/95). A temática desta capa e as de n.ºs. 02 e 03/94 podem indicar que a arte vem a ocupar um lugar diferenciado neste período.

O exemplar 03/95 traz na capa a reprodução de exemplares do *Recordando e Renovando* anteriormente publicados, antecipando a matéria sobre o próprio *RR*, com breve recuperação histórica da publicação, na seção então denominada *Krisis*.

O último exemplar do período (RR 04/95) traz na capa a reprodução de uma fotografia (menino sorrindo com sapatos de adulto) acompanhada de pequeno texto: “Imagine a gente assim tentando as coisas todas não tentadas, imagine a gente assim feliz”. Podemos tomá-la como representação de uma marca importante da pedagogia contemporânea relativa ao mito da infância, “idade substancialmente feliz”, o puericentrismo pedagógico que coloca a criança como “... o futuro e a esperança do homem, do *homem novo*... e não da sociedade”.²¹⁸ Curiosamente, somente a última capa do período nos remete de forma direta à centralidade da infância no processo educativo, que de certa forma se mostra diluída nos temas escolhidos.

Em relação ao conjunto das capas é possível afirmar que algumas das ilustrações escolhidas sugerem ou antecipam possíveis conteúdos do exemplar. Nelas há poucas referências diretas a modelos ou atividades pedagógicas do ponto de vista metodológico, ao contrário do período anterior, exceto pelas capas que apresentam produções infantis como a releitura de obra de arte (Volpi- RR 03/94) e a produção de textos (RR 02/93). As novas emergências educativas, discutidas no período anterior, aqui também se fazem presentes nos temas relativos ao meio ambiente, ao desenvolvimento tecnológico e à abordagem da arte erudita.

Uma questão que então se coloca: Por que a equipe volta a desenhar as capas (mas não todas)? Estaríamos diante de uma evidência de diferentes vozes dialogando ou se sobrepondo nas falas implícitas das capas? Seria o indício de uma manifestação da centralidade do papel da equipe na elaboração da publicação? Visivelmente as “novas emergências educativas” (tecnologia, artes, meio ambiente, além da retomada histórica focada nos personagens oficiais) ganham o espaço até então majoritariamente centrado na criança. Qual seria, então, a concepção subjacente de criança nesta fase?

Esteticamente, as capas voltam a apresentar margens de acabamento como no primeiro período e os créditos oficiais são dispostos em diferentes posições. Ao contrário das séries anteriores, nas quais os mesmos eram sempre colocados no alto da página (exceto o exemplar 02/92, no qual se verifica a ausência do cabeçalho) esta opção de *layout* constitui mais um indicador material da mudança de período.

Merece destaque, no primeiro exemplar deste período, o deslocamento dos créditos para a parte inferior da capa, sendo que nos quatro exemplares seguintes os mesmos se encontram abaixo do nome do impresso, que por sua vez ocupa o topo da capa. Nos

²¹⁸ CAMBI, *Op. cit.*, p. 393

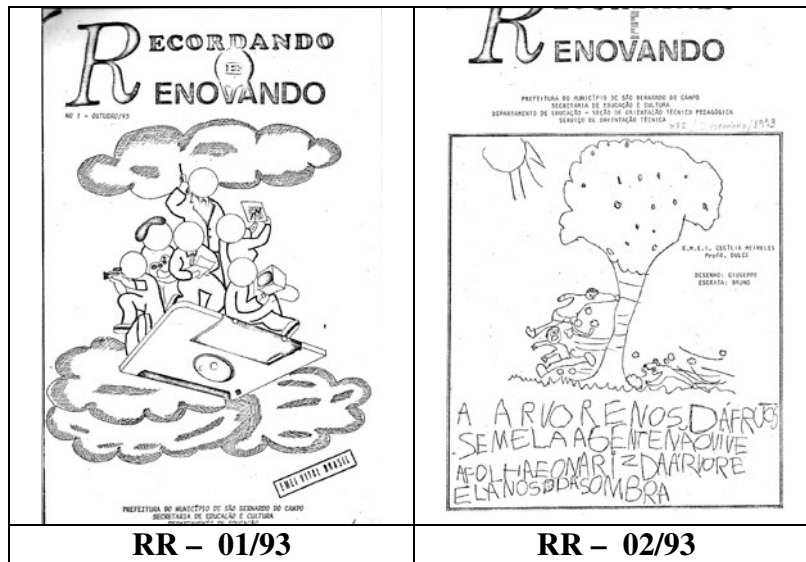
exemplares 04/94, 05/94 e 06/94 voltam ao topo da página, coincidentemente com a posse da nova chefia, e nos demais voltam para a posição abaixo do nome. Em se tratando de um dispositivo indicador de uma estrutura de poder hierarquizada, estas alterações podem indicar uma determinada representação do lugar de poder. Quem determinaria a composição das capas? Esta variação poderá ser indicadora da alternância de vozes referida acima, um sinal de tensão entre representante de diferentes posições no campo político, ou do saber pedagógico? De recomposição de uma determinada ordem a partir do *RR* 04/94? Ou simplesmente uma tentativa de mudança visual, a necessidade de dar uma “cara nova” ao tão conhecido subsídio?

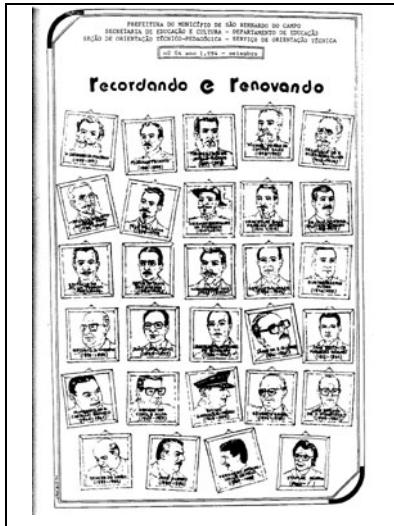
O número e a data de cada exemplar estão localizados logo abaixo dos créditos oficiais ou abaixo do nome do impresso, datilografados em corpo de letra igual ou menor que as dos créditos, sendo que este dispositivo também apresenta uma alternância.

Em parte dos exemplares não consta o mês da publicação, somente número/ano. A identificação do mês como um dos critérios de organização desta pesquisa se deu pelas temáticas apresentadas e indicações de eventos.

Figura 6

CATÁLOGO DE CAPAS: Terceiro período





RR - 04/94



RR - 05/94



RR - 06/94



RR - 01/95



RR - 02/95



RR - 03/95



RR - 04/95

As ilustrações

As ilustrações das páginas internas, em sua maioria, exercem a função decorativa (136); de oferta de modelos de recursos e atividades (35); de histórias infantis reproduzidas de livro ou produzida por crianças e trabalhos diversos (escritas, releitura de obras de arte, desenhos, atividades) num total de 40 produções de alunos no período. Não há neste período sugestões de músicas com partitura (notação musical) embora o tema seja abordado.

Parte das ilustrações segue o padrão de desenhos anteriores produzidos pela equipe, em diferentes estilos. Outra parte se constitui de reproduções de ilustrações de livros, de revistas ou jornais, sem indicação de fonte.

No ano de 1993, nota-se a presença de 54 ilustrações para um total de 78 páginas. Em 1994 são 57 ilustrações (29 de alunos) em 320 páginas e em 1995, a relação é de 35 para 248, ou seja, nos dois últimos anos há uma carga de informações através de textos que supera em muito a relação até então existente entre textos/desenhos, sendo que os desenhos de crianças são reduzidos somente a onze no último ano de circulação da publicação.

Quanto à distribuição no conjunto dos 12 exemplares há uma variação significativa: de apenas três ilustrações (*RR 01/95*) a até 44 num único exemplar (*RR 02/93*). Em alguns predominam as ilustrações com efeito decorativo. O número de ilustrações com função decorativa, neste período supera, proporcionalmente, os períodos anteriores (11 por exemplar contra 10 no primeiro e 8 no segundo período).

Por outro lado, nota-se uma crescente presença da produção infantil no cômputo geral, com 5 produções em 32 exemplares no primeiro período, 21 em 18 no segundo e 40 em 12 no terceiro. A presença das produções infantis neste período também não é constante. Em 1993 apenas duas produções são publicadas (uma delas uma história com 13 cenas), em 1994, vinte e sete trabalhos estão concentrados em cinco exemplares e em 1995, onze produções estão dispostas em três dos quatro exemplares publicados.

A presença da produção infantil no segundo e terceiro períodos nos parece constituir um painel de demonstração daquilo que se quer mostrar, do processo ou resultados das experiências relatadas. No terceiro, em particular, como o *produto final* dos *projetos* desenvolvidos, terminologia esta que gradativamente vai sendo empregado em substituição aos *relatos de experiências*, com a ausência de atividades livres. O foco vai sendo deslocado gradativamente do processo para o resultado, da expressão livre e descompromissada para a forma orientada.

A paginação

Neste período, como nos anteriores, o número de páginas é bastante instável, variando de 36 a 89 por exemplar. Com um total de 646 páginas, sempre utilizando frente e verso de cada folha, tem o início da paginação ora na capa, ora no índice, ora na primeira seção. Como nos períodos anteriores, neste também consideramos, para fins de cálculo, a contagem a partir do índice, excluindo a capa. A paginação localiza-se no canto direito de cada página ou no centro, ao final da página. A forma e o tamanho dos números também são variáveis.

O dado que merece maior atenção, em relação a este dispositivo, é o fato de estarmos diante de um período no qual a concentração de textos é maior e o volume de leitura compactada por página é superior aos demais.

Índice

O índice se faz presente em todos os exemplares do período, com uma formatação mais estável que nos anteriores, com blocos de matérias bem definidos e delimitados em seções. Enquanto dispositivo que permite ao leitor o primeiro contato com o conteúdo veiculado, os produtores optaram por dedicar apenas uma página ao mesmo, em todos os exemplares. Assim, à medida que o número de matérias aumenta no decorrer da produção, o tamanho das letras é gradativamente reduzido para que todas as matérias coubessem em uma só página.

Tamanhos de letras diferenciadas e marcadores iniciais para as matérias são utilizados para situar o leitor em relação aos diferentes blocos de conteúdo e permitir a visualização das matérias nas seções que passam a seguir uma mesma ordem temática. Essa ordem na disponibilização das matérias para leitura é reveladora de uma estratégia de controle de leitura, criando uma rotina na condução do leitor na procura de determinados temas ou assuntos, apresentando inicialmente as matérias que “definem a linha teórica e filosófica” da produção. Na segunda fase deste período, em particular, são deixadas para o final as seções nas quais o leitor teria uma maior participação enquanto produtor.

Recados e Mensagens

Os recados e mensagem passam a apresentar novos contornos materiais e diagramações diferenciadas em relação aos períodos anteriores. Contornos mais elaborados como nuvens, quadrinhos ilustrados com abelhinhas, pergaminhos ou a despojada caixa simples dão lugar a modelos mais ligados ao cenário administrativo: cartões presos com clipe, cartões com cantos dobrados, que vão desaparecendo gradativamente e sendo inseridos nas seções, sem destaque especial.

Procuramos destacar algumas das várias mensagens veiculadas com o objetivo de sintetizar o movimento de definição de um referencial norteador para o desenvolvimento do trabalho da equipe e das dificuldades encontradas.

A primeira mensagem do período é veiculada logo após o índice do primeiro exemplar, assinada pela então encarregada do Serviço de Orientação Técnica (SE 102.1):

“Após um ano em que estivemos parados, retornamos com o RR tentando assim fortalecer o nosso elo de ligação./Sempre foi objetivo do RR a troca de experiências entre professoras, diretoras e orientadoras, reforçando assim o nosso objetivo: A CRIANÇA! Para tanto, precisamos da colaboração de todas, enviando suas experiências, relatos, sugestões, para que possamos ‘CONSTRUIR JUNTOS’”.

Ainda no primeiro exemplar do período, novo apelo é destacado no interior do desenho de um pequeno cartão preso com um clipe, quase no centro da página: “Continuem enviando fatos interessantes através da O. P. de sua escola”. A mensagem encerrava a matéria *Criança pensa...*, na qual pequenos e divertidos relatos da admirável lógica infantil, enviados por diferentes escolas, são levados às páginas da publicação.

Também no primeiro exemplar do ano seguinte (RR 01/94) nova mensagem de abertura na primeira página aponta para a necessidade de ampliação de diálogo entre os profissionais da educação municipal:

“O RR tem sido um valioso veículo de troca de experiências. Sentindo a necessidade de ampliar este diálogo, estamos procurando diversificar os artigos publicados com o intuito de promover maior intercâmbio entre os profissionais envolvidos com a educação em São Bernardo do Campo e *propiciar uma visão holística*, onde os caminhos se cruzam e se completam”.
(grifo nosso)²¹⁹

²¹⁹ A expressão “visão holística” é utilizada nos meios empresariais com o sentido de se ter uma “imagem única” e sintética de todos os elementos da empresa, abrangendo suas estratégias, atividades, informações, recursos, estrutura e

A mensagem prossegue com um pequeno rol de sugestões de contribuições (comentários, críticas dos artigos publicados, relatos de experiência, atualidades, necessidades) e é concluída com uma saudação e assinada pela *EQUIPE DO R.R.*

O segundo exemplar de 1993 é encerrado com a mensagem:

“A nossa proposta para 94 (é) que o *RR* seja também um veículo integrador dos diversos setores do Departamento: Creche, Educação Profissional, Educação Especial, Recursos Didáticos, Ensino Supletivo, Pré-escola, Assistência Escolar, Alimentação Escolar. Contamos com relatos, reflexões, sugestões de todas (sic) vocês. Abraços, Equipe do *RR* – Orientadoras pedagógicas”.²²⁰

A proposta indica que a partir de então a integração se faria de maneira sistemática entre os setores citados, pois a mesma já existia anteriormente a partir dos projetos propostos e que também se processaria dentro de uma nova visão de integração.

Com essa abrangência, novos sujeitos educativos alteram a questão de gênero na destinação da publicação, pois a rede contava com professores na área da educação especial e outros agentes masculinos nos demais serviços. Porém, a mensagem citada é escrita como se estivesse voltada somente ao público feminino, reveladora da marca que se imprimiu na carreira do magistério, principalmente para as crianças pequenas.

No exemplar nº. 03/94 o *RR* “fala por ele mesmo”:

Caras colegas,
Eu, o *Recordando e Renovando*, reservei um espaço para sua participação. Não queria ser um *RR* autoritário, muito pelo contrário, sempre quis ser ‘democrático’ e aberto às críticas, um *RR* que fala, mas também escuta.

Na seqüência, afirma não poder reclamar, pois tem recebido muitos elogios e algumas comunicações de professoras, ficando feliz quando é informado de que está sendo discutido nas reuniões pedagógicas, sentindo que “sou um subsídio com futuro brilhante pela frente...”

Contraditoriamente, afirma, na seqüência, ter somente uma reclamação: “a pouca quantidade de relatos, textos, elogios, desejos, sugestões... e até reclamações”. Finaliza

organização, a qualificação do pessoal, suas relações interpessoais, enfim, constituindo uma determinada cultura organizacional em busca dos melhores resultados para a empresa. ROZENFELD, H. In: www.numa.org.br/conhecimento (18/09/2007).

²²⁰ *RR* 02/93, p.41.

afirmando: “Assim eu vou me sentir autoritário, falando, falando e não escutando nada. Colegas, agilizem seus lápis e canetas e mãos à obra...”

Finalmente, no RR 04/94, é apresentada a forma final de organização da produção no período, anunciada por uma mensagem veiculada na seção Krisis:

“O *Recordando e Renovando* está de cara nova”.

A equipe responsável pelo subsídio resolveu reestruturar as seções para facilitar a leitura e tornar nosso subsídio mais dinâmico, mais rico e mais próximo de nossas educadoras. Cada seção tem uma característica específica, relacionada a um objetivo indicado no projeto.²²¹

O exemplar em questão foi publicado com 64 páginas contra 31 do exemplar anterior. Segue uma breve apresentação de cada nova seção. A seção Expediente indica a ascensão da então encarregada do Serviço de Orientação Técnica para o cargo de chefia da Seção de Orientação Técnico-Pedagógica, que não era citada nos exemplares anteriores. A capa traz a já comentada série histórica dos presidentes da República do Brasil às vésperas das eleições, nas quais a possibilidade de reeleição para a Presidência da República é instaurada e efetivada.

O primeiro exemplar do ano de 1995, ao contrário dos dois anos anteriores, não traz recados ou mensagens especiais. Já o número 02/95 na nova seção Fique por Dentro, a comissão responsável traz o informe de que a partir deste número os exemplares deverão se retirados até uma semana após a data do início da entrega, e que os exemplares não retirados ficariam à disposição das professoras interessadas em ampliar seu acervo individual, justificando que “sentimos a necessidade de tomar tal atitude devido à não retirada de exemplares do *RR* por algumas EMEIs”.

Esta mensagem constitui um forte indicador de mudanças radicais na produção, distribuição e utilização do impresso, pois nos períodos anteriores os exemplares eram entregues às diretoras, em mãos, em uma das reuniões mensais organizadas pela equipe técnica, na qual eram discutidos. Nesse sentido, a dinâmica de distribuição parece indicar uma menor articulação do Departamento em relação ao uso do impresso, sugerindo que o mesmo poderia ser definido pelas próprias escolas de acordo com o interesse, pois outros materiais passaram a ser produzidos para utilização em reuniões específicas, como veremos adiante.

²²¹ *RR* 04/94, p. 04.

Outros dispositivos tipográficos

Uma das marcas do período é a diagramação dos textos nos quatro primeiros exemplares (*RR* n.ºs 01 e 02/93 e 01 e 02/94) nos quais deixam de ser publicados de forma linear e passam a ser apresentados em duas colunas por página, procurando marcar uma nova configuração.

Há dispositivos que se referem às margens internas que, em vários exemplares, são cuidadosamente padronizadas com diferentes traçados e sombreamento. Outros dispositivos gráficos são encontrados visando ilustrar ou chamar a atenção do leitor para os diferentes conteúdos das matérias: caixas, grifos, destaques, mudanças de posição de pequenos trechos do texto, frases e pensamentos distribuídos em pontos estratégicos, bem como gráficos e tabelas em determinadas matérias. Estes dispositivos direcionam o olhar do leitor indicando o que deve ser priorizado na leitura.

A partir do segundo exemplar do período foi inserido o Brasão de Armas do Município na última página acompanhado do slogan *Semeando o Futuro* em letras manuscritas. Nos exemplares subsequentes encontram-se também, em caixa alta, os créditos da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, junto ao Brasão de Armas, dando a ver a marca política daquela administração, o que não ocorreu nos períodos anteriores.

2.3.2. As seções e as matérias dadas a ler:

A partir de outubro de 1993, após dez meses de interrupção, o *RR* retorna com uma matéria de abertura intitulada *Vamos Sair da Crise*, na seção *Textos para Reflexão* (*RR* 01/93, p.3), logo após a mensagem inicial. O tema “crise” passa a ser recorrente a partir de então, vindo a se constituir em título de seção (*Krisis*) em setembro do ano seguinte (*RR* 04/94)

O texto em questão, em cinco páginas, elaborado da pela psicóloga Cleide Mourão, da equipe técnica, tem início com afirmação de que a crise chegou em todos os setores e se aprofunda (...), pois “as mudanças no mundo aceleraram-se a partir do surgimento e da utilização dos computadores e dos satélites. Ingressamos na era da cibernética”.

Em seguida a questão: “Mas... e o homem? *Enquanto temos praticamente o mundo a nossos pés, tecnologicamente falando,* a ciência sobre o homem, apenas engatinha. Ele continua sendo o grande desconhecido para si mesmo”. (grifos nossos).

O longo texto procura relacionar diferentes áreas do conhecimento humano, buscando na analogia entre inventores, cientistas e educadores a tentativa de explicar ou auxiliar a compreensão do universo e da educação na formação do homem, enaltecendo o papel do professor para concluir que é preciso recuperar o diálogo, a parceria, o fazer juntos na busca de transformação.

Figura 7



Os sentimentos que se sintetizam no título da matéria talvez se aproximem da análise feita por Cambi, quando este afirma que,

“no limiar do ano 2000, o universo da pedagogia se mostra como que envolvido numa complexa fermentação, atravessado por impulsos radicais. A pedagogia é um saber em transformação, em crise e em crescimento, atravessado por várias tensões, por desafios novos e novas tarefas”.²²²

O tema, que no artigo toca a educação, justifica-se, pois como afirma Arendt,

²²² CAMBI. *Op. cit.*, p. 641

“o problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, esta não poder abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição”.²²³

A *crise*, enquanto tema retorna no RR 04/94 na seção Krisis, como veremos adiante.

No quadro 38 podemos observar como as seções neste período foram adquirindo novas denominações, mantendo os conteúdos anteriores e introduzindo novos. Algumas seções tiveram uma passagem efêmera, em apenas um ou dois exemplares.

As seções do que poderíamos chamar de primeira fase (1993 até agosto de 1994) se mantêm semelhantes ao final do período anterior, vindo cada uma delas a adquirir nova denominação a partir do exemplar 04/94. Assim, a seção *Textos para Reflexão* transforma-se na seção Krisis na segunda fase, a seção Com a Palavra em Espaço do Educador, a seção *Relatos de Experiências* é subdividida nas seções *Dito e Feito*, *Trabalhando Temáticas* em *Caminhando*, a *Coordenação Geral* em *Expediente*, *Sugestões de Leitura* em *Sugestões*, simplesmente.

Iniciando a segunda fase deste período, o RR 04/94 apresenta um resumo dos conteúdos das novas seções a partir de então. Assim, a primeira seção, Krisis, teria por objetivo elaborar ou selecionar textos *buscando marcar o posicionamento teórico-filosófico da equipe*.

Segundo os proponentes, numa liberalidade etimológica, o termo escolhido para denominar esta seção viria da palavra *crítica*, do grego *krisis*, que significaria conhecimento. “É uma reflexão crítica no sentido de ser um redobrar-se de atenção que faz crescer, que provoca crescimento-mudança”.²²⁴ Já no exemplar *Recordando e Renovando em Revista*, publicado em dezembro de 1998, a nota situada ao final da página 6, procura esclarecer que *krisis*, do grego, significa *crise*, com interpretação semelhante: *decisão que gera conhecimento, crescimento*.

O primeiro texto escolhido para esta seção, na edição 04/94, foi “Sobre gansos e equipes” segundo o subsídio, de autor desconhecido²²⁵, “uma metáfora onde a

²²³ ARENDT, H. “A crise na educação” in: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979, p. 245.

²²⁴ RR 04/94, p.04.

²²⁵ Destacamos este texto, dentre outros, por ser emblemático de tendência marcante a partir da década de 1990 no Brasil, embora se trate de gênero bastante antigo. A fábula publicada, provavelmente divulgada através de obra do escritor norte americano Milton Olson, no início da década de 1990 (Marcelo Leite, na coluna *Alquimia*, Folha de S. Paulo, 28/01/96, nos dá pistas sobre o autor), inspirou diversos *best-sellers* de motivação

solidariedade nas dificuldades é fundamental para o sucesso da jornada”.²²⁶ Os diferentes textos escolhidos para a seção trazem como que um chamado a cada indivíduo à busca de solução para a mesma, fundamentado na crença do poder individual de mudanças.

A seção *Caminhando*, propunha-se a abranger *textos relacionados às áreas de conhecimento, temas cíclicos e reflexões enviadas pelos responsáveis pelos projetos do SOT e outros serviços.*

QUADRO 38 – Síntese das Seções –Terceiro período – (1993-1995)														
	Seções / Matérias	1993		1994						1995				Total
		1	2	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	12ex.
PRIMEIRA FASE	Texto para reflexão	x	x	x	x	x								05
	Recordando	x												01
	Relatos de Experiências	x	x	x	x	x								05
	Trabalhando temáticas	x	x	x	x	x								05
	Com a palavra	x	x	x	x	x								05
	Apresentação	x												01
	Coordenação Geral	x	x	x	x	x								05
	Acontecendo		x	x										02
	Retrospectiva 93		x											01
	Integração 94		x											01
	Mensagem			x										01
	Sugestões de leituras				x	x								02
Mensagem final					x								01	
SEGUNDA FASE	Krisis						x	x	x	x	x	x	x	07
	Caminhando						x	x	x	x	x	x	x	07
	Espaço do Educador						x	x	x	x	x	x	x	07
	Dito e Feito						x	x	x	x	x	x	x	07
	Fique por dentro						x	x	x	x	x	x	x	07
	Sugestões						x	x	x	x	x	x	x	07
	Criança diz cada uma...							x						01
	Expediente						x	x	x	x	x	x	x	07
Total	07	08	07	06	07	07	08	07	07	07	07	07	07	

A seção *Espaço do(a) Educador(a)* seria a responsável por veicular *textos reflexivos ou critica (sic) enviados pelos leitores.* Em *Dito e Feito* os relatos de

empresarial ou auto-ajuda, como os dois volumes da conhecida obra *O que podemos aprender com os gansos* de Alexandre Rangel.

²²⁶ RR 04/94, p.03.

experiências dos professores. Em *Fique por Dentro*²²⁷, informes dos diversos serviços do Departamento e Secretaria e finalmente em Sugestões, sinopse de livros, teatro, cinema, cursos etc.

Podemos observar que as mudanças de denominação das seções e a sua ordem, estrategicamente determinadas, parecem também contribuir para uma mudança radical na identidade do impresso em relação ao período anterior. As múltiplas formas de apresentação das matérias no período anterior, sem uma sistematização definida, mais do que sugerir uma dificuldade organizativa, podem ter se constituído em uma estratégia de construção conjunta do subsídio, na lógica do “fazer juntos”, em nome do princípio de valorização da “participação e da democratização das relações de poder”, sem imposições de modelos pré-determinados. As mudanças ocorridas a partir de 1993 permitem refletir sobre as diferentes representações dos conceitos deste mesmo princípio por parte das duas principais tendências vivas de nossa história política atual.

A seção *Recordando*, pedra de toque do primeiro período, lembrada e inserida nas temáticas do segundo, é então abandonada, muito embora sejam encontradas referências eventuais a subsídios anteriores. No exemplar 03/95 (penúltimo do ciclo de vida da publicação) a OP Marisa Oliveira Gomes procura recuperar o “elo perdido” com o “resgate” da história do próprio *RR*, recorrendo a Rubem Alves para auxiliar na interpretação do nome da publicação: “*Recordar*, origina-se de *de cor*, do coração (o que está no coração não esquecemos) fica eterno o que a memória ama...” Quanto ao *Renovar* “tornar novo, ou como novo, mudar ou modificar para melhor, aprimorar, recomeçar, refazer...” Acrescenta que o *RR* “é histórico, fruto de um trabalho sério – não um fruto qualquer, acabado; fruto enquanto resultado – mas aquele em constante gestação e que se transforma com o sabor, a melodia e a dança da vida vivida, cujos protagonistas, ensinantes e aprendentes sabem *de cor*”. Prosseguindo, destaca que “o que de mais importante podemos observar no *RR* em toda a sua existência senão que ele sempre investiu na ligação e na parceria com a Rede e, principalmente, na formação do professor, subsidiando-o na tarefa cotidiana de educar, coerentemente com os pressupostos filosóficos e pedagógicos vigentes em cada momento? Concluindo, pergunta: “Finalmente, o que pretendemos, ou melhor, [o que] continuamos a pretender com esse trabalho? Em uma palavra, mexer com você, educador!... sensibilizá-lo, atualizá-lo, integrá-lo, alertá-lo

²²⁷ Um evento a ser destacado no período é a realização do Congresso de Educação 1994 realizado de 25 a 30 de julho de 1994, de caráter interno, cuja chamada inicial foi inserida na última página do *RR* 01/94, não mais mencionado nos exemplares posteriores a sua realização.

para os posicionamentos e movimentos da Educação; por conseqüência torná-lo mais cômico da sua responsabilidade enquanto EDUCADOR”.

O texto que ocupou quatro páginas do *RR* 03/95 parece não ter produzido o efeito pretendido, pois o subsídio deixa de circular após a publicação do exemplar seguinte, em setembro daquele ano. Exemplar no qual identificamos três EMEIs no envio de quatro sugestões, e uma escola de Educação Especial com outras quatro. A edição traz um total de vinte e nove matérias publicadas, sendo as demais produzidas ou selecionadas por integrantes das equipes técnicas, para as áreas de Educação Especial, Creches, Ensino Profissional, que ao que tudo indica, ganharam grande parte das páginas da publicação. Por qual ou quais razões o público-leitor inicial da publicação aos poucos deixa de lê-lo?

Talvez uma possível resposta esteja no conteúdo da página 77 do último exemplar da coleção, na qual é publicada a relação de “apostilas”, além dos *RR*, distribuídas aos professores e/ou unidades escolares nos anos de 1993, 1994 e 1995. Num total de 23 apostilas para as EMEIs (sendo 13 delas, um exemplar por escola e os demais um para cada professora), quatro apostilas exclusivas para as professoras de classes de semi-internato (uma por professora) e oito para os educadores das Creches (uma por dupla ou trio) perfazem um total de 44 publicações paralelas ao *Recordando e Renovando*. Nota-se que nenhum exemplar foi entregue individualmente para os leitores das Creches e todos somente no ano de 1995.

Perguntamos aqui: O que teria motivado o início dessa produção (apostilas) em março de 1993? É possível inferir que o retorno do *RR* somente em setembro do mesmo ano pode estar relacionado a essa nova sistemática de instrumentalizar os professores? Mas por quê voltou? Teriam os professores solicitado a sua volta? Teria retornado por empenho da equipe técnica? Infelizmente não encontramos indícios suficientes para responder a essas questões, mas o fato é que o *RR* retorna e se mantém por mais dois anos.

Quanto às temáticas das “apostilas” publicadas, referem-se às diferentes áreas de conhecimento, datas comemorativas, horticultura, reciclagem, culinária, jogos e brincadeiras, reunião de pais, planejamento, observação e registro, textos e poesias para reflexão, dentre outros assuntos. Mesmo sem analisar o conteúdo das mesmas, a forma pela qual foram elaboradas e distribuídas sugere um retorno aos subsídios publicados anteriormente ao *Recordando e Renovando*, que objetivou reuni-los num todo orgânico a dialogar com as escolas. É descartada, portanto, a principal estratégia de articulação da rede entre si e com os demais serviços do departamento. Emblematicamente, o último

exemplar a circular apresenta na seção Krisis a matéria intitulada: *As Receitas*, de Rubem Alves.

2.3.3- A participação das escolas: novas comunidades de leitores

A partir da segunda fase do terceiro período novas escolas surgem no cenário de contribuições. As creches, incorporadas ao Departamento de Educação desde 1990 somente aqui, timidamente encaminham sugestões para publicações. As Escolas Municipais de Educação Especial (EMEEs) ampliam a participação que já era notada anteriormente e os CIPs (Centros de Iniciação Profissional) permanecem com uma participação direta restrita, porém com uma presença marcante através de suas coordenadoras, ao lado do Serviço de Educação Especial.

As contribuições dos Centros Comunitários, que surgem neste cenário, necessitam de um olhar atento, para a identificação mais precisa da origem das mesmas, pois os mesmos ofereciam, nas mesmas dependências físicas a Creche e a EMEI. Contudo, as temáticas enviadas pelos mesmos indicam que provavelmente trate-se de atividades para classes de 4 a 6 anos. Apesar disso optamos por destacá-los em separado na quantificação por unidade.

QUADRO 39 – Contribuições das Escolas (1993-1995)				
RR Nº/ano	Escolas	Tipo de Contribuição	Escolas	Contribuições
01/93 outubro	EMEI Ana Maria Poppovic EMEI Pe. Leonardo Nunes EMEIs Rui Barbosa, Fernando Pessoa e Vinicius de Moraes EMEI Santa Terezinha	R.E.: Colchão Humano R.E: Solidariedade- Campanha do agasalho Trabalhando temáticas – Criança pensa... Experiências vivenciadas pelas classes de 6 anos do período da manhã	06	04
02/93 dezembro	EMEI Vila Balneária EMEI Lourenço Filho EMEI Euclides da Cunha EMEI Mário de Andrade EMEI Vicente de Carvalho EMEI Hygino B. de Lima	Texto para reflexão: A marca de giz R.E.: supermercado Atividades a partir de história infantil Centenário Mário de Andrade Tudo começou com samba (musicalização) Passeio: Calçada do Lorena	06	06
Total de contribuições no ano				10

01/94 março	<p>EMEI Pedro Morassi EMEI Vital Brasil EMEI Fernando Pessoa EMEI Pe. Leonardo Nunes</p> <p>EMEI Pedro Morassi EMEI Aldino Pinotti/ CC* Marcelo Roberto Dias e EMEI Alves Dias</p>	<p>Comunicação Interna – Reflexão O passeio dos tatuzinhos- Ciências na E.I. O “livrão” da classe – Regiões do Brasil Carta enviada por mãe de aluno: Integração EMEE e EMEI: um trabalho gratificante Desmatamento da área do Matarazzo- Reflexão</p> <p>Projeto de Literatura</p>	07	06
02/94 maio	<p>EMEI Vinicius de Moraes</p> <p>EMEI Aldino Pinotti e CC Marcelo Roberto Dias</p> <p>EMEI Vinicius de Moraes EMEI Odette de Lima EMEI Euclides da Cunha EMEI Ana Henriqueta Clark Marin</p>	<p>Interdisciplinaridade na chamada Reunião dinâmica</p> <p>Projeto de Literatura</p> <p>Criança diz cada uma... idem idem idem</p>	07	04
03/94 agosto	<p>EMEI Heitor Villa Lobos (?) EMEI Antonio P.Coutinho (?) EMEI Vinicius de Moraes EMEI Cândido Portinari EMEI Odete de Lima</p> <p>EMEI Maurício Caetano de Castro (<i>Faltam as páginas pares no exemplar do acervo principal</i>)</p>	<p>Texto para reflexão: A Plenitude – Como nasceu nosso jornal Passeio à cidade da Criança Projeto de literatura Criança diz cada uma... idem idem</p> <p>Reflexão sobre Língua Pátria e Ciências</p>	06	08
04/94 setembro	<p>EMEI Mariana Benvinda da Costa EMEI Pe. Manoel da Nóbrega EMEI Aluísio de Azevedo EMEE** Marly B. Chiedde</p>	<p>Pintou o pintor no pré – Renoir</p> <p>Um achado fascinante – O casulo Carta de mãe de aluna com Síndrome de Down Carta de professora com críticas e sugestões</p>	04	04
05/94 outubro	<p>EMEI Ana Maria Poppovic</p> <p>EMEI Caetano de Campos</p> <p>EMEI Hygino B. de Lima</p> <p>EMEI José de Alencar EMEI Guilherme de Almeida</p> <p>EMEI Vila Balneária (?) EMEI Pe. José Maurício CC Mariana Benvinda da Costa EMEI Cândido Portinari EMEI Bernardo Pedroso</p>	<p>Anotações: Orientação Sexual na Escola – Marta Suplicy Anotações: Qualidade na Ed. Infantil – Fúlvia Rosemberg Anotações: A importância da representação simbólica segundo Piaget Entrevista com Feuerstein – Revista <i>Isto É</i> – ago/94 Experiência: Preparando um refrigerante Relatos: Passeio na “Calçada do Lorena” e Teatro “O lixão”</p> <p>Trabalhando com Folclore Bandeira Nacional (reprodução de notícia de jornal) Atividade: Quadros de Volpi Projeto da casinha</p> <p>Criança diz cada uma... R.E.: A Bandeira Nacional</p>	10	12

06/94 novembro	<p>EMEI Vicente de Carvalho EMEI Odette de Lima</p> <p>EMEI Caetano de Campos</p> <p>EMEI M.Inês F. de Oliveira EMEI Mário de Andrade</p> <p>EMEI Santos Dumont EMEI Euclides da Cunha EMEI Cléia M. T. de Souza EMEI Hygino B. de Lima</p>	<p>Reflexão: Não é comigo Criança diz cada uma... e Relato: conhecendo nosso corpo e Relato: O minizoológico que virou fungo</p> <p>Síntese das trocas de experiências do encontro Municipal de Educadores de SBC Relato: Semana da criança Relatos: 1 – Parlendas 2-Brinquedo, Brincadeira, Bonecos e Fantoques</p> <p>R.E.: “Entrada diferente” Concurso de desenho para a escola Relato: Confecção de Jornal Relato: Aula especial integrada- ciências e artes</p>	09	12
			Total de contribuições no ano	46
01/95 março	<p>EMEI Helena Z. da Silva EMEI Higino B. de Lima</p> <p>EMEI Pe. José Maurício</p> <p>EMEI Bernardo Pedroso EMEI Caetano de Campos</p>	<p>Poesia: <i>Catar feijão</i>- João Cabral de M. Neto Poesia: <i>Escrever ou não escrever?</i> – L. Mazzarato</p> <p>Poesia: <i>Catar feijão e trabalhar</i> – R. Moimas</p> <p>Relato: Reunião de Pais: buscando alternativas Projeto: O lixo que vira adubo</p>	04	05
02/95 maio	<p>EMEI Ondina Ignez de Oliveira</p> <p>EMEI Ana Maria Poppovic EMEI Francisco Miele</p>	<p>Cópia artigo: <i>Por que é difícil ser criativo?</i> Dorival Donadão – Reflexão</p> <p>Relato: O belo Parquinho R.E.: Enchentes</p>	03	03
03/95 julho	<p>CC D. Jorge M. de Oliveira EMEI Heitor Villa Lobos Creche do Jardim Ipê EMEI Odette de Lima</p> <p>EMEE Marly B. Chiedde</p> <p>EMEI Maurício C. de Castro EMEI Francisco Miele EMEI Ondina Ignes Oliveira</p> <p>EMEI Castro Alves EMEI Aldino Pinotti Creche Mun. Pq. S.Bernardo. EMEI Euclides da Cunha Creche M.Antonio J.Mantuan</p>	<p>Poema: <i>Crise</i> – Maurício Góes – Reflexão Professoras compositoras (espaço do educador) Relatório de troca de experiência Relato sobre as Oficinas: A relatividade</p> <p>Idem: Arte mística – “Especial” História: 20 de Agosto</p> <p>Relato: Dia dos pais Relato: Semana dos pais Relato: Estudo dos bichos do Mar</p> <p>Comentários sobre oficinas pedagógicas ministradas à rede de creches e Emeis – Maio/95 Matemática na Pré-Escola Conhecimento e expressão infantil: Artes Plásticas Idem</p> <p>A pré-escola frente ao processo de leitura/escrita Construção de brinquedos e ensino de física (pré)</p>	30	31

	EMEI Lauro Gomes/EMEI Fernando de Azevedo EMEI Cassiano Ricardo EMEI Francisco Miele EMEI V. Esperança EMEI Moysés Cheid EMEI Vinicius de Moraes EMEI B.Stª Cruz/ CMEI Omar Donato Bassani EMEI Pedro Morassi Creche Municipal J. Telma EMEI Paschoal C. Magno EMEI Heitor V. Lobos e CMEI*** N.Sª Fátima EMEI Anísio Teixeira EMEI Gonçalves Dias EMEI Terra Nova II CIP**** V. Gonçalves EMEE Marly B. Chiedde EMEE Rolando Ramacciotti	Idem Idem Idem Teatro na Educação Pré-Escolar Despertar da Criatividade Linguagem e Escrita p/ crianças de 0 a 4 anos - Ciências na Pré-Escola A elaboração da atividade de matemática... idem Sensibilização Musical - Corrigir durante a alfabetização... A arte de aprender matemática Idem Idem Comentários FENIT/FENATEC-95 Informe: Atletas pra lá de especiais Informe: Nossa atleta nos EUA		
04/95 setembro	EMEI Lauro Gomes EMEI Vila Esperança EMEI Heitor Villa Lobos EMEE Marly B. Chiedde	Projeto Lauro Gomes Trabalho sobre folclore Para saber mais sobre as plantas Experiência: Arco-íris Folclore Especial Canto e Linguagem – Ed. Especial Dia do bolinho – Ed. Especial IV Mostra de trabalhos corporais por pessoas portadoras de deficiência	04	08
		Total de contribuições		
			No ano	47
			Período	103
* CC – Centro de convivências (EMEI/CRECHE e outros serviços) ** EMEE – Escola Municipal de Educação Especial *** CMEI – Classe Municipal de Educação Infantil **** CIP – Centro de Iniciação Profissional				

De um total de 247 matérias publicadas no período, 103 foram encaminhadas por educadores, conforme Quadro 38. Embora tenhamos contabilizado somente as sugestões de matérias enviadas pelas escolas, também foram encaminhadas contribuições dos serviços de Educação Supletiva²²⁸ e PROMAC (Projeto Municipal de Alfabetização e Cidadania, nova denominação para o PAC do período anterior) através de seus coordenadores. Consideramos nesta análise as matérias publicadas, embora saibamos que

²²⁸ O projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos funcionários municipais (PAMJA) é desativado neste período, restando aos funcionários o PROMAC, aberto aos municípios em geral.

nem todas as matérias enviadas tenham sido selecionadas, pois o espaço destinado às mesmas é modificado no período, dentro da readequação editorial a que nos referimos.

Nesse período as Orientadoras Pedagógicas produzem uma quantidade maior dos textos presentes na publicação o que pode sugerir dedicação de um tempo maior em trabalhos internos no Departamento de Educação, acarretando a conseqüente redução do acompanhamento nas escolas. Desta forma, a produção da equipe ganha maior peso em relação ao período anterior, o que também significa uma maior centralidade na indicação de conteúdos e nas práticas que prescrevem. Essa estratégia é expressa nas contribuições organizadas, através da síntese de cursos ou palestras (19 pequenos textos) publicados no *RR* 03/95. O volume de matérias enviadas pelo público leitor é de 23% no primeiro período, 57% no segundo e 41% no terceiro, percentual que se reduz a 34% se excluirmos as sínteses solicitadas.

O Quadro 40 sintetiza as contribuições enviadas com a inclusão do novo público leitor, de outras áreas, de forma intencional e sistemática enquanto política editorial, sendo que a área de educação infantil continua compondo a maioria dos leitores no conjunto das escolas.

QUADRO 40 – Síntese do Número de Contribuições (1993-1995)												
ANO	ESCOLAS*					TOTAL	SUGESTÕES					TOTAL
	Creches	EMEI**	CC	EMEE	CIP		Creches	EMEI	CC	EMEE	CIP	
1993	-	12	-	-	-	12	-	10	-	-	-	10
1994	-	39	03	01	-	43	-	42	03	01	-	46
1995	04	33	01	04	01	43	04	31	01	08	01	47
TOTAL	04	84	04	05	01	98	04	83	06	09	01	103

*Consideramos o total de unidades identificadas por exemplar, independentemente da denominação.
 ** Incluir-se nesta categoria as CMEIs (Classes Municipais de Educação Infantil)

Analisando o Quadro 41 observamos que, acompanhando a tendência dos períodos anteriores, o número de escolas que encaminharam sugestões para publicação aumenta para 59 unidades, contra 47 do segundo e 35 do primeiro, por um lado acompanhando o crescimento da própria rede municipal e por outro, pela ampliação do universo de leitores com distribuição da publicação para além da área pré-escolar.

Em 1993 a rede de educação infantil (4 a 6 anos) era formada por 66 unidades, passando a 67 em 1994 e 69 em 1995, sendo que 49 EMEIs e CMEIs enviaram alguma

contribuição neste período. Conforme sugerimos anteriormente, a participação tanto pode estar relacionada à contribuição espontânea e desejosa em compartilhar e discutir experiências, por parte de algumas escolas, como solicitada pela equipe organizadora como estratégia de controle da participação. As contribuições enviadas sugerem que alguns projetos passaram a ganhar visibilidade e as mesmas escolas encaminham periodicamente os resultados alcançados, como no caso do projeto de Literatura.

A rede de creche manteve 19 unidades em 1993/94 passando a 21 em 1995, sendo que quatro delas podem ser identificadas no envio de sugestões, o que pode revelar uma relativa articulação das mesmas em relação às reflexões teórico-práticas relacionadas ao fazer pedagógico propriamente dito.

Duas unidades da área de Educação Especial são identificadas no envio de nove contribuições, sendo que as demais apresentam uma participação eventual. Em termos relativos, a área de Educação Especial supera a média de contribuições da área de Educação Infantil, levando-nos a inferir que os profissionais dessa área conquistaram no RR um espaço importante de participação e de visibilidade para seus projetos.

Em relação aos Centros de Iniciação Profissional, que neste período ainda estavam sob a competência administrativa do Departamento de Educação²²⁹, com cerca de 20 unidades, é identificada somente uma no envio direto de sugestões, como no período anterior. Há, porém, um número significativo de matérias publicadas produzidas por suas coordenadoras.

QUADRO 41- Contribuições por escola nas sugestões enviadas 1993-1995				
Escolas	1993	1994	1995	TOTAL
1. EMEI Ana Maria Poppovic	01	01	01	03
2. “ Pe. Leonardo Nunes	01	01	-	02
3. “ Rui Barbosa	01	-	-	01
4. “ Fernando Pessoa	01	-	-	01
5. “ Vinicius de Moraes	01	03	01	05
6. “ Santa Terezinha	01	-	-	01
7. “ V. Balneária	01	01	-	02
8. “ Lourenço Filho	01	-	-	01
9. “ Euclides da Cunha	01	01	01	03

²²⁹ Em 1998 os Centros de Iniciação Profissionais, então denominados EMIPs – Escolas Municipais de Iniciação Profissional – foram transferidos para a Sedesc (Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania), mas as professoras que neles atuavam permaneceram vinculadas ao quadro do magistério municipal.

10.	“ Mario de Andrade	01	01	-	02
11.	“ Vicente de Carvalho	01	01	-	02
12.	“ Hygino B. de Lima	01	02	01	04
13.	“ Pedro Morassi	-	02	01	03
14.	“ Vital Brasil	-	01	-	01
15.	“ Aldino Pinotti	-	02	01	03
16.	C.C. Marcelo Roberto Dias	-	02	-	02
17.	EMEI Alves Dias	-	01	-	01
18.	“ Odette de Lima	-	03	01	04
19.	“ Ana Henriqueta C. Marin	-	01	-	01
20.	“ Heitor Villa Lobos	-	01	03	04
21.	“ Antonio P. Coutinho	-	01	-	01
22.	“ Mariana B. da Costa	-	02	-	02
23.	“ Pe. Manoel da Nóbrega	-	01	-	01
24.	“ Aluísio de Azevedo	-	01		01
25.	EMEE Marly B. Chiedde	-	01	07	08
26.	EMEI Caetano de Campos	-	02	-	02
27.	“ José de Alencar	-	01	-	01
28.	“ Guilherme de Almeida	-	01	-	01
29.	“ Pe. José Maurício	-	01	-	01
30.	“ Cândido Portinari	-	02	-	02
31.	“ M. Inês Fávero de Oliveira	-	01	-	01
32.	“ Santos Dumont	-	01	-	01
33.	“ Cléia Teures de Souza	-	01	-	01
34.	“ Helena Zanfelize da Silva	-	-	01	01
35.	“ Pe. José Maurício	-	-	01	01
36.	“ Bernardo Pedroso	-	01	01	02
37.	“ Ondina Ignez de Oliveira	-	-	01	01
38.	“ Francisco Miele	-	-	03	03
39.	C.C. D. Jorge M. de Oliveira	-	-	01	01
40.	CRECHE M. Jardim Ipê	-	-	01	01
41.	EMEI Maurício C. de Castro	-	-	02	02
42.	“ Castro Alves	-	-	01	01
43.	CRECHE M. Parque São Bernardo	-	-	01	01
44.	CRECHE M. Antonio J. Mantuan	-	-	01	01
45.	EMEI Lauro Gomes	-	-	02	02
46.	“ Fernando de Azevedo	-	-	01	01
47.	“ Cassiano Ricardo	-	-	01	01
48.	“ Vila Esperança	-	-	02	02
49.	“ Moisés Cheid	-	-	01	01

50. “ Bairro Santa Cruz	-	-	01	01
51. CMEI Omar Donato Bassani	-	-	01	01
52. CRECHE M. Jardim Telma	-	-	01	01
53. EMEI Paschoal Carlos Magno-	-	-	01	01
54. CMEI Nossa S ^a . de Fátima	-	-	01	01
55. EMEI Anísio Teixeira	-	-	01	01
56. “ Gonçalves Dias	-	-	01	01
57. “ Terra Nova II	-	-	01	01
58. CIP Vila Gonçalves	-	-	01	01
59. EMEE Rolando Ramacciotti	-	-	01	01
60. Não identificada	-	03	-	03
Total de contribuições				103
*Os totais indicados referem-se às contribuições por escolas, sendo que algumas resultaram de trabalhos conjuntos, impedindo, portanto, uma totalização equivalente ao quadro anterior.				

Apesar do aumento nas contribuições, verifica-se uma maior pulverização das mesmas, pois poucas escolas encaminharam mais de uma contribuição no período (somente dez em sessenta). Parte dessas, encaminhando as sínteses de cursos ou palestras a serem publicadas no *RR 03/95*, o que totalizou 19 pequenos textos redigidos por 22 escolas e nos permite a visualização de um número de contribuições, aparentemente maior do que no período anterior, como comentado anteriormente. De certa forma, essa estratégia de inclusão das escolas sugere uma maior centralidade no controle da participação dos leitores nesse período.

Quanto aos temas encaminhados, os Relatos de Experiência continuam em destaque como no período anterior, mas em menor quantidade. A identificação desta categoria passa a ser mais problemática, pois ora se intitulam como tal, ora como relatos simplesmente, ora como projetos ou por um título genérico, exigindo a leitura do texto para a categorização.

Em segundo lugar agrupamos as anotações, comentários e relatórios sobre textos lidos ou participação em encontros, seminários e outros eventos.

Os textos e poesias para reflexão ocupam o terceiro lugar na quantidade de contribuições, sendo que grande parte não traz indicação de fonte ou autor. Nesta categoria, muda a natureza dos textos em relação ao período anterior, não mais apoiados em suportes teóricos específicos com o objetivo de reformulação curricular, mas discutindo conflitos existenciais ou envolvendo a educação, a criança e o educador, sendo

a maioria publicada sob a temática Crise, de caráter psicológico ou de auto-ajuda, substituindo a crítica sociológica.

QUADRO 42 – Contribuições – Tipos de Sugestões (1993-1995)	
TEMAS	Nº
Relatos de Experiências/Projetos	49
Anotações/ Comentários/relatórios	27
Textos/Poesias para reflexão	11
Criança pensa/Criança diz cada uma	07
Informes	03
Cartas	03
Entrevistas	01
Outros	02
Total	103

Na seqüência, temos a continuidade do envio de pequenos relatos de situações sérias ou divertidas envolvendo observações, perguntas ou explicações de crianças reveladoras da instigante lógica infantil, iniciadas provavelmente objetivando a reflexão sobre as características do pensamento da criança, mas que gradativamente vão conferindo uma inserção mais “leve” a um conjunto cada vez mais volumoso de leituras.

O número de cartas enviadas é bastante reduzido, limitando-se a três cartas de mães de alunos portadores de necessidades especiais descrevendo os avanços conquistados com o atendimento na rede e de uma de professora de uma das escolas de Educação Especial que elogia algumas matérias publicadas, e afirma ler o *RR* na íntegra, “só que isto não tem acontecido com freqüência”, sugerindo que “seria bom aumentar o número de exemplares para a nossa escola”.²³⁰

A solicitação da professora procede, pois enquanto a média de matérias publicadas por exemplar nos períodos anteriores foi de quatorze e doze respectivamente, neste período eleva-se para vinte por exemplar, mais extensas, com maior volume de caracteres por página, o que passou a exigir um maior tempo de leitura. Desde o início de seu ciclo de

²³⁰ *RR* n.º.s 01/94 e 04/94.

vida o *RR* foi produzido para as escolas e não individualmente para cada professora, o número de exemplares enviados pode ter se tornado insuficiente para o esquema de rodízio em algumas escolas o que, provavelmente, também tenha dificultado sua utilização nas reuniões pedagógicas. Este constitui mais um indicador de que a área de Educação Especial, de onde provêm as cartas enviadas, tenha gradativamente conquistado um espaço de maior participação na elaboração do *RR* e na ampliação da discussão do Projeto de Educação Inclusiva.

Por outro lado, também é possível verificar o gradativo desinteresse das EMEIs pela publicação, revelado principalmente pelo recado que destacamos quanto à não retirada da mesma pelas escolas.

Os informes se referem a eventos, cursos, palestras, atividades em geral, inclusive relativas ao Departamento de Cultura e outros setores da administração.

É possível observar que os relatos e sugestões de atividades em torno da linguagem oral e escrita se destacam no período, principalmente na área de literatura infantil, iniciado no período anterior com a publicação do livro *O menino descobridor* da professora Marlene Frigo, cuja leitura e discussão nas escolas propiciaram novas experiências, bem como a sistematização do Projeto de Literatura em algumas delas.

Outra área abordada com certa ênfase é a relativa às artes plástica e musicalização, com o enfoque na releitura de obras de arte, destacando a produção de pintores consagrados.

Um conjunto de pequenos (ou grandes) indícios vai assim delineando o último período do ciclo de vida do *RR* quanto às contribuições de seus leitores: abordagens mais lúdicas, textos mais “suaves”, “reflexivos”, mais voltados às artes e literatura, com o objetivo de apresentar resultados no desenvolvimento de determinadas práticas. Por outro lado, um conjunto de autores em diferentes suportes é identificado nas matérias publicadas, bem como nas indicações de leituras que as acompanham.

Excetuando-se as listas de catálogos de editoras, prevalecem indicações de textos publicados em livros (138), com um total superior aos dos períodos anteriores (96 e 103, respectivamente). A inclusão de seis listas ou catálogos acrescenta 305 títulos aos indicados no período. Desconhecemos se a publicação das mesmas se deu a pedido das editoras ou por iniciativa da equipe. Resenhas de alguns livros continuam sendo apresentadas na seção *Sugestões*.

2.3.4. A indicação de textos e autores

QUADRO 43- Indicações bibliográficas /Suportes de texto - (1993-1995)										
ANO	Livros				Subsídios Manuais Apostilas	Revistas	Jornais	Listas	N/C	Total geral
	A	B	C	Total						
1993	07	01	-	08	03	02	-	-	-	13
1994	36	34	04	74	11	13	08	02	07	115
1995	35	06	15	56	12	05	02	04	05	84
TOTAL	78	41	19	138	26	20	10	06	12	212

Há um aumento nas indicações de subsídios diversos, dentre eles, transcrições de palestras ocorridas em seminários, encontros e congressos. Cresce também, em relação ao período anterior, a reprodução de textos ou artigos publicados em revistas, principalmente as dirigidas ao grande público (*Isto é, Veja, Cláudia, Pais e Filhos, Superinteressante, Seleções-Reader's Digest*) ao lado de pedagógicas (*Nova Escola, Criança, Ciências para Crianças*). Enquanto no primeiro período as revistas traziam sugestões de jogos, atividades ou histórias infantis e no segundo somente duas indicações foram apresentadas, no terceiro período há uma variedade de artigos sobre temas diversos, educação, trabalho infantil, questão de gênero, defesa do consumidor, dentre outros. Nota-se um apelo a textos relativos à área pedagógica produzidos pela indústria cultural, divulgados, muitas vezes, de forma simplificadora, pasteurizada, produzidos pela ótica do consumo, considerando-se que os meios de comunicação de massa vulgarizam o conhecimento científico, massificando-o. Incorporando essa forma de trabalhar aos conhecimentos científicos, é possível que muitos professores optem pelos mesmos como forma de “aligeirar” a obtenção de informações devido ao pouco tempo que a maioria dispõe para dedicar-se à leitura de textos mais longos e complexos, de caráter teórico, também apresentados no subsídio.

A classificação inicial das leituras indicadas mostra ainda a prevalência das indicações de histórias para crianças, seguida de obras ou artigos que tratam dos fundamentos da educação (psicologia, filosofia, sociologia, lingüística e outros) com um

número pouco inferior de obras que discutem ou trazem conteúdos relacionados à prática docente, ao fazer cotidiano.

Os textos para reflexão em parte não trazem indicação de autor ou fonte e são oriundos de suportes diversos. Platão, Drummond de Andrade, Paulo Coelho, André Luiz, Rubem Alves, John Donne, Maurício Góis estão dentre os autores identificados em excertos ou poesias destinados a conduzir o leitor a refletir sobre temáticas diversas.

A maioria das indicações de cunho informativo geralmente está relacionada a eventos cíclicos, como Copa do Mundo, ou direitos do consumidor, meio ambiente, dentre outros, e tem como suporte principal matérias jornalísticas, seguidas de livros (enciclopédia, guias).

Há um número significativo de obras dedicadas à orientação de pais e/ou alunos, nas áreas familiar, afetiva, sexual. A psicologia continua exercendo forte domínio na análise de problemas sociais, familiares, escolares, sendo abordada também em matérias publicadas por revistas dirigidas ao grande público, como os dois artigos sobre crianças especiais, das revistas *Cláudia* e *Pais e Filhos*. Não há indícios de que a publicação tenha sido direcionada em algum momento a outro público que não o de professores, portanto, se não muda o público, certamente muda a representação de professor ou pelo menos de parte dos professores, pois no outro extremo, em termos de densidade das sugestões de leitura, temos indicações de obras nos originais em língua francesa ou inglesa (Henri Wallon e B. Bernstein).

As indicações relacionadas às áreas de saúde e cultura corporal diferem das indicadas nos períodos anteriores, nas quais o foco era a criança. Neste, com exceção de uma indicação sobre fonoaudiologia na escola, as demais se destinam aos professores (saúde vocal) ou ao público em geral, no caso de seis indicações sobre cultura corporal, como *Shiatsu e alongamento*, *Trabalho corporal intuitivo*, *Vida e movimento*, *Respiração* e outros, voltados para o público adulto.

As indicações na área de educação ambiental também se fazem presentes, porém sem o espaço específico conquistado no período anterior. Apresentam-se diluídas nas seções em meio a outros temas, como saúde, questão indígena, terceira idade, discussão sobre o papel da mulher na sociedade ou a questão da repressão sexual e os estereótipos que envolvem a opção mãe-professora, neste caso com a indicação de obras de Alícia Fernandez e Marta Suplicy.

Teóricos da educação, da psicologia, da linguagem e do desenvolvimento humano (Waloon e Vygostzki, Winnicott, Jung, Snyders, Jean Hebrard, Bernstein, E. Ferreiro, Pierre Weill, Bettelhein), também são indicados. Diferentemente do período anterior, Piaget somente aparece através de seus intérpretes.

Somente as indicações contidas nas matérias publicadas (212) dão a dimensão da diversidade e do ecletismo de orientações. Num mesmo exemplar (06/94) podemos encontrar John Donne, Madalena Freire, Jean Chateau, Alícia Fernandez, Paulo Coelho, Jung, Ana Luiza Smolka e Freud. Em outro (02/94) André Luiz, Douglas Tufano, Carlos Drumonnd de Andrade, Jean Hebrard, Esther Grossi, Jussara Bordin, Emília Ferreiro, Demerval Saviani, Ilma P. A. Veiga, Biblioteca do Escoteiro Mirim, Enciclopédia Fundamental *A aventura do homem*.

QUADRO 44 – Gênero/Temas das indicações por suporte de texto- (1993-1995)							
TEMAS / suportes>	Livros	Subsídios	Revistas	Jornais	Listas	N/C	Total
Literatura Infantil	60	--	01	-	-	--	61
Fundamentos	26	06	05	-	-	01	38
Prática docente	17	06	03	01	-	02	29
Textos para reflexão	04	01	01	02	-	08	16
Informativos	04	01	03	05	-	-	13
Orientação em geral	09	01	-	01	-	01	12
Saúde/Cultura física	09	01	01	-	-	-	11
Educação ambiental	02	04	01		-	-	07
Sugestões de leitura	-	-	-	-	06	-	06
Ed. Especial	02	01	02	-	-	-	05
Mulher/Sexualidade	02	-	01	01	-		04
Educação Musical	03	-	-	-	-	-	03
Questão indígena	-	01	01	-	-	-	02
Formação/professores	-	02	-	-	-	-	02
Propostas curriculares E I	-	02	-	-	-	-	02
Ensino Profissional	-	-	01	-	-	-	01
TOTAL	138	26	20	10	06	12	212

Pode-se apreender, pelo teor das indicações, que a publicação torna-se cada vez mais eclética, num quadro de diversificação e de inclusão de generalidades, com a absorção da cultura de massa. Procura abranger um público diversificado, com uma quantidade crescente de matérias publicadas, questionável quanto à possibilidade de serem discutidas pelos professores em geral, dentro de uma rotina de ampliação de jornada de trabalho nos diferentes serviços.

As diferentes vozes aos poucos se diluem na publicação. A criança deixa de ser o foco principal das discussões. Novos sujeitos e novas emergências intercalam-se na forma e no conteúdo. Diferentes concepções de sociedade, de crianças, de processo ensino-aprendizagem se sobrepõem aparentemente sem confrontos, sem polêmicas. Há como que uma “neutralização” dos conteúdos, na forma como são apresentados, diluindo-se a discussão política, num volume cada vez maior de matérias publicadas.

Uma análise superficial da produção paralela voltada para a educação infantil revela que “o que fazer” e o “como fazer” tenham ocupado a centralidade das discussões. É possível que as mesmas tenham se tornado a leitura principal dos professores, nos anos seguintes. O “retorno das apostilas”, da (prévia) história do *RR*, para o seu ex-leitor, fecha o círculo histórico de sua publicação.

QUADRO 45 – Indicações bibliográficas – geral – Terceiro período (1993 a 1995)

RR Ano	Suporte	Autor	Título	Editora	Data	Tema
01/93	transcrição	CARVALHO, Marlene	<i>Receita de alfabetização. Alfabetização sem receita</i>	Palestra/UERJ	25/9/89	prática docente
	livro	FRIGO, Marlene	<i>O menino descobridor</i>	CELP/Instituto Metodista – PMSBC	1990	literat. infantil
02/93	livro	OECH, Roger Von	<i>Um toc na cuca</i>	Livraria Cultura	1988	reflexão
	livro	PICCOLOTTO, Leslie.	<i>O fonoaudiólogo e a escola</i>	SP: Summus	1991	saúde
	livro	BERNSTEIN, Basil	<i>Class, codes and control</i>	Londres, Routledge& Kegan Paul	1977	fundamentos
	livro	DAVIS, Claudia e MORAES, Zilma	<i>Psicologia da educação</i>	SP: Cortez	1992	fundamentos
	livro	JEANDOT, Nicole	<i>Explorando o universo da música</i>	Scipione	S/d	ed. musical
	livro	WISNIK, José Miguel	<i>O som e o sentido: outra história das músicas</i>	Companhia das Letras	S/d	idem
	livro	HOUVARD, Walter	<i>A música e a criança</i>	Summus Ed.	S/d	idem

	revista	MACHADO, Ana Maria Revista Cláudia	<i>A estrela do presépio</i>	Ed. Abril	S/d	história infantil
	transcrição	DUARTE, Agda Célia Chaves	<i>Capacitação em serviço com prof's de escola rurais – CATU – Bahia</i>	Encontro Latino Americano de Alfabetização	Uruguai ago/93	formação professores
	transcrição	BANDEIRA, Carmem / SOUZA, Ester	<i>Conferência: Capacitação de Ed. popular através de oficinas de leitura</i>	idem	idem	formação de professores
	revista	Revista Nova Escola	<i>Oficinas de leitura</i>	Ed. Abril	out/93	prática docente
01/94	subsídio	Secretaria Municipal de Educação/Seção de fonoaudiologia- DSE 35	<i>Projeto Saúde vocal do professor</i>	Pref. Municipal São Paulo	fev./85	saúde vocal
	revista	Ciências p/ crianças, nº.11	<i>O passeio dos bichinhos</i>	FUNBEC	ago/89	prática docente
	livro	BUITONI, Dulcília S.	<i>Quintal mágico</i>	n/c	s/d	prática docente
	livro	FERREIRO, Emília	<i>Com todas as letras</i>	SP: Cortez	1992	fundamentos
	subsídio	Departamento de Educação/SCS	<i>Lingua Portuguesa</i>	PMS.Caetano Sul	1987	prática docente
	caderno	NIMUENDAJU, RODRIGUES e CUNHA	<i>Índios Brasileiros</i>	CEDI	nov/93	questão indígena
	revista	CARBONEL, Kika e PRIETO, Heloisa	<i>Superinteressante nº.5 Elas crescem sozinhas e outros</i>	Ed.Abril	mai/88	questão indígena
	n/c	THOMAS, Marcos Elias	<i>Envelheço</i>	n/c	n/c	reflexão
	livro	FRIGO, Marlene	<i>O menino descobridor</i>	CELP- Instituto Metodista/ PMSBC	1990	lit. infantil
	livro	Monografias médica, Série Pediatria – vol. XXXII	<i>Fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional em pediatria</i>	SP: Ed. Sarvier	1990	Saúde
	livro	ARDORE, Marilena; REGEN, Mina e HOFFMAN, Vera Boher	<i>Eu tenho um irmão deficiente... vamos conversar sobre isso</i>	SP: Ed. Paulinas	1988	ed. especial
02/94	livro	LUIZ, André	<i>Respostas da vida</i>	S/local::Ed. Ideal	S/d	reflexão/arte
	[revista]	TUFANO, Douglas	<i>Os jovens e os livros</i>	N/c	N/c	reflexão
	jornal	ANDRADE, C. Drummond	<i>Da utilidade dos animais- crônica</i>	Estado de Minas	31/8/71	reflexão
	transcrição	HEBRARD, Jean –	<i>Da alfabetização à escolaridade em massa nos países latinos da Europa</i>	Seminário Internacional de alfabetização SP: Memorial A.Latina	7a10/ 03/94	fundamentos
	livro	GROSSI, Esther P. e BORDIN, Jussara	<i>Paixão de Aprender</i>	Vozes	1994	fundamentos
	livro	FERREIRO, Emília	<i>Com todas as letras</i>	SP:Cortez , Ed.	1992	fundamentos
	livro	VEIGA, Ilma Passos Alencastro	<i>Repensando a Didática</i>	Campinas SP: n/c	n/c	fundamentos
	livro	SAVIANI, Demerval	<i>Pedagogia histórico-crítica</i>	SP: Cortez Ed.	1991	fundamentos
	livro	Biblioteca do Escoteiro Mirim	<i>A copa do mundo</i>	Ed. Nova Cultura	s/d	Informativo esportes
	livro	A ventura do Homem- Enciclopédia fundamental	<i>O Esporte</i>	n/c	s/d	idem
03/94	livro	FERREIRO, Emília	<i>Alfabetização em processo</i>	SP: Cortez	s/d	fundamentos

	livro	GROSSI, Esther P. e BORDIN, Jussara	<i>Construtivismo pós-piagetiano: um novo paradigma sobre aprendizagem</i>	RJ: Vozes	1993	fundamentos
	livros (2)	ZIRALDO	<i>Um amor de família Cada um mora onde pode</i>	n/c	n/c	lit. infantil (2)
	livro	RODRIGUES, Marlene	<i>Psicologia Educacional- uma crônica do desenvolvimento humano</i>	Mac Graw Hill	s/d	fundamentos
04/94	n/c	autor desconhecido (como consta)	<i>Sobre gansos e equipes</i>	n/c	n/c	reflexão KRISIS
	livro	WARCHAUER, Cecília	<i>A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento</i>	RJ: Paz e Terra	1993	prática docente
	jornal	Diário do Grande ABC	<i>Tema: Eleições</i>	Santo André	27/8/94	informativo/ eleições
	jornal	Diadema Jornal	<i>Eleições</i>	Diadema	25/8/94	idem
	jornal	Estado de São Paulo	<i>Suplemento: O Estadinho – eleições</i>	São Paulo	27/8/94	idem
	revista	Cláudia – nº. 395	<i>Eleições</i>	SP:Abril	s/d	idem
	revista	Veja	<i>Inflação x ensino: intersecções que penalizam a educação</i>	SP:Abril	20/4/94	prática docente
	revista	Superinteressante	<i>Dinheiro: durabilidade e segurança</i>	SP: Abril	julho/94	informativo
	apostila	SILVA, Sandra Jules	<i>Florestas Intertropicais</i>	PMSBC	1993	ed.ambiental
	cadernos	Secretaria Meio Ambiente	<i>Série Educação Ambiental: Serra do mar: uma viagem à mata Atlântica</i>	Governo do Estado de São Paulo	1992	ed.ambiental
	livro	COLEMAN, James C.	<i>A psicologia do anormal e a vida contemporânea</i>	n/c	s/d	ed. Especial
	revista	Revista Cláudia	<i>Sobre crianças especiais</i>	n/c	s/d	ed. Especial
	revista	Revista Pais e Filhos	<i>Sobre crianças especiais</i>	n/c	s/d	ed. Especial
	lista	Biblioteca Dep. Educação	RELAÇÃO DE 40 LIVROS PARA CONSULTA	Diversas	div.	atualização
	livro	GARCIA, Regina Leite	<i>Revisitando a pré-escola</i>	SP: Cortez	1993	prática docente
	livro	REGO, Lúcia L. B.	<i>Literatura Infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola</i>	SP: FTD	1990	prática docente
	livro	ROCHA, Ruth	<i>O rei que não sabia de nada</i>	Ed. Salamandra	s/d	literatura inf.
	livro	VEIGA, Luiz m.	<i>O que faz o presidente</i>	n/d	s/d	literatura inf.
	livro	ZIRALDO	<i>A casinha pequenina</i>	n/c	s/d	literatura inf.
	livro	LIMA, Ely	<i>Papai maravilha</i>	n/c	s/d	literatura inf.
	livro	ECO, Umberto	<i>O nome da rosa</i>	Nova Fronteira	s/d	literatura
05/94	n/c	RUSSEL, Bertrand	<i>Caminhos para a liberdade</i>	n/c	s/d	reflexão KRISIS
	n/c	DEHEINZELIN, Monique	<i>A questão do currículo para a Pré-Escola: origens e desdobramentos</i>	n/c	n/c	fundamentos
	caderno	Departamento de Educação	<i>Uma proposta integrada para o trabalho em Creches e Emeis</i>	PMSBC	1992	currículo E I
	transcrição	MENEZES, Sulamita Ponzo	<i>Informática como meio para o desenvolvimento do pensamento lógico (palestra)</i>	I Encontro Nacional de Educação de Surdos	20/4/94	ed. Especial

	livro	WALLON, Henri	<i>Psicologia e Educação da Infância</i>	Lisboa: Estampa	n/c	fundamentos
	revista	Pour L'Ere Nouvelle/Henry Wallon	<i>La Pédagogie expérimentale</i>	n/c	out/nov. 1949	fundamentos
	idem	idem	<i>A tous</i>	n/c	mar/abr. 1948	Idem
	n/c	Regard/ Henry Wallon	<i>Prennez vous scin de votre plusprécieux capital</i>	Paris, nº360	1953	Idem
	livro	TRAN-THONG	<i>La pensée pédagogique de Henri Wallon</i>	Paris: PUR (?)	1969	Idem
	revista	Lês ciencias de L'education pour L'Ere Nouvelle/	<i>La pensée pédagogique de Henri Wallon</i>	n/c	1970	Idem
	livro	SNYDERS, George	<i>Em quel seusparler augourd'hui d'une pédagogie Wallonienne?</i>	Paris: PUF (?)	1964	Idem
	jornal	PENTEADO, Heloisa Dupas	<i>Criança, TV e escola</i>	Jornal Giz – nº.9	s/d	prática docente
	revista	DEHEINZELIN, Monique/Revista Criança	<i>O discurso do anti-método</i>	MEC/Brasília	1994	fundamentos
	livro	SUPLICY, Marta	<i>Sexo para adolescentes</i>	n/c	s/d	orientação sexual
	livro	n/c	<i>Papai, mamãe e eu</i>	n/c	s/d	Idem
	livro	n/c	<i>De onde viemos</i>	n/c	s/d	Idem
	livro	FERNANDES, Alícia	<i>A inteligência aprisionada</i>	n/c	s/d	Idem
	subsídio	n/c	<i>Guia de orientação Sexual – Guia de parâmetros (sic)</i>	n/c	s/d	Idem
	revista	ISTO É FEUERSTEIN, Reuven	<i>Inteligência se aprende</i>	Ed. Abril]	ago/94	fundamentos
	jornal	Folha de S. Paulo/Cotidiano	<i>Brasileiro torce com a bandeira errada</i>	[Empresa Folha da Manhã]	14/6/94	Informativo
	apostila	PEDROSO, M. Fernanda	<i>Plantas medicinais: cura ou envenenamento?</i>	n/c	s/d	ed.ambiental
	livro	LORENZI, Harri	<i>Plantas daninhas do Brasil</i>	Ed. Plantarum Ltda	s/d	Idem
	livro	OLIVEIRA, Marta Kohl de	<i>Vygotsky – aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico</i>	SP: Scipione	s/d	fundamentos
	livro	OLIVEIRA, Vera Barros e BOSSA	<i>Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos</i>	RJ: Ed. Vozes	s/d	prática docente
	livro	WEIL, Pierre e D'AMBROSIO Ubiratan	<i>Rumo à nova transdisciplinaridade – sistemas abertos de conhecimento</i>	RJ: Ed. Vozes	s/d	fundamentos
	livro	VINHARES, Regina	<i>O escrito, o dito e o feito</i>	Ed. Papyrus	s/d	prática docente
	livro	ARCHANJO, Cinéas Santos	<i>O menino que descobriu as palavras</i>	Ática	s/d	literatura inf.
	livro	PACOVSKÁ, Kveta	<i>Jogo da meia-noite</i>	Ática	s/d	literatura inf.
	coleção (5)	PAES, José Paulo	<i>Coleção Poesia para crianças: Olha o bicho; O menino de olho d'água; Lé com Cré; Sem cabeça nem pé; Poemas para brincar.</i>	n/c	s/d	literatura inf.(5)
06/94	n/c	DONNE, John	<i>Ninguém é uma ilha completa...</i>	n/c	s/d	reflexão KRISIS
	transcrição	FREIRE, Madalena	<i>Painel: Escola, grupo e democracia (palestra)</i>	Porto Alegre	abr/92	prática docente
	jornal	Estado de São Paulo	<i>Livros ajudam crianças a conviver com os medos</i>	São Paulo	30/5/94	orientação
	livro	SHNER, Laurie e MEYERSON, Mitch	<i>Quando os pais amam demais</i>	Ed. Saraiva	s/d	orientação

	livro	CHATEAU, Jean	<i>O jogo e a Criança</i>	Summus Ed.Ltda	s/d	fundamentos
	livro	ILG, F. L. e ANES, Louise Bates	<i>Psicologia aplicada à educação e orientação infantil</i>	Ed. Artes Médicas	s/d	orientação
	livro	FERNANDEZ, Alícia	<i>La sexualidade atrapada de la señorita maestra: una leitura psicopedagógica del ser mujer, la corporeidad y el aprendizaje</i>	Buenos Aires, Ed. Nueva visión	s/d	sexualidade
	lista	Biblioteca Dep. de Educação	RELAÇÃO DE 19 NOVOS TÍTULOS	diversos	div.	atualização
	livros (3)	S/autor – Medo do Escuro	<i>O puxapé; Invente um medo para dormir; Quem tem medo de escuro?</i>	Ed. Scipione	s/d	literatura inf.(3)
	livros (4)	S/autor – Medo de assombração e monstros	<i>Vamos assustar Betinha? Fantasma existe? A mulher dos trapos Quem tem medo de monstro?</i>	Ed. Loyola Ed. Lastri Ed. Scipione idem	s/d	idem (4)
	livros (2)	S/autor – Medo de bruxa	<i>Coleção Bruxa Onilda Quem tem medo de bruxa?</i>	Ed. Scipione	s/d	idem (2)
	livros (3)	S/autor – Medo de água	<i>Tenho medo, mas dou um jeito Quem tem medo de tempestade? Quem tem medo de mar?</i>	Ed. Lastri Ed. Scipione idem	s/d	idem (3)
	livros (4)	S/autor – Medo de não ser aceito ou ficar só	<i>Ninguém gosta de mim? Como nasceu a alegria A menina e o pássaro encantado Quando estou sozinho</i>	Ed. Lastri Ed. Paulus Ed. Loyola Ed. Collis	s/d	idem (4)
	livros (3)	S/autor – Medo da morte	<i>O medo da sementinha A montanha dos gansos selvagens A visita</i>	Ed. Paulus Ed. Paulus Ed. Scipione		idem (3)
	livros (3)	S/autor – Medo de dentista e hospital	<i>Será que vai doer? Quem tem medo de dentista? A operação de Lili</i>	Ed. Lastri Ed. Scipione Ed. Paulus	s/d	idem (3)
	livro	n/c	<i>Guia de Orientação Sexual – diretrizes e metodologia da Pré-Escola ao Segundo grau</i>	Ed. do Psicólogo	s/d	prática docente
	jornal	COELHO, Paulo	<i>A verdade deve ser bem utilizada</i>	Folha de São Paulo	21/8/94	Reflexão
	livro	JUNG, Carl g.	<i>O homem e seus símbolos</i>	Ed. Nova fronteira	s/d	fundamentos
	livro	GÔES, M.Cecília R. e SMOLKA Ana Luiza (orgs.)	<i>A linguagem e o outro no espaço escolar</i>	Ed. Papyrus	s/d	prática docente
	livro	n/c	<i>Freud e a educação – O mestre do impossível</i>	Pensamento e Ação no magistério-Scipione	s/d	fundamentos
01/95	livro	CHALLITA, Mansour	<i>Os mais belos pensamentos de todos os tempos</i>	RJ: EBAL	s/d	reflexão KRISIS
	livro	PLATÃO	<i>A República</i>	Livr.Exp. do Livro	s/d	reflexão KRISIS
	livro	FERNANDEZ, Alícia	<i>A mulher escondida na professora</i>	Artes Médicas	1994	mulher
	revista	Nova Escola, nº. 78	<i>Temática: Mulher/Professora</i>	Ed. Abril	set./94	mulher
	livro	BETTELHEIN, B.	<i>Uma vida para seu filho</i>	SP: Campus	1987	orientação familiar
	livro	PRADO, D.	<i>O que é família –</i>	Brasiliense	1982	orientação familiar
	livro	ENGELS, F.	<i>Origem da família, da propriedade privada e do Estado</i>	Civilização Brasileira	s/d	fundamentos

	caderno	SZYMANSKI, H.	<i>Trabalhando com famílias- Cadernos de Ação- Centro Brasileiro para Infância e Adolescência – CBIA</i>	São Paulo:PUC IEE-Instituto de Estudos Especiais	1992	orientação familiar
	livro	CANEVACCI, m.	<i>Dialética da família</i>	SP: Brasiliense	1987	Fundamento
	lei	BRASIL – Lei nº. 8069	<i>Estatuto da Criança e do Adolescente</i>	Brasília/Gov. Federal	13/7/90	fundamentos/le gislação
	mimeo	MELLO, A.M.A.	<i>Relações creche-família</i>	n/c	s/d	prática docente
	caderno	MOURA, Manoel Oriosvaldo de	<i>O jogo e a construção do conhecimento lógico matemático-Caderno Idéias n.10</i>	S. Paulo. FDE	1991	prática docente
	n/c	NETO, João Cabral de Mello	<i>Catar feijão (poesia)</i>	n/c	s/d	prática docente
	livro	SOUTTER-PERROT, Adrienne	<i>A minhoca</i>	Edições Melhoramentos	s/d	lit. infantil
	coleção	n/c	<i>Um passo à frente</i>	Ática	s/d	prática docente
	livro	PRADO, D.	<i>O que é família</i>	SP: Brasiliense	1982	fundamentos
02/95	n/c	Teatro Ventoforte	<i>Teatro para um homem de olhos abertos</i>	n/c	s/d	reflexão KRISIS
	Transcrição	DE LA TAILLE ,Yves	<i>A cidadania na educação (palestra)</i>	IPEC/FSA	8e9/03 1995	fundamentos
	revista	CERVANTES, Onivaldo e ABRAHÃO, Marcio	<i>O nódulo vocal- conceitos atuais</i>	Revista Brasileira de medicina-	jan/95	saúde
	subsídio	Curso	<i>Educação ambiental e recursos hídricos</i>	USP/São Carlos	s/d	ed.ambiental
	revista	Veja, ano 28, nº 10	<i>Matéria especial/Meio ambiente</i>		mar/95	ed.ambiental
	livro	BALABAN, Nancy	<i>O início da vida escolar- da separação à independência</i>	n/c	s/d	Orientação
	livro	OLIVEIRA, Zima M. R.	<i>Creche: Crianças, Faz de conta & Cia.</i>	n/c	s/d	prática docente
	livro	Centro de Estudos da Escola da Vila	<i>Dos primeiros passos às primeiras letras</i>	Escola da Vila	s/d	prática docente
	mimeo	BARROS, Denise e BIER, Melânia	<i>Adaptação de crianças na creche</i>	Seção de creches municipais SBC	s/d	prática docente
	livro	WINNICOTT, D. W.	<i>A criança e seu mundo</i>	n/c	s/d	fundamentos
	livro	BARROW, John	<i>A origem do universo</i>	Ed. Rocco	s/d	ciências
	livro	DAVIES, Paul	<i>Os últimos três minutos</i>	Ed. Rocco	s/d	ciências
	livro	FAZENDA, ivani	<i>Práticas interdisciplinares na escola</i>	Cortez ed.	s/d	prática docentes
	livro	BRAGIO, Silvia Lúcia B.	<i>Leitura e alfabetização</i>	Artes Médicas	s/d	prática docente
	livro	ECO, Humberto	<i>Os gnomos de Gnu; A bomba e o general; Os três astronautas</i>	Ática	s/d	lit.. Infantil (3)
03/95	n/c	GÓIS, Maurício	<i>Crise (poesia)</i>	n/c	n/c	Reflexão KRISIS
	Caderno	Prefeitura do Município de São Paulo	<i>Reorganização curricular da EMEI -versão preliminar</i>	São Paulo	1992	currículo
	livro	ZUNINO, Delia Lerner de.	<i>Didactica de las matemáticas</i>	n/c	s/d	prática docente
	livro	idem	<i>La matemática en la escuela</i>	n/c	n/c	Idem

	n/c	SINCLAIR	<i>As notações...</i>	n/c	s/d	Idem
	n/c	LEITE, Regina Scarpa	<i>Algumas idéias</i>	n/c	s/d	Idem
	revista	SELEÇÕES	<i>O grande livro da costura</i>	Reader's Digest	s/d	Ensino Profissional
	catálogo	Livraria Tantas Palavras	<i>Lançamentos 1º semestre/95</i>	112 títulos	1995	sugestões leitura
	catálogo	Boletim Informativo	<i>Teatro em livros (sete indicações)</i>	SP: Cena Brasileira Ed. Com. de Livros	mai/95	sugestões leitura
04/95	n/c	ALVES, Rubem	<i>As receitas</i>	n/c	s/d	reflexão/ KRISIS
	caderno	MATE, Alexandre Luiz	<i>O ovo que mergulhou até o estrangeiro para se esconder na galinha</i>	Cadernos Idéias nº 10 – FDE/SP	s/d	fundamentos
	caderno	OLIVEIRA, Zilma de Moraes R.	<i>L.S. Vygotsky; Algumas idéias sobre desenvolvimento e jogo infantil</i>	Caderno Idéias nº 2 FDE- SP	1988	fundamentos
	transcrição	LUCKESI, Cipiano Carlos	<i>A avaliação como etapa imprescindível do processo ensino aprendizagem numa linha construtivista (palestra)</i>	1º Encontro Nacional p/ Educadores de Surdos/ PUC SP	20/4/94	fundamentos
	revista	Superinteressante	<i>Artigo sobre defesa do consumidor</i>	n/c	abr/91	Informativo/ Defesa do consumidor
	jornal	O Estado de São Paulo	<i>Artigo sobre defesa do consumidor</i>	n/c	15/3/95	idem
	manual	Fundação PROCON –SP	<i>Manual prático do consumidor</i>	n/c	S/d	Idem
	caderno	ALVES, Maria Leila	<i>Isto se aprende com o ciclo básico</i>	SEE – SP, Cenp	1986	prática docente
	livro	ABRAMOVICH, Fanny	<i>Literatura Infantil: gostosuras e bobices</i>	SP: Scipione	1989	prática docente
	livro	ALENCAR, Eunice Soriano de	<i>Como desenvolver o Potencial Criativo</i>	n/c	s/d	prática docente
	n/c	ZAMARO, Ovídio	<i>Uma homenagem (Poema)</i>	n/c	s/d	Reflexão
	jornal	O Estado de São Paulo	<i>A mulher no mundo –Ed. Especial</i>	[Agência Estado]	3/9/95	Mulher
	livro	MEIRELLES, Cecília	<i>Ou isto ou aquilo</i>	Ed. Nova Fronteira	s/d	literatura Inf.
	livro	PAES, José Paulo	<i>Poemas para brincar</i>	Ática	s/d	literatura Inf.
	livro	n/c	<i>Adivinhe o que estou fazendo?</i>	UNESCO	s/d	literatura Inf.
	lista	n/c	<i>Relação de livros infantis a serem enviados às EMEIs (incluindo as três indicações anteriores)</i>	Scipione(41) Melhoramentos (8)	----	literatura Inf.(49)
	lista	Ampliação do acervo da Biblioteca do Dep. De Educação	Relação de títulos em livros (36) Relação de títulos em vídeo (29) Relação em vídeos infantis (13)	diversas	n/c	Atualização
	livro	LERNER, Lúcia	<i>A matemática na escola: aqui e agora</i>	Artes médicas	s/d	prática docente
	livro	SILVA, Luiz Heron da e AZEVEDO, José Clóvis	<i>Paixão de aprender</i>	Vozes	s/d	fundamentos
	livro	MACEDO, Lino de	<i>Ensaios construtivistas</i>	Casa do Psicólogo	s/d	fundamentos
	livro	LEITE, Hernani Facundo	<i>Energia e natureza</i>	Ed. Moderna	s/d	Ambiental
	livro	ORTHOFF, Sílvia	<i>Fraca fracola, galinha d'Angola</i>	Ed. Ática	s/d	literat.infantil
	coleção (15)	Crianças famosas	15 volumes (grandes compositores e pintores)	Ed. Callis	s/d	lit. infanto-juvenil (15)

	livro	SOUCRARA,	<i>Respiração</i>	Cena Brasileira Ed.e comércio de livros Ltda.		cultura física
	livro	NEIAHCETER	<i>Trabalho corporal intuitivo</i>	idem	s/d	Idem
	livro	FEIDENKRAIS, Mosne	<i>Vida e movimento</i>	idem	s/d	Idem
	livro	ANDERSON, Bob	<i>Alongue-se</i>	idem	s/d	Idem
	livro	HUARD, Pierre e WONG, Ming	<i>Cuidados e técnicas do corpo na China, no Japão e na Índia</i>	idem	s/d	Idem
	livro	GAIARSA, José Ângelo	<i>Organização das posições e movimentos corporais</i>	idem	s/d	Idem
	livro	NAMIKOSHI, Toru	<i>Shiatsu e alongamento</i>	idem	s/d	Idem
212 + 305 (listas) = 517 no período						

O número de indicações do período, em particular as contidas no último exemplar publicado, aliado à forma de distribuição anteriormente comentada e à permanência maior das Orientadoras Pedagógicas no Departamento de Educação, parecem indicar a necessidade de fazer com que a publicação cumpra um novo papel. Como um subsídio destinado à formação de um professor autodidata, bem como um grande catálogo de sugestões bibliográficas, cursos, oficinas, palestras, congressos e outros eventos.

Após a publicação do último número do subsídio pedagógico *Recordando e Renovando* em forma artesanal, nenhuma outra publicação periódica foi lançada em sua substituição, ocorrendo apenas as mencionadas publicações pontuais internas de caráter cotidiano. A tentativa de retomada da publicação se dá somente três anos depois, como epílogo na história do periódico.

2.4. EPÍLOGO: Recordando e Renovando em Revista – 1998: A tentativa de retomada da publicação

O primeiro e único exemplar do *Recordando e Renovando em Revista* foi publicado em dezembro de 1998²³¹ “como uma proposta de (re)abrir um canal de comunicação entre os educadores municipais e agentes da cultura permitindo uma troca rica de informações baseada nos relacionamentos do dia-a-dia quer seja com nossas crianças, quer seja com a comunidade”, expressa na mensagem inicial do Prefeito Municipal.

A seguir, a mensagem do então Secretário de Educação atribui à nova publicação o objetivo de “implementar as metas desenvolvidas por este município e com vistas ao fortalecimento das ações da região do Grande ABC.” Assim, a Secretaria de Educação e Cultura assume a responsabilidade pela publicação e não mais o Departamento de Educação editando “... uma Revista que tem por objetivo servir de referência para discussão regional das políticas públicas, podendo futuramente ser um instrumento que concilie as diferenças e estimule as concordâncias na busca da melhoria da qualidade da educação e cultura”.²³²

Por esta ótica, o projeto parece bastante ambicioso, objetivando discutir regionalmente as diferentes políticas públicas, desempenhando, quiçá, “um papel conciliador em relação às diferentes propostas regionais”. Observa-se aqui uma inovação: a abertura regional, a produção da cidade não mais estaria restrita ao *locus* original.

Nesse período as discussões ocorridas na Câmara Regional de Desenvolvimento do ABC²³³ vinham provocando os municípios da região a criar estratégias de integração na proposição de soluções para os problemas comuns.

Distribuída gratuitamente, provavelmente a setores estratégicos dos sete municípios e também a todos os professores da rede municipal de São Bernardo, a revista, com tiragem de 3.000 exemplares, foi publicada com 82 páginas e 41 matérias em oito seções e um encarte em cores, fartamente ilustrado com 152 fotografias e desenhos produzidos por crianças sobre diversos temas relativos às áreas de educação e cultura.

²³¹ Segundo ano da gestão 1997-2000, vencida pela coligação PSDB, PMDB, PSB, PPS, PMN, PSDC, PRP, na disputa contra o Partido dos Trabalhadores que vence no mesmo período em quatro dos sete municípios da região do Grande ABC e que conquista cinco delas na gestão subsequente.

²³² RRR, 1998, p.5

²³³ Sobre o assunto indicamos SILVA, Silvio César. *Câmara Regional de Desenvolvimento do ABC – Emprego e inclusão social*. Tese de Doutorado, PUC-SP, São Paulo: 2002. Sob outro foco, ZOLA, Marlene Bueno. *A Câmara do Grande ABC e o movimento regional Criança Prioridade I – espaços democráticos e estratégicos de construção de políticas públicas para a infância e juventude – 1997 a 2004*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, São Paulo: 2005.

No encarte que acompanha a revista, a Coordenadora do Projeto *Recordando e Renovando*, que anteriormente havia “resgatado” o *RR* no exemplar 03/95, assina a mensagem intitulada *Ai de nós educadores, se deixamos de sonhar sonhos possíveis*, na qual retoma brevemente o percurso do subsídio *Recordando e Renovando* chamando os professores à participação e afirmando que “na busca dessa nova forma para o *RR*, obstáculos não faltaram (...)” desejando e propondo que o *Recordando e Renovando em Revista* também “possa gritar PRESENTE a cada semestre com uma nova edição (...) com a certeza de contar com o esforço pessoal e o interesse de cada educador (...) no sentido de utilizar (...) este veículo como parceiro no seu dia a dia...”

A materialidade do Recordando e Renovando em Revista

O único exemplar publicado em forma de revista traz a capa em tamanho 28 x 21 cm, em cores, com destaque para o branco, amarelo, vermelho e azul, reproduzindo a fotografia de uma criança diante de um quadro de Monet, tendo, portanto, a criança e a arte como temas de abertura.

O título da revista apresenta-se no topo da capa, em caixa de fundo branco, com amplo destaque para a palavra *Renovando*, trazendo logo abaixo, no canto inferior esquerdo da caixa o número do exemplar e o ano. A indicação *Ano I – Nº.1*, indica não tratar-se de continuidade da série anterior, mas sim de uma nova produção, indicando também a pretensão de continuidade.

Sete chamadas relativas aos conteúdos são apresentadas na capa, antecipando o conteúdo da revista: a principal, no canto superior direito (Pintando com Monet), a segunda no centro, à esquerda (A Vida no Fundo do Mar); a terceira, logo abaixo, ainda à esquerda (APM: Integração Escola-Comunidade-Família); a quarta, à direita, com letras menores (Cidadania, uma Construção Compartilhada.); a quinta, no canto inferior esquerdo (Vera Cruz Arte e Vida); a sexta, no canto inferior direito (Linguagem Corporal: Linguagem Universal) e a última, no rodapé (Formação em Serviço: uma Proposta Possível e Necessária). Apresenta-se, assim, um painel dos principais temas e projetos em desenvolvimento na Secretaria.



Figura 8



Figura 9

Nesta edição a capa adquire, portanto, um *layout* diferenciado e mais atrativo, semelhante às produções comerciais, requerendo um investimento muito maior em relação à produção artesanal, com uso do antigo mimeógrafo ou cópias reprográficas.

O índice das matérias é apresentado em seções, que por sua vez reproduzem as apresentadas nos últimos exemplares do ciclo de vida do *RR*, incluindo as novas Conheça e Re-Conheça e Cultura em Ação, nas quais o Departamento de Cultura apresenta seus projetos, agora como protagonista e não mais por via indireta, como nos períodos anteriores. Os projetos ligados à arte-educação em parceria com o Departamento de Cultura ocupam grande parte da publicação.

A ênfase nas experiências envolvendo arte-educação nos dá algumas pistas sobre o caminhar da proposta pedagógica da rede municipal nas diferentes áreas de atuação, dois anos após o fim da publicação *Recordando e Renovando* em forma artesanal.

O retorno da publicação em forma de revista, antigo sonho da rede municipal, vem pautado por uma argumentação na defesa da importância de um veículo comunicação entre Departamento e educadores, e como formador/facilitador do processo de reflexão-ação sobre a prática docente.

Muito provavelmente, o custo do projeto, dentre outros motivos não identificados de imediato, mas sugeridos, tal como o conflito de objetivos, não permitiu que o mesmo fosse levado à frente, limitando sua nova fase à tentativa de retomada da publicação.

Entre o fim da publicação de *foram artesanal* e a publicação do *RRR* ocorreram discussões sobre a definição de conteúdos a serem desenvolvidos e priorizados na formação continuada dos educadores, nas diferentes áreas do conhecimento,²³⁴ “complementando” a Proposta curricular para a educação infantil publicada em 1992. Dentre as questões metodológicas, priorizando-se o desenvolvimento de projetos e a educação inclusiva, na perspectiva da qualidade total, característica da década, derivadas da visão economicista predominante no período, como anteriormente destacamos

Com o advento do FUNDEF, o município de São Bernardo opta por municipalizar as escolas de ensino fundamental de 1ª a 4ª séries (1998), assumindo de imediato 26 unidades, com conseqüente redução do atendimento à educação infantil, encerrando o século XX atendendo somente 22.650 crianças nesse nível, contra 24.600 em 1990.²³⁵

As EMEIs e Creches, então, passam a ser denominadas Escolas Municipais de Educação Básica (EMEB) atendendo as crianças dos 4 aos 10 anos, divididas por módulos: Módulo I – zero a três anos e módulo II – 4 a 6 anos.

Essa nova realidade se configura, portanto, como um período extremamente novo no cenário educacional e das políticas públicas de escolarização da infância, compreendida aqui na faixa etária do zero aos dez anos, que ainda está por ser devidamente discutida, analisada e avaliada num diálogo permanente entre os atores que delas participam, nas diferentes instâncias de poder.

²³⁴ PMSBC. *Proposta curricular*, vol. I. Departamento de Educação. 2004, p. 50

²³⁵ PMSBC. *Op. cit.*, p. 53

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o propósito inicial deste trabalho, ou seja, o de estudar o subsídio pedagógico *Recordando e Renovando* como objeto material de investigação e fonte de informação historiográfica que intermediou a relação dos professores com os referenciais pedagógicos que se pretendiam implementar ou conservar, percebe-se que o trabalho final não pode ser tomado como conclusivo, mas fruto de um processo de amadurecimento da pesquisa. Esta permitiu-nos perceber que várias questões deveriam ainda ser retomadas e reexaminadas, obrigando a refletir sobre os caminhos metodológicos trilhados.

Tomando o subsídio como um dispositivo material de ampliação dos referenciais pedagógicos dos professores, como normatizador das práticas e, portanto, como manifestação da cultura pedagógica local, procurou-se desvendar a conformação desse impresso, no sentido de verificar o que os múltiplos dispositivos materiais produzidos pela equipe poderiam revelar quanto às representações subjacentes de criança, de professor-leitor e de saberes pedagógicos, bem como suas mudanças e permanências durante o ciclo de vida da publicação.

Retomando os eixos propostos por Chartier, ao pensar em termos de uma “arqueologia do objeto em sua materialidade”, em primeiro lugar procuramos descrever os dispositivos materiais do impresso que determinam *o que* deve ser lido, *a quem* se destina e *o como* deve ser lido. Optamos assim por selecionar, dentre os vários dispositivos materiais, aqueles que supúnhamos revelar as marcas que melhor dariam a ver as intenções dos proponentes. Através deles, foi possível definir os três grandes períodos do ciclo de vida do impresso, após várias tentativas de periodização, para as qual as mudanças de coordenação, e não necessariamente de Secretaria, se mostrou um forte indicador.

Cada um dos períodos revelou um conjunto de características e concepções que permitiram levantar várias questões e algumas hipóteses sobre o papel desempenhado pela publicação bem como sobre o seu próprio encerramento.

O primeiro período caracterizado como um período de estabilidade, de manutenção de uma ordem constante em seus dispositivos materiais, é revelador de uma concepção de criança ligada aos ideais românticos, ao puericentrismo pedagógico e ao ativismo herdado através das apropriações de Froebel, Decroly e Montessori. Essa concepção é evidenciada principalmente através das capas da publicação. Porém, essa apropriação ocorre em um novo contexto histórico, sob um novo referencial teórico: o da escolarização da infância. A partir da década de 1970, principalmente no contexto brasileiro, os jardins de infância e parques

infantis se tornam pré-escolas com um caráter evidentemente escolar, sendo a fusão desses serviços na rede municipal de São Bernardo um reflexo dessa tendência que se impôs de forma determinante.

A bibliografia indicada aos professores-leitores do *RR* revela a ênfase na área de psicomotricidade, nos jogos, artes e brincadeiras, no modelo de educação preparatória para a escola de primeiro grau e compensatória, no sentido de suprir supostas carências, principalmente das crianças mais pobres, em vista do fracasso apresentado pelas mesmas na escolarização posterior.

Nesse período a representação de professor-leitor-usuário do subsídio é a do professor organizador, disciplinador, dedicado e amoroso, capaz de pôr em prática um currículo voltado ao desenvolvimento de um conjunto de hábitos, habilidades e atitudes nas crianças, visando o bom desempenho escolar futuro, seu equilíbrio emocional, físico, social e afetivo. Um professor capaz de utilizar adequadamente um amplo acervo de atividades e de recursos didáticos para cumprir tal tarefa.

Concluimos que o subsídio parece cumprir essa tarefa, pela coerência demonstrada na seleção de contribuições dos leitores, em sintonia com os saberes prescritos e periodicamente reafirmados, não sem deixar de considerar o poder de controle e seleção das sugestões por parte da equipe organizadora. O subsídio parece cumprir também outro objetivo importante proposto pelos organizadores quando da sua criação: o de permitir a articulação do Departamento de Educação com o corpo docente, através da equipe de Orientação Técnico-Pedagógica, aglutinando a produção anterior, relativa aos antigos Serviços de Educação Pré-Escolar e dos Parques Infantis reunidos a partir de 1974. Uma estratégia, portanto, de integração de professores de diferentes origens em um único projeto pedagógico, no qual a didatização das matérias apresentadas exerceu uma importante função: ao cumprimento dos conteúdos das Unidades de Trabalho propostas e de relembrar/comemorar as datas que marcavam o calendário escolar, duas importantes estratégias metodológicas de articulação da proposta pedagógica em curso.

Alguns indícios no final do período, como a alteração das capas e duas sugestões de leituras fora do referencial até então proposto, indicaram que algo se movia abaixo da superfície aparentemente calma e que se manifesta dois anos depois na mudança radical da materialidade e conteúdo do impresso.

O segundo momento do ciclo de vida do *RR* aponta para a utilização do impresso como estratégia de veiculação de novos modelos que se pretendia implementar, preservando seu formato e principalmente o nome, divulgando conteúdos, procedimentos didáticos,

valores e discussões de fundo crítico-social que não eram usuais na rede municipal até então e aos quais os professores respondem de imediato, através dos Relatos de Experiências. Cabe aqui o aprofundamento, não efetivado neste trabalho, de análise dos conteúdos relatados, pois podem ser reveladores de diferentes formas de apropriação dos novos referenciais que se pretendia implementar e de transposição didática no cotidiano escolar.

O abandono das seções fixas *Recordando* e *Renovando* que marcaram o primeiro período e a multiplicidade de novas seções, que a princípio se confundem com as próprias matérias, passaram a exigir do público-leitor uma nova forma de leitura, inclusive com a busca de outros referenciais sugeridos. Aos iniciantes, os Relatos de Experiências parecem ter constituído o suporte básico, dadas as derivações sobre um mesmo tema enviadas em relativa seqüência. Aos iniciados, a literatura indicada passa a ser objeto de desejo o que obriga a atualização da biblioteca do Departamento para uso dos professores, cuja ampliação do acervo periodicamente era anunciada no próprio *RR*. O próprio impresso é elaborado para que se torne objeto de estudo e não somente consulta, pois os Relatos de Experiências necessitam ser *decifrados* à luz dos referenciais teóricos apresentados e que por sua vez, deveriam conduzir para a construção de uma nova proposta curricular.

Aqui também, outra frente de pesquisa se abre, pois as publicações das propostas elaboradas nos dois primeiros períodos e a produção apresentada em forma de apostila em 1994 (“Objetivos e conteúdos das áreas de conhecimento”) com a intenção de complementar a proposta de 1992, são reveladoras das apropriações teóricas predominantes nos períodos e devem ser convenientemente examinadas à luz das teorias do currículo.

A não interrupção da publicação nos quatro anos consecutivos do segundo período sugere, também, que o impresso se constituiu em uma forte estratégia de articulação entre a rede municipal e os coordenadores.

No terceiro período o *RR* não está só. Um conjunto de publicações pontuais o precede no ano de 1993 e o substituem em 1996. A produção de outras publicações também pode ter ocorrido em outros períodos, porém, neste o movimento de substituição é evidente. As marcas em sua materialidade demonstram mudanças na sua configuração enquanto estratégia de articulação entre diferentes segmentos do Departamento de Educação e nas concepções de criança de professor e de proposta pedagógica, configurando uma centralidade no controle da produção com a produção crescente das equipes técnicas dos diferentes serviços.

Se a criança do primeiro período é representada como objeto central, de forma ingênua e pura, a ser educada e treinada para a futura escolarização; no segundo, no bojo

de um debate crítico, passa a ser representada como sujeito de direitos e no processo de ensino-aprendizagem, capaz de construir conhecimentos através da mediação do educador, no terceiro é visível em suas falas originais, captadas pelos adultos de maneira leve e divertida, afinal, *Criança diz cada uma...* ou seja, uma nova forma de envolvimento e engajamento dos sujeitos e das consciências se apresenta, mais sutil e talvez mais eficaz que a crítica tradicional.

Outros sujeitos e outras emergências ganham espaço visível principalmente no conjunto diversificado de novas indicações, em parte exigindo conhecimentos prévios dos leitores e em parte simplificadora, extraída de textos informativos e de divulgação ao grande público. A representação do professor parece mudar conforme mudam os novos segmentos de professores-leitores da publicação, que pela diversidade devem incumbir-se de sua formação geral, seguindo as numerosas indicações de leituras.

Outras frentes em aberto que não foram possíveis de ser abordadas neste trabalho, mesmo porque extrapolariam os limites delimitados por seus objetivos, referem-se à política de atendimento da criança pequena nas Creches e EMEIs da cidade quanto aos diferenciais em sua implantação, ampliação, manutenção e formação de seus educadores. O que se produz para a formação dos profissionais das creches? As tensões geradas pela tentativa de integração das Creches no sistema de educação infantil, embora discutidas e pesquisadas em outras localidades, merecem ser consideradas em uma região que tem se destacado pelo atendimento das crianças de 4 a 6 anos, mas na qual é baixa a cobertura dos serviços municipais dirigidos às crianças de zero a quatro anos. Da mesma forma, a metodologia de coleta de dados sobre atendimento no nível local, que alimenta os sistemas mais amplos, dos órgãos públicos estaduais e federais, bem como de outras instituições de pesquisa nos levam a pensar em quão comprometidos podem ser no âmbito geral.

Reconhecemos que levantamos várias interfaces ao problema central deste trabalho, com a consciência de que não seriam aprofundadas, mas com a intenção de contribuir para o levantamento de novas temáticas e novas abordagens sobre as estratégias de formação de professores e sobre o estudo de publicações destinadas a esse fim, dando suporte a uma história cultural dos saberes pedagógicos. Consideramos importante que se recuperem as diferentes concepções que marcaram a pedagogia em diferentes épocas, para redimensionar os “rótulos” criados na oposição entre o velho e o novo, entre o renovado e tradicional, entre o conservador e o progressista.

Deixar o *RR* falar, principalmente em seu primeiro período, mostrou que é possível compreender melhor as relações entre a centralidade das atividades escolares, como

manifestação própria do campo da pedagogia, e a estruturação do impresso escolar; a ambivalência da visão de educação compensatória como reforçadora de preconceitos e simultaneamente como estimuladora da ampliação do atendimento. Por outro lado, a democratização do saberes, a construção do ideário de um professor e de uma criança construtora de seu conhecimento também produziu armadilhas, das quais estamos tentando nos desvencilhar. A compreensão desses papéis, do nascedouro ao término do ciclo de vida do *RR*, parece indicar que a história precisa ser não só revista, mas resignificada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

BRASIL. Lei nº. 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. Lei nº. 5692 de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências.

_____. Parecer nº. 349/72 do Conselho Federal de Educação. Habilitação específica, de 2º grau, para o exercício de magistério, em 1º grau.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. Carta Magna.

_____. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

_____. Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. Lei nº. 9.424, de 24 de dezembro de 1996. Cria o Fundo de Desenvolvimento e Valorização do Magistério (FUNDEF) estabelecido pela Emenda Constitucional nº. 14, de setembro de 1996 e regulamentado pelo Decreto nº 2.264, de junho de 1997.

_____. Lei nº 11.114 de 16 de maio de 2005. Altera os artigos 6º, 30, 32 e 87 da Lei nº.9394 de 20 de dezembro de 1996 com objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade.

_____. Lei nº. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996, dispondo sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade.

_____. Resolução CNE/CEB 03, de 03 de agosto de 2005. Define normas nacionais para a ampliação do ensino fundamental para nove anos.

SÃO PAULO. Lei nº. 10.038 de 05 de fevereiro de 1968. Dispõe sobre a organização do Sistema de ensino do Estado de São Paulo.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. Portaria nº 2411, de 3 de fevereiro de 1960. Designa comissão para instalação de um Jardim de Infância Municipal.

_____. Decreto nº. 5614, de 12 de julho de 1977. Cria as Associações de Pais e Mestres nas Escolas municipais.

_____. Lei nº. 2360, de 28 de dezembro de 1978. Dispõe sobre a criação do quadro do magistério municipal e dá outras providências.

_____. Lei 2393, de 17 de março de 1980. Dispõe sobre a criação do Fundo de Assistência à Educação (FAED) junto à Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, e dá outras providências.

_____. Lei nº. 2412, de 24 de julho de 1980. Dispõe sobre a alteração da Lei nº. 2360, de 28/12/78 e dá outras providências.

_____. Estatuto Padrão das Associações de Pais e Mestres de 27 de janeiro de 1981

_____. Regimento Comum das Escolas Municipais de Educação Infantil. S/d. Publicado em Educação em São Bernardo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1985.

_____. Estatuto do Magistério. Lei Municipal nº. 3056, de 19 de maio de 1988. Dispõe sobre a organização do Quadro do Magistério Municipal, cria e transforma cargos e funções e dá outras providências. Modificado pela Lei municipal nº. 4681, de 26 de novembro de 1998.

_____. Lei Orgânica do Município, de 5 de abril de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Plano Decenal de Educação*. 1993

BRASIL, MEC, COEDI. *Política Nacional de Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF/DPEF/COEDI, 1994 a.

_____. *Educação Infantil no Brasil: situação atual*. Brasília: MEC/SEF/DPEF/COEDI, 1994b.

_____. *Por uma política de formação do profissional de educação infantil*. Brasília: MEC/SEF/DPEF/COEDI, 1994c.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. I, II, III

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação, Brasília MEC/SEF, 2006.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, Brasília, MEC/SEF, 2006

DECLARAÇÃO dos Direitos da Criança, de 20 de novembro de 1959.

DECLARAÇÃO Mundial de Educação para Todos. Jomtien, 1990.

DECLARAÇÃO de Salamanca e enquadramento da Ação na área das Necessidades Educacionais Especiais. Genebra: UNESCO, 1994.

CARDOSO, F. H. et alli. *Álbum memória de São Bernardo*: Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, Divisão de Biblioteca, documentação e informática, 1981.

GAIARSA, Otaviano A. *A cidade que dormiu três séculos*. São Paulo: Tipografia Bandeirante Ltda., 1968.

GIACOMINI FILHO, Gino. *Rudge Ramos hoje*. São Bernardo do Campo: Departamento de jornalismo da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, 1985.

MÉDICE, Ademir. *São Bernardo, seus bairros, sua gente*. Cadernos Históricos. SBC: SECE, 1981.

OLIVA, Aluísio Mercadante. (coord.) *Imagens de luta: 1905/1985*. São Bernardo do Campo: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, 1987.

PESSOTTI, Atílio. "Vila de São Bernardo". *Cadernos históricos*. São Bernardo do Campo: SECE, 1971.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. *Revista administração Hygino Baptista de Lima, 1964/1968*. PMSBC, 1968

_____. *Revista do 419º aniversário da cidade – Edição comemorativa*, PMSBC, 1972 a.

_____. *Educação: um desafio que foi aceito – São Bernardo do Campo, 1553-1972*. Departamento de Expansão Cultural, PMSBC, 1972 b.

_____. Secretaria de Saúde e Promoção Social. *Cadastro de Favelas*, PMSBC, 1978 a.

_____. Secretaria de Saúde e Promoção Social. *Programa de Ação Comunitária*, PMSBC, 1978 b. (mimeo).

_____. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. *A pré-escola em São Bernardo*, PMSBC, 1979 a.

_____. *Anais do 1º simpósio de educação pré-escolar de São Bernardo do Campo*. PMSBC, 1979 b.

_____. *Educação municipal – São Bernardo do Campo. Relatório 1977-81*. PMSBC, 1981 a.

_____. *Anais do 2º simpósio de educação pré-escolar de São B. do Campo*. PMSBC, 1981 b

_____. Secretaria de Educação Cultura e Esportes, *Educação pré-escolar*, PMSBC, 1981 c.

_____. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, *Educação em São Bernardo*, PMSBC, 1985 a.

_____. *Anais do 1º Congresso de Educação e 3º Simpósio de Educação Pré-Escolar, 23 a 27 de julho de 1985*, PMSBC, 1985 b.

_____. *Anais do 2º Congresso de Educação e 4º Simpósio de Educação Pré-Escolar, 26 a 30 de julho de 1988*, PMSBC, 1988 a.

_____. *Revista Saúde e Promoção Social*, Secretaria de Saúde e Promoção Social. PMSBC: 1988 b.

_____. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. *Plano de Educação Municipal de São Bernardo do Campo*, 1989.

_____. Secretaria de Saúde e Promoção Social, *Projeto Psicopedagógico-social*. Departamento de Promoção Social, Seção de Creches Comunitárias. PMSBC: 1990.

_____. “Estudo sobre o Atendimento no Setor de Creches no município de São Bernardo do Campo.” Seção de Pesquisa e Banco de Dados / Secretaria do Planejamento e Secretaria da Saúde e Promoção Social, PMSBC, 1990.

_____. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. *Integração – Jornal do 1º Congresso para a integração de educação, cultura, esporte e lazer*. PMSBC, nº.01, julho/91.

_____. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. *Educando para a Integração Comunitária*, PMSBC, 1991.

_____. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. *Integração Educativa. A experiência de São Bernardo do Campo (1989-1992)*. PMSBC, Set./1992

_____. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. *Revista da Educação Caleidoscópio*. PMSBC, 1992.

_____. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, *A Educação Infantil em São Bernardo: Uma proposta integrada para o trabalho em Creches e EMEIs*, PMSBC: 1992.

_____. Secretaria de Educação e Cultura, *Proposta curricular*, PMSBC, 2004.

SEBER, M. da Glória. *Criança-Professor: Fazendo e Aprendendo*. Curitiba-Paraná: Ed. Logos Press/PMSBC, 1992.

SILVA, Silvio César. *Câmara Regional de Desenvolvimento do ABC – emprego e inclusão social*. Tese de Doutorado, São Paulo: PUC, 2002.

UNESCO. *Educação e Cuidado na primeira infância – Grandes Desafios*. OECD: 2001. UNESCO/Brasil, 2002.

ZOLA, Marlene Bueno. *A Câmara do Grande ABC e o movimento regional Criança Prioridade I – espaços democráticos e estratégicos de construção de políticas públicas para a infância e juventude – 1997 a 2004*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, São Paulo: 2005.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ARENDT, Hanna. “A crise na educação”. In:_____. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. B. Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1979

ABDANUR, Elizabeth. “Parques infantis de Mário de Andrade.” In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994, nº. 36.

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez Editores. 1994.

BICCAS, Maurilane de Souza. *O impresso como estratégia de formação de professores(s) e de conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1941)*. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo: Faculdade de Educação, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*, São Paulo: Ed. Scipione, 1989.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri e KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez Editora, 2003

BISSERET, Noële. “A ideologia das aptidões naturais”. In: DURAND, J. C. G. (org.). *Educação e Hegemonia de classes*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.

BOURDIEU, Pierre “Algumas propriedades dos campos.” In: *Questões de sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

_____. *Escritos de educação*, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BRAMELD, Theodore. *O poder da educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BURKE, P. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

_____. *A Escola dos Annales – 1929-1989*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CAMPOS, Maria Malta e HADDAD, Lenira “Educação infantil: Crescendo e aprendendo” *Cadernos de pesquisa*, São Paulo: FCC, nº. 80 p.11-20, fev. 1992.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. *A escola e a república*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

CARVALHO, M. C. de. & HANSEN, João. “Modelos culturais e representação: uma leitura de Roger Chartier”. In: *Varia história*, Departamento de História, FAFICH/UFMG, setembro de 1996, nº. 16.

_____ e VIDAL, Diana G. *Biblioteca e formação docente: Percursos de leitura*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

CARVALHO, M. M. C. e TOLEDO, Maria Rita de Almeida. “Reforma escolar, pedagogia da escola nova e usos do impresso.” In: *Contemporaneidade e educação*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada, 2000, nº.7.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura”. In: VIDAL, Diana G. e HILSDORF, Maria Lúcia S. *Tópicos de história da educação*. São Paulo: Edusp. 2001.

CARVALHO, M.M.C. e TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *A constituição da “forma escolar” no Brasil: produção, circulação e apropriação*. Programa de Estudos Pós-Graduados em História: Política e Sociedade. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005, p.2.

CATANI, Denice Bárbara. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista do ensino da Associação Benfícete do professorado Público do Estado de São Paulo (1902-1918)*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. *Educação em revista: A imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Apresentação de Luce Giard. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A cultura no plural*. São Paulo: Papirus Editora, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11(5), São Paulo: USP, 1991

_____. *A ordem dos livros. Leitores, escritores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priore. Brasília: EUB, 1994.

CURY, José Roberto Jamil. “Lei de Diretrizes e Bases e perspectivas da educação nacional.” In: *Espaço Aberto*, nº. 8, 1998.

DUBY, George. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Editora UFRJ, 1993.

- DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart e PALHARES, Marina S. (orgs). *Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios*. Campinas: Ed. Autores Associados, 2003.
- FERNANDES, Florestan. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus Editora/EDUSP, 1966.
- FERNANDEZ ENGUITA, Mariano. “A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização.” In: *Teoria & Educação*, Porto Alegre, nº. 4. 1991.
- FRAGO, A.V. E ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: A arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- FREITAS, M.C. & KUHLMANN Jr. M. (orgs.) *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez Ed., 2002.
- FREITAS, M. Cezar de. *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Ed., 2006.
- GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Rio de Janeiro: DIFEL, Bertrand do Brasil, 1991.
- GONDRA, José. “Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre *O Atheneu*.” In: VIDAL, Diana G. e SOUZA, M. Cecília C. (orgs.) *A Memória e a sombra – A escola brasileira entre o império e a república*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- GOUVEIA, Aparecida Joly. *Professoras de amanhã. Um estudo de escolha ocupacional*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.
- HILSDORF. M. Lúcia. A série *Ofícios diversos* do arquivo do Estado de São Paulo como fonte para a História de Educação brasileira. In: VIDAL, Diana G. e SOUZA, M. Cecília C. (orgs.) *A Memória e a sombra – A escola brasileira entre o império e a república*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- JULIA, Dominique. “A cultura Escolar como objeto histórico.” *Revista brasileira de história da educação*. SBHE/Editora Autores Associados, 2001.
- KRAMER, Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, 1ª ed. Reedição. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. “Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica.” In: *Educação e sociedade*, ano XVII, dezembro/97, nº. 60.
- KUHLMANN Jr. Moysés. *Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2004.
- LAWN, Martin. “Os professores e a fabricação de identidades.” In: NÓVOA, A. e SCHRIEWER, J. *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000.

LE BOULCH, Jean. *La Educación por el movimiento en la edad escolar*. Buenos Aires: Editorial Paidós, s/d.

NÓVOA, Antonio. *Do mestre-escola ao professor do ensino primário. Subsídios para a história da profissão docente em Portugal*. Lisboa: ISEF, 1986.

OSGA, J. LAWN, M. “O trabalho docente: Interpretando o processo de trabalho no ensino.” In: *Teoria e Educação*, nº.4, 1991.

PATTO, M. Helena Souza. *Privação cultural e educação pré-primária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

_____. *Introdução à psicologia do escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1982.

_____. “A criança marginalizada para os piagetianos brasileiros: deficiente ou não?” In: *Cadernos de pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, nº. 51, 1994.

PEREIRA, Gilson R. de M.. *Servidão ambígua. Valores e condições do magistério*. São Paulo: Escrituras, 2001.

RAGAZZINI, Dario. “Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?” In: *Educar em revista*, Curitiba: Editora da UFPR, 2001, nº. 18.

ROCHA, Heloísa P. “Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica”. In: *Cadernos CEDES*, “Cultura escolar, história, práticas e representações”, Campinas: Unicamp, 2000, nº. 52.

ROSEMBERG, Fúlvia. “A educação pré-escolar brasileira durante os governos militares.” In: *Cadernos de Pesquisa*. FCC, ago/1992, nº. 82.

_____. “A LBA, o Projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional.” In: FREITAS, Marcos Cezar de. *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Ana Maria Smith. *Os cadernos de educação da Escola Cabana (1997-2004)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005.

SCHNEIDER, Omar. *A Revista Educação Physica (1932-1945): Estratégias Editoriais e Prescrições Educacionais*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. “A ‘nova direita’ e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia”. In: GENTILI, P. (org.) *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

SILVA, Vivian Batista. *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2001.

SLENES, Robert W. “Escravos, cartórios e desburocratização: o que Rui Barbosa *não* queimou será destruído agora?” In: *Revista brasileira de história*. São Paulo: ANPUH/Editora Marco Zero, 1985, v.5, n°. 10.

SNYDERS, George. *Escola, classe e luta de classes*. SP: Centauro Editora, 1976.

SOUZA, Gizele de. *Instrução, o talher para o banquete da civilização: cultura escolar dos jardins-de-infância e grupos escolares no Paraná, 1900-1929*. Doutorado em Educação, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima. “Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária” in: *Educar*, n. 18, Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

TAVARES, José Nilo. Educação e imperialismo no Brasil. In: *Educação e sociedade*, São Paulo: Cortez Ed./Cedes, n°. 7. set./1980.

TORRES, R. M. “Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial” in: DE TOMMASI, WARDE E HADDAD. *O banco mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Ed. Cortez/PUC/Ação Educativa, 2003.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção atualidades pedagógicas: Do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese de doutoramento. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2001.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d.

VALDEMARIN, Vera T. e SOUZA, Rosa Fátima. Apresentação – *Cadernos CEDES – Cultura Escolar: história, práticas e representações*. Campinas: Unicamp, ano XIX, n°. 52, novembro/2000.

VALDEMARIN, Vera Teresa. *Estudando as lições de coisas*. Campinas, SP: FAPESP/Autores Associados, 2004.

VALLE, Edênio e QUEIROZ, José J. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez e Moraes/EDUC., 1979.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história, Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Fundação Roberto Marinho, 1982.

VICENTINI, Paula Perin. “Imagens de professores: a visibilidade dos professores na *Revista do Professor*.(SP 1934-1965) in: *Educação em Revista*. Belo Horizonte n°. 32, dez.2000.

_____. *Imagens e representações de professores na história da profissão docente no Brasil (1933-1963)*. Tese de doutoramento. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOURDIEU, Pierre. E PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução: Elementos para uma teoria crítica do ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1975.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel/Bertrand do Brasil, 1989.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Pedagogia da escola nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola.” In: FREITAS, Marcos C. de; KUHLMANN Jr, Moisés. (org). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: 2002.

CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. *A invenção do cotidiano: uma leitura, usos*. In: Projeto História, São Paulo: Educ/Fapesp.

CERTEAU Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri & ANTUNES, Fátima. “Magistério Primário: profissão feminina, carreira masculina.” In: *Cadernos de pesquisa*. São Paulo: ago./ 1993, nº. 86.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes* (v.1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990

ENGELS, F. Manchester. (a situação da classe operária na Inglaterra). “Uma cidade organizada pela fábrica.” In: *K.Marx, F. Engels – história*. São Paulo: Ática, 1989, 3ª ed. II – 5. p.308-318.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. *Educação pré-escolar e cultura*. Campinas: Ed. da Unicamp, São Paulo: Cortez Ed., 2ª ed.2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.

HABERT, Nadine. *A década de 70, apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ed. Ática, 1992

KRAMER, S. e ABRAMOVAY, M. (org.) *Educação pré-escolar: Desafios e Alternativas. Cadernos CEDES*. São Paulo: Cortez Editora ; Campinas:Cedes/Unicamp. 1985.

LOURENÇO FILHO, M. B. *Introdução ao estudo da escola nova*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 14ª edição, 2002

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa – Uma introdução*. São Paulo: EDUC / PUC-SP, 2003.

MARX, Karl. “A maquinaria e a indústria moderna.” In: *O Capital*. Rio de Janeiro: ed. civilização Brasileira, 1980, 5ªed., livro 1, cap. XIII , p. 527-529.

PAES, M. Helena S. *A década de 60, rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50, populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: ed. Ática, 2003

_____. *A década de 80, Brasil: quando a multidão voltou às praças*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

SNYDERS, Georges. *Pedagogia Progressista*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

VICENTINI, Paula Perin. *Um estudo sobre o CPP (Centro do Professorado Paulista): profissão docente e organização do magistério (1930- 1964)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1997.

ARQUIVOS PESQUISADOS

Secretaria do Planejamento e Tecnologia da Informação – PMSBC.

Seção de Pesquisa e Banco de dados. Departamento de Estatística
Departamento de Informações Geopolíticas e Econômicas
Endereço: Praça Samuel Sabattini, 50, Paço Municipal, 6º andar.

Secretaria de Educação e Cultura

Endereço: Av. Wallace Simonsen, nº. 188/222- B. Nova Petrópolis

CENFORPE – Centro de Formação dos Profissionais de Educação – Av. D. Jaime de Barros Câmara nº. 201- B. Planalto

Serviço de Memória e Acervo – Alameda Glória, 197 – Centro

Serviço de Patrimônio Histórico. Av. Wallace Simonsen, 1362 – Chácara Silvestre- B. Nova Petrópolis.

Bibliotecas públicas municipais – Serviço de automação – Banco de Dados do acervo
www.saobernardo.sp.gov.br

Câmara Municipal de São Bernardo do Campo – Biblioteca do Legislativo
Praça Samuel Sabattini, 50- Centro

ANEXOS

ANEXO 1

**Página de álbum de memórias do Grupo Escolar Dr. Rudge Ramos
São Bernardo do Campo
1956**

Diva Goffert Berti

Irene Francisco dos Santos
Mara Aparecida Lampaduna

Antuzza de Barros Campini
maria Cecilia de Agello Franco

Nestes Francisco de Santos - Diócesia 19-9-956.

por Frei Antônio Luiz, 11-10-56

Frei Antônio Luiz

Manoel L. Allen P. J. 17/X/956.



Iº Jardim
da



Infância
Municipal

Profa Cecília Albuquerque
Turbay

1956



ANEXO 2

**Fichas de registro de dados por exemplar do *Recordando e Renovando*
São Bernardo do Campo
1982-1998**

FICHAS DE REGISTRO DE DADOS POR EXEMPLAR

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
1	RR 1/82 Fevereiro	24	1	0	Recordando	Sugestões de materiais para contar "estórias"	SE 102 – Seção de Orientação.Técnico-pedagógica-SOT
					Renovando	Sugestões de estórias Recursos diversos Estórias: Os quatro grupos de amigos – máscara ou fantoche Roda da saúde – teatro de vareta O sonho de Julinha – fantoche As aventuras de Dentito – televisão Conceito - Formas Estórias: Pingo e as Formas O pintarroxo fazedor de laços	SOT SOT SE 103 – Seção de Alimentação Escolar Elza P. Suna, Rita de C. Silva Maria Rosa Nicoletta SOT Arcelina Ribeiro/SESI SOT SOT Donald Bisset/EMEI Aldino Pinotti William Hall/EMEI Vital Brasil
2	RR 2/82 Março		exemplar não localizado				
3	RR 3/82 Abril	13	2	0	Recordando	Utilização de máscaras Relação de materiais – Banco de Recursos Didáticos Educação Física – bolas, cordas e arcos/jogos Coro falado Sugestão de máscara	SOT SOT Diversos/Adaptação SE 102 SOT SOT
					Renovando	Estórias: A Redondinha – fantoche de luva A Margarida friorenta – bloção Outras sugestões de Recursos Didáticos Recurso Didático com material de sucata Mensagem	SOT Fernanda Lopes de Almeida – Ática EMEI Monteiro Lobato EMEI Santa Terezinha EMEI Heitor Villa Lobos Dirce Hernandez

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
4	RR 4/82 Maio	25	6	0	Recordando	Teatro de sombras Recursos variados: Vamos armar uma fazenda? Vamos decorar a escola com as crianças Materiais para danças e brinquedos cantados Sugestões de atividades - (5 anos) Festas e comemorações Recado	Diversos/Adaptação SE 102 SOT SOT SOT SOT SOT M. Inez Marques Caro Quintiliano
					Renovando	Estórias: A festa caipira da Mônica – teatro/vareta O hotel da floresta – flanelogravura Juca e Pedrinho – bloção Recado Brinquedos e jogos	Mauricio de Souza EMEI Carlos Gomes EMEI Santos Dumont SOT SOT
5	RR 5/82 Julho	28	5	0	Recordando	Poesia e coro fala-orientações Sugestão para coro falado ou música – Dia dos Pais Cantiga de embalar o papai – idem Poesia: Um barquinho... Música para o Dia dos Pais Música: Minha querida escovinha Estórias do Banco de Recursos Didáticos	EMEI Castro Alves EMEI Cassiano Ricardo Maria Mazzetti Maria Mazzetti SOT SOT SOT
					Renovando	Estórias: O mundo dos minerais – bloção A água – bloção informativo Pinguinho – varal Os três reinos da natureza – fantoches/máscaras Papai, nosso amigo – bloção Renovando as canções das atividades de vida diária Pesquisa sobre a profissão do papai Comemorando o Dia do Soldado – música Aniversário de São Bernardo – atividades Comemorando o Dia do Papai – música Renovando os materiais para experiências perceptivas Embocando – Jogo de quantidade	Adaptação SOT Adaptação SOT L.H.Pereira/M.Luiza Ricciardo – Paulinas Pe. Manoel da Nóbrega SOT SOT EMEI Di Cavalcanti SOT SOT SOT Nylse Helena Silva Cunha/APAE EMEI Guilherme de Almeida

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
6	RR 6/82 Agosto	70	20	0	Recordando	Cultura de legumes e flores De onde vêm as plantas Experiências com plantas O nabo gigante – teatro de sombra viva Sugestões para caracterizar os personagens em sombra viva Recordando técnicas de pintura, recorte e colagem Banco de Recursos Didáticos – estórias	Makashima Nozomu/SE 102 Mundo da criança - vol. 09 Adaptação SE 102 SOT SOT Adaptação SE 102 SOT
					Renovando	As plantas – bloção informativo A floresta encantada (medida de tempo) – bloção A árvore – flanelogravura Jardineiro cuidadoso – televisão ou varal João, o Feijão – teatro de vareta Brincando com os Numerais Ordinais Vamos Brincar de D.Baratinha – máscaras Coro falado: Bichinhos marchando Jogo da máquina – blocos lógicos Sugestão para Semana da Pátria Recordando nosso folclore – Cantigas de Roda	Nova Enciclopedia das crianças - vol. 05 EMEI Monteiro Lobato Coleção Tiquinho - Ed. Paulinas SOT Coleção filmes – Ed. Vigília SOT SOT SOT Adaptação SOT SOT Mestre Renato Pacheco

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
7	RR 7/82 Setembro	35	38	0	Recordando	Modelagem – considerações e sugestões Semana da Criança – sugestões e atividades Jogos - (5 a 6 anos) Sugestões do Banco de Estórias Estória: A galinha e seus pintinhos - (4 anos) Imitando - (4 anos) Brinquedo – telefone - (4 anos) Adivinhação – quadras Atividades para noção de inteiro e metade - (5 anos) Informe: Festival Monteiro Lobato Semana da Criança – cartanagem/fantoches de luva Estória: A tartaruga triste – vareta	Jeane Fiquemont/SE 102 SOT EMEI Cassiano Ricardo SOT SOT SOT EMEI Cassiano Ricardo SOT SOT EMEI Fernando de Azevedo EMEI Cassiano Ricardo
					Renovando	Animais e Animaizinhos – blocão informativo Asdrúbal, o pintinho – teatro de varetas A galinha e a linha – flanelogravura O passarinho vermelho – blocão Recursos pedagógicos - (5 anos) A Casinha Nuvem – blocão Brincadeiras: bola ao cesto e siga o mestre Sugestão de cartanagem – O Pintinho Criando Bichinhos com Vegetais	SOT Málus – Ed. Vigília Málus/Melado – Ed. Vigília Camargo/Milton/Frank/Rodrigo – Ática EMEI Rui Barbosa SOT Barbara V. de Carvalho – Lotos SOT SE 102 SOT
8	RR 8/1982 Novembro	20	25	0	Recordando	Natal Sugestões do Banco de Estórias Envelopes-Surpresa: Fraternidade – Campanha Educativa Confeccionando enfeites de natal	SOT SOT SOT SOT
					Renovando	O Nascimento de Jesus – blocão O anjo do Natal – teatro de sombra Símbolos de Natal – teatro de vareta É Natal – poesia Um presente para o menino Jesus – fantoches A árvore do Beto – televisão Sugestões para coro falado: Natal Prece	M. Luiza Recciardi – Paulinas SOT SOT SOT SOT Ruth Rocha/Ciça Mendonça – Abril EMEI Cândido Portinari Leonor Posada Vicente Guimarães

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
9	RR 1/83 Fevereiro	40	41	0	Recordando	Apresentação: O começo Atividades de rotina – sugestões de recursos: Cartazes para chamada Cartazes para aniversariantes do mês Crachás pra ajudante do dia Cartazes para calendário Sugestões do Banco de Recursos Unidade de trabalho: Lar, escola, comunidade Atividades para desenvolvimento de conceitos: Tamanho e altura Forma, cor, tamanho, espessura, textura Jogo de víspora com formas Superposição de gravuras Que cor está faltando? Formas e cores	SOT “ “ “ “ “ “ “ “ “ “ “ “ “ “ “ “ “
					Renovando	Construindo maquete O azul, o amarelo e o vermelho – desenho mágico Catarina vai à escola – fantoche/Coleção conte um conto A família – fantoche de luva Família Carretel – esquema corporal Brincando com cores Jogo das tampas Cartonagem: Construindo casinhas Músicas: Sugestões para Unidade de Trabalho	“ “ EMEI Guilherme de Almeida EMEI Pe.Manoel da Nóbrega Nylse Helena S. Cunha/APAE SOT SOT SOT Diversos

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
10	RR 2/83 Março	32	31	0	Recordando	A Páscoa está chegando Sugestões do Banco de Recursos Didáticos Sugestões para comemoração do Dia do Índio Trabalhando com esquema corporal Estórias mudas Exercício gráfico para discriminação de forma, figura e fundo Recurso para cartaz de chamada e discriminação visual Exercícios gráficos para o treinamento da percepção visual Exercícios para o desenvolvimento da linguagem Trabalhando com os conceitos de cor e tamanho - (4 anos)	SE 102.2 – Serviço de Recursos Didáticos – SERD “ “ SOT “ “ “ “ “ EMEI José de Anchieta
					Renovando	Exercício para treino viso-motor Blocos lógicos – jogo isomorfo Recurso para atividades de vida diária Atividade lúdica para o treino de discriminação visual Máscaras com os personagens de Monteiro Lobato Jogo das tampas II - (5 anos) Eu sou o Azul – flanelógrafo Os amigos da noite – teatro de sombra Bibliografia	SOT Dienes Golding SOT SOT EMEI Lauro Gomes SOT SOT EMEI Jardim Detroit SOT
11	RR 3/83 Abril	38	30	0	Recordando	A criança e sua arte-pintura a dedo Sugestões do R.R. nº 2/82 Recordando algumas sugestões de presentes para mamãe Confeccionando meios de transporte com as crianças Atividades para discriminação de forma - (4 anos) Exercícios gráficos de figura – fundo - (5 anos) Exercícios gráficos para discriminação visual - (6 anos)	SERD “ SOT “ “ “ “
					Renovando	Estória: Um presente para mamãe – fantoches Assunto: Meios de transporte – flanelogravura Sugestões do Banco de Recursos: Jogo de tampas III – (5 anos) Enriquecendo os Recursos Didáticos na escola Transitolândia – aula estoriada Músicas: Dia das Mães e profissões Estória: As profissões – teatro de vareta Bibliografia	“ “ “ “ “ “ “ “

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
12	RR 4/83 Maio	42	19	0	Recordando	Recorte e colagem Recordando as sugestões do R.R. nº 4/82 Recordando as histórias do Banco de Recursos Recordando as danças, rodas e brinquedos cantados Sugestões de atividades para discriminação auditiva Materiais para discriminação de sons Recordando receitas de modelagem Desafio Bandeirinhas Relação de discos	SOT “ “ “ “ “ “ “ “ “ “ EMEI Vital Brasil
					Renovando	Bonecos molengas Material pedagógico Conceitos - (5 anos) Dobraduras Músicas Vamos brincar de marinheiro Os sentidos - versinhos As estações do ano - história para televisão Eu sou o Vermelho - flanelógrafo A casa - teatro de sombra Bibliografia	SOT “ “ Sunny Origami Odile Macedo SOT Amaro Hervo SOT SOT EMEI Anísio Teixeira SOT

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
13	RR 5/83 Agosto	56	36	0	Recordando	Utilizando a tesoura Relação de estórias do Banco de Recursos Didáticos Recordando o R.R. nº 05/83 Modelagem-receita Brincando com ar Brincando de Amarelinha e Caracol	SOT “ “ “ “ “
					Renovando	Ábaco – Recurso pedagógico Trabalhando com o quadrado Cidade – coro falado Os amigos da floresta – fantoche O menino e a natureza – teatro de sombra Brancaflor – varal Marinho, o peixe voador – varal Eu sou o Amarelo – flanelógrafo Nosso amigo ventinho – flanelógrafo Bido, o sabido – blocão O conjunto – blocão Uma nuvem chamada fofinha – blocão Maurício e a chuva – televisão A vida de Goti – desenho mágico Sugestões para o dia dos pais (cartão/porta-pente) Poesias - (4 a 6 anos) Brincando com minerais Construindo um moinho de vento Bibliografia	SOT “ “ “ “ Coleção Festivais de Contos – CEDIBRA EMEI Rui Barbosa Revista Recreio nº 158/EMEI Castro Alves SOT EMEI Anísio Teixeira Faith Mc Nulty – Ed. de Ouro/ EMEI J. Detroit Tenê – Ed. Ática Revista Recreio 250/EMEI Castro Alves Revista Recreio 114 EMEI Lauro Gomes/EMEI F. de Azevedo Bárbara Carvalho SOT “ “

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
14	RR 6/83 Setembro Outubro	44	36	0	Recordando	Perfuração Sugestões de subsídio R.R. nº 6 e 7/82 Recordando Sugestões de atividades para Semana da Criança Exercícios de observação na pré-escola Associações simples por relações e afinidades – Sugestões de atividades Associações complexas por analogia – Sugestões de atividades	SOT “ “ “ “ “
					Renovando	O trigo e suas utilidades – televisão Uma pequena semente – teatro de sombra viva O menino e a flauta encantada – teatro de sombra Carlinhos e as horas – blocão A árvore – desenho mágico Aprendo as horas e desenho os ponteiros-coro falado N/C Recurso p/ composição de histórias, jogos imitativos e outros Círculos e Triângulos – Sugestões de exercícios Confeccionando: Nariz de palhaço e coruja Confeccionando: Brinquedos com meias Brincando com robô Vestindo boneco e boneca Bibliografia Suplemento 03/83 - 1 página Massa de farinha de trigo	Do livro: <i>Como nasce o pão</i> EMEI Lauro Gomes EMEI Ernesto Augusto Cleto Minha 1ª Enciclopédia - V4/EMEI A. Teixeira SOT “ “ “ EMEI José de Anchieta/EMEI J. Detroit SOT “ “ “ Revista AMAE/Educando - 113 Violet Oaklander - Conhecendo Crianças

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
15	RR 7/83 Novembro Dezembro	34	38	0	Recordando	O Natal Recordando o RR nº 8/82 Recordando materiais do Banco de Recursos Recorte em série Papai Noel em máscaras e em fantoche de dedo Dobradura: O chapéu do Papai-Noel Enfeitando árvores para o Natal Poesias	SOT “ “ “ EMEI Pe. José Maurício EMEI Andréia Demarchi SOT Bárbara Carvalho SOT
					Renovando	A girafinha Flor e seus amigos – televisão Natal no jardim encantado – dramatização O galinho que foi a Belém – teatro de sombra Nasceu Jesus – teatro de vareta O pinheirinho de natal – blocão Brincando com jornal Confeccionando o presépio Jogo da memória Músicas: Papai Noel Papai Noel Dia de Reis Suplemento 04/86 - 5 páginas Aula estoriada – Educação Física Atividades com arcos/banco sueco/saquinhos de areia	Terezinha Casassanta Ed. do Brasil SOT SOT EMEI Vicente de Carvalho EMEI Aldino Pinotti Ver. AMAE/Educando 129-130 EMEI Pe José Maurício EMEI José de Alencar/EMEI Pe. J. Maurício SOT Emília Jannibelli Lucília Villa Lobos Folclore brasileiro SOT “ “

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
16	RR 01/84 Fevereiro Março	35	20	0	Recordando	Os cantinhos da sala de aula Índice geral do RR 09/83 Sugestões de Estórias Recurso p/ desenvolv. U.T: Lar, Escola, Comunidade Recursos p/ desenvolver atividades sobre Saúde e Nutrição Recursos p/ desenvolver conceitos de cor e forma Jogos com figuras geométricas Identificando as partes do corpo	SOT “ “ “ “ “ “ “
					Renovando	Criando estórias com legumes e frutas Recurso p/ atividades relacionadas às expressões faciais Recurso para apresentação do nome Estórias: O céu da cor que eu quero A cidade triste que se tornou alegre – varetas Você e seus dentes – blocão Banana na lua – blocão Desfile das cores – vareta Recursos para desenvolver atividades sobre formas Recursos para sua criatividade – A casa em que a gente vive Recurso para coro falado – Bom dia –As compras Referência bibliográfica Recursos para dramatização	EMEI Vicente de Carvalho SOT “ Ganimedes José-Folhinha de SP EMEI Fernando de Azevedo EMEI J. Detroit SOT EMEI Andréia Demarchi EMEI J. Detroit SOT Eliana Sá Cecília B. R. Amoroso M. de Lourdes Figueiredo SOT “

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
17	RR 02/84 Abril	23	13	0	Recordando	Coordenação viso-motora Sugestões de recursos para desenvolvimento das atividades para o Dia de Monteiro Lobato Sugestões de recursos para o desenvolvimento das atividades sobre a Páscoa Relação de estórias do Banco de Recursos Didáticos	SOT “ “ “ “
					Renovando	Estórias: A casa de Pé de Vento – flanelogravura O menino Poti – blocão O presente de Páscoa – flanelogravura Roteiro de um recurso visual sobre trânsito Bibliografia Suplemento 01/84 - 6 pgs Plano de aula para atividades físicas - (4 anos) Suplemento 02/84 - 6 pgs Percepção Recado para a mamãe: colaborando com a economia doméstica e preservando a natureza Modelos de convites para o Dia das Mães	EMEI Pe. Leonardo Nunes Adapt. Menino Poti – Ed. Melhoramentos EMEI Pe. Leonardo Nunes “ “ “ “ Violet Oaklander/Descobrimo crianças “ EMEE Rolando Ramacciotti
18	RR 03/84 Junho	29	41	0	Recordando	Situações e atividades para estimulação da percepção tátil Recordando músicas para canto, dança, roda cantada, bandinha e outros Sugestões de estórias do Banco de Recursos Didáticos	SOT “ “
					Renovando	Conversando com as crianças sobre a cidade e o campo Estórias: Os animais do campo – blocão Folia de feijão – televisão Tal como Ferdinando – Feliz Idéia Desafio: Juquinha e Ritinha Coro falado: Bate-papo na roça Aula de Iniciação Musical Fantoches com saquinho de papel Brincando com barraquinha, utilizando mobiliários Bibliografia Suplemento 03/84 - 4 pgs Danças para o mês de junho	“ Luiz Camargo Phyllis Reily e Déa Kerr Affini SOT Gilda Figueiredo Padilha SOT “ “ “ “

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
19	RR 04/84 Agosto	45	24	0	Recordando	Os três reinos da Natureza Sugestões de exercícios para o desenvolvimento da linguagem enviadas pelas escolas Estória: Ciranda de Insetos Música: Minha viola Música: Tem gato na tuba Trocadilho Música: Ai meu nariz	SOT SOT (Org.) Ciça e Zélio/EMEI Santos Dumont EMEI Rui Barbosa Balão Mágico/ EMEI Rui Barbosa Laura E. Richards/Helena Vieira/Rui Barbosa Balão Mágico/EMEI Rui Barbosa
					Renovando	Sugestões para o Dia dos Pais Porta-lápis com lata de cerveja ou similar Latinha ou caixinha em relevo Cartão porta-canetas Jogo de trilha Vamos brincar de cineminha Músicas: O burrico O soldadinho Estórias: Brincar de orvalho – televisão O pássaro da chuva – blocão Recurso visual da Ciranda dos Insetos Bibliografia Suplemento 04/84 - agosto - 4 pgs Plano de aula para Educação Física	SOT SOT SOT EMEI Fernando de Azevedo EMEI José de Alencar EMEI Carlos Gomes SOT SOT SOT Monique Bermond/Lúcia Almeida/Ática SOT SOT SOT
20	RR 05/84 Setembro Outubro	26	20	0	Recordando	Sugestões de exercícios para o desenv. da linguagem enviadas pelas escolas - parte II	EMEIs Carlos Gomes/Bernardo Pedroso/ Leonardo Nunes/Andréia Demarchi Rui Barbosa/Monteiro Lobato
					Renovando	Estória: A minhoca – blocão informativo Estória: A cidade que era triste – varal Sugestões para a Semana da Criança Cartuchos decorados/ Óculos de Sol Bichinhos em prato de papelão Pé-de-pato/ Pantufas para brincar/Lanche festivo Músicas: A primavera está chegando Meu jardim É primavera Suplemento 05/84 - set/out. - 3 pgs Atividades físicas – exercícios com fitas	Adrienne Soutter-Perrot Arlete Pacheco SOT “ “ “ Fanny Girdali Meatt M. Woolsey/Francis G. Bennett Faxe G. Petersen SOT

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
21	RR 06/84 Novembro	23	27	0	Recordando	Sugestões de exercícios para o desenvolvimento da linguagem enviadas pelas escolas - Parte III Brincando com os sons Ungle... Ungle... Ungle – trava lingua Loto com figuras de sons finais Prolação: Papim papando Pintura relevo Vivenciando a Campanha Educativa Modelo de árvore e das figuras	SOT (Org.) EMEI Vicente de Carvalho EMEI Vicente de Carvalho EMEI São Pedro EMEI Hygino B. de Lima EMEI Pe. José Maurício EMEI Aluísio de Azevedo
					Renovando	Estória: Terra da tristeza - Terra da alegria Atividades físicas Enfeitando árvore de Natal Confeccionando velas Colagem com tampinhas Músicas: Soam os sinos Dezembro Jesus num presépio	Corina M. Peixoto Ruiz/EMEI C. Portinari SOT “ “ “ “ W.A. Mozart/EMEI Di Cavalcanti Charlene A Newell/ idem Martin L. /idem
22	RR 01/85 Abril/Maio	32	14	0	Recordando	Considerações gerais sobre a Unidade de Trabalho Sugestões para o Plano de Trabalho Sugestões para turmas - (4 anos)	SOT “ “
					Renovando	Estórias: O mundo e as formas – blocão Presente para a mamãe O passeio de Paulo – blocão O segredo do Curumim Sugerindo recursos Músicas: Viola Paulista E vida no mar Chimarrita Roda Cantada Brinquedo de roda Bibliografia Suplemento 02/85 -fevereiro - 3 pgs Início do ano letivo Suplemento 02/85abril/maio - 8 pgs Atividades físicas - (4, 5 e 6 anos)	“ Lais Ribeiro/ Folhinha de S.Paulo-9/5/82 Keiko Murayama/S. Horiuchi disco – E. Abril/EMEI Vinicius de Moraes SOT “ Adelina S. Barreto Augusta Campos Emília Jannibelli Oneida Almeida Câmara Rita Amaral Erhart/Vera Erhart de Souza Dias SOT SOT SOT

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
23	RR 02/85 Agosto Setembro Outubro	27	36	0	Recordando	Considerações a respeito do pensamento da criança Brincando com os sons Sugestões de atividades para o desenvolvimento da Unidade de Trabalho: Os três reinos da natureza Atividades para o desenvolvimento da linguagem Exercício: Fli, Flai, Flu Exercício utilizando gravuras Vamos brincar com água	SOT “ EMEI Pe. José Maurício EMEI Ernesto Augusto Cleto EMEI Aldino Pinotti SOT
					Renovando	Estórias e jogo dramático Estórias : O tempo – bloção O sapo Batista Vamos construir nossos brinquedos: Vai-vem Piões Vamos movimentar o siri Quem chega primeiro Meu cinto novo Fantoche de dedo Bibliografia	“ “ “ “ “ “ “ “ EMEI Santa Terezinha SOT

24	RR 03/85 Novembro/ Dezembro	28	22	0	Recordando	Natal, festa das crianças Estória: O que aconteceu com as macieiras? Coro falado: Canto de Natal	Subsídio Natal 1968/SOT SOT “
					Renovando	Avaliação Despedida – Jogo dramático Músicas: Dorme Criança Em tudo há beleza Uma estrela cintilante Pastorinhas Naquele Tempo Estória: Os gominhos do Amor – fantoche Modelando com papel machê Criatividade e Sinos Porta-cartões Papai Noel em saco de supermercado Papei Noel Vai-vem Natal com crepom Aproveitando retalhos de madeira	“ “ Joseph Ballantyne/Adapt. SOT Matilda W. Calsoon/Adap. SOT Hinário do J.de Infância/Imprensa Metodista Pastoril/Recife-PE Irene Pereira Souza / Emília Jannibelli EMEI Caetano de Campos SOT “ “ “ “ “ “

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
25	RR 01/86 Fevereiro Março	26	15	0	Recordando	Recordando atividades dos RR anteriores Conversando com as crianças Sugestões de atividades para a Unidade de Trabalho: Lar, Escola, Comunidade Vamos brincar de pintar	SOT
					Renovando	A criança e sua adaptação na escola Esquema corporal Atividades de modelagem Iniciação Musical Bibliografia	SOT
26	RR 02/86 Abril/Maio	26	3	0	Recordando	Recordando objetivos da Unidade de Trabalho: Regiões Brasileiras e Raças e primeiros habitantes do Brasil Sugestões para o desenvolvimento da programação das atividades (abril/maio)	SOT “
					Renovando	Esquema Corporal – (continuação) Relembrando atributos que podem ser ressaltados no início do ano e trabalhados posteriormente em Classificação e Seriação Trabalho com material estruturado Conversando sobre crianças gêmeas Iniciação Musical II Sugestões para o Dia das Mães Estória: Suriléia-Mãe-Monstrinha – blocão Suplemento 01/86 - 8 pgs Aula ministrada no curso de Educação Física na Pré-Escola, realizado no período de planejamento, fevereiro/86	SOT “ “ “ “ EMEI Rui Barbosa Lia Zatz/Eva Funari-Ed. Paulinas Ivo Jordano e Fernando A. Guimarães

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
27	RR 03/86 Junho	18	18	0	Recordando	Recordando os objetivos da UT: A cidade e o campo Brincando com meios de transportes Consideração sobre festas e comemorações Sugestões para elaboração do plano de trabalho do mês de junho	SOT “ “ “
					Renovando	Estória: Os dentes e você – blocão O tempo – blocão Conversando sobre comportamento imitativo em sala de aula Esquema Corporal – 3ª parte Estória: Festa na Mata do Cipó – vareta Bibliografia Suplemento 02/86 - 14 pgs Subsídio sobre a aula ministrada no curso: Educação Física na Pré-Escola, realizado no período de planejamento, fevereiro/86	“ “ “ Gonçalves Ribeiro/EMEI F. de Azevedo SOT Luciano Nardelli e César A. Menezes
28	RR 04/86 Julho Agosto Setembro	14	0	0	Recordando	Retornando às aulas...Ao trabalho... Ao Cotidiano Sugestões para elaboração do plano de trabalho dos meses de agosto e outubro Cantinho científico Tinta feita em casa Idéias para quebra-cabeça Recordando receitas para artes plásticas Modelagem de pó de serra ou pó de lixadeira Pintura a dedo I Pintura a dedo II Brincando com as crianças: Jogo recreativo Jogos motores	SOT “ “ “ “ “ “ “ “ “ Nicanor Miranda - 200 jogos Infantis EMEI Carlos Gomes
					Renovando	Considerações sobre o papel: Vamos renovar com as crianças as formas de trabalhar com Artes Plásticas na Escola. Suplemento 03/86 - 05 pgs Considerações sobre Coro falado Bibliografia	SOT Diversos

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
29	RR 05/1986 Outubro	35	16	0	Recordando	Reflexão sobre dobradura Estória: O Lalá – folha de papel	SOT “
					Renovando	Estória: As andorinhas e a chuva na Terra Coro falado: O doce da Cremilda Músicas Atividades com representação das quantidades Sugestões para a Semana da Criança: Gincana com massa de modelar Batizado da boneca O dia do Cinema, do Teatro ou do filme O dia do mestre cuca e da Cozinha Sugestões para a confecção de lembrancinhas: O sapo, o fofão, o Estalo, a Galinha Có-có Bibliografia Suplemento 04/86 - 08 pgs Subsídio sobre a aula ministrada no curso: Educação Física na Pré-Escola, realizado no período de planejamento, fevereiro/86	Edson Gabriel Garcia Revista Alegria - fasc. 3 SOT “ “ “ “ “ EMEI Santos Dumont SOT EMEI Monteiro Lobato SOT Laércio Alves Pinto

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr.	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
30	RR 06/1986 Novembro Dezembro	27	15	0	Recordando	Índice das atividades sugeridas nos RR anteriores sobre Natal Natal: A paz é a mensagem Mensagem de Natal Incentivando a Fraternidade	SOT “ “ “
					Renovando	Dramatização de Natal: Dança das flores – O girassol Danças do Pastorzinho Dança dos bichinhos Tadições natalinas: Canção Noite Feliz Enfeite e Bolas Coloridas Litania: Papai do céu, obrigado Coro falado ou dramatização: A palhinha do Presépio A porteirinha O pastorzinho feliz Estória do natal: O primeiro sorriso de Jesus Músicas: Presentes de Natal Natal chegou Adeus ao Ano Velho Feliz Natal Cartões de Natal Sugestões para enfeites de Natal Bibliografia Suplemento 05/86 - 06 pgs Continuação dos exercícios do Suplemento 04/86	SOT “ “ EMEI Thales de Andrade/Adap. SOT SOT “ Adaptação do SOT Edvete da Cruz Machado/O mundo da criança “ Adaptação do SOT Mário Quintana/Lili inventa o mundo Bellah Leite Cordeiro/Ed. Paulinas Adaptação do SOT Folclore Alemão Folclore Norte Americano Wilma Hart/ No reino da Música EMEI Ondina Ignez de Oliveira “ “ Laércio Alves Pinto

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
31	RR 01/87 Abril Maio	50	42	0	Recordando	Unidade de Trabalho: Regiões Brasileiras e Raças Sugestões para o desenvolvimento da programação das atividades (abril/maio)	SOT “
					Renovando	Sobre os branquinhos, branquinhas, pretinhos e pretinhas Subsídio para o professor referente à Unidade de Trabalho Atividades recreativas/Várias Bolo de chocolate Sugestões de estórias: Pachachá e o peixinho O menino e o jacaré O dedal da vovó Clact...Calct...Clact... Músicas: A chuva / Baianinha O pedreiro / Marcha dos Operários Confeccionando com diferentes materiais Bibliografia Suplemento 01/87 - 16 pgs Considerações sobre Iniciação Musical Bibliografia	“ “ “ EMEI Francisco Miele Cláudio e Orlando Villas Bôas/Ed. Kuarup idem/EMEI Santos Dumont Lúcia Pimentel Góis/ Editora FTD S/A SOT “ “ EMEI Santos Dumont SOT SOT “
32	RR 02/87 Novembro Dezembro	27	20		Recordando	Subsídios editados em RR anteriores Dramatização: A Bruxinha que descobre o Natal	SOT Iara Prado /Maia de Faria EMEI Caetano de Campos
					Renovando	História: Queremos Natal com Papai Noel Dramatização: idem História: O Natal de Manuel O segredo do Natal: Ser Feliz Litania: Obrigado, meu Deus Coro falado: Natal Tempo de Natal Coro falado - (6 anos) Poesias: A Estrelinha Natal Músicas: O cordão de paz Presente de Natal	Ana Maria Boher – Ática EMEI Santos Dumont Ana Maria Machado – Nova Fronteira Shofia de Mello Andrens (trad.)/M. Fontes EMEI Lauro Gomes Bellah Leite Cordeiro/EMEI Lauro Gomes Adap.SOT/Gráfica Ambrosiana Adap. SOT EMEI Santa Terezinha Martins Alvarez Vicente Guimarães Paulo Sette/EMEI Alto do Baeta Revista Nosso Amiguinho nº420/86 Música: SOT

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
33	RR 1/89 Março/Abril	26	4	0	<p>Texto para reflexão</p> <p>Sugestões</p> <p>Sobre raciocínio lógico-matemático</p> <p>Para os alunos do P. Integral</p> <p>Relato de Experiências</p> <p>Carta ao leitor</p> <p>Roteiro de avaliação</p> <p>Entrevista</p> <p>Suplemento 01/89 - 12 pgs</p> <p>Suplemento 02/89 - 3 pgs</p> <p>Texto para reflexão</p> <p>Construção do Conhecimento lógico-matemático</p>	<p>A autonomia como finalidade de Educação</p> <p>Implicações da teoria de Piaget</p> <p>Atividades e temas nos RR anteriores</p> <p>Visita</p> <p>Disco: O bloco da palhoça</p> <p>Apostila do curso de folclore</p> <p>Percebendo espaços – sucata</p> <p>Baú para dramatização</p> <p>N/C</p> <p>N/C</p> <p>Contéudos e atividades curriculares</p> <p>Membros da Comissão Municipal de Educação de São Caetano do Sul</p> <p>Comemoração do Dia do Índio</p> <p>Ser mãe é...</p> <p>A autonomia como finalidade de Educação – (continuação)</p> <p>Classificação</p>	<p>Constance Kamii. <i>A criança e o número</i> – Papirus, 1987</p> <p>SOT</p> <p>EMEI Parque Seleta</p> <p>EMEI Mário de Andrade</p> <p>idem</p> <p>SOT</p> <p>SOT</p> <p>SOT</p> <p>Irene Franciscato (SE 102.1)</p> <p>Harumi Irie e M. Elisa M. Garcez -OPs</p> <p>Cláudio e Orlando Villas Boas</p> <p>Aracy Lopes da Silva</p> <p>CIMI Conselho Indigenista Missionário</p> <p>SOT</p> <p>Constance Kamii</p> <p>SOT</p>
34	RR 2/89 Maio	44	14	0	<p>Sugestões de atividades para o Período Integral</p> <p>Relatos de Experiência</p> <p>Carta do leitor</p> <p>Entrevista</p>	<p>Diversas</p> <p>As crianças aprendem com o que elas vivem</p> <p>Entrevista com moradora do bairro</p> <p>Entrevista com servente (zelador da escola)</p> <p>Índios</p> <p>UT: Regiões e Raças</p> <p>Autonomia 1, 2 e 3</p> <p>Sobre o Semi</p> <p>Sobre Mãe/Professora</p> <p>Sempre é tempo</p> <p>Sobre os índios</p> <p>Com Eunice Paiva Okabe – folclore</p>	<p>SOT</p> <p>EMEI Odette de Lima</p> <p>CMEIs Battistini e N.Sª de Fátima</p> <p>CMEI B. Battistini</p> <p>EMEI Mariana N. Interliche</p> <p>CMEI Vila Esperança</p> <p>EMEI Castro Alves</p> <p>EMEI Mário de Andrade</p> <p>Prof. Catia R. G. Queijo</p> <p>EMEI Aldino Pinotti</p> <p>Áurea M. de Almeida – OP</p> <p>Nanci Censon e m. Elisa M. Garcez</p>

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
35	RR.3/89 Julho	31	13	3	<p>Conhecimento lógico-matemático</p> <p>Contando com o Departamento de Cultura</p> <p>Com a palavra</p> <p>Relatos de Experiência</p> <p>Dia dos Pais</p> <p>Atividades para Período Integral</p> <p>Entrevista</p>	<p>Seriação</p> <p>Informes, visitas</p> <p>Parque Chico Mendes/Chácara Silvestre</p> <p>Educação ambiental</p> <p>Semi-Internato</p> <p>Atividades – Semi-Internato</p> <p>O casulo</p> <p>Experiência com palnatas</p> <p>Estudo da região sul/culinária</p> <p>Reunião de Mães</p> <p>A cidade e o campo</p> <p>Atividades</p> <p>Viver em grupo exige normas</p> <p>Lucy Katia Napoleão – OP/DM</p>	<p>{Maria da Glória Seber} pelas OPs:</p> <p>Ivonete L. Corradi/M.Elisa M.Garcez</p> <p>SOT</p> <p>Maricida G.Ortega, Tânia Mara Cruz, M..Josefa G. Turi, Eunice P. Okabe Stelamare F. Matias, Rosa Maria R. Rodrigues</p> <p>EMEI Monteiro Lobato</p> <p>EMEI Ana Maria Poppovic</p> <p>EMEI Graciliano Ramos</p> <p>EMEI Mário de Andrade</p> <p>EMEI Ana Maria Poppovic</p> <p>EMEI Ana Maria Poppovic</p> <p>SOT</p> <p>EMEI Mariana Neves Interliche</p> <p>Áurea Messias de Almeida – OP</p>

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
36	RR.4/89 Agosto	43	4	9	Com a palavra	Grupo de Educação Ambiental	Maricida, M. Josefa, Eunice Stelamare, Rosa, Tania
					Relatos de Experiência	Um monstinho chamado RLM (raciocínio lógico-matemático) Classificação e Seriação Trabalho fotográfico Uma maquete pedagógica Festa de Aniversário Semi-Internato Uma aula sobre Ecologia Dia dos Pais Pergunta para os pais	EMEI Antonio de Lima EMEI Cândido Portinari Maricida Gobatto Ortega EMEI M. Caetano de Castro idem EMEI Jardim Laura idem EMEI Vital Brasil EMEI José de Anchieta
					Para as crianças de Período Integral	Caixa de papelão –teatro para o período integral	SOT
					Contando com o Departamento de Cultura Entrevista	Relatório Banda Municipal	EMEI Pe. Leonardo Nunes SOT
					Carta do leitor	Profs. entrevistadas: Ambrosina L.Vianna / Wildes G.Campos Ferreira / Ademilde C. Geraldini / Abigail Bucchione e Maria Aparecida da Silva	SOT
					Setorização de EMEIs	Contribuição ao Plano Municipal de Educ. Carta de profª de Americana/SP	Vania M. Cardoso/Izabel C. Costa Profª Yolanda

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
37	RR 05/89 Setembro	34	27	2	E as crianças... Entendem sobre seus direitos? Os Direitos da Criança Sobre marcenaria Sobre a Unidade de Trabalho Estórias que fazem nossa história Com a palavra – Ed. Ambiental Fala triste de gente ativa Depoimento Relatos de Experiências Transformando o cotidiano Suplemento 03/89 - 11 pgs (outubro)	Propostas de atividades O observador de nuvens Visita ao Sesc Campestre Poema Culinária/escrita Agradecimentos Eclipse da lua O jogo da amarelinha Fanfarras Infantil Grupos de Estudo Fórum Pró-cidadania da criança Entrevista com Zeni Soares Coordenadora M. Meninos e Meninas de rua	EMEI Ana maria Poppovic ECA Patrícia Grinberg/Paulo Tenente Ed. Lê M. Josefa, Stelamare, Eunice Maricida, Tânia, Rosa Débora Mazza Jacy Jovan Z. de Lima (diretora) EMEI Castro Alves idem idem EMEI Antonio de Lima EMEI Hygino Baptista de Lima SE 102.1 Jane D. Naimayer Padula e Mareny Moraes

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
39	RR 1/90 Março	25	1	4	<p>Texto: Educação Com a Palavra</p> <p>Relatos de Experiência</p> <p>Semi-Internos</p> <p>Cursos, Encontros, Seminários Mantenha-se informada Entrevista</p>	<p>O sonho possível Educação Ambiental – Estudo do Meio</p> <p>Proposta de trabalho – Entrada das crianças Reunião de Pais e Mestres Educação Ambiental Compra comunitária Amigas comuns ou escolas comuns?</p> <p>Conhecendo a Comunidade Trabalhando com a agressividade Leitura, Escrita e Massa de modelar Pesquisa Relatos de Experiências com o Semi</p> <p>reflexão sobre os relatos Diversos</p> <p>Estatuto, Recados, Certificados, etc Professora M. Nakano</p>	<p>Paulo Freire M. Josefa, Maricida, Eunice Stelamare, Rosa EMEI Odette de Lima idem EMEI Cléia M. T. de Souza idem EMEIs Euclides da Cunha, Antonio de Lima e Parque Selecta EMEI Vinicius de Moraes EMEI Lourenço Filho EMEI Bernardo Pedroso</p> <p>EMEIs Pe. Leonardo Nunes/Antonio de Lima, Cléia M. T. de Souza e Moyses Cheid Nanci Luglio Censon – OP</p> <p>SOT SOT</p>

40	RR 2/90 Agosto	25	31	2	<p>Textos para reflexão</p> <p>Relatos de Experiências</p> <p>Prevenção de cáries/ doenças bucais</p> <p>Resenhas de Livros Jogo de figuras</p> <p>Sugestão de materiais Com a Palavra – Ed. Ambiental Página do leitor</p>	<p>Carta aos dirigentes das escolas A volta de um personagem do Séc. XVIII ao Brasil</p> <p>História de formas geométricas e cores Linguagem e escrita Bolinhas de sabão</p> <p>Educação e Saúde</p> <p>Quatro resenhas Saquinho de palavras</p> <p>Figuras e Palavras Sugestões de atividades</p> <p>Chamada à participação</p>	<p>SOT</p> <p>EMEI Euclides da Cunha EMEI Ana Maria Poppovic EMEI São Pedro EMEIs Santa Terezinha e Maurício Caetano de Castro Dra. Izamar Rizzo Falanga</p> <p>Secretaria da Saúde Diretora Roseli Ramos Alvim (org.) EMEI Lauro Gomes</p> <p>idem EMEI Euclides da Cunha</p> <p>SOT</p>
----	-------------------	----	----	---	---	--	---

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
41	RR 3/90 Setembro	30	21	0	Textos para reflexão Pensamentos para reflexão Sugestões: materiais e atividades diversas A criança e seu estatuto Relatos de Experiência Resenha de Livros Grupo de Educação Ambiental Recado das monitoras Página do leitor	Carta aos educadores Desafio aos educadores- excerto da obra Texto Alerta Aula de Educação Física com arcos Sugestões para trabalhar com o nome Confecção de vários materiais Comparando ECA – Código do Menor Resgate do nome da EMEI Ra-tim-bum Comemorando o Dia dos Pais Reunião de Pais e Mestres Semana Ecológica da Criança Redução da equipe Chamada à participação	Alzira M. de mendonça Neidson Rodrigues - <i>Lições do Príncipe e outras lições</i> – Ed. Cortez EMEI Odette de Lima EMEI Antonio de Lima EMEI Aluísio de Azevedo EMEI Coelho Neto EMEI Odette de Lima Áurea M. de Almeida – OP EMEI Euclides da Cunha EMEI Antonio de Lima EMEI Antonio de Lima EMEI Graciliano Ramos Aureli N. Rosa, Eliane C. Lindolfo e Nanci Luglio Censon (orgs) Comissão de Ed. Ambiental Vania/Cris/Maria José SOT

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
42	RR 1/91 Abril	22	19	0	Textos para reflexão	Caminhando para a Reforma Curricular Texto: A perspectiva de Jean Piaget	Lino de Macedo <i>Caderno Idéias</i> – FDE nº2, São Paulo, 1988
					Trabalhando a temática – Mulher/Mãe	Sobre relacionamento interpessoal - Carícias Poesia: Se as coisas fossem mães	Roberto Shinyashiki Sylvia Orthof
					Com a palavra	Sugestões para comemorações Projeto da terceira idade Projeto de Educação ambiental Grupo de Monitoria	Diversos Prof. Vera Lúcia Rossi M. Josefa, Eunice, Stela e Maricida P.M.– Ademilde, Darcy, Déa, Kathia, Marcia, Nadija, Regina Prado P.M. – Déa Cristiane, Heleni, Jumara, M. Luiza, Marilene, Regina Célia
					Relatos de Experiências	A história do José Leptospirose	EMEI Monteiro Lobato EMEI Pe. Manuel da Nóbrega
						Coord. de temas e textos Equipe técnica SERD	Alzira e Jane Mareny, Ivonete, Nanci Rose, Elói, Edna, Dalva, M.Helena, Francisco, Joirdes, Maricida M. Leibrunder (org.)
					Subsídio para reflexão - Abril/91 - 18 páginas	A questão indígena na sala de aula	
					Suplemento 01/91- 15 páginas	O mito do amor materno – resenha	Elisabeth Badinter (autora) Darcy G.Lopes Fernandes e Monitoria

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
43	RR 2/91 Junho	40	20	0	Caminhando para a Reforma Curricular Trabalhando Temáticas O que acontece nas escolas Com a palavra Relatos de Experiências Suplemento 02/91 - 9 páginas	Algumas idéias sobre o desenvolvimento e jogo infantil Festas Juninas Poesia: O gato aluado Sugestão dos RR anteriores: O chão e o pão Confecção de lanterna (cultura nordestina) Biblioteca Circulante Material de Sucata - explorando e descobrindo Projeto de Educação Ambiental Resgate Histórico Conselho de Escola Creche Integração de Projetos-Calendarário Reino Vegetal A borboleta no céu Reflexões sobre o Dia do Migrante	Zilma Moraes R. de Oliveira Sérgio Caparelli Cecília Meirelles EMEI Ernesto Augusto Cleto EMEI Anísio Teixeira EMEI Caetano de Campos Josefa, Eunice, Stela, Maricida M. Amélia A.V. Machado p/comissão Mara B. Frascarelli Irene Franciscato (Coord.Ed.Creches) EMEI Pe. Manuel da Nóbrega EMEI Cecília Meireles M. Leibrunder (org.)

44	RR 3/91 Agosto	42	12	6	Texto para reflexão Trabalhando temáticas O que acontece nas escolas Com a palavra	Caminhando para a Reforma Curricular Para uma visão construtivista do erro no contexto escolar PAIS: Fragmentos para uma reflexão Atividades para Semana dos Pais Sugestões de comemorações alternativas Relato de uma experiência de festa p/os pais FOCLORE: Folclore infantil Resgatando brincadeiras ANIVERSÁRIO DA CIDADE Redescobrimos Nossa História – entrevistado: Ademir Médice Sugestões de atividades Projeto Criança-Professor, fazendo e aprendendo Projeto: Integração EMEI-Ciclo Básico Educação ambiental Essa criança não pára	Lino de Macedo M. Gadotti. <i>Dialética do amor paterno</i> EMEI Antonio de Lima EMEI Odete de Lima Jane e Darcy idem EMEI Pe. Leonardo Nunes Eunice, Stela e M. Josefa EMEI Antonio de Lima
----	-------------------	----	----	---	---	---	--

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
45	RR 4/91 Setembro	27	6	0	Caminhando para a Reforma Curricular Educação Ambiental Com a palavra Projeto: Criança Diferente Relato de Experiência Espaço do leitor	Ciências na pré-escola Conversando sobre cidadania A Pátria Dia da Árvore O resgate do sino Relatório/Peça Teatral: No reino das Carícias PAMJA: Alfabetização e Funcionalismo Resgate Histórico: bairro de R. Ramos Sobre o Congresso de Integração Texto para reflexão reflexão Pesquisa Retomando a história do José Luta Livre Comentários sobre texto de Lino de Macedo 5ª Bienal Nestlé de Literatura	Eleonor Duckworth - <i>O conhecimento físico na Educação pré-escolar</i> Olavo Bilac- <i>Poesias infantis</i> CEA- Comissão de Ed. Ambiental EMEI Santa Terezinha EMEIA Ana Maria Poppovic Adolfo S. Homma (assessor) M. Amélia V. Machado p/ comissão EMEI Rui Barbosa M. Aparecida Moysés/Gerson Zanetta de Lima (FCM/UNICAMP e UEL) EMEI Bernardo Pedroso SOT EMEI Monteiro Lobato EMEI Vicente de Carvalho EMEIV. Balneária e CMEIs Sabesp e Areião Repórteres Xeretas (Iêda, Eliana, Terezinha)
46	RR 5/91 Outubro	35	39	0	Texto para reflexão Trabalhando Temáticas Relatos de Experiência Espaço do leitor	Caminhando para a Reforma Curricular CRIANÇA: A criança Poesia: O Menino e o povoado Criança diz cada coisa... Semana da Criança - Recordando atividades e sugestões de livros PROFESSOR: Aspectos práticos e teóricos da formação do Educador da creche e pré-escola Ao professor EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Cadeia Alimentar Dobraduras ecológicas de animais Luta livre – (continuação) Balancete da vida de um professor Impressões sobre a peça Cadê os Homens	Texto da equipe da Emei Pe. Leonardo Nunes Excertos Cândido Portinari Palestra da Prof M. Noemi de Araujo Secretaria do Menor de São Paulo Jumara B. Gonçalves (monitora) Comissão de Ed. Ambiental idem Emei Vicente de Carvalho M. José Junco Feltran Lina Mara Poianas e Jaci J.Z.Moraes

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
47	RR 06/91 Novembro	30	17	3 supl.	Textos para reflexão Trabalhando temáticas O que acontece nas escolas Com a palavra Espaço do leitor Educação Ambiental Suplemento 03/91- 16 páginas	A quem interessa a avaliação? Eu te odeio! Poesia: Cantigas de quase roda Músicas: O galo canta O Papai Noel e Recadinho Eleição para o passeio Resgatando a história do B. Taboão Proposta do Serviço de Orientação Técnica Refletindo sobre o Programa de Alfabetização e Cidadania Repórteres Xeretas – 5ª Bienal do Livro Artesanato é mais que um passatempo A escola e a produção de conhecimento Relatório sobre a oficina da Drª Vera M.Barros de Oliveira Um pinheirinho brasileiro SOS Pau-Brasil Relatos de Experiências Sobre a Semana da Pátria Muito além da laranja Questão indígena na sala de aula Juvenal, o bisavô que plantou a gente Encontro 3ª idade e EMEI Crianças e adultos aprendendo juntos Gente grande pode estudar em escola de gente pequena? Dia dos Pais	Divisão de Ed. da Criança do município de Diadema Estagiárias Dep. Educação SBC Thiago de Mello Luiza Cruz (arranjo) Thelma Chan/Fermata EMEI Cléia teures de souza Ademir Médice (palestra) texto Darcy G. L. Fernandes M. Crisitna Seraglia (encarregada) Silvia Orthof EMEI Mário de Andrade idem Comissão: Eunice/Stela/ M. Josefa EMEI Pe. Manuel da Nóbrega EMEI Mário de Andrade idem EMEI Sana Terezinha EMEI Odette de Lima EMEI Di Cavalcanti EMEI Monteiro Lobato EMEI Santa Terezinha

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
48	RR 1/92 Abril/Maio	39	30	0	Mural Coletivo Caminhando para a Reforma Curricular Trabalhando temáticas O que acontece nas escolas Com a palavra Espaço do leitor Relato de Experiência Dicas-Recados-Informes Educação Ambiental - encarte Suplemento 01/92- 10 páginas	Participação/92 Texto: Currículo e Reciclagem/92 A Rede e o Currículo - resultado da pesquisa A formação dos Educadores em questão Educação ambiental e a ECO 92 ECO 92 no dia a dia da Comissão Ed. Ambiental Jogo: corrida ecológica Reunião de pais Dinâmica para reunião de mães O Semi-Internato Integração da criança portadora de deficiência Programa: A criança diferente Cidade da Criança Serviço de Recursos Didáticos dá o recado (acervo da videoteca e biblioteca) Ensine seus alunos a ouvir Marcenaria Sobre livro Poesia Livro: A troca Informe da Merenda Recado Humor: Mafalda/Beto O que é Ecologia Chegaram as Olimpíadas Fitas de vídeos educativas Saber ECO	SOT Eliane G.Quinonero (chefe Seção OTP) Jane e Darcy-formação permanente Comissão Ed. Ambiental idem EMEI Mário de Andrade EMEI Caetano de Campos Projeto Semi Internato Tanya Cecília B.de Souza (Ed.Especial) EMEE Marly Buissa Chiedde Maricida Ortega e equipe Diretora Jaci Jovana Z. de Moraes EMEI Pe. Manuel da Nóbrega Iygia Bojunga Nunes Seção de Alimentação Escolar monitoria Comissão de Ed. Ambiental Serviço de recursos didáticos Comissão de Ed. Ambiental

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
49	RR 2/92 Setembro Outubro	40	9	0	Mural coletivo Caminhando para a Reforma Curricular Trabalhando temática O que acontece nas escolas Com a palavra Espaço do Leitor Dicas- Recados e Informes Educação Ambiental	Chamada à participação A rede e o estudo curricular Formação Permanente para o 2º semestre Texto: O futuro em nossas mãos sobre a ma- téria A infância maltrapilha Carta ao meu neto Sugestões da Semana da Criança Sobre o meio ambiente Dia dos Pais A criança diferente E agora? Tem visita das higienistas Notícias da Universidade Popular Assistencialismo ou caráter pedagógico Serviços de Recursos Didáticos O trabalho com o corpo Pra que monitoria? Programação da Cidade da Criança Resenha: A constituição para crianças Curso de Teatro: comentário prof. ^a rede estadual Lixocultura	Marilene Negrini S. Vicente-monitora Déa Colucci, Jumara e Marilene Revista Veja- 16/09/1992 Marcos Telles A. Santos-Folha de São Paulo- 19/8/92 Darcy G. Fernandes – monitora EMEI Marcelo Roberto Dias EMEI Fernando de Azevedo Ademilde C. Geraldine- monitora Maria das Graças E. Cera-monitora Déa Cristiane Affini- monitora Programa de Integração Creche-EMEI SERD Lenira Peral Rangel-Dança educativa Vania M. Cardoso – Professora Darcy G Fernandes- monitor Liliane e Michele Iacocca/ Ed. Ática Prof. Satiko S. Koyama Comissão de Ed. Ambiental

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
50	RR 3/92 Novembro/ Dezembro	57	12	0	Mural Coletivo Caminhando para a Reforma Curricular	Comentários sobre matérias e dúvidas A expectativa pelos conteúdos programáticos	EMEI Santa Terezinha Regina Lúcia S. Leite
						Planejamento da Educação Escolar Escola: Controle Social ou Construção de conhecimento. Qual a sua opção?	José Cerchi Fusari Maria Crisitina Seraglia
					Trabalhando Temáticas	Avaliando o trabalho com as crianças Folia de Reis Música: O amor repartido	Jane D. Padula (Encarregada SE 102.1) José Roberto Noronha (adap) Dé Kerr Affini
					O que acontece nas escolas	Mundo da ciência Tetralização Eleições Reflexões	EMEI Santa Terezinha EMEI Ernesto Augusto Cleto EMEI Marian Neves Interliche EMEI Mário de Andrade
					Com a palavra	Carta aos Educadores Autoria do pensamento segundo Alícia Fernandez Monitoria: Espaço e conquista Serviço de Recursos Didáticos	Alzira. Martins de Mendonça Marilene Negrini da S. Vicente grupo de monitoria Jornal da Alfabetizadora
					Espaço do leitor	Visita das Higienistas Rumo à cidadania	EMEI Cléia M. Teures de Souza CC D. Jorge Marcos de Oliveira
					Dicas-Recados e Informes	Currículo Jornada de troca de experiências Resenha de livros	Comissão Reestr. Curricular Comissão Formação Permanente Darcy lopes Fernandes
					Educação Ambiental	Sugestão para cartão de Natal Ecológico Anexo: Com a ajuda de todos a natureza agradece – história	Comissão Ed. ambiental Rose Nanni (ilustr.)

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
51	RR 1/93 Outubro	36	10	1	Apresentação Textos para reflexão Relatos de Experiências Trabalhando temáticas Com a palavra Recordando Coordenação Geral	Vamos sair da crise Receita de Alfabetização Alfabetização sem receita Colchão Humano Solidariedade Projeto de Literatura Experiência: Borboletas Criança pensa Semana da Criança À Professora Calçada do Lorena Lixo Seletivo nas Escolas Encontro de Alfabetização-Montevidéo Bandinha rítmica Serviço de Recursos Didáticos	Márcia A. Cheid Modes (encarregada SE 102.1) Cleide Monteiro Mourão – Psicóloga - SOT Marlene Carvalho - UERJ Marlene Carvalho - UERJ Emei Ana Maria Poppovic EMEI Pe. Leonardo Nunes EMEI Aldino Pinotti EMEI Santa Terezinha EMEIs Rui Barbosa/Fernando Pessoa/V. de Moraes Vera Lúcia Furtado Gouveia – Coord. Pedag./PMSP SOT SOT E SERD
52	RR 2/93 Dezembro	42	44	0	Textos para reflexão Relatos de Experiência Trabalhando temáticas Com a palavra Acontecendo Retrospectiva 93 Integração 94 Coordenação Geral	A marca de giz O Fonoaudiólogo e a Instituição Escolar Supermercado Atividade a partir de história infantil Centenário de Mário de Andrade Tudo começou com samba Música Natal: A estrela do presépio Encontro Latino Americano de Alfabetização Projeto de Literatura XIII Concurso Culinária Infantil Calçada do Lorena Atividades do ano	EMEI Vila Balneária Renata Cristina B. Gramani – Fono - SOT EMEI Lourenço Filho EMEI Euclides da Cunha EMEI Mário de Andrade EMEI Vicente de Carvalho Margareth D' Onófrio Magalhães – OP - SOT Ana Maria Machado – Revista Cláudia Transcrição de palestras - SOT Marlene Frigo – OP - SOT Seção de Alimentação Escolar Emei Higino B. de Lima Cleide/Maricida/Margareth/Marlene/ Graça e Wildes idem SOT E SERD

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
53	RR 1/94 Março	61	36	2	Mensagem Textos para reflexão Relatos de Experiência Trabalhando temática Com a palavra Acontecendo Informativos Congresso de Educação Coordenação Geral	Professor, como está sua voz? Comunicação Interna (ruídos na comunicação) O passeio dos Tatuinhos O "Livrão" da classe Ciência: O lixo que vira adubo Língua Portuguesa – subsídio Índios Brasileiros Elas crescem sozinhas Seres da Água – Lenda do cipó Os índios também se orientam pelo céu Dinâmica de grupo: tema "Envelheço" Programa de Atendimento ao Idoso (PAI) Integração EMEE e EMEI Desmatamento – Terreno Matarazzo Projeto de Literatura Relatório: "O menino descobridor" Serviço de ensino Supletivo e PROMAC Estimulação Precoce Calçada do Lorena Criança da EMEI ganha concurso Análise da avaliação do grupo de estudo Chamada – 25 a 30 de julho	Equipe do RR Renata C.B. Gramani – Fono/SOT EMEI Pedro Morassi EMEI Vital Brasil EMEI Fernando Pessoa Eunice Paiva Okabe – Proj. Ed.Ambiental Pref. Municipal de S.Caetano do Sul/ SP Exposição SESC/Ipiranga/SP Kira Carbonnell e Helóisa Prieto Revista Superinteressante, nº 5 - maio/1988 Serviço de Educação Supletiva Profissional Secret. De Saúde/Depart. Promoção Social EMEE N. Basseto e EMEI Pe. Leonardo Nunes EMEI Pedro Morassi EMEIs A. Pinotti, Marcelo D e Alves Dias EMEI Aldino Pinotti Nilson Alves Moreira (encarregado) Carla Silvestre - Fono/Ed. Especial Eunice Okabe – Programa Ed. Ambiental EMEI euclides da cunha Márcia Cheid - (encarregada) - SOT SOT SOT e SERD
54	RR 2/94 Maio	36	33	1	Textos para reflexão Relatos de Experiência Com a palavra Sugestões Trabalhando temáticas Coordenação Geral	Os jovens e os livros Da utilidade dos animais Interdisciplinaridade na chamada Reunião Dinâmica Projeto de Literatura Semana da Alimentação Seminário Internacional de Alfabetização Intercâmbios com Japão e França Criança diz cada uma... Estimulação de fala e linguagem Atenção (encaminhamentos) De Teatros Infantis De Leituras Futebol: É ano de Copa	Douglas Tufano Carlos Drummond de Andrade EMEI Vinicius de Moraes idem EMEI Aldino Pinotti Seção de Alimentação Escolar Palestra/Jean Hebrard/França EMEIs Vinicius de Moraes/Odete de Lima/ Euclides da Cunha/ Ana Henriqueta C. Marin Carla Silvestre – Fono/Ed. Especial Serviço de Educação Especial Biblioteca do Escoteiro Mirim SOT Eserd

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
55	RR 3/94 Agosto	32			Textos para reflexão Relatos de Experiência Com a palavra Sugestões de leituras Trabalhando temáticas Mensagem Final Coordenação Geral	Nós, os mutantes A caricatura A plenitude As três peneiras Para refletir: Dialética da interação educador - educando em uma perspectiva futurista Como nasceu nosso jornal Passeio à Cidade da Criança Projeto de Literatura Tema: Meningite – entrevista Criança: dez cada uma ... Resenhas A represa Billings Alfredo Volpi Histórico da Cidade da Criança Dinheiro, pra que dinheiro?	N/C N/C EMEI Heitor Villa Lobos N/C N/C Prof. Dr. Mário Sérgio Cortella- PUC/SP N/C EMEI Antonio Pereira Coutinho N/C Dr Wagner Kuroiwa - Vig. Sanitária S. André/SP EMEIs Vinícius de Moraes, Cândido Portinari e Odette de Lima SOT N/C N/C N/C N/C RR SOT e SERD

56	RR 4/94 Setembro	63	19	0	KRISIS Caminhando Espaço do(a) Educador(a) Dito & Feito Fique por dentro Sugestões Expediente	Sobre Ganços e Equipes <i>O Recordando e Renovando</i> está de "cara nova" Registro Uma reflexão sobre educação de crianças Insegurança Vamos às urnas Inflação x ensino: Intersecções que penalizam a Educação Dinheiro: durabilidade e segurança O lixo que virou livro Moro...num país tropical Ter uma criança excepcional Síndrome de Down Ao RR – à equipe responsável Pintou o pintor no pré Um achado fascinante Divulgação do trabalho da rede Serviço de Recursos Didáticos Projetos do SOT Plano anual – Pesquisa/94	SOT SOT Equipe de Orientação Técnica SOT Cleide Mourão/Margareth D' Onófrío – OPs/SOT Eliana Eller – OP Margareth D' Onófrío – OP/SOT Margareth D' Onófrío – OP/SOT Eunice de Paiva Okabe – OP/SOT Eunice de Paiva Okabe – OP/SOT Elisabete H. Lima (mãe de aluna especial) Tosca Maria Tosta – OP Professora Alzira – EMEE Marly B. Chiedde EMEI Mariana Benvinda da Costa EMEI Pe. Manuel da Nóbrega Secretário de Educação em Brasília Ana Maria do Carmo Ronchetti (encarregada) SOT Márcia Cheid Modes (chefe SE 102) SOT Seção OTP (SOT e SERD)
----	---------------------	----	----	---	---	---	---

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
57	RR 5/94 Outubro	70	23	2	KRISIS	<p>Caminhos para a liberdade A Educação em São Bernardo Henri Wallon</p> <p>Caminhando A informática como meio para o desenvolvimento do pensamento lógico Criança, Tv e escola O discurso do anti-método Medo Agressividade Orientação Sexual na Escola</p> <p>Espaço do (a) Educador (a)</p> <p>Dito & Feito Qualidade da educação infantil A importância da representação simbólica no processo de desenvolvimento Inteligência se aprende - artigo entrevista Experiência Trabalho com folclore A natureza revelando a vida para nossas crianças/Passeio à calçada do Loreno e Teatro: O lixão A Bandeira Nacional Atividades com os quadros de Volpi Projeto da casinha Fonoaudiólogas Contagem de Pontos Merenda Projeto de Literatura Educação em outros locais (MG/CE/SC) Integração Creche e EMEI</p> <p>Sugestões Plantas Medicinais: cura ou envenenamento Livros e Livros infanto-juvenis Filmes Dicas Notas Criança diz cada uma...</p> <p>Expediente</p>	<p>Bertrand Russel Khatia. Elma, Maria Helena – OPs/SOT Renata Gramani – Fono/SOT</p> <p>Sulamita Ponzo de Menezes Heloísa Dupas Penteadó – FE/USP Monique Deheinzelin Cleide Mourão e Margareth D' Onófrío – OP/SOT idem Marta Suplicy</p> <p>Fulvia Rosemberg</p> <p>N/C Reuven Feuerstein/EMEI José de Alencar EMEI Guilhermne de Almeida EMEI V. Balneária</p> <p>EMEI Guilherme de Almeida</p> <p>EMEI Pe. José Maurício EMEI CC Mariana Benvinda da Costa Márcia e Renata – SOT Comissão Seção de Alimentação Escolar Izabel, Marlene e Thais – OPs Margareth D' Onófrío – OP/SOT Maria Luiza Rossi – chefe da Seção de Creches Maria das Graças Farina - (encarregada) - SOT Eunice Paiva Okabe – Proj. Ed. ambiental SOT</p> <p>EMEI Cândido Portinari Seção OTP (SOT e SERD)</p>

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
58	RR 6/94 Novembro	58	9	2	KRISIS Caminhando Espaço do(a) Educador(a) Fique por dentro Dito & Feito Sugestões Expediente	Mensagem de encerramento Escola, Grupo e Democracia Sexualidade, morte e outros temas Primeiro Encontro Nacional ceceducadores de surdos - Mesa redonda A verdade deve se bem utilizada Não é comigo Dcriança diz cada uma... Continuação: Troca de Experiências Penasando o Semi Cuidando das relações XIV Encontro geral de funcionários de Creche Relação dos livros novos adquiridos Semana da Criança Conhecendo nosso corpo Parlendas O mini-zoológico que virou fungo Relato de Experiência com música Concurso de desenho para escola Brinquedo..brincadeira...bonecos...fantoches Trabalho realizado com jornal Dia de aula especial: Ciências e artes Livros Notas e Dicas	John Donne Madalena Freire Cleide e Margareth – OPs/SOT Emília Cipriano Castro Sanches – PUC/SP EMEI Hygino Batista de Lima EMEI Vicente de Carvalho EMEI Odette de Lima EMEI Caetano de Campos Helena, Kathia, Regina Célia – OPs/SOT Reunião de diretoras Seção de Creches SERD EMEI Maria ines Fávero de Oliveira EMEI Odette de Lima EMEI Mário de Andrade EMEI Odette de Lima EMEI Santos Dumont EMEI Euclides da Cunha EMEI Mario de Andrade EMEI Cléia Maria Teures de Souza EMEI Hygino Batista de Lima SOT Seção OTP (SOT e SERD)

59	RR 1/95 Março	49	3	0	KRISIS Caminhando Espaço do(a) Educador(a) Dito & Feito Fique por dentro Sugestões Expediente	Viva a diferença! Sobre ser mulher e professora O jogo e a construção do conhecimento matemático Caminhos do Projeto de Literatura A adaptação na Creche Catar Feijão (João C. de Mello Neto) Reunião de Pais: buscando alternativas O lixo que vira adubo Balanço/94 - Psicologia e Fonoaudiologia Retorno da avaliação do Encontro (fev/95) Avaliações dos Grupos de Estudos/94 Cursos, livros, filmes	Marisa de Oliveira Gomes – OP Jane Padula e Marisa O. Gomes – OPs Jumara B. gonçalves (org) – OP Izabel Mourão e Marlene Frigo – Ops Alice Kanda Maalouf/M.Inês Bertine – Psicólogas EMEIs Helena Zanfelic/Higino B.de Lima e Pe. José Maurício EMEI Bernardo Pedrozo EMEICAetano de Campos Equipe de psicólogas do SOT Thais G. Durazzo - (encarregada) - SOT idem Seção OTP (SOT e SERD)
----	------------------	----	---	---	---	---	---

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
60	RR 2/95 Maio	45	6	0	KRISIS	Fragmentos do texto: Teatro para um homem de olhos bem abertos	Teatro Ventoforte
					Espaço do (a) Educador(a)	A cidadania na Educação - Palestra O nóculo vocal - conceitos atuais	Yves de La Taille Dr. Onivaldo Cervantes/Márcio Abrahão - Revista Brasileira de Medicina - n.º.2, janeiro/95 Jane Padula- OP/SOT
					Caminhando	Água viva - Água vida Águas de março - Vida e Morte Por que é difícil ser criativo? - Artigo A adaptação na creche	Dorival Donadão – EMEI Ondina Ignes de Oliveira Alice K. Maalouf/ M. Inês Bertini – Psicólogas/SOT
					Dito & Feito	Construindo um museu natural Ciências nas séries iniciais: dos contextos culturais à a aprendizagem sistematizada O belo parquinho Relato de experiência: Enchentes Projeto de Literatura	Elma Witowski e Eunice Okabe – OPs/SOT Caderno CENP/SEE -SP, 1986 Terezinha Nunes Carraher, Willian Carraher EMEI Ana Maria Poppovic EMEI Francisco Miele
					Fique por dentro	Informe: regras para distribuição do RR Reuniões Setorizadas Oficinas: 1-Criança-Escola-cidadania: uma discussão a partir do Jornal 2- Um processo de conscinetização e de aprimoramento da voz do educador A máscara como instrumento pedagógico	Izabel P. Mourão e Marlene Frigo – OPs/SOT SOT SOT Jumara B. Gonçalves e Kathia M. Diniz – OPs
					Sugestões Expediente	Um novo conceito educativo e cultural Você sabia? - Oficinas Filmes, Livros e Cursos	Márcia A. de Souza e Renta Bernardi Gramani – OPs Nair Fukuti Heleni Pachcoal/Regina Célia Brossi M. Helena Elias Moratti, Tosca M. Tosto – OPs/SOT Kátia Diniz - OP e membro do IPEC (Instituto do Pensamento Educativo e Cultural do Grande ABC) Jumara Gonçalves/Kátia Diniz/ Márcia Souza e Renata Gramani – OPs/SOT
							Seção OTP (SOT e SERD)

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
61	RR 3/95 Julho	65	27	2	KRISIS Caminhando Espaço do (a) Educador (a) Dito & Feito Fique por dentro Sugestões Expediente	Crise - poema de Maurício Goes RR - Você o conhece? Uma perspectiva interdisciplinar O conhecimento da matemática com crianças de 0 a 6 anos Os "ismos" na história da arte Projeto de Literatura Professoras compositoras Mais um espaço para trocas Relato sobre as oficinas: A relatividade Arte Mística Especial Dia dos Pais Semana dos Pais Estudo dos Bichos do mar Pesquisa de Tipos de Tecidos - CIP 20 de Agosto Formação Permanente Oficinas de maio - sínteses Setorizadas FENIT/FENATEC -95 Visita ao SENAI - CIP Atletas pra lá de especiais Nossa atleta nos EUA- Rosa Maria Segato Um artista muito especial - Edson de Jesus Livros, filmes, cursos	CC. Dom Jorge M. de Oliveira Marisa Oliveira Gomes Prefeitura de São paulo Jane D. Padula – OP Elma Witkowski – OP Izabel. Margareth, Marlene e Rosa – OPs Monitoras da Creche do Jardim Ipê EMEI Odette de Lima EMEE Marly Buissa Chiedde EMEI Maurício Caetano de Castro EMEI Francisco Miele EMEI Ondina Ignez de Oliveira Educação Supletiva Profissional EMEE Marly Buissa Chiedde Palavra do Secretário de Educação e Cultura Várias escolas CIP Vila Gonçalves Isabel Blaz Cicoti/OP e coordenadora Ana Luiza Icó EMEE Marly Buissa Chiedde EMEE Rolando Ramaciotti EMEE Rolando Ramaciotti SOT Inclusão da Secretaria de Ed. e Cultura e Departamento de Educação/Seção de OTP (SOT e SERD)

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
62	RR 4/95 Setembro	89	21	0	KRISIS	As receitas	Rubem Alves
					Caminhando	O ovo que mergulhou até o estrangeiro para se esconder na galinha L. S. Vygostzky: algumas idéias sobre desenvolvimento infantil A Avaliação como etapa imprescindível do processo ensino-aprendizagem numa linha construtivista Defesa do consumidor Projeto de Literatura O teste do sussurro	Alexandre Luiz Mate – Idéias/FDE nº10 Zima de Moraes Ramos de Oliveira – FE/USP
					Espaço do(a) Educador(a)	Uma homenagem - poema de Ovídio Zamaro A mulher no mundo: 4ª Conf. Internacional sobre a mulher - Pequim Reciclagem - Serv. de Educação Profissional Jornal Oficina Abrigada do Coração Registro-Relatório	Elma O. Witkowski – OP/SOT Eunice Paiva Okabe – OP/SOT Equipe Projeto de literatura Izabel Blas Cicoti OP – Ed. Supletiva Profissional EMEE Marly Buissa Chiedde
					Dito & Feito	Lauro Gomes - 100 anos do nascimento Trabalho sobre folclore Para saber mais sobre as plantas Arco-Íris Folclore especial Canto e linguagem- Ed. Especial Dia do Bolinho- Educação Especial Parabéns São Bernardo do Campo	Jane Padula – OP/SOT Izabel Blaz Cicoti e Ana Luiza Icó ASSITE – Serviço de Educação Especial N/C EMEI Lauro Gomes EMEI V. Esperança idem Semi-internato EMEI Heitor V. Lobos EMEE Marly Buissa Chiedde idem idem
					Fique por dentro	Semana de Educação Projeto Semi-Internato Setorizada da Creche IV Mostra de trabalhos corporais por pessoas portadoras de deficiências Livro-Devir	PEAT – Projeto de Ed. do Adolescente p/o Trabalho palavra do Secretário Equipe SOT
					Sugestões Expediente	Promoção Vertical do magistério Um "toque" prá você- indicações de livros, vídeos e títulos em vídeos infantis Professora- apostilas entregues Livros/teatro/cursos/eventos/filmes/endereços	EMEE Marly Buissa Chiedde Ilva Maranesi – Bibliot. do Espaço Henfil da Cultura Tosca Maria Tosto OP/SO Comissão SERD SOT SOT
							Inclusão da Secretaria de Ed. e Cultura e Depto. de Educação/Seção de OTP (SOT e SERD) 282

Ordem	Exemplar	Pags.	Ilustr	Fotos	Seções	Matérias	Autores/Fontes
(Cont.)					<p>Fique Ligado</p> <p>Conheça e reconheça</p> <p>Cultura em Ação Espaço do Leitor</p> <p>ENCARTE</p>	<p>Projeto FORMARTE: um novo olhar na formação de educadores através de recursos expressivos</p> <p>Por que não tentar???</p> <p>O que é CRI?</p> <p>Serv. de Memória e Pesquisa da Cultura Popular</p> <p>Espaço Henfil de Cultura</p> <p>VERA CRUZ: roteiro de arte e vida</p> <p>Câmara de Cultura: um novo espaço cultural</p> <p>A cultura na cidade</p> <p>Castro Alves: Sesquicentenário do poeta dos escravos</p> <p>O que é um menino</p> <p>TIA, uma palavra preguiçosa</p> <p>Opinião</p> <p>Ai de nós educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis (Paulo Freire)</p>	<p>Projeto FORMARTE</p> <p>Nanci Censon – Chefe de Seção de Ensino</p> <p>Centro de Referência do Idoso</p> <p>SMPCP – SBC</p> <p>Espaço Henfil de Cultura</p> <p>Doraci Sponchiato e Jorge J. Magyar – SMPCP</p> <p>Júlio Mendonça – Seção de Ação Cultural</p> <p>Osmar Cussiol – Diretor do Depart. de Cultura</p> <p>Mariza Oliveira Gomes – OP/SERD</p> <p>idem</p> <p>EMEI Mód. II Pedro Morassi</p> <p>EMEI Mód. I (creches) – Diversas</p> <p>Mariza Oliveira Gomes – OP/SERD</p>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)